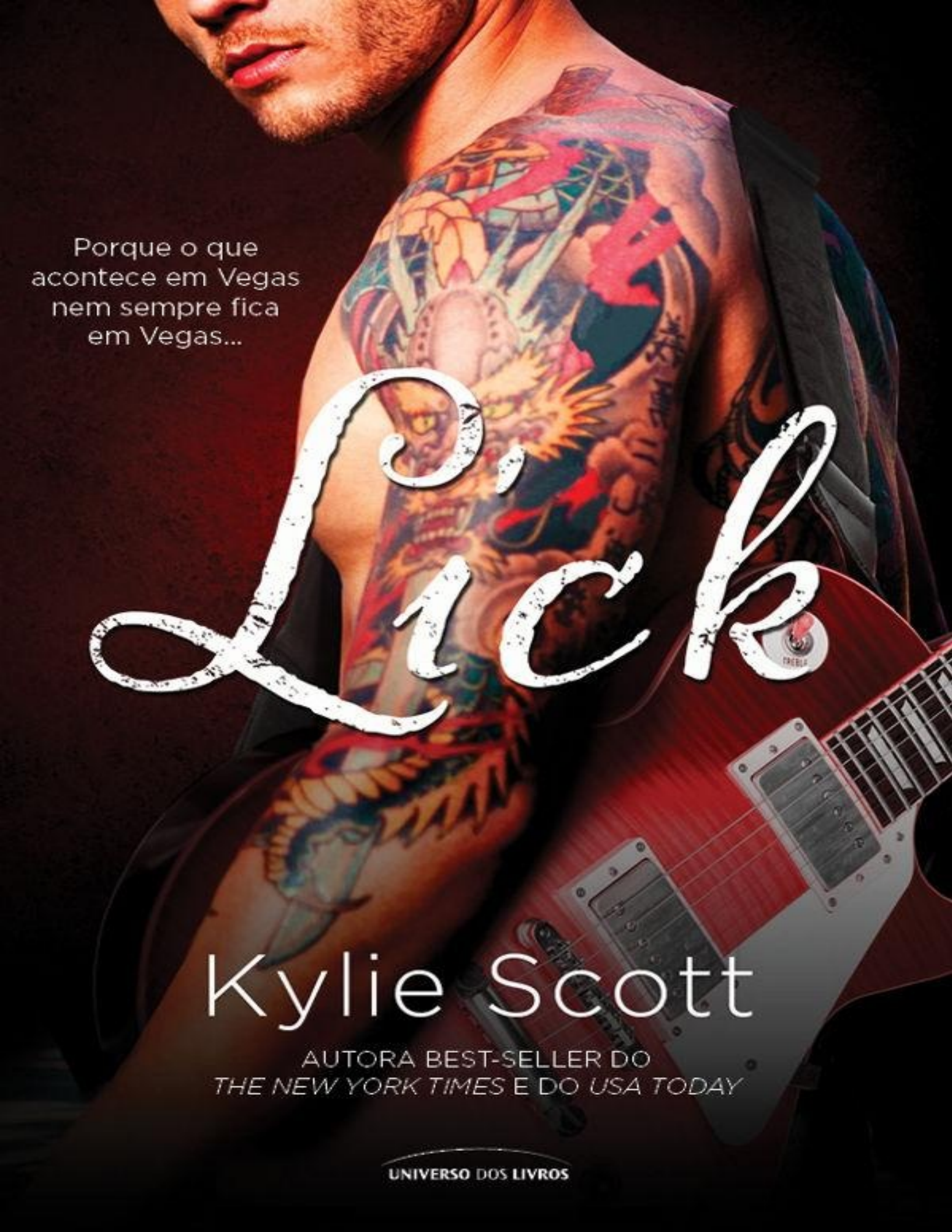

Porque o que acontece em Vegas nem sempre fica em Vegas...
Lick
Kylie Scott
AUTORA BEST-SELLER DO
THE NEW YORK TIMES E DO USA TODAY
UNIVERSO DOS LIVROS

Lick

Universo dos Livros Editora Ltda.
Rua do Bosque, 1589 • 6º andar • Bloco 2 • Conj. 603/606
Barra Funda • CEP 01136-001 • São Paulo • SP
Telefone/Fax: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br
Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

Kylie Scott

Lick

São Paulo
2015

UNIVERSO DOS LIVROS

Lick
Stage Dive, 1
Copyright © Kylie Scott 2013

© 2015 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: Luis Matos
Editora-chefe: Marcia Batista
Assistentes editoriais: Aline Graça, Letícia Nakamura e Rodolfo Santana
Tradução: Cristina Tognelli
Preparação: Viviane Zeppelini
Revisão: Geisa Oliveira e Carolina Zuppo
Arte e adaptação de capa: Francine C. Silva e Valdinei Gomes
Design original de capa: Lisa Marie Pompilio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

S439L
Scott, Kylie

Lick / Kylie Scott ; tradução de Cristina Tognelli. – São Paulo: Universo dos Livros, 2015. (Stage Dive, 1)

304 p.

ISBN: 978-85-7930-880-2

Título original: *Lick*

1. Literatura americana 2. Literatura erótica I. Título II. Tognelli, Cristina

15-0622 CDD 813.6

Para Hugh.
E também para Mish, que queria algo sem zumbis.

CAPÍTULO 1

Acordei no chão do banheiro. Tudo doía. Minha boca mais parecia uma lata de lixo e o gosto era ainda pior. Que diabos acontecera na noite anterior? A última coisa de que me lembrava era da contagem regressiva até a meia-noite e da excitação por completar vinte e um anos, adulta finalmente. Havia dançado com Lauren e conversado com um cara. Em seguida, BANG!

Tequila.

Uma série de doses acompanhadas por limão e sal.

Tudo o que eu ouvira falar a respeito de Vegas era verdade. Coisas ruins acontecem aqui, coisas terríveis. Eu só queria me encolher e desaparecer. Francamente, no que eu estivera pensando ao beber tanto assim? Gemi e só isso já fez minha cabeça doer. Aquele tipo de dor não estava nos planos.

– Você está bem? – uma voz máscula, grave e agradável, perguntou. Agradável mesmo. Um tremor me percorreu, apesar da minha dor. Meu pobre corpo se animou no mais estranho dos lugares.

– Vai passar mal de novo? – perguntou ele.

Ah, não.

Abri os olhos e me ergui, afastando os cabelos loiros e sujos. O rosto borrado dele se aproximou. Cobri a boca com a mão porque meu hálito devia estar medonho.

– Oi! – balbuciei.

Lentamente, ele entrou em foco. Era forte e bonito, e estranhamente familiar. Impossível. Nunca conheci ninguém como ele.

Ele parecia ter vinte e poucos, menos que trinta anos, ou seja, um homem, não um rapaz. Tinha cabelos escuros, longos, passando dos ombros, e costeletas. Os olhos eram de um azul profundo. Não podiam ser de verdade. Honestamente, aqueles olhos eram o tiro de misericórdia. Eu teria desmaiado mesmo sem eles. Mesmo com a vermelhidão do cansaço, eram uma beleza. Tatuagens cobriam um braço inteiro e metade do peito nu. Um pássaro negro fora tatuado na lateral do

pescoço, a ponta de uma asa chegando atrás da orelha. Eu ainda estava usando o vestido branco obsceno que Lauren me convencera a colocar. Fora uma escolha ousada para mim, visto que mal continha a abundância dos meus peitos. Mas aquele belo homem facilmente me vencera no quesito pele exposta. Estava apenas de calça jeans, botas pretas surradas, alguns brincos de prata e uma atadura branca frouxa no antebraço.

Aqueles jeans… Ele sabia como usá-los. Assentavam baixo no quadril, de maneira convidativa, e se ajustavam nos lugares certos. Nem mesmo a minha ressaca monstro conseguia me desviar daquela vista.

– Aspirina? – perguntou ele.

E eu o estava cobiçando. Desviei o olhar para seu rosto e ele me lançou um sorriso furtivo, compreensivo. Maravilha.

– Sim, por favor.

Ele apanhou uma jaqueta de couro preta surrada do chão, que eu, aparentemente, estivera usando como travesseiro. Ainda bem que eu não vomitara nela. Estava claro que esse belo homem seminu me vira em toda a minha glória, vomitando múltiplas vezes. Eu poderia me afogar na minha vergonha.

Um a um, ele despejou o conteúdo dos bolsos nos azulejos brancos. Um cartão de crédito, palhetas de guitarra, um telefone e uma sequência de preservativos. Os preservativos chamaram a minha atenção, mas logo me distraí pelo que se seguiu. Uma série de papeizinhos caiu no chão. Todos tinham nomes e números anotados neles. Esse cara era o Senhor Popularidade. Bem, eu entendia o porquê. Mas que diabos estaria ele fazendo ali comigo?

Por fim, apanhou um frasquinho pequeno de analgésicos. Doce alívio. Eu o amei de imediato, independentemente de quem fosse e do que tivesse testemunhado.

– Vai precisar de água – disse ele, ocupando-se em encher um copo na torneira atrás de si.

O banheiro era minúsculo. Mal cabíamos os dois nele. Em razão de situação financeira de Lauren e da minha, aquele hotel foi o melhor que pudemos arranjar. Ela se mostrara determinada a comemorar o meu aniversário em grande estilo. Meu objetivo fora um pouquinho diferente. E, apesar da presença do meu mais novo sensual amigo, eu tinha quase certeza de que fracassara. As partes pertinentes da minha anatomia pareciam estar bem. Ouvi dizer que depois das primeiras vezes, elas ficavam doloridas. Por certo doeram pra caramba depois da primeira. Porém, minha vagina devia ser a única parte do meu corpo que não doía.

Ainda assim, dei uma espiada rápida na parte da frente do meu vestido. A

ponta de uma embalagem metálica ainda podia ser vista, enfiada dentro do sutiã. Porque se estivesse ali, grudada em mim, eu nunca seria pega desprevenida. O preservativo continuava inteiro e a meu dispor. Que decepção. Ou talvez não. Ter, finalmente, juntado coragem para montar de novo no cavalo, por assim dizer, e não me lembrar depois, teria sido horrível.

O homem me entregou o copo de água e depositou dois comprimidos na minha mão. Depois se acomodou sobre os calcanhares para me observar. Ele tinha uma aura de intensidade ao seu redor com a qual eu não tinha condições de lidar.

– Obrigada! – agradeci e engoli as duas aspirinas. Gorgolejos da minha barriga. Legal, bem feminino.

– Tem certeza de que está bem? – perguntou ele. A boca gloriosa formou um sorriso como se partilhássemos de uma piada só nossa.

A piada sendo eu.

Eu só conseguia encarar. Dada a minha situação atual, ele era simplesmente demais. O cabelo, o rosto, o corpo, a tatuagem, tudo. Alguém precisava inventar um bom superlativo que o descrevesse.

Depois de um instante, percebi que ele esperava por uma resposta. Assenti, ainda receosa de liberar meu hálito matutino, e lancei um sorriso forçado. O melhor que consegui.

– Ok. Tudo bem, então – disse ele.

Ele, com certeza, era atencioso. Eu não sabia o que fizera para merecer tanta gentileza. Se eu tivesse conquistado o cara com promessas de sexo para depois passar a noite com a cabeça enfiada no vaso, ele tinha todo o direito de estar um tantinho descontente. Talvez tivesse esperança de que eu cumprisse a promessa de manhã. Essa parecia ser a única explicação plausível para ele ainda estar ali.

Em condições normais, ele estaria a anos-luz do meu alcance e (para meu orgulho próprio) num mundo totalmente diferente do meu. Eu gosto do tipo certinho. Certinho é legal. Bad boys são superestimados demais. Deus bem sabe que cansei de ver garotas se jogando aos pés do meu irmão ao longo dos anos. Ele pegava o que lhe era oferecido, depois seguia em frente. Bad boys não serviam como material para relacionamentos sérios. Não que eu tivesse perseguido um “para sempre” na noite anterior, mas apenas uma experiência sexual positiva. Algo que não envolvesse Tommy Byrnes pirando por causa da mancha de sangue no banco de trás do carro dos pais dele. Caramba, que lembrança horrível. No dia seguinte, o cretino me dispensou por uma garota do atletismo que tinha metade do meu tamanho. E ainda piorou a situação espalhando boatos a meu respeito. Não fiquei nem magoada nem perturbada por causa desse acontecimento, nadinha mesmo.

O que aconteceu na noite anterior? Minha mente continuava uma confusão latejante, os detalhes embaçados, incompletos.

– Seria bom você comer alguma coisa – disse ele – Quer que eu peça torrada ou algo assim?

– Não. – Pensar em comida não foi legal. Nem mesmo café me atraiu e café sempre me atrai. Fiquei meio tentada a verificar se eu ainda tinha pulsação, só por garantia. Em vez disso, passei a mão pelos cabelos embolados, para afastá-los dos olhos. – Não… Ai! – Fios ficaram presos em alguma coisa, puxando o couro cabeludo. – Droga.

– Espera um pouco – Ele esticou a mão e desvencilhou o que quer que estivesse preso no meu cabelo com cuidado. – Pronto.

– Obrigada. – Algo brilhou na minha mão esquerda, captando a minha atenção. Um anel, mas não um anel qualquer. Um anel incrível, sensacional. – Puta merda. – sussurrei.

Não podia ser de verdade. Era tão grande que chegava a ser obsceno. Uma pedra daquele tamanho devia custar uma fortuna. Olhei fixo, perturbada, virando a mão para captar a luz na pedra. O anel era grosso, largo, e a pedra parecia brilhar como se fosse genuína.

Até parece.

– Ah, é… Quanto a isso… – disse ele, baixando as sobrancelhas. Ele parecia levemente envergonhado pelo “rinque de gelo” em meu dedo – Se você ainda o quiser trocar por algo menor, por mim tudo bem. É meio grande mesmo. Entendi o que quis dizer.

Eu não conseguia me livrar da sensação de que o conhecia de algum lugar. Não da noite anterior, nem daquela manhã, nem nada a ver com o ridiculamente lindo anel no meu dedo.

– Você comprou isto para mim? – perguntei.

Ele assentiu.

– Ontem à noite, na Cartier.

– Cartier? – minha voz abaixou para um sussurro – Hein?

Por um longo momento, ele apenas me encarou.

– Não se lembra?

Eu não queria responder aquilo de jeito nenhum.

– E o que é isto? Dois, três quilates?

– Cinco.

– Cinco? Caramba.

– Do que você se lembra? – perguntou ele, a voz endurecendo apenas um pouco.

– Bem… Está meio confuso.

– Não. – A carranca dele aumentou até tomar conta do lindo rosto. – Você só pode estar tirando com a minha cara. Não lembra mesmo?

O que dizer? Minha boca ficou aberta, inútil. Havia muitas coisas que eu não sabia. Mas até onde eu sabia, a Cartier não vendia bijuteria cara. Minha cabeça rodopiou. Sensações ruins revolveram meu estômago, e a bile queimava o fundo da garganta. Mais do que antes.

Eu não iria vomitar na frente daquele cara.

Não de novo.

Ele inspirou fundo, as narinas inflando.

– Eu não tinha percebido que você tinha bebido tanto assim. Isto é, percebi que você tinha bebido, mas… merda. Sério? Você não lembra que a gente passeou nas gôndolas do Venetian?

– Passeamos de gôndola?

– Cacete. Hum… E quanto a você ter me pagado um hambúrguer? Lembra disso?

– Sinto muito.

– Espera aí! – disse ele, me observando entre olhos estreitos – Você só está tirando uma comigo, né?

– Sinto muito.

Ele fisicamente recuou diante de mim.

– Deixa eu ver se estou entendendo direito, você não se lembra de nada?

– Não – respondi, engolindo com dificuldade – O que fizemos ontem à noite?

– Nós nos casamos, porra! – grunhiu ele.

Dessa vez, não cheguei ao vaso sanitário a tempo.

—

Optei pelo divórcio enquanto escovava os dentes, ensaiei o que diria para ele enquanto lavava o cabelo. Mas não podia me apressar. Ao contrário da noite anterior, quando, ao que tudo levava a crer, eu me apressei em me casar. Apressar-se agora seria errado, insensato. Ou isso, ou eu era uma covarde tomando o banho mais longo do mundo. A maior probabilidade recaía na última opção.

Puta merda. Que confusão. Eu ainda não conseguia absorver tudo muito bem. Casada. Eu. Meus pulmões não queriam funcionar. O pânico me aguardava ali na esquina.

Não havia como o meu desejo de que aquilo acabasse sendo uma surpresa para ele. Vomitar no chão foi uma pista e tanto. Gemi e cobri o rosto com as mãos ante a lembrança. Seu olhar de desgosto me atormentaria para todo o

sempre.

Meus pais me matariam se ficassem sabendo. Eu tinha projetos, prioridades. Eu estava estudando arquitetura, como meu pai. Casar-me com alguém a esta altura não se encaixava nesses planos. Dentro de dez, quinze anos, quem sabe. Mas casamento aos vinte e um? Diabos, não. Há anos eu não saía com alguém uma segunda vez e agora estava com uma aliança no dedo. Isto não fazia sentido algum. Eu estava fadada. Este deslize insano de casamento não era algo que eu poderia esconder.

Ou poderia?

A menos que meus pais não descobrissem. Nunca. Ao longo dos anos, criei uma espécie de hábito de não envolvê-los em coisas que poderiam ser consideradas desagradáveis, desnecessárias ou simplesmente estúpidas. Esse casamento, muito provavelmente, encaixava-se nas três categorias.

Na verdade, talvez ninguém precisasse saber. Se eu não contasse, como alguém descobriria? Não descobririam. A resposta era deveras inspiradora em sua simplicidade.

– Isso! – sibilei e soquei o ar, batendo no chuveiro com a lateral do punho. A água jorrou para todos os cantos, inclusive nos meus olhos, cegando-me. Tudo bem, eu tinha uma resposta.

Negação. Eu levaria meu segredo para o túmulo. Ninguém jamais saberia da minha idiotice extrema induzida pelo álcool.

Sorri de alívio, meu ataque de pânico recuando o suficiente para que eu conseguisse respirar. Ufa, graças a Deus! Tudo ficaria bem. Eu tinha um novo plano para me fazer voltar ao antigo plano. Brilhante. Eu criaria coragem, o enfrentaria, e deixaria tudo às claras. Jovens de vinte e um anos com grandes projetos de vida não se casam com completos desconhecidos em Vegas, independentemente da beleza desses completos desconhecidos. Tudo ficaria bem. Ele entenderia. Era bem provável que estivesse ali do lado de fora maquinando algum método bem eficiente de me dar o fora e sair correndo.

O diamante ainda reluzia no meu dedo. Não conseguia tirá-lo ainda. Era como ter o Natal no dedo, tão grande, brilhante, reluzente. Ainda que, pensando bem, meu marido temporário não parecesse ser exatamente rico. Tanto a jaqueta quanto a calça pareciam gastas. O homem era um mistério.

Espere. E se ele estivesse metido em algo ilegal? Talvez eu tivesse me casado com um criminoso. O pânico ressurgiu impetuoso. Meu estômago ardeu e minha cabeça latejou. Eu nada sabia sobre a pessoa que me esperava no quarto. Absolutamente nada. Empurrei-o para fora do banheiro sem sequer saber seu nome.

Uma batida à porta fez meus ombros se erguerem até o teto.

– Evelyn? – ele me chamou, provando saber pelo menos meu nome.

– Só um segundo.

Fechei o chuveiro e saí, envolvendo-me em uma toalha. O tamanho dela mal cobria minhas curvas, mas meu vestido estava todo sujo. Voltar a vesti-lo estava fora de questão.

– Oi – disse eu, abrindo a porta do banheiro de longe. Ele era quase meia cabeça mais alto, e eu não sou nada baixa. Estando coberta apenas por uma toalha, considerei-o um tanto intimidador. Por mais que ele tivesse bebido na noite anterior, ainda estava bonito, ao contrário da minha figura molhada e pálida. A aspirina não surtira nem metade do efeito esperado.

Mas claro, eu a tinha lançado para fora.

– Oi. – Ele não me fitou nos olhos. – Olha só, vou cuidar disso, ok?

– Cuidar disso?

– Isso mesmo – confirmou, ainda sem olhar para mim. Pelo visto, o horrendo carpete verde do hotel era mais do que cativante – Meus advogados vão cuidar disso tudo.

– Você tem advogados? – Criminosos têm advogados. Merda. Eu tinha que me divorciar desse cara agora.

– Sim, tenho advogados. Não precisa se preocupar com nada. Eles mandam a papelada, o que for preciso, para você. Não sei como isso funciona. – Ele me lançou um olhar irritado, com os lábios contraídos, e puxou a jaqueta de couro diante do peito nu.

A camiseta dele ainda estava pendurada, secando na beirada da banheira. Em algum momento, no meio da noite, devo ter vomitado nela também. Que nojo. Se eu fosse ele, divorciaria-me de mim sem nunca olhar para trás.

– Isto foi um erro – disse ele, ecoando meus pensamentos.

– Ah.

– O quê? – O olhar dele se firmou no meu rosto. – Discorda?

– Não! – respondi rápido.

– Não pensei mesmo nisso. Pena que fez sentido ontem, não? – Enfiou a mão no cabelo e seguiu para a porta. – Cuide-se.

– Espere! – A linda e idiota aliança não saía do meu dedo. Puxei e virei, tentando forçá-la a se submeter. Por fim, ela cedeu, raspando minha pele no processo. Sangue se empoçou na superfície. Mais uma mancha em todo o negócio sórdido. – Pegue.

– Mas que cacete. – Ele fez uma careta ante a joia reluzente em minha palma, como se ela o agredisse. – Fique com ela.

– Não posso. Deve ter custado uma fortuna.

Ele deu de ombros.

– Por favor. – Segurei-a, a mão estendida, impaciente para me livrar da prova da minha estupidez embriagada. – Ela é sua. Precisa ficar com ela…

– Não, não preciso.

– Mas…

Sem dizer mais nada, o homem disparou, batendo a porta ao sair. As paredes finas vibraram com a força do baque.

Caramba. Minha mão pendeu para baixo. Ele era bem irritadinho. Não que eu não tivesse lhe dado motivos, mas, mesmo assim… Desejei poder me lembrar do que acontecera entre nós. Qualquer coisa já seria bom.

Nesse meio-tempo, minha nádega esquerda estava dolorida. Fiz uma careta, esfregando a região com cuidado. Minha dignidade, ao que tudo levava a crer, não fora a única baixa. Devo ter ralado o traseiro a certa altura, batido em algum móvel ou despencado dos meus elegantes saltos. Aqueles caros que Lauren insistiu que combinavam com o vestido, aqueles cuja localização atual era um mistério. Desejei não tê-los perdido. Levando-se em consideração minhas núpcias recentes, nada mais me surpreenderia.

Voltei ao banheiro com a vaga lembrança de um zunido e de risos em meus ouvidos, dele sussurrando para mim. Não fez sentido algum.

Virei de costas e levantei a ponta da toalha, ficando na ponta dos pés para inspecionar meu amplo traseiro no espelho. Tinta preta e pele rosada.

Todo o ar em meus pulmões se esvaiu.

Havia uma palavra na nádega esquerda, um nome.

David

Virei e arfei sobre a pia, sem conseguir vomitar mais.

CAPÍTULO 2

Lauren estava ao meu lado no avião, mexendo no meu iPhone.

– Não entendo como seu gosto musical pode ser tão ruim. Somos amigas há anos. Não ensinei nada a você?

– Ensinou a não beber tequila.

Ela revirou os olhos.

Acima das nossas cabeças, o aviso de atar o cinto de segurança acendeu. Uma voz em tom educado nos avisou para retornarmos os assentos para a posição vertical, pois aterrissaríamos em poucos minutos. Engoli a borra do horrendo café da viagem com uma careta. A verdade era que não existia uma quantidade suficiente de cafeína que me ajudasse naquele dia. E a qualidade nem era importante.

– Estou falando sério – disse eu – Jamais voltarei a pisar no estado de Nevada enquanto estiver viva.

– Mas isso já é um exagero.

– Nem um pouco, mocinha.

Lauren acabara voltando para o hotel umas duas horas antes do horário previsto do nosso voo. Eu passara o tempo refazendo minha mala mil vezes, numa tentativa de fazer minha vida voltar a ter alguma ordem aparente. Foi bom ver Lauren sorrindo, ainda que chegar a tempo ao aeroporto tivesse sido um aperto. Ao que tudo levava a crer, ela e o garçom bonitinho que conhecera manteriam contato. Lauren sempre levou jeito com os rapazes, enquanto eu me assemelhava mais a um bom e velho vaso de canto de parede. Meu plano de ser seduzida em Vegas fora uma tentativa deliberada de me livrar dessa situação. Que ideia.

Lauren estudava Economia e era linda, por dentro e por fora. Eu sou mais do biotipo pesado, motivo pelo qual criei o hábito de caminhar para todos os lugares que podia em Portland e evitava experimentar os exemplares de bolo da vitrine no café em que trabalho. Isso me mantinha na linha, no quesito cintura. Apesar

de que a minha mãe ainda achava conveniente me dar palestras sobre o assunto se, Deus me livre, eu ousasse colocar açúcar no café. As minhas coxas sem dúvida explodiriam, ou algo assim.

Lauren tinha três irmãos mais velhos e sabia o que dizer para os rapazes. Nada a intimidava. A moça exalava charme. Eu tinha um irmão mais velho, com o qual não costumava interagir, além dos feriados em família relevantes. Não desde que ele se mudara de casa há quatro anos, deixando apenas um recado. Nathan tinha pavio curto e um dom para se meter em apuros. Tinha sido o bad boy no Ensino Médio, sempre se metendo em brigas e cabulando aulas. Apesar de ser errado pôr a culpa do meu insucesso com os rapazes na relação inexistente com meu irmão, eu também reconhecia minhas deficiências com o sexo oposto. Em grande parte.

– Ouça isto aqui. – Lauren inseriu meu fone de ouvido no telefone dela e um ganido de guitarra elétrica explodiu dentro do meu crânio. A dor foi extraordinária. Minha dor de cabeça retornou à vida num rompante. Nada restou do meu cérebro a não ser uma polpa rubra. Disso eu tinha certeza.

Arranquei os fones de ouvido.

– Não. Por favor.

– Mas isso é Stage Dive.

– E eles são adoráveis. Mas, quem sabe, num outro dia.

– Às vezes me preocupo com você. Só quero que saiba disso.

– Não há nada de errado com música country tocada suavemente.

Lauren bufou e ajeitou o cabelo no alto da cabeça.

– Não há nada de certo com música country tocada em qualquer volume. Então, o que fez na noite passada? Além de passar o tempo de maneira agradável passando mal?

– Na verdade, isso resume bem a questão. – quanto menos eu dissesse, melhor. Como eu poderia explicar? Ainda assim, a culpa se infiltrou em mim, e me retorci no meu assento. A tatuagem latejou em protesto.

Eu não contara a Lauren sobre o meu grande plano de transar naquela noite. Ela teria querido *ajudar*. De verdade, sexo não me parece o tipo de assunto no qual se precisa de ajuda. A não ser aquela do parceiro sexual em questão, claro. A ajuda de Lauren se resumiria a me empurrar para cada um dos gatos do lugar com a promessa da disponibilidade imediata das minhas pernas abertas.

Amo Lauren e sua lealdade inquestionável, mas ela não tem sequer uma centelha de sutileza em seu corpo. No quinto ano, ela socara o nariz de uma garota que caçoara de mim por causa do meu peso e nos tornamos amigas desde então. Com Lauren, você sempre sabe em que pé está. Algo que aprecio na maioria das vezes, mas não quando a discrição é necessária.

Ainda bem que meu estômago sensível sobreviveu à aterrissagem turbulenta. Assim que os pneus rolaram pela pista, exalei um suspiro de alívio. Voltara à minha cidade natal. Lindo Oregon, adorável Portland, nunca mais os abandonarei. Com as montanhas ao longe e as árvores da cidade, ela era um encanto único. Limitar-me somente a uma cidade talvez fosse exagero. Mas era fantástico voltar para casa. Eu tinha um estágio muito importante alinhavado para começar na semana seguinte, o qual meu pai se esforçara para me arranjar. Também havia a necessidade de começar a planejar as aulas do semestre seguinte.

Tudo ficaria bem. Aprendi minha lição. Normalmente, não passo dos três drinques. Três é um bom número. Três me deixam contente sem me fazer cair de cara no desastre. Nunca mais eu superaria esse limite. Voltei a ser a boa e velha organizada e chata. Aventuras não são nada boas e eu já estava farta delas.

Levantamo-nos e pegamos as malas no compartimento superior. Todos empurraram para a frente na pressa de desembarcar. As comissárias de bordo nos lançaram sorrisos ensaiados, conforme avançávamos pelo corredor e saíamos para o túnel de conexão com o aeroporto. Em seguida, passamos pela inspeção de segurança e chegamos à área de coleta de bagagem. Felizmente, só tínhamos as malas de mão, portanto, nenhum atraso ali. Eu não me aguentava de vontade de chegar em casa.

Ouvi um grito logo à frente. Luzes pipocaram. Alguém famoso devia ter estado no avião. As pessoas à nossa frente se viraram para olhar. Também olhei para trás, mas não vi ninguém conhecido.

– O que está acontecendo? – Lauren perguntou, perscrutando a multidão.

– Não sei. – respondi, ficando na ponta dos pés, animando-me com toda aquela comoção.

Foi então que ouvi meu nome sendo proferido em todos os cantos. A boca de Lauren se crispou de surpresa. A minha ficou escancarada.

– Para quando é o bebê?

– Evelyn, David está com você?

– Haverá outro casamento?

– Quando você vai se mudar para L.A.?

– David está vindo conhecer os seus pais?

– Evelyn, esse é o fim do Stage Dive?

– É verdade que vocês fizeram tatuagens dos seus nomes?

– O que tem a dizer sobre as acusações de que você acabou com o grupo?

O meu nome e o dele, em todas as partes, misturados a uma artilharia de perguntas infindáveis. Tudo isso se tornou o caos. Uma parede de barulho que eu mal conseguia compreender. Fiquei parada sem acreditar, enquanto os flashes me

cegavam e as pessoas me pressionavam. Meu coração pulsava forte. Nunca me dei bem com multidões, e eu não via como escapar dali.

Lauren se recompôs com mais rapidez.

Colocou seus óculos de sol em mim e me agarrou pela mão. Usando livremente os cotovelos, arrastou-me em meio à multidão. O mundo se tornou um borrão, graças às lentes de grau dela. Tive sorte de não cair de cara no chão. Corremos pelo aeroporto cheio e entramos num táxi que aguardava, furando a fila. As pessoas começaram a gritar. Nós as ignoramos.

Os paparazzi estavam bem próximos.

Os malditos paparazzi. Teria sido surreal se não tivesse sido tão desvairado e comigo.

Lauren me empurrou no banco de trás do táxi. Deitei e depois abaixei, esforçando-me ao máximo para me esconder, desejando poder desaparecer por completo.

– Vai! Depressa! – exclamou ela para o motorista.

O motorista seguiu as instruções ao pé da letra. Nossa carona saiu em disparada dali, fazendo-nos deslizar sobre o assento de vinil craquelado. Minha testa ricocheteou do assento de passageiro (estofado, felizmente). Lauren passou o cinto de segurança pela minha cintura e o prendeu. Minhas mãos não pareciam funcionar. Tudo saltava e sacudia.

– Fale comigo! – pediu ela.

– Hum… – Nenhuma palavra saiu. Ergui os óculos de sol na testa e fiquei olhando para o vazio. Minhas costelas doíam e meu coração ainda estava acelerado.

– Ev? – Com um leve sorriso, Lauren deu um tapinha no meu joelho. – Por um acaso, você se casou enquanto estávamos lá?

– Eu… sim. Eu, hum, me casei. Acho.

– Uau.

Então, tudo simplesmente jorrou de mim.

– Deus, Lauren. Fiz a maior confusão e nem me lembro de nada. Acordei e ele estava lá e depois ele ficou furioso comigo e eu nem posso culpá-lo. Eu não sabia como te contar. Eu só ia fingir que nada disso tinha acontecido.

– Acho que isso não vai funcionar agora.

– Não.

– Ok. Não é nada demais. Você se casou. – Lauren assentiu, o rosto incrivelmente impassível. Sem raiva, nem culpa. Nesse meio-tempo, eu me senti horrível por não ter confiado nela. Nós partilhávamos tudo.

– Desculpe – disse eu – Eu deveria ter contado.

– Deveria. Mas deixa pra lá. – Ela endireitou a saia como se estivéssemos nos

aprontando para tomar chá. – Então, com quem se casou?

– D-David. O nome dele é David.

– David Ferris, por acaso?

O nome me parecia familiar.

– Talvez?

– Aonde vamos? – perguntou o taxista, sem despregar os olhos do trânsito. Ele cortava entre os carros com velocidade sobrenatural. Caso eu estivesse conseguindo sentir alguma coisa, talvez sentisse medo ou mais ânsia. Terror puro, quem sabe. Mas eu não sentia nada.

– Ev? – Lauren se virou em seu lugar, observando os carros atrás de nós – Não os despistamos. Para onde quer ir?

– Para casa – respondi, o primeiro lugar seguro que me veio à mente – Isto é, a casa dos meus pais.

– Sábia decisão. Eles têm grades na casa. – sem parar para respirar, Lauren informou o endereço para o motorista. Ela franziu o cenho e voltou a ajeitar os óculos em mim. – Fique com eles.

Dei uma risada ríspida, conforme o mundo exterior voltava a ficar borrado.

– Acha mesmo que isso vai ajudar agora?

– Não! – replicou ela, lançando o cabelo para trás – Mas as pessoas nessa situação estão sempre de óculos escuros. Confie em mim.

– Você assiste demais à televisão. – Fechei os olhos. Os óculos não estavam ajudando com a dor de cabeça. Tampouco o resto. Tudo culpa minha. – Desculpe por não ter contado. Não tive a intenção de me casar. Nem mesmo me lembro do que, exatamente, aconteceu. Isso é tão…

– Fodido demais?

– Acho que isso define bem a situação.

Lauren suspirou e apoiou a cabeça no meu ombro.

– Você tem razão. É melhor nunca mais beber tequila.

– Não mesmo – concordei.

– Me faz um favor? – pediu.

– O quê?

– Não acabe com a minha banda predileta.

– Caramba! – Voltei a suspender os óculos e franzi o cenho o suficiente para fazer a minha cabeça latejar. – Guitarrista. Ele é o guitarrista. É daí que eu o conheço…

– Sim. Ele é o guitarrista do Stage Dive. Bem observado.

O David Ferris. Fazia anos que ele ornamentava as paredes do quarto de Lauren. Eu tinha que admitir, ele era a última pessoa que eu esperava encontrar ao acordar, no chão do banheiro ou em qualquer outro lugar. Mas como foi que

não o reconheci?

– Foi por isso que ele conseguiu o anel.

– Que anel?

Remexendo-me mais no banco, fisguei o monstro do bolso da minha calça jeans e tirei os fiapos de algodão. O diamante brilhava com acusação na luz clara do dia.

Lauren começou a tremer ao meu lado, o riso abafado escapando pelos lábios.

– Mãe de Deus! Ele é imenso!

– Eu sei.

– Não, sério!

– Eu sei.

– Puta merda. Acho que vou fazer xixi nas calças… – guinchou ela, abanando o rosto e dando pulinhos no banco do carro – Olha só pra isso!

– Lauren, para. Não podemos surtar juntas. Isso não vai dar certo.

– Certo. Desculpe. – ela pigarreou, visivelmente se esforçando para recompor o controle – Quanto isso vale?

– Não quero nem imaginar.

– Isso. É. Loucura.

Ficamos olhando para aquela coisa em silêncio reverente.

De repente, Lauren começou a pular no banco como uma criança que tivesse consumido açúcar em excesso.

– Já sei! Vamos vendê-lo e viajar pela Europa. Caramba, acho que podemos dar a volta ao mundo algumas vezes por conta dessa coisa. Pensa só.

– Não podemos – respondi, por mais tentador que isso fosse – Tenho que devolver para ele de algum jeito. Não posso ficar com o anel.

– Que pena. – Ela sorriu. – Bem, parabéns. Você se casou com uma estrela do rock.

Enfiei o anel de volta no bolso.

– Obrigada. Que diabos vou fazer agora?

– Sinceramente? Não sei. – Balançou a cabeça na minha direção, os olhos cheios de admiração. – Você superou as minhas expectativas. Eu só queria que você soltasse o cabelo, relaxasse, desse outra oportunidade para a espécie masculina. Mas o nível de loucura em que você se lançou é totalmente novo. Você fez mesmo uma tatuagem?

– Fiz.

– Do nome dele?

Suspirei e assenti.

– Onde, se é que posso perguntar?

Fechei os olhos.

– Na nádega esquerda.

Lauren perdeu completamente o controle, rindo tanto que lágrimas escorreram pelo seu rosto.

Perfeito.

CAPÍTULO 3

O celular do meu pai tocou pouco antes da meia-noite. O meu já fazia tempo que havia sido desligado. Quando o telefone de casa não parava de tocar, nós o desconectamos da parede. Por duas vezes, a polícia teve que mandar as pessoas saírem do jardim da frente. Mamãe finalmente tomara seus comprimidos para dormir e foi para a cama. Ter seu mundinho perfeito e organizado mandado às favas não lhe caiu bem. De maneira surpreendente, porém, após uma explosão inicial, papai vinha lidando até que bem com a situação. Eu havia me desculpado, como esperado, e queria me divorciar. Ele estava disposto a creditar aquilo aos meus hormônios ou algo do tipo. Tudo isso mudou, porém, quando ele olhou para a tela do celular.

– Leyton? – Ele atendeu ao telefonema, os olhos me perfurando do outro canto da sala. Meu estômago afundou de acordo. Somente um pai consegue treiná-lo tão bem assim. Eu o desapontara. Nós dois sabíamos disso. Só existia um Leyton e apenas um motivo para ele estar ligando àquela hora.

– Sim – disse meu pai – É uma situação infeliz. – As rugas ao redor da boca se acentuaram, transformando-se em fendas. – Compreendo. Sim. Boa noite.

Seus dedos apertaram o aparelho e depois o largaram sobre a mesa da sala de jantar.

– Seu estágio foi cancelado.

Todo o ar em meus pulmões se contraiu até ficar do tamanho de moedas de um centavo.

– Leyton acredita que dada a atual situação… – a voz de papai foi sumindo até desaparecer. Ele recorrera a anos de favores para que eu conseguisse o estágio numa das mais prestigiadas empresas de arquitetura de Portland. Só foi preciso um telefonema de trinta segundos para fazê-lo desaparecer.

Alguém bateu à porta. Nenhum de nós reagiu. Havia pessoas batendo nela há horas.

Papai começou a andar de um lado para o outro da sala de estar. Eu só fiquei

olhando, hipnotizada.

Durante toda a minha infância, situações assim seguiram determinado padrão. Nathan se metia numa briga na escola. A escola chamava mamãe. Mamãe tinha um colapso nervoso. Nate se recolhia em seu quarto, ou pior, desaparecia por alguns dias. Papai chegava em casa e andava de um lado para o outro. E eu ficava ali no meio de tudo, tentando agir como mediadora, uma perita em não provocar ondas. Então, por que diabos estava eu ali no meio de um maldito tsunami?

No que se referia ao comportamento de filhos, eu não fui de dar trabalho. Tirei boas notas no colégio e entrei na mesma faculdade que meu pai. Poderia me faltar o talento natural em design que ele tinha, mas eu dedicava as horas e o esforço necessários para obter as notas para passar. Trabalhava meio período no mesmo café desde os quinze anos. Mudar-me com Lauren foi o meu ato de rebeldia. Eu era, somando-se tudo, extremamente maçante. Meus pais quiseram que eu continuasse em casa para economizar. Tudo o mais que conquistei foi por meio de subterfúgios para que meus pais conseguissem dormir sossegados à noite. Não que eu tivesse feito grandes coisas. Uma ou outra festa. O episódio com Tommy há quatro anos. Nada me preparou para isto.

Além da imprensa, havia pessoas chorando no jardim, segurando placas que proclamavam seu amor por David. Um homem segurava um aparelho de som antigo sobre a cabeça, com o volume no máximo. Uma canção chamada “San Pedro” era a favorita deles. Os gritos aumentavam toda vez que o cantor chegava ao refrão: “Enquanto o sol caía, lugar pra ir não havia…”

Ao que tudo levava a crer, mais tarde eles planejavam me queimar em efígie. O que, para mim, não representava problema algum. Eu queria morrer.

Meu querido irmão Nathan veio buscar Lauren para levá-la para a casa dele. Não nos víamos desde o Natal, mas tempos desesperadores pediam medidas desesperadas. O apartamento que Lauren e eu dividíamos também estava cercado. Ir para lá estava fora de questão, e Lauren não queria envolver a família e outros amigos. Dizer que Nathan gostou do meu apuro seria indelicado. Não uma mentira, mas definitivamente uma indelicadeza. Foi sempre ele quem esteve em maus lençóis. Desta vez, contudo, sobrou só para mim. Nathan nunca se casou acidentalmente nem se tatuou em Vegas.

Pelo fato de um repórter idiota ter perguntado à minha mãe o que ela achava a respeito da minha tatuagem, esse segredo também havia sido exposto. Pelo visto, agora nenhum rapaz decente de uma boa família se casaria comigo. Antes disso, seria muito improvável que eu arranjasse um homem por conta das minhas várias imperfeições. Mas agora o motivo era só a tatuagem. Resolvi não explicitar que eu já estava casada.

Mais batidas à porta. Papai apenas olhou para mim. Dei de ombros.

– Senhorita Thomas? – uma voz grossa retumbou – David me mandou.

Ah, até parece.

– Vou chamar a polícia.

– Espere. Por favor – pediu o vozeirão – Estou com ele ao telefone. Abra a porta apenas o suficiente para que eu o passe.

– Não.

Sons abafados.

– Ele pediu para perguntar sobre a camiseta dele.

Aquela que ele deixara para trás em Vegas. Estava na minha mala, ainda úmida. Hum… Talvez. Mas eu ainda não estava convencida.

– E o que mais?

Mais conversa.

– Ele disse que não quer… perdão, senhorita… "a porra do anel" de volta.

Abri a porta, mas deixei a corrente presa. Um homem que se parecia com um buldogue de terno preto me entregou um celular.

– Alô?

Música alta tocava ao fundo e havia muitas vozes. Pelo visto, o incidente do casamento não perturbara a vida de David.

– Ev?

– Eu mesma.

Ele fez uma pausa.

– Olha, acho que seria bom você não se expor até tudo isso passar. Sam pode tirar você daí. Ele faz parte da minha equipe de segurança.

Sam me lançou um sorriso educado. Já vi montanhas menores que esse cara.

– Para onde eu iria? – perguntei.

– Ele… ah… Ele vai te trazer para junto de mim. Nós damos um jeito.

– Para junto de você?

– É, vamos ter os papéis do divórcio para assinar, então não custa você vir para cá.

Eu queria recusar. Mas afastar isso tudo da porta de entrada da casa dos meus pais era bem tentador. Assim como ficar longe da minha mãe quando ela ficasse sabendo do estágio. Mesmo assim, com bons motivos, não conseguia me esquecer da maneira como David batera a porta ao sair da minha vida pela manhã. Eu tinha um vago plano B se formando. Já que eu não tinha mais o estágio, poderia voltar a trabalhar no café. Ruby ficaria extasiada por me ter trabalhando em tempo integral durante o verão e eu adorava ficar lá. No entanto, aparecer com essa legião nos meus calcanhares seria um desastre.

Eu tinha poucas opções e nenhuma delas me atraía, mas ainda hesitei.

– Eu não sei…

Ele emitiu um suspiro especialmente desgostoso.

– O que mais você pode fazer? Hein?

Boa pergunta.

Atrás de Sam, a insanidade prosseguia. Flashes pipocavam e pessoas gritavam. Não parecia real. Se essa era a rotina de David, eu não fazia ideia de como ele lidava com aquilo.

– Escuta. Você tem que dar o pé daí – disse ele com rispidez – Em pouco tempo, tudo vai se acalmar.

Meu pai estava ao meu lado, retorcendo as mãos. David tinha razão. Pouco importava o que aconteceria, eu tinha que me afastar das pessoas que amava. Pelo menos isso eu poderia fazer.

– Ev?

– Desculpe. Sim. Acho que vou aceitar a sua oferta – disse – Obrigada.

– Devolva o telefone para Sam.

Fiz como ele pediu, também abrindo a porta para permitir que o homenzarrão entrasse. Ele não era tão alto, mas era grande. O cara sabia ocupar os espaços. Sam assentiu e repetiu alguns “sim, senhor”. Em seguida desligou.

– Senhorita Thomas, o carro está à sua espera.

– Não! – disse papai.

– Pai…

– Não pode confiar nesse homem. Veja tudo o que aconteceu.

– Não é tudo culpa dele. Eu também estava lá. – essa situação toda me envergonhava. Mas fugir e me esconder não era a resposta – Preciso dar um jeito nisso.

– Não – repetiu ele, baixando um decreto.

A questão era que eu já não era mais uma garotinha. E aquilo não era o mesmo que não acreditar que o nosso jardim não era grande o bastante para termos um pônei.

– Sinto muito, pai, mas já tomei a minha decisão.

O rosto dele enrubesceu, os olhos se mostraram incrédulos. Antes, nas raras ocasiões em que ele se opusera veementemente a algo, eu recuara. (Ou fizera o que bem entendera pelas costas dele.) Mas, desta vez… não fui convencida. Para variar, meu pai me pareceu velho, inseguro. O mais importante, porém, era que aquele era um problema meu, todo meu.

– Por favor, confie em mim! – pedi.

– Ev, querida, você não tem que fazer isso – disse papai, tentando outra tática – Podemos encontrar outra solução.

– Sei que podemos. Mas ele já tem advogados tratando do assunto. Vai ser

melhor assim.

– Você não vai precisar de um advogado também? – perguntou. Havia novas linhas de expressão em seu rosto, como se apenas aquele dia o tivesse envelhecido. A culpa me invadiu – Vou me informar, encontrar alguém apropriado para você. Não quero que tirem vantagem de você. – prosseguiu – Alguém deve conhecer algum advogado especialista em divórcio que seja decente.

– Pai, não tenho dinheiro que precise ser protegido, não é mesmo? Vamos cuidar disso da maneira mais direta possível – disse, com um sorriso forçado – Nós vamos cuidar de tudo e depois eu volto.

– Nós? Querida, você mal conhece esse homem. Não pode confiar nele.

– O mundo inteiro está assistindo, pelo visto. O que de pior pode acontecer? – Enviei uma prece silenciosa para os céus para que eu nunca descobrisse essa resposta.

– Isso é um erro… – papai suspirou – Sei que está tão desapontada com o estágio quanto eu. Mas temos que parar para pensar.

– Já pensei. Tenho que afastar este circo de você e da mamãe.

O olhar do meu pai disparou para o corredor escuro que conduzia ao lugar em que mamãe dormia entorpecida. A última coisa que eu queria era que papai se sentisse dividido entre nós duas.

– Vai ficar tudo bem – garanti, desejando que fosse verdade – Mesmo.

Por fim, ele deixou a cabeça pender.

– Se acha que está fazendo a coisa certa… Mas ligue se precisar de qualquer coisa. Se quiser voltar para casa, arranjo um voo na mesma hora.

Assenti.

– Estou falando sério. Ligue se precisar de qualquer coisa.

– Tudo bem. Eu ligo. – Eu não ligaria.

Peguei a mala, a mesma da viagem para Vegas. Não havia como trocar as roupas, pois todas estavam no apartamento. Ajeitei o cabelo, prendendo-o atrás das orelhas, tentando deixar a minha aparência um pouco menos parecida com um acidente de trem.

– Você sempre foi a minha boa garota – disse papai, parecendo saudoso.

Fiquei sem saber o que responder.

Ele me deu um tapinha no braço.

– Telefone.

– Tá bom! – respondi, com a garganta apertada – Mande um beijo para a mamãe. Logo falo com vocês.

Sam deu um passo à frente.

– Sua filha está em boas mãos, senhor.

Não fiquei esperando pela resposta de papai. Pela primeira vez, depois de horas, pus os pés para fora de casa. O pandemônio estourou. O instinto de recuar, correr e me esconder foi imenso. Mas, com o corpanzil de Sam ao meu lado, aquela loucura não foi tão assustadora quanto antes. Ele pousou a mão frouxa em meu ombro e me forçou para fora dali, atravessando o jardim, na direção da multidão que aguardava. Outro homem de terno preto veio na nossa direção, abrindo caminho em meio à turba pelo outro lado. O volume dos gritos aumentou incrivelmente. Uma mulher exclamou que me odiava e me chamou de puta. Outro queria que eu dissesse a David que ele o amava. Mas, na grande parte, eram mais perguntas. Câmeras foram empurradas diante do meu rosto, os flashes me cegando. Antes que eu acabasse tropeçando, Sam se aproximou. Meus pés mal tocavam o chão enquanto ele e seu amigo me apressavam para o carro à espera. Não era uma limusine. Lauren ficaria desapontada. Era um sedã novo luxuoso, com o interior todo em couro. A porta foi fechada assim que entrei, e Sam e seu amigo foram para a frente. O motorista assentiu na minha direção pelo espelho retrovisor, depois acelerou com cuidado. As pessoas batiam nos vidros e corriam junto ao carro. Afundei no meio do banco. Logo eles foram deixados para trás.

Eu estava a caminho de me encontrar com David.

Meu marido.

CAPÍTULO 4

Dormi no voo para L.A., enroscada numa poltrona superconfortável no canto do jatinho particular. Era um nível de luxo acima de tudo o que eu já imaginara. Se você tem que virar sua vida de ponta-cabeça, seria bom aproveitar toda a opulência enquanto isso acontece. Sam me oferecera champanhe, que recusei com educação. Só a ideia de uma bebida alcoólica já me revirava. Era muito provável que eu nunca mais beberia.

Meu caminho profissional fora temporariamente mandado para o inferno, mas pouco importava, eu tinha outro plano. Divorciarme. Era bem simples. Adorei meu plano. Eu estava novamente no controle do meu destino. Um dia, quando eu me casasse, se me casasse, não seria com um desconhecido em Vegas. Não seria um terrível engano.

Quando despertei, estávamos aterrissando. Outro sedã luxuoso nos aguardava. Nunca tinha ido a L.A. Parecia tão desperta quanto Vegas, ainda que com menos glamour. Havia ainda muitas pessoas na rua a despeito da hora avançada.

Em algum momento, eu precisaria criar coragem para ligar meu celular. Lauren devia estar preocupada. Pressionei o botãozinho preto e a tela se iluminou, voltando à vida. Cento e cinquenta e oito mensagens de texto, noventa e sete ligações perdidas. Como uma idiota, pisquei, mas os números na tela não mudaram. Puxa vida. Ao que tudo levava a crer, todos que eu conhecia ouviram as novidades, junto de outras tantas pessoas que eu não conhecia.

Meu telefone emitiu um alerta. Era Lauren.



Já passava das três da manhã quando chegamos a uma incrível mansão estilo espanhol dos anos 1920 em Laurel Canyon. Era linda. Apesar de que papai não se impressionaria – ele preferia linhas contemporâneas limpas com detalhes mínimos. Casas de quatro quartos e dois banheiros para os influentes de Portland. Mas não sei, havia algo de romântico e belo em tanta extravagância. O ferro forjado preto decorativo em contraste com as paredes brancas.

—

Um grupo barulhento de garotas e o bando obrigatório de jornalistas se movimentavam no lado externo. As notícias do casamento aparentemente

agitaram as coisas. Ou talvez eles sempre acampassem ali. Portões de ferro ornamentados se abriram lentamente ante a nossa aproximação. Palmeiras contornavam a longa passagem de carros, as folhagens amplas oscilando ao vento conforme passávamos. O lugar parecia algo saído de um filme. A banda Stage Dive era importante; isso, ao menos, eu sabia. Os dois últimos álbuns emplacaram inúmeras faixas. Lauren viajou pelo interior no verão passado, assistindo a três shows em apenas uma semana. Todos eles em estádios.

Ainda assim, aquela casa era imensa.

O nervosismo me imobilizou. Eu vestia a mesma calça jeans e a mesma blusa azul que usara o dia inteiro. Vestir-me à altura da ocasião não era uma opção. O melhor que eu tinha a fazer era pentear os cabelos com os dedos e borrifar um pouco do perfume que trazia na bolsa. Podia me faltar glamour, mas meu cheiro seria agradável.

Todas as luzes estavam acesas e música rock retumbava para a noite cálida. As amplas portas duplas estavam abertas e pessoas saíam da casa, descendo os degraus. Parecia que uma festa saideira estava em pleno curso.

Sam abriu a porta do carro para mim, e eu saí com hesitação.

– Eu a acompanho, senhorita Thomas.

– Obrigada.

Não me mexi. Depois de um instante, Sam captou a mensagem. Foi na frente e eu o segui. Duas moças se beijavam bem perto da porta, as bocas se engolindo. Deus, eram ambas magras e mais que lindas, vestidas em minúsculos vestidos reluzentes que mal escondiam suas coxas. Mais pessoas estavam perto, bebendo e dançando. Um candelabro pendia no centro e uma grande escadaria subia em curva ao redor da parede interior. Aquele lugar era um palácio hollywoodiano.

Ainda bem que ninguém pareceu me notar. Eu poderia admirar tudo ao meu bel-prazer.

Sam parou para falar com um rapaz encostado na parede com uma garrafa de cerveja junto aos lábios. Cabelos longos e loiros espetados para todos os lados e nariz com uma argola. Muitas tatuagens. Em jeans pretos rasgados e camiseta puída, ele tinha a mesma aparência incrível de David. Talvez os astros do rock adquirissem suas roupas artisticamente envelhecidas. Pessoas endinheiradas eram um grupo à parte.

O homem em questão me olhou de alto a baixo. Imperturbável, resisti ao impulso de me encolher. Nada disso. Quando o olhar dele se deparou com o meu, ele pareceu curioso, mas não inamistoso. A tensão dentro de mim diminuiu.

– Oi. – disse ele.

– Oi. – Arrisquei um sorriso.

– Tudo bem – disse ele para Sam. Depois apontou o queixo para mim –

Venha. Ele está por aqui. Eu sou o Mal.

– Oi – repeti estupidamente. – Eu sou a Ev.

– Está tudo bem, senhorita Thomas? – Sam perguntou num tom baixo.

– Sim, Sam. Muito obrigada.

Ele me lançou um aceno educado e retornou pelo caminho que viemos. Os ombros largos e a cabeça calva logo desapareceram em meio à multidão. Correr atrás dele e pedir que me levasse de volta para casa não ajudaria em nada, mas era o que meus pés mais queriam fazer. Não, chega de autopiedade. Era hora de pôr as roupas de menina crescida e seguir em frente.

Havia centenas de pessoas naquele lugar. A única coisa que mais se assemelhava àquilo era o meu baile de formatura, e ele perdia significativamente em comparação. Nenhum dos vestidos ali se comparava. Eu quase conseguia sentir o cheiro do dinheiro. Era Lauren quem mais se dedicava a assistir coisas sobre as celebridades, mas até eu consegui reconhecer alguns rostos. Um dos vencedores do Oscar do ano anterior e uma modelo de lingerie dos outdoors em minha cidade. Uma estrela pop adolescente que não deveria estar bebendo em uma garrafa de vodca, muito menos estar sentada no colo do grisalho membro do… maldição, como era mesmo o nome da banda dele?

Bem, era isso.

Fechei a boca antes que alguém percebesse as estrelas nos meus olhos. Lauren teria adorado tudo aquilo. Era incrível.

Quando uma mulher, que muito se parecia com uma deusa amazona seminua, me olhou de alto a baixo, Mal parou e lançou uma carranca na direção dela.

– Algumas pessoas não têm educação mesmo. Venha.

A batida preguiçosa da música me atravessava, despertando os resquícios da minha dor de cabeça e maculando um pouco todo aquele brilho. Atravessamos um salão repleto de poltronas de veludo vermelho e de pessoas largadas sobre elas. Em seguida, surgiu um espaço tomado por guitarras, amplificadores e outras parafernálias relacionadas ao rock. Dentro da casa, o ar estava esfumaçado e úmido, apesar das janelas e das portas abertas. Senti a blusa grudando debaixo dos braços. Saímos para uma sacada onde uma brisa suave soprava. Ergui o rosto em gratidão.

E lá estava ele, recostado numa grade de ferro decorativa. As linhas firmes de seu rosto estavam em perfil. Caramba, como eu poderia ter me esquecido? Não havia como explicar o efeito de David na vida real. Ele combinava com aquelas belas pessoas. Era uma delas. Eu, por outro lado, pertencia à cozinha, junto à criadagem.

Meu marido estava ocupado com a morena pernuda e artificialmente peituda ao seu lado. Talvez ele fosse daqueles homens que gostam de peitos e, por isso,

acabamos casados. Apenas um palpite como qualquer outro. Trajando apenas um minúsculo biquíni branco, a garota se agarrava a ele como se tivessem sido cirurgicamente atados. O cabelo estava bagunçado artificialmente, de um modo que sugeria um mínimo de duas horas despendidas num salão de beleza de alto padrão. Ela era linda, e eu a odiei apenas um pouquinho. Um fio de suor escorreu pela minha espinha.

– Ei, Dave! – Mal o chamou – Você tem companhia.

David se virou, depois me notou e franziu o cenho. Sob aquela luz, os olhos dele pareciam escuros e definitivamente infelizes.

– Ev.

– Oi.

Mal começou a rir.

– Essa foi a única palavra que consegui arrancar dela. Fala sério, cara, sua esposa fala?

– Ela fala. – o tom de voz dele deixou evidente que ele desejava que eu não falasse, nunca mais. Ou, pelo menos, perto dele.

Fiquei sem saber o que dizer. De modo geral, eu não buscava amor e aceitação universais. Hostilidade franca, contudo, ainda era novidade para mim.

A morena deu uma risadinha e esfregou os seios avantajados no braço de David, como se o estivesse demarcando. O triste, para ela, porém, foi que David não pareceu notar. Ela me lançou um olhar maligno, a boca rubra fazendo bico. Que charme. Ainda mais pelo fato de ela me ver como competição fazer maravilhas no meu ego. Estiquei a coluna e encarei meu marido nos olhos.

Grande erro.

O cabelo escuro de David havia sido amarrado num curto rabo de cavalo com mechas soltas ao redor do rosto. O que poderia parecer a figura de um traficante desprezível dava certo nele. Claro que sim. Ele seria capaz de fazer um beco escuro e sujo parecer uma suíte nupcial. Uma camiseta cinza moldava os ombros e os jeans azuis gastos cobriam as pernas longas. As botas pretas de exército estavam cruzadas na altura dos tornozelos, completamente à vontade, porque aquele era o lugar dele. Não o meu.

– Importa-se de arranjar um quarto para ela? – David perguntou ao amigo.

Mal bufou.

– Tenho cara de mordomo? Leve você a sua esposa para um quarto. Não seja idiota.

– Ela não é minha esposa – grunhiu David.

– Todos os canais de notícia do país discordariam disso. – Mal bagunçou meu cabelo com sua mão grande, fazendo com que eu me sentisse com oito anos. – Até mais, noiva criança. Prazer em conhecê-la.

– Noiva criança? – perguntei, sem entender nada.

Mal parou e sorriu.

– Não ouviu o que estão dizendo?

Balancei a cabeça.

– Melhor assim. – Com uma última risada, ele se afastou.

David se desenroscou da morena. Os lábios fartos dela se contraíram em sinal de desagrado, mas ele não estava olhando.

– Venha.

Ele esticou o braço para me indicar a direção e lá, na extensão do antebraço, estava a tatuagem dele.

Evelyn.

Fiquei parada. Puta merda. O cara soube escolher um lugar visível para colocar o meu nome. Não sabia como aquilo me fazia sentir.

– O que foi? – As sobrancelhas se uniram e a testa se enrugou. – Ah, entendi. Venha.

– Volta logo, David – arrulhou a Garota do Biquíni, ajeitando o cabelo.

Eu não tinha nada contra biquínis. Tinha vários a despeito da opinião da minha mãe de que eu era grande demais para tais coisas. (Na verdade, nunca os usei, mas isso não vem ao caso.) Não, o que me incomodava eram os olhares de zombaria e o descaso que a Garota do Biquíni me lançava quando achava que David não estava olhando.

Mal sabia ela que ele não se importava comigo.

Com uma mão apoiada na minha lombar, ele me conduziu em meio à festa até as escadas. Pessoas o chamaram e mulheres espiaram, mas ele não reduziu o passo. Fiquei com a impressão de que estava envergonhado por ser visto comigo. Estando com David, por certo fui avaliada. De todo modo, eu não me encaixava no papel de esposa de uma estrela do rock. As pessoas pararam e olharam. Alguém o chamou, perguntando se ele nos apresentaria. Nenhum comentário por parte do meu marido, enquanto ele me apressava em meio à multidão.

Corredores se estendiam nas duas direções no segundo andar. Tomamos o da esquerda, seguindo até o fim. Ele escancarou uma porta e lá estava a minha maleta, à minha espera, sobre uma cama king size. Tudo no quarto suntuoso era branco: a cama, as paredes e o carpete. Uma namoradeira em estilo antigo branca estava encostada num dos cantos. Era lindo, imaculado. Nada parecido com o meu quartinho abarrotado no apartamento que eu dividia com Lauren, no qual, descontando a cama e a escrivaninha, só restava espaço suficiente para abrir as portas do armário e nada mais. Este lugar parecia não ter fim, um mar de perfeição.

– É melhor eu não mexer em nada – murmurei com as mãos enfiadas nos

bolsos de trás da calça.

– O que foi?

– É lindo.

David olhou ao redor sem nenhum interesse.

– É.

Fui até a janela. Havia uma piscina luxuosa logo embaixo, bem iluminada e circundada por palmeiras e jardins perfeitos. Havia duas pessoas na água, se beijando. A cabeça da mulher pendeu para trás e os seios boiaram na superfície. Ah, não, erro meu. Eles estavam transando. Senti um calor subindo pelo pescoço. Eu não me considerava pudica, mas, mesmo assim… Dei as costas.

– Olha só, umas pessoas virão falar com você a respeito da papelada do divórcio. Eles chegam às dez – disse ele, parado à soleira da porta. Os dedos tamborilavam na moldura da porta. Ele ficava lançando olhares para o corredor, evidentemente ansioso para sair dali.

– Umas pessoas?

– Meu advogado e meu agente – ele contou para os pés – Eles estão correndo com as coisas, então… Hum, tudo vai ser resolvido o mais rápido possível.

– Tudo bem.

David sugou as bochechas e assentiu. Ele tinha um maxilar que era um arraso. Já vi homens em revistas de moda que não se comparavam a ele. Belo ou não, a carranca não o abandonou nem por um minuto. Não enquanto eu estava perto. Seria legal vê-lo sorrir, pelo menos uma vez.

– Precisa de alguma coisa? – perguntou.

– Não. Obrigada por tudo. Por me trazer para cá e me deixar ficar. Foi muito gentil da sua parte.

– Não esquenta. – Ele recuou um passo e começou a fechar a porta. – Boa noite.

– David, acha que devemos conversar? Sobre ontem à noite?

Ele parou, meio que escondido pela porta.

– Sério, Ev. Pra que se importar com essa porra?

E se foi.

De novo.

Sem bater a porta desta vez. Considerei que isso fosse um passo adiante em nosso relacionamento. Ficar surpresa seria idiotice. Mas a decepção me imobilizou, fiquei olhando para o quarto, sem ver nada. Não que eu quisesse que ele, de repente, se lançasse aos meus pés. Mas essa antipatia era foda.

No fim, acabei voltando para junto da janela. Os amantes tinham ido embora, a piscina estava deserta. Outro casal veio andando pelo jardim iluminado, por debaixo das palmeiras oscilantes. Seguiram para o que só podia ser a casa da

piscina. O homem era David e a Garota do Biquíni estava pendurada nele, balançando os longos cabelos e ondulando os quadris, no maior raio possível. Eles ficavam bem juntos. Combinavam. David esticou a mão e puxou a tira do sutiã, desfazendo o laço e desnudando-a da cintura para cima. A Garota do Biquíni riu sem emitir som algum, e sem se dar ao trabalho de se cobrir.

Engoli com força, tentando desalojar a pedra na minha garganta. O ciúme era tão ruim quanto a antipatia. E eu não tinha direito algum de sentir ciúme.

À porta da casa da piscina, David parou e olhou por sobre o ombro. Seus olhos se depararam com os meus. Ai, merda. Escondi-me atrás da cortina e, como uma idiota, prendi a respiração. Pega espiando – que vergonha. Quando espiei uns segundos depois, eles já não estavam à vista. A luz emergia dos dois lados da cortina da casa da piscina. Eu devia ter sustentado meu olhar. Desejei ter enfrentado. Eu não estava fazendo nada de errado.

A grandiosidade imaculada do quarto branco se espalhava diante de mim. Por dentro e por fora eu me sentia um caco. A realidade da minha situação finalmente fora absorvida, e era fodida demais. Lauren escolhera bem as palavras.

– David pode fazer o que quiser – minha voz ecoou pelo quarto, parecendo alta mesmo acima do barulho da música do andar de baixo. Empertiguei os ombros. No dia seguinte, encontraria o pessoal dele e o divórcio seria resolvido. – David pode fazer o que quiser, e eu também.

Mas o que eu queria fazer? Não fazia ideia. Por isso, tirei as poucas roupas que tinha na mala, me ajeitando para passar a noite. Pendurei a camiseta de David no toalheiro para que terminasse de secar. Muito provavelmente seria usada como roupa de dormir. Levei, no máximo, dez minutos para me organizar. Só se pode dobrar e redobrar as mesmas blusas determinado número de vezes antes de parecer patética.

E agora?

Não fora convidada para a festa. De jeito nenhum eu queria pensar no que poderia estar acontecendo na casa da piscina. Sem dúvida, David estava dando tudo o que eu quis em Vegas para a Garota do Biquíni. Para mim, nada de sexo. Em vez disso, ele me mandou para o quarto como uma garota levada.

E que quarto. O banheiro da suíte tinha uma banheira do tamanho do meu quarto em Portland. Espaço suficiente para nadar. Era tentadora. Mas nunca fui muito boa nesse lance de ser mandada para o quarto. Nas poucas ocasiões em que aconteceu, eu costumava sair pela janela e ficar lendo um livro do lado de fora. Deixava muito a desejar como ato de rebeldia, mas me satisfazia. Havia muito por trás de um empreendedor discreto.

Ao inferno com ficar parada no quarto do esplendor. Eu não conseguiria.

Ninguém me notou quando, sorrateira, desci as escadas. Parei no canto mais próximo e me acomodei para observar as belas pessoas na ativa. Foi fascinante. Corpos se retorciam numa pista de dança improvisada no meio da sala. Alguém acendeu um charuto nas proximidades, permeando o ar com seu cheiro acentuado. Lufadas de fumaça subiram para o teto, uns bons seis metros acima. Diamantes brilhavam e dentes reluziam, e isso só em alguns dos homens. Opulência escancarada se digladiava com desleixo no grupo heterogêneo. Você não conseguiria melhor lugar para observar pessoas mesmo que tentasse. Infelizmente, nenhum sinal do Mal. Pelo menos ele fora amigável.

– Você é nova – uma voz disse ao meu lado, assustando-me a valer. Dei um salto de um quilômetro, ou pelo menos de alguns centímetros.

Um homem vestido num terno preto se recostava na parede, sorvendo de um copo com líquido âmbar. O terno preto elegante era outro assunto. Era bem provável que o de Sam tivesse saído de uma arara de loja varejista, mas não aquele ali. Nunca compreendi muito bem o apelo do terno e gravata, mas aquele homem os vestia incrivelmente bem. Ele parecia ter mais ou menos a idade de David e tinha cabelo escuro, curto. Bonito, claro. Como David, ele tinha um maxilar divino.

– Sabe, se recuar meio metro vai acabar desaparecendo por completo atrás daquela palmeira. – Sorveu mais um gole da bebida. – E, então, ninguém a veria.

– Vou pensar nisso. – Não me dei ao trabalho de negar que estava me escondendo. Pelo visto, isso era óbvio para todos.

Ele sorriu, revelando uma covinha. Tommy Byrnes tinha covinhas. Ele me imunizou contra o efeito delas. O homem se inclinou mais para perto, muito provavelmente para se fazer ouvir acima da música. O fato de ele ter acrescentado a isso um passo largo na minha direção me pareceu desnecessário. Espaço pessoal era uma coisa maravilhosa. Algo nesse cara me dava arrepios, apesar do terno elegante.

– Sou Jimmy.

– Ev.

Ele contraiu os lábios, encarando-me.

– Não, definitivamente não conheço você. Por que não conheço você?

– Conhece todos os outros? – Passei o olhar pela sala, duvidando muito disso. – Há muitas pessoas aqui.

– Há mesmo – concordou – E conheço todas elas. Todas, exceto você.

– David me convidou – eu não queria mencionar o nome dele, mas estava sendo imprensada num canto, figurativa e literalmente, conforme Jimmy se aproximava de mim.

– É mesmo? – Os olhos dele estavam estranhos, as pupilas dilatadas. Havia

algo de errado com aquele cara. Ele fixou o tanto de pele revelada pelo meu decote como se quisesse enfiar o rosto ali.

– É. Convidou.

Jimmy não me pareceu exatamente alegre ao saber disso. Pegou o drinque e acabou com ele num gole só, enchendo a boca.

– Então David a convidou para a festa.

– Ele me convidou para ficar alguns dias – disse, o que não era mentira. Quem sabe, ele não teria ficado sem saber da novidade a respeito de mim e de David? Ou talvez, ele estivesse chapado demais para somar dois mais dois. De todo modo, não seria eu a colocá-lo a par da situação.

– Mesmo? Quanta consideração da parte dele.

– É, foi, sim.

– Em que quarto ele a instalou? – Ele parou diante de mim e jogou o copo vazio no vaso com um gesto descuidado. O sorriso dele parecia maníaco. Minha necessidade de me afastar dele aumentou com urgência imediata.

– O branco – respondi, procurando um modo de me esquivar dele – Falando nisso, é melhor eu voltar.

– O quarto branco? Ora, ora, se você não é especial.

– E não é que sou? Com licença. – Empurrei-o, desistindo das afabilidades.

Ele não devia estar esperando por aquilo, porque cambaleou para trás.

– Ei. Espere aí.

– Jimmy. – David apareceu, recebendo minha imediata gratidão. – Algum problema aqui?

– Nenhum – disse Jimmy – Só estava conhecendo… Ev.

– Bem, você não tem que conhecer a… Ev.

O sorriso do cara era expansivo.

– Para com isso. Você sabe como aprecio as suas novidades.

– Vamos. – David disse para mim.

– Você não costuma ser estraga prazeres, Davie! – disse Jimmy – Eu não vi a adorável Kaetrin com você agora há pouco na varanda? Por que não vai atrás dela, para que ela possa fazer aquilo em que é boa? Ev e eu estamos ocupados aqui.

– Na verdade, não estamos, não – repliquei. E por que David voltara tão cedo da sua diversão com a Garota do Biquíni? Por certo ele não estaria preocupado com o bem-estar de sua esposinha.

Nenhum dos dois pareceu ter me ouvido.

– Quer dizer que você a convidou para se hospedar na minha casa… – disse Jimmy.

– Eu tinha a impressão de que Adrian alugou esta casa para todos nós,

enquanto trabalhamos no álbum. Algo mudou que eu ainda não saiba?

Jimmy riu.

– Gosto deste lugar. Decidi comprá-lo.

– Ótimo. É só me informar quando o negócio estiver fechado que me mudo em seguida. Nesse meio-tempo, meus convidados não são assunto seu.

Jimmy olhou para mim, o rosto iluminado por um olhar malicioso.

– É ela, não é? Aquela com quem se casou, seu idiota filho da puta.

– Venha. – David segurou minha mão e me arrastou em direção às escadas. O maxilar dele estava travado a ponto de fazer um músculo saltar.

– Eu poderia tê-la contra a parede numa maldita festa e você se casou com ela?

E essa agora?

Os dedos de David apertaram minha mão.

Jimmy deu um riso de escárnio como o cretino que era.

– Ela não é nada, seu idiota. Olhe para ela. Só olhe para ela. Mas me diga se esse casamento não foi uma cortesia de vodca e cocaína.

Não era nada que eu já não tivesse ouvido antes. Bem, a não ser pela menção ao casamento. Ainda assim, suas palavras feriram. Antes que eu pudesse dizer a Jimmy o que eu achava dele, contudo, a pegada em minha mão desapareceu. David o atacou, segurando-o pela lapela. Eles eram mais ou menos semelhantes. Ambos altos, fortes. Nenhum parecia disposto a recuar. A sala ficou em silêncio, todas as conversas pararam, apesar de a música continuar a tocar.

– Vá em frente, irmãozinho – sibilou Jimmy – Mostre-me quem é a estrela deste show, na verdade.

Os ombros de David ficaram rijos sob o algodão fino da camiseta. Então, com um grunhido, libertou Jimmy, fazendo-o recuar um passo.

– Você é tão ruim quanto a nossa mãe. Olhe para si mesmo, você está um farrapo.

Fiquei olhando para os dois homens, atordoada. Aqueles eram os irmãos do grupo. O mesmo cabelo escuro e belos rostos. Obviamente, não entrei para uma família das mais felizes. Jimmy quase me pareceu envergonhado.

Meu marido passou marchando por mim, apanhando meu braço pelo caminho. Todos os olhos estavam fixos em nós. Uma morena elegante deu um passo à frente, com a mão esticada. Seu rosto adorável revelava aflição.

– Você sabe que ele não falou a sério.

– Fique fora disso, Martha – disse meu marido, sem desacelerar.

A mulher me lançou um olhar de desgosto. Pior, de acusação. Pelo modo como David estava agindo, tive a sensação de que isso era geral.

Ele me arrastou escada acima, depois pelo corredor na direção do meu quarto.

Não dissemos nada. Talvez dessa vez ele me trancasse. Ou, quem sabe, empurrasse uma cadeira debaixo da maçaneta. Entendi que ele estivesse bravo com Jimmy. O cara era um cretino de proporções épicas. Mas o que eu fiz? Exceto ter escapado da prisão luxuosa, claro.

No meio do corredor, soltei meu braço de seus tratos carinhosos. Eu tinha que fazer algo antes que ele cortasse a circulação dos meus dedos.

– Eu sei o caminho – disse eu.

– Ainda está procurando ação, não? Deveria ter dito alguma coisa, e eu ficaria contente em servi-la – disse ele, com um falso sorriso – E, olha só, você não está mamada hoje. Poderia se lembrar de alguma coisa.

– Uau…

– Eu disse alguma mentira?

– Não. Mas ainda acho justo dizer que você está sendo um cretino.

Ele parou de pronto e me encarou, com os olhos arregalados, parecendo surpreso.

– Estou sendo um cretino? Ao inferno, você é minha esposa!

– Não, não sou. Você mesmo disse isso. Pouco antes de ir brincar na casa da piscina com a sua amiga – disse. Apesar de ele, evidentemente, não ter se demorado muito lá. Cinco, talvez seis minutos? Quase me senti mal pela Garota do Biquíni. Aquilo não pode ter sido um serviço muito benfeito.

Sobrancelhas escuras desceram tal qual nuvens de tempestade. Ele parecia menos do que impressionado. Que pena. Também os meus sentimentos por ele estavam em baixa.

– Você tem razão. Foi mal. Quer que a leve de volta ao meu irmão? – perguntou, estalando as juntas das mãos tal qual um Neandertal, com o olhar fixo no corredor pelo qual viemos.

– Não, obrigada.

– Muito legal da sua parte jogar seu olhar sensual para ele, a propósito. De todas as pessoas aqui, você tinha que flertar com Jimmy… – escarneceu – Quanta classe, Ev.

– É isso mesmo que você acha que aconteceu?

– Você e ele não estavam bem aconchegados naquele canto?

– Tá falando sério?

– Conheço o Jimmy e conheço as garotas ao redor do Jimmy. Foi isso mesmo o que pareceu, gata. – Ele abriu os braços. – Prove que estou errado.

Eu nem tinha certeza se sabia fazer um olhar sensual. Mas, definitivamente, não foi isso o que fiz no andar de baixo. Não era de admirar que tantos casamentos terminassem em divórcio. O casamento era uma merda e os maridos eram o pior de tudo. Meus ombros estavam desmoronando. Nunca pensei que

me sentiria tão pequena.

– Acho que os seus problemas com seu irmão são ainda piores do que os seus matrimoniais, e isso quer dizer alguma coisa. – Lentamente, balancei a cabeça. – Obrigada por oferecer a oportunidade de eu me defender. Agradeço muito por isso. Mas, sabe de uma coisa, David? Não estou convencida de que uma opinião favorável sua a meu respeito valha a pena.

Ele se retraiu.

Afastei-me antes que eu dissesse algo pior. Vamos esquecer essa coisa se ser amigável. Quanto antes nos divorciássemos, melhor.

CAPÍTULO 5

A luz do sol atravessava as janelas quando acordei na manhã seguinte. Alguém esmurrava a porta, girando a maçaneta, na tentativa de entrar. Eu a trancara depois da cena com David na noite anterior. Para o caso de ele se sentir tentado a voltar para trocar mais uns *rounds* de insultos comigo. Levei horas para conseguir dormir por causa da música reverberando no chão e das minhas emoções descontroladas. Mas, no fim, a exaustão levou a melhor.

– Evelyn! Oooii! – uma voz feminina gritou no corredor – Você está aí?

Engatinhei em cima da cama gigantesca, puxando a bainha da camiseta de David. O que quer que ele tivesse usado em Vegas, ela não fedia a vômito. O homem tinha habilidades na lavanderia. Ainda bem para mim, pois, a não ser pelo vestido sujo da festa e um punhado de blusas, eu não tinha mais nada para vestir.

– Quem é? – perguntei, bocejando sonoramente.

– Martha. Sou a assistente pessoal de David.

Entreabri a porta e espiei para fora. A morena elegante da noite anterior me encarou, nem um pouco impressionada, por ter ficado esperando ou por conta do meu cabelo desgrenhado, fiquei sem saber. Será que todos naquela casa tinham a aparência saída da capa da Vogue? Os olhos dela se estreitaram ao ver a camiseta de David.

– Os representantes legais dele estão aqui para vê-la. Talvez você queira mexer o seu traseiro logo. – A mulher girou sobre os calcanhares e se afastou pelo corredor, os saltos batendo furiosamente no piso de terracota.

– Obrigada.

Ela fez que não me ouviu, mas eu não esperava mesmo que o fizesse. Aquela parte de L.A. obviamente era uma colônia de cretinos mal-educados. Apressei-me no chuveiro, vesti os jeans e uma camiseta limpa. Era o melhor que podia fazer.

A casa estava silenciosa enquanto eu percorria o corredor. Não havia sinal de

vida no segundo andar. Eu aplicara um pouco de rímel, prendera o cabelo num rabo de cavalo, mas só. Ou fazia as pessoas esperarem ou ia sem maquiagem. Os bons modos venceram. No entanto, se café estivesse em jogo, eu teria deixado os representantes legais de David esperando por, pelo menos, duas xícaras. Funcionar com cafeína zero no sistema parecia suicídio, dadas as circunstâncias. Apressei-me escada abaixo.

– Senhorita Thomas – um homem me chamou, saindo de uma sala à esquerda, vestindo jeans e camiseta polo. No pescoço, ele trazia uma grossa corrente de ouro. Quem era ele? Mais um do séquito de David?

– Lamento, estou atrasada.

– Está tudo bem. – Ele sorriu, mas não consegui confiar nele apesar dos grandes dentes brancos. Estava claro que a natureza não era responsável nem pelo sorriso, tampouco pelo bronzeado. – Sou Adrian.

– Ev. Olá.

Ele me levou para dentro da sala. Três homens de terno estavam sentados, à espera, atrás de uma impressionante longa mesa de jantar. Acima dela, outro candelabro de cristal refletia a luz da manhã. Nas paredes, estavam lindos quadros coloridos. Originais, é claro.

– Senhores, esta é a senhorita Thomas – anunciou Adrian – Scott Baker, Bill Preston e Ted Vaughan são os representantes legais de David. Por que não se senta aqui, Ev?

Adrian falava devagar, como se eu fosse uma criança tola. Puxou uma cadeira para mim, de frente para o bando de águias legais, depois deu a volta e se sentou ao lado deles. Uau, isso por certo deixou as coisas bem claras. Os limites foram estabelecidos.

Esfreguei as palmas suadas nas laterais dos jeans e endireitei a coluna, fazendo de tudo para não me encolher sob os olhares hostis. Eu conseguiria superar aquilo. Afinal, obter um divórcio não devia ser muito difícil, não?

– Senhorita Thomas! – aquele que Adrian identificou como Ted começou. Empurrou uma pasta de couro cheia de papéis na minha direção – O senhor Ferris nos pediu que redigíssemos os papéis da anulação. Eles cobrem todo tipo de questão, inclusive os detalhes do acordo por parte do senhor Ferris.

O tamanho da pilha de papéis diante de mim era intimidador. Aquelas pessoas trabalhavam rápido.

– Acordo?

– Sim – confirmou Ted – Tenha certeza de que o senhor Ferris foi muito generoso.

Balancei a cabeça, sentindo-me confusa.

– Desculpe. O qu…

– Falaremos disso no fim – apressou-se Ted – Notará aqui que os documentos cobrem todas as condições que a senhorita terá de cumprir. Os pontos principais referem-se a não poder falar com qualquer membro da imprensa a respeito deste assunto. Sinto muito, mas isso é inegociável. Essa condição valerá até a sua morte. Entende completamente essa imposição, senhorita Thomas? Em nenhuma circunstância poderá falar com qualquer membro da imprensa no que se refere ao senhor Ferris enquanto estiver viva.

– Então, posso falar depois de morta? – perguntei com um sorrisinho fraco. Ted estava me dando nos nervos. Acho que, no fim, não dormi o suficiente.

Ted me mostrou os dentes. Não eram tão impressionantes quanto os de Adrian.

– Este é um assunto muito sério, senhorita Thomas.

– Ev – corrigi-o – Meu nome é Ev e entendo a seriedade do assunto, Ted. Desculpe pela irreverência. Mas se pudermos voltar para aquela parte do acordo? Estou um tanto confusa.

– Muito bem. – Ted olhou para mim com o nariz empinado e bateu a ponta da caneta de ouro na papelada diante de mim. – Como já disse, o senhor Ferris foi muito generoso.

– Não – disse eu, olhando para os papéis – Você não entende.

Ted pigarreou e olhou para mim por sobre os óculos.

– Dadas as circunstâncias, não seria prudente da sua parte tentar pressionar para obter mais, senhorita Thomas. Um casamento de seis horas em Las Vegas contraído enquanto ambos estavam sob o efeito de álcool? A jurisprudência tem bases para uma anulação.

Os coleguinhas de Ted deram uma risadinha, e eu senti meu rosto arder. Minha necessidade de, acidentalmente, chutar o cretino por debaixo da mesa aumentou de maneira considerável.

– Meu cliente não fará outra oferta.

– Não quero que ele faça outra oferta – disse eu, com a voz se elevando.

– A anulação terá continuidade, senhorita Thomas – disse Ted – Não há dúvidas quanto a isso. Não haverá uma reconciliação.

– Não, não foi isso o que quis dizer.

Ted suspirou.

– Precisamos finalizar isto ainda hoje, senhorita Thomas.

– Não estou tentando postergar nada, Ted.

Os outros dois advogados me fitavam com desprezo, apoiando Ted com olhares astutos e intencionais. Nada me irritava com mais rapidez do que um bando de pessoas tentando intimidar outra pessoa. Valentões transformaram minha vida escolar num inferno. E, de fato, era isso o que aquelas pessoas eram.

Adrian me lançou um sorriso falso de irmão mais velho, cheio de dentes.

– Tenho certeza de que Ev entende o quanto David está sendo generoso. Não haverá nenhuma delonga aqui, não é mesmo?

Essas pessoas me tiravam do sério. E, falando nele, fiquei me perguntando onde estaria meu querido esposo. Ocupado demais passando o tempo com modelos de biquíni para aparecer no próprio divórcio, pobrezinho. Afastei a franja, tentando encontrar a coisa certa a dizer. Tentando controlar a raiva.

– Espere…

– Nós apenas queremos o que é melhor para você, dadas as circunstâncias – prosseguiu Adrian, mentindo descaradamente.

– Ótimo – disse eu, remexendo os dedos debaixo da mesa – Isso é… admirável da parte de vocês.

– Por favor, senhorita Thomas. – Ted bateu a caneta no papel ao lado de um número que acabei olhando, mesmo sem querer olhar. Havia muitos zeros ali. Quero dizer, muitos mesmo. Aquilo era insano. Em duas vidas, eu não conseguiria ganhar aquele montante de dinheiro. David devia querer que eu desaparecesse mesmo. Meu estômago se revirou, mas meus dias de vomitar já tinham se esgotado. A cena toda me parecia horrenda, como que saída de algum filme B ou novela. Garota do lado errado da cidade atrai garoto rico e sensual e o fisga num casamento. Agora, só o que faltava era ele usar o seu pessoal para me perseguir até o pôr do sol.

Bem, ele venceu.

– Isso tudo foi apenas um engano – disse Adrian – Estou certo de que Ev está tão ansiosa quanto David em deixar esse assunto para trás. E, com esse acordo financeiro generoso, ela pode seguir em frente e ter um futuro brilhante.

– Também não poderá tentar entrar em contato com o senhor Ferris novamente, de qualquer maneira. Qualquer tentativa da sua parte resultará numa quebra de contrato. – Ted pegou a caneta e se recostou na cadeira com um sorriso falso e as mãos cruzadas sobre a barriga. – Está claro?

– Não – disse eu, esfregando o rosto com as mãos. Eles achavam mesmo que eu cairia em cima daquele dinheiro. Dinheiro que não fiz nada para ganhar, não importando o quanto fosse tentador aceitá-lo. Claro, eles também pensavam que eu me venderia para a imprensa e perseguiria David em todos os meus momentos livres pelo resto da vida. Eles acreditavam que eu era desprezível, a escória, a ralé.

– Ev, por favor. – Adrian me lançou um olhar desapontado. – Sejamos razoáveis.

– Vou dizer uma coisa… – Fiquei de pé e peguei a aliança de dentro do bolso dos jeans, jogando-o em cima da papelada. – Devolvam isto para David e digam

a ele que não quero nada disto. Nada *disto*. – Gesticulei para eles, para a mesa, os papéis, e a maldita casa inteira.

Os advogados se entreolharam nervosos, como se precisassem de mais papéis antes de permitir que eu gesticulasse de maneira tão desordeira.

– Ev…

– Não quero vender a história dele, ou persegui-lo, ou o que quer que tenham enterrado na subcláusula 98.2. *Não quero* o dinheiro dele.

Adrian deu uma tossidela. Ao inferno com ele. O bastardo dissimulado podia pensar o que bem quisesse.

Ted franziu o cenho ante o anel gigantesco e reluzente, que inocentemente jazia sobre aquela confusão.

– O senhor Ferris não mencionou nenhum anel.

– Não? Muito bem. Por que não diz ao *senhor Ferris* que ele pode enfiá-lo onde achar melhor, Ted?

– Senhorita Thomas! – Ted se ergueu, o rosto bufando de ultraje. – Isso é desnecessário.

– Vou ter que discordar de você, Ted. – Saí em disparada da sala de jantar da morte e fui direto para a porta, na maior velocidade que meus pés me carregavam. Uma fuga imediata era a única solução. Se, ao menos, eu conseguisse sair dali só o tempo suficiente para recuperar o fôlego, pensaria num outro plano para lidar com aquela situação ridícula. Eu ficaria bem.

Um Jeep preto novinho se aproximou enquanto descia as escadas da frente.

O vidro da janela se abaixou, revelando o meu guia da noite anterior, Mal, sentado atrás do volante. Ele lançou um sorriso afetado por detrás dos óculos escuros.

– Olá, noiva criança.

Mostrei o dedo médio e comecei a correr pela longa passagem de carros na direção dos portões. Na direção da liberdade e da minha antiga vida, ou o que quer que tivesse restado dela. Se, pelo menos, eu nunca tivesse ido para Vegas. Se tivesse tentado convencer Lauren com mais convicção de que uma festa em casa seria o suficiente, nada disso teria acontecido. Deus, como eu era idiota. Por que tive que beber tanto?

– Ev. Espere. – Mal estacionou o Jeep. – O que houve? Para onde vai?

Não respondi. Estava farta de todos eles. Isso, e eu tinha a terrível sensação de que estava prestes a chorar, maldição. Sentia os olhos arderem.

– Pare. – Ele puxou o freio de mão e saiu do Jeep, correndo na minha direção. – Ei, desculpe.

Eu não disse nada. Não tinha nada a dizer para nenhum deles.

A mão dele segurou meu braço com gentileza, mas não liguei. Virei com tudo

para ele. Nunca bati em ninguém na vida. E, pelo visto, não começaria agora. Ele se desviou do meu punho com facilidade.

– Opa! Ok… – Mal recuou um passo, olhando-me com cautela por sobre os óculos. – Você está brava. Já entendi.

Com as mãos no quadril, ele olhou na direção da casa. Ted e Adrian estavam no alto da escadaria, encarando-nos. Mesmo daquela distância, o dueto dinâmico não parecia muito contente. Bastardos do mal.

Mal sibilou baixinho.

– Só pode estar de brincadeira. Ele atirou o puxa-saco do Ted para cima de você?

Assenti, piscando, tentando me controlar.

– Alguém estava com você? – perguntou.

– Não.

Ele inclinou a cabeça.

– Você vai chorar?

– Não!

– Caramba. Vem. – Ele estendeu a mão para mim, e eu o encarei com descrença. – Ev, pense. Tem um monte de fotógrafos esperando na rua. Mesmo se conseguir passar por eles, para onde você vai?

Ele tinha razão. Eu tinha que voltar, pegar minha bolsa. Que idiotice a minha não ter pensado nisso. Assim que conseguisse me controlar, entraria na casa de novo para pegá-la, depois sairia correndo dali. Abanei o rosto com as mãos, inspirei fundo. Tudo bem.

Nesse meio-tempo, a mão dele continuou suspensa, à espera. Havia algumas bolhas nela, bem na junta entre o polegar e o indicador. Curioso.

– Você é o baterista? – perguntei com uma fungada.

Por algum motivo, isso o fez gargalhar, quase se dobrando ao meio, apertando a barriga. Talvez ele estivesse drogado ou algo assim. Ou talvez fosse apenas mais um lunático daquele hospício gigantesco. Batman teria muita dificuldade para manter aquele lugar em ordem.

– Qual é o seu problema? – perguntando, recuando um passo. Só para garantir.

Os óculos escuros modernos caíram, batendo no asfalto. Ele os apanhou e voltou a colocá-los.

– Nada. Nada mesmo. Vamos sair daqui. Tenho uma casa na praia. Vamos nos esconder lá. Vem, vai ser divertido.

Hesitei, lançando um olhar letal para os desgraçados na escada.

– Por que quer me ajudar?

– Porque você vale a pena.

– É mesmo? E por que acha isso?

– Você não vai gostar da minha resposta.

– Não gostei de nenhuma resposta desta manhã, então, por que parar agora?

Ele sorriu.

– Muito justo. Sou o amigo mais antigo de David. Nos embebedamos e nos descontrolamos mais vezes do que consigo me lembrar. Ele sempre teve garotas querendo encurralá-lo, mesmo antes de ter dinheiro. Ele nunca mostrou o mínimo interesse em se casar. Isso nunca esteve no radar dele antes. Por isso, o fato de ele ter se casado com você, bem, isso sugere que vale a pena te ajudar. Vamos, Ev. Pare de se preocupar.

Fácil para ele dizer, a vida dele não foi virada de ponta-cabeça por uma estrela do rock.

– Preciso pegar as minhas coisas.

– E ser encurralada por eles? Preocupe-se com isso mais tarde. – Ele esticou a mão, me chamando com os dedos. – Vamos sair daqui.

Pousei minha mão na dele e fomos embora.

CAPÍTULO 6

– Espera aí, quer dizer que essa música não tem a ver com o cachorro dele estar morrendo ou algo assim?

– Você não é engraçado. – eu ri.

– Sou, sim. – Mal riu silenciosamente na outra ponta do sofá enquanto Tim McGraw bradava sobre seu tipo preferido de chuva na TV de tela plana que tomava conta da parede oposta. – Por que todos eles usam chapéus tão grandes, hein? Eu tenho uma teoria…

– Quieto.

O modo como aquelas pessoas viviam me atordoava. Mal, apelido de Malcolm, morava numa casa na praia que era basicamente três andares de estrutura de vidro e metal. Era incrível. Não era suntuosamente enorme como a mansão nas colinas, mas inspiradora mesmo assim. Meu pai teria ficado extasiado com seu minimalismo, pela simplicidade das linhas e tal. Eu só apreciava o fato de ter um amigo numa hora de necessidade.

A casa de Mal era obviamente um covil-barra-toca da perversidade de um solteiro. Tive a vaga intenção de preparar o almoço como agradecimento por ele me receber, mas não havia nenhuma migalha de comida na casa. Cerveja enchia a geladeira, e vodca, o freezer. Ah, não, também havia um saco de laranjas usadas como cunhas para acompanhar as doses de vodca, ao que tudo levava a crer. Ele me proibiu de tocar nelas. No entanto, sua cafeteira de última geração balanceou as coisas. Ele também tinha decentes grãos de café. Deixei-o de queixo caído com alguns dos meus movimentos de barista. Depois de tomar três xícaras de café em apenas uma hora, voltei a me sentir mais como a velha garota cafeinada e comum de sempre.

Mal pediu pizza e ficamos assistindo TV até altas horas. Na maior parte do tempo, ele se divertiu caçoando das minhas preferências em basicamente tudo: filmes, música e assim por diante. Pelo menos ele fez isso de maneira benevolente. Não pudemos ir à praia porque havia alguns fotógrafos à espreita.

Me senti meio culpada, mas ele fez pouco caso.

– E que tal esta música? – perguntou ele – Gosta dela?

Miranda Lambert apareceu na tela com um vestido estilo anos 1950 bem legal, e eu sorri.

– Miranda é demais.

– Eu a conheci.

Eu me endireitei no sofá.

– Sério?

Mais risadas da parte de Mal.

– Você se impressionou por eu ter conhecido Miranda Lambert, mas nem sabia quem eu era. Caramba, garota, assim você destrói o meu ego.

– Eu vi os discos de ouro e de platina no corredor, meu chapa. Acho que você aguenta.

Ele bufou.

– Sabe, você me lembra meu irmão. – Eu quase consegui me desviar da tampinha de garrafa que ele jogou em mim. Ela quicou na minha testa. – Ei, por que isso?

– Não pode, pelo menos, fingir que me idolatra?

– Não. Lamento.

Com completo desrespeito pelo meu amor a Lambert, Mal começou a zapear pelos canais. Compras, futebol, *E o vento levou…* e eu. Eu na TV.

– Espera… – disse eu.

Ele gemeu.

– Não é uma boa ideia.

Primeiro, fotos da escola, seguidas de uma minha com Lauren no baile de formatura. Eles até tinham um repórter do outro lado da rua da loja da Ruby, discorrendo sobre minha vida antes de ela ser elevada ao status sagrado de esposa de David. E depois o próprio homem, numa filmagem de algum concerto, guitarra na mão enquanto cantava no vocal de apoio. A letra era a típica minha garota é má: “Ela é a garota da minha vida, me faz cair de joelhos…”. Fiquei pensando se ele escreveria canções a meu respeito. Se escrevesse, eram grandes as chances de não serem nem um pouco elogiosas.

– Caramba. – Abracei uma almofada do sofá bem apertada contra o peito.

Mal se inclinou e afofou meu cabelo.

– David é o predileto, querida. Ele é bonito, toca guitarra e escreve as canções. As garotas desmaiam quando ele passa. Junte isso ao fato de você ser uma criança e, pronto, temos a notícia da semana.

– Tenho vinte e um.

– E ele vinte e seis. A diferença é grande o bastante se eles derem a notícia do

jeito certo. – Mal suspirou – Veja bem, noiva criança, você se casou em Vegas diante de um ator fantasiado de Elvis com um dos filhos prediletos do rock. Isso só podia provocar uma tempestade. Além disso, muita coisa vinha acontecendo com a banda… Jimmy festejando como se fosse 1999 e David sem inspiração para compor. Bem, você entende… Mas, na semana que vem, outra pessoa vai aprontar alguma e a atenção vai se desviar.

– Acho que sim.

– E eu sei disso. As pessoas estão sempre se metendo em confusão. Isso é magnífico. – Ele se recostou com as mãos atrás da cabeça. – Vamos lá, dê um sorriso para o bom e velho tio Mal. Eu sei que você quer.

Sorri forçadamente.

– Esse é um sorriso de merda e estou com vergonha de você. Não vai enganar ninguém com isso aí. Tente novamente.

Tentei com mais vontade, sorrindo até as bochechas doerem.

– Puxa, agora só parece que você está sofrendo.

Batidas na porta interromperam a nossa diversão.

Mal ergueu uma sobrancelha na minha direção.

– Fiquei me perguntando quanto tempo ele levaria.

– O que foi? – Segui-o até a porta da entrada, escondendo-me atrás de uma divisória, para o caso de ser a imprensa.

Ele abriu a porta e David avançou, com o rosto contraído e furioso.

– Seu merdinha. É melhor não ter tocado nela. Onde ela está?

– A noiva criança está ocupada no momento. – Mal inclinou a cabeça, enfrentando David com um olhar tranquilo. – Mas que porra te interessa?

– Nem comece. Onde ela está?

Lentamente, Mal fechou a porta, sem olhar para o amigo. Hesitei, ficando parada. Ok, eu me escondi covardemente. Tanto faz.

Mal cruzou os braços.

– Você deixou que ela enfrentasse sozinha Adrian e três advogados. Você, meu amigo, sem dúvida é o merdinha deste cenário em especial.

– Eu não sabia que Adrian iria para cima dela com tudo isso.

– Você não queria saber – replicou Mal – Minta para quem quiser, Dave, mas não para mim. E, por certo, não para si mesmo.

– Nem vem.

– Você está precisando de alguns conselhos, amigo.

– E quem é você, Oprah?

Tossindo alto, Mal se deixou cair contra uma parede.

– Ah, é, isso mesmo. Fique por perto que logo começo a distribuir carros.

– O que ela disse?

– A Oprah?

David só o encarou feio. Ele sequer percebeu que eu espiava. Era triste admitir, mas mesmo zangado, David era de uma rara beleza. Ele provocava coisas em mim. Coisas complicadas. Meu coração saltava no peito. A raiva e a emoção na voz dele não podiam ser preocupação comigo. Isso não fazia sentido, não depois da noite anterior e desta manhã. Eu devia estar projetando isso e era uma droga eu querer que ele se importasse. Minha cabeça estava confusa. Afastar-me desse cara era a opção mais segura de todas.

– Dave, ela estava tão brava que tentou bater em mim.

– Até parece.

– Não estou inventando. Ela estava quase chorando quando a encontrei – disse Mal.

Bati a testa na parede numa agonia silenciosa. Por que diabos Mal teve que contar aquilo?

Meu marido deixou a cabeça pender.

– Não tive essa intenção.

– Ao que parece, você não teve intenção de muitas coisas. – Mal balançou a cabeça e estalou a língua num som de decepção. – Cara, você ao menos quis se casar com ela? De verdade?

O rosto de David se crispou, a testa voltando a personificar a de James Dean.

– Eu nem sei mais, ok? Droga. Fui para Vegas porque estava cansado de toda esta merda e a conheci. Ela era diferente. Pareceu diferente naquela noite. Eu só… queria algo fora de toda esta idiotice, para variar.

– Pobre Davey. Ser uma estrela do rock perdeu a graça?

– Onde ela está?

– Sinto o seu sofrimento, cara. Sinto mesmo. Quero dizer, você só queria uma garota que não ficasse te bajulando, para variar, e agora está bravo com ela por esse mesmo motivo. É bem complicado, não é?

– Vai se foder. Para com isso, Mal. Já está feito. – Meu marido exalou fundo. – Não importa, foi ela quem quis o maldito divórcio. Por que você não está passando um sermão nela, hein?

Com um suspiro dramático, Mal abriu os braços.

– Porque ela está muito ocupada se escondendo ali atrás, ouvindo tudo. Não posso atrapalhá-la no momento.

O corpo de David ficou imóvel e seus olhos azuis me descobriram.

– Evelyn.

Puxa. Apanhada em flagrante.

Saí de trás da parede e tentei fazer cara de alegre. Não deu certo.

– Oi.

– Ela diz isso tão bem… – Mal se virou para mim e piscou. – Então, é verdade que você pediu o divórcio ao Todo-Poderoso David?

– Ela vomitou em mim quando contei que tínhamos nos casado. – meu marido relatou.

– O quê? – Mal disparou a rir, as lágrimas escorrendo pelo rosto. – Tá falando sério? Puta que o pariu, isso é fantástico! Ah, cara, como eu queria ter estado lá.

Lancei em David o que eu esperava que fosse o olhar mais malvado de todos os tempos. Ele me encarou de volta, imperturbável.

– Foi no chão – esclareci – Não vomitei *nele*.

– Naquela hora – disse David.

– Por favor, continuem – pediu Mal, gargalhando ainda mais – Isto está ficando cada vez melhor.

David não continuou. Graças a Deus.

– Sério, eu amo a sua mulher, cara. Ela é demais. Posso ficar com ela?

O olhar que David me lançou revelava uma afeição muito mais relutante. Com aquela ruga entre as sobrancelhas, mais se parecia com irritação absoluta. Soprei um beijo na direção dele. Ele desviou o olhar, os punhos cerrados como se estivesse se controlando para não me esganar. O sentimento era totalmente mútuo.

Ah, a felicidade conjugal…

– Vocês dois são demais. – O som de uma campainha tocou dentro do bolso de Mal, que pegou o celular. O que quer que ele tivesse visto na tela o fez parar de rir de imediato. – Sabe, Dave, acho que você deveria levá-la para a sua casa.

– Não acho que seja uma boa ideia. – A boca de David se estendeu numa expressão de dor profunda.

Eu também não pensava que fosse uma boa ideia. Eu ficaria muito contente em nunca mais colocar os pés na casa dos horrores. Talvez, se eu pedisse a Mal com muito jeitinho, ele pegaria as minhas coisas para mim. Impor a minha presença por mais tempo não me parecia certo, mas eu não tinha muitas opções.

– Uau. – Com o rosto sério, Mal empurrou o celular para David.

– Droga – murmurou David, apertando a nuca com a mão. O olhar preocupado que me lançou sob as sobrancelhas escuras fez todos os alarmes do meu cérebro tocarem. O que quer que houvesse naquela tela, era algo ruim.

Muito ruim.

– O que foi? – perguntei.

– Ah, hum… Você não tem que se preocupar. – Seu olhar recaiu no celular mais uma vez antes de devolvê-lo a Mal. – Acho que, na verdade, vai ser bom levá-la para casa. Vamos fazer isso. Legal. Tudo bem.

– Não. – Para David ficar tão legal comigo tinha que ser alguma coisa muito

ruim mesmo. Estiquei a mão, remexendo os dedos, de impaciência ou nervosismo, ou ambos. – Quero ver.

Depois de um aceno relutante da parte de David, Mal me passou o aparelho.

Não havia dúvidas do que se tratava, mesmo na tela pequena. Havia muita pele em razão de eu estar nua da cintura para baixo. Meu traseiro pelado estava bem no meio com toda a sua gloriosa palidez. Deus, ele parecia imenso. Será que usaram uma lente ampla ou algo assim? O vestido estava erguido e eu estava de pé, reclinada sobre uma mesa enquanto um tatuador trabalhava no meu traseiro. A calcinha estava abaixada, cobrindo apenas o essencial. Merda. Que posição comprometedora. Fazer parte de uma foto pornográfica definitivamente não estava nos meus planos.

Na outra ponta da foto, nossos rostos estavam próximos, e David sorria. Puxa. Então era assim que ele ficava quando sorria.

Foi então que lembrei, o zunido da agulha, e ele falando comigo, segurando minhas mãos. No começo a agulhada doeu.

– Você estava fingindo que mordia os meus dedos. O tatuador ficou bravo com a gente porque estávamos brincando.

David ergueu o queixo.

– É. Era para você ficar quieta.

Assenti, tentando me lembrar de mais coisas, mas sem resultado.

Pessoas veriam aquela foto. Pessoas viram aquela foto. Pessoas que eu conhecia e desconhecidos. Todos e qualquer um. Senti a cabeça girar como no dia da foto. Só que, desta vez, a culpa não era do álcool.

– Como conseguiram isto? – perguntei, com a voz trêmula e o coração nos pés. Ou talvez só isso tivesse restado da minha dignidade esfarrapada.

David me lançou um olhar triste.

– Não sei. Estávamos numa sala particular. Isso jamais deveria ter acontecido, mas as pessoas recebem ofertas de muito dinheiro por esse tipo de coisa.

Assenti e devolvi o celular a Mal. Minha mão tremia.

– Muito bem. Hum…

Os dois só ficaram olhando para mim, com os rostos tensos, esperando que eu me desfizesse em lágrimas ou algo assim. Nada aconteceu.

– Tudo bem – disse eu, esforçando-me ao máximo para acreditar nisso.

– Claro – disse Mal.

David enfiou as mãos nos bolsos.

– A foto nem está muito clara.

– Não, não mesmo – concordei. A piedade no olhar dele foi mais do que eu poderia aguentar – Com licença um minuto, sim?

Felizmente, o banheiro mais próximo estava a uma corrida rápida de distância.

Tranquei a porta e me sentei na beirada da Jacuzzi, tentando controlar a respiração, procurando me acalmar. Não havia nada que eu pudesse fazer. A foto já estava disponível para quem quisesse ver. Aquilo não era nenhuma morte, nem desmembramento. Era uma foto idiota minha numa posição comprometedora, na qual eu mostrava mais pele do que gostaria, mas e daí? Grande coisa. Aceitar e seguir em frente. Coisas piores aconteceram na história da humanidade. Eu só precisava colocar as coisas em perspectiva e ficar calma.

– Ev? – David bateu de leve na porta. – Você está bem?

– Sim. – Não. Na verdade, não.

– Posso entrar?

Olhei, sofrendo, para a porta.

– Por favor…

Devagar, levantei e a destranquei. David entrou e fechou a porta atrás de si. Sem rabo de cavalo hoje. O cabelo escuro estava solto, emoldurando o rosto. Ele tinha três brincos pequenos em uma orelha, brincando de esconde-esconde atrás do cabelo. Fiquei olhando para eles porque me deparar com seus olhos estava fora de questão. Eu não iria chorar. Não por causa daquilo. Que diabos havia de errado com os meus olhos nos últimos tempos? Deixá-lo entrar fora uma idiotice.

Com o cenho franzido, ele olhou para mim.

– Desculpe.

– Não foi culpa sua.

– Foi, sim. Eu deveria ter cuidado melhor de você.

– Não, David. – engoli com força – Nós dois estávamos bêbados. Deus, isso tudo é uma estupidez tão horrível e embaraçosa.

Ele só ficou olhando para mim.

– Desculpe.

– Ei, você tem motivos para ficar chateada. Era um momento particular. Não devia ter sido publicado.

– Não – concordei – Eu… Sabe, acho que quero ficar sozinha um pouquinho.

Ele emitiu um grunhido e, subitamente, me envolveu nos braços, puxando-me para perto dele. Ele me pegou desprevenida e eu cambaleei, o nariz batendo no peito dele. Doeu. Mas o cheiro dele era muito bom. De limpeza, másculo e gostoso. Conhecido. Uma parte minha se lembrava de ter estado perto assim dele e isso era reconfortante. Algo em minha mente dizia “segurança”. Mas eu não lembrava nem como, nem por quê.

Uma mão se moveu pelas minhas costas.

– Sinto muito – disse ele – Como eu sinto…

A gentileza dele foi demais. Lágrimas idiotas surgiram.

– Eu quase nunca mostrei minha bunda antes e agora ela está na internet.

– Eu sei, gata.

Ele apoiou a cabeça na minha, segurando-me firme enquanto eu ensopava a camiseta dele. Ter alguém me abraçando ajudou. Tudo ficaria bem. Bem no fundo eu sabia disso. Mas, naquele instante, eu não conseguia visualizar muito bem o que aconteceria. Ficar ali em seus braços pareceu o certo.

Não sei quando começamos a balançar. David me ninou com suavidade de um lado para o outro como se estivéssemos dançando uma música lenta. A tentação esmagadora de ficar ali, com o rosto pressionado na camiseta dele, foi que me fez recuar um passo, controlando-me. As mãos dele ficaram pousadas de leve no meu quadril, a conexão ainda não rompida.

– Obrigada! – eu disse.

– Tudo bem. – A frente da camiseta dele estava molhada, graças a mim.

– Sua camiseta está toda molhada.

Ele deu de ombros.

Eu chorava feio. Esse era um dom meu. E o espelho confirmou: olhos de demônio e bochechas rosadas incandescentes. Com um sorriso desconcertado, recuei um passo, e as mãos dele penderam na lateral do corpo. Joguei um pouco de água no rosto e sequei com uma toalha enquanto ele continuava ali, com a testa enrugada.

– Vamos sair de carro – disse ele.

– Como é? – Lancei um olhar duvidoso. David e eu sozinhos? Dado o evento do casamento e nossos encontros sóbrios posteriores, esse não parecia um plano muito brilhante.

– Isso aí. – Ele esfregou as mãos, ficando entusiasmado. – Só você e eu. Vamos sair daqui por um tempo.

– David, como você mesmo disse antes, não acho que essa seja uma boa ideia.

– Quer ficar em L.A.? – ele caçoou.

– Olha só, você foi muito gentil desde que passou por aquela porta. Bem, a não ser pela parte em que contou para Mal sobre eu ter vomitado em você. Mas nas vinte e quatro horas anteriores, você me largou sozinha num quarto, saiu com uma fã, me acusou de tentar fazer sexo com seu irmão e soltou seu bando de advogados em cima de mim.

Ele não disse nada.

– Não que você sair com uma fã seja da minha conta. Claro.

Ele virou de costas e andou até a outra ponta do banheiro, os movimentos contidos, zangados. Apesar de ser umas cinco vezes maior do que o banheiro da minha casa, aquele ali ainda não dispunha de tanto espaço para aquele tipo de performance. E ele estava entre mim e a porta. Subitamente, sair dali me parecia

uma boa decisão.

– Eu só pedi que eles cuidassem da papelada – disse ele.

– E foi o que eles fizeram. – Coloquei as mãos no quadril, fincando os pés. – Não quero o seu dinheiro.

– Foi o que ouvi. – O rosto dele estava impassível. Minha declaração não provocou nem a descrença nem a zombaria que provocara nos valentões de terno. Sorte dele. Duvido que ele acreditasse em mim, mas, pelo menos, estava disposto a fingir. – Eles estão redigindo outros papéis.

– Que bom. – Encarei-o. – Você não tem que me pagar. Não faça suposições desse tipo. Se quiser saber alguma coisa, pergunte. E eu nunca venderia esta história para a imprensa. Jamais faria algo assim.

– Ok. – Ele se recostou na parede, apoiando a cabeça e olhando para o vazio. – Desculpe – disse para o teto. Tenho certeza de que o gesso ficou muito agradecido.

Quando não respondi, o olhar dele acabou encontrando o meu. Tinha que ser errado, ou pelo menos imoral, ser tão bonito. Pessoas normais não tinham a mínima chance. Meu coração mergulhava toda vez que eu olhava para ele. Não, mergulhar não descrevia muito bem a situação. Ele despencava.

Onde estava Lauren para me dizer que eu estava sendo melodramática quando eu mais precisava?

– Sinto muito, Ev – repetiu – Sei que as últimas vinte e quatro horas foram um desastre. Minha oferta de sair daqui por um tempo foi meu modo de tentar melhorar a situação.

– Obrigada – disse eu – E também por vir até aqui para ver como eu estava.

– Sem problemas. – Ele me encarou, com olhos desprotegidos para variar. E a honestidade em seu olhar mudou as coisas para mim, a breve centelha de algo mais. Tristeza ou solidão, não sei. Um tipo de exaustão que esteve ali e desapareceu antes que eu pudesse compreender. Mas que deixou sua marca. Havia muito mais naquele homem do que um belo rosto e um nome famoso. Eu precisava me lembrar disso e não fazer mais suposições.

– Você quer mesmo ir? – perguntei – De verdade?

Seus olhos brilharam de contentamento.

– Por que não?

Sorri com cautela.

– Podemos conversar sobre o que precisamos, só você e eu. Só preciso dar uns telefonemas e depois podemos ir, ok?

– Obrigada. Eu gostaria disso.

Com um aceno de despedida, ele abriu a porta e saiu. Ele e Mal falaram baixinho a respeito de alguma coisa na sala de estar. Aproveitei a oportunidade

para lavar novamente o rosto e pentear os cabelos com os dedos. Chegara a hora de assumir o comando. Na verdade, já passara da hora. O que eu estava fazendo, indo de um desastre para o seguinte? Essa não era eu. Eu gostava de estar no controle, de ter um plano. Era hora de parar de me preocupar com o que eu não podia mudar e agir naquilo que podia. Tinha algum dinheiro guardado. Um dia desses, meu pobre carrinho morreria e eu vinha planejando. Porque, quando o inverno chegasse, e ficasse frio, cinzento e úmido, andar não seria legal. Pensar em usar minhas economias não me enchia de alegria, mas era um tipo de emergência.

Os advogados de David redigiriam os papéis, menos a parte do dinheiro, e eu os assinaria. Não havia por que me preocupar com essa parte. Contudo, esconder-me da opinião pública por algumas semanas estava dentro das minhas capacidades. Eu só precisava parar e pensar para variar, em vez de simplesmente reagir. Eu era uma garota crescida e poderia cuidar de mim mesma. Chegara a hora de provar isso. Eu sairia com ele, discutiríamos o básico, e eu seguiria em frente, primeiro numas férias secretas, depois voltando à minha vida muito bem organizada e ordenada, desprovida de intervenções de estrelas do rock.

Isso.

– Me dê as chaves do seu Jeep – disse David, encurralando Mal na sala.

Mal fez uma careta.

– Eu estava brincando quando disse que distribuiria carros.

– Vamos lá. Pare de reclamar. Eu vim de moto e não tenho um capacete para ela.

– Tá bom. – Com uma expressão azeda, Mal deixou cair as chaves do carro na mão esticada de David. – Mas só porque gosto da sua mulher. Nem um arranhão, entendeu?

– Tá, tá. – David se virou e me viu. A sombra de um sorriso curvou seus lábios.

A não ser por aquela primeira vez no chão do banheiro, eu nunca o vira sorrindo, nem mesmo chegar perto de sorrir. Aquele leve indício de um sorriso me deixou leve por dentro. Meus joelhos ficaram moles. Isso não podia ser normal. Eu não deveria estar me sentindo animada e feliz só porque ele estava. Não poderia me permitir sentir nada por ele. Não se quisesse sair daquilo num pedaço só.

– Obrigada por me aguentar hoje, Mal – agradeci.

– O prazer foi todo meu – disse ele com fala arrastada – Tem certeza de que quer ir com ele, noiva criança? O retardado te fez chorar. Eu te faço rir.

O sorriso de David desapareceu e ele andou na minha direção. A mão dele pousou de leve nas minhas costas, aquecendo a pele apesar da camada de roupa.

– Vamos embora daqui.
Mal deu um sorriso e piscou para mim.
– Para onde vamos? – perguntei a David.
– Isso importa? Vamos só sair dirigindo por aí.

CAPÍTULO 7

Endireitei o pescoço. A dor me trespassou enquanto eu me ajeitava com lentidão e piscava para afastar o sono. Esfreguei os músculos doloridos, tentando relaxá-los.

– Ai.

David tirou uma mão do volante e a esticou, massageando meu pescoço com os dedos fortes.

– Você está bem?

– Estou. Devo ter dormido torta. – Endireitei-me no banco, checando os arredores, tentando não me deleitar muito com a massagem. Porque ele era bom demais com as mãos. O senhor Dedos Mágicos submeteu meus músculos a um tipo de normalidade com aparente pouco esforço. Não dava para resistir. Impossível. Então, em vez de tentar, deixei escapar um gemido e permiti que ele prosseguisse.

Estar meio dormindo era minha única desculpa.

O sol estava começando a nascer. Árvores altas e frondosas passavam apressadas no acostamento. Ao sairmos de L.A., ficamos presos num trânsito jamais visto por uma garota de Portland como eu. Apesar de todas as minhas boas intenções, não conversamos. Paramos, compramos alguma coisa para comer e abastecemos o carro. No restante do tempo, Johnny Cash ficou tocando, e eu fiquei ensaiando conversas na cabeça. Nenhuma das palavras chegou à minha boca. Por algum motivo, relutava em pôr um fim em nossa aventura e ficar por conta própria. E isso não tinha nada a ver com o fato de eu ter de vestir a carapuça de menina crescida, e tudo a ver com o modo com que começava a me sentir à vontade perto dele. O silêncio não foi desagradável. Foi tranquilo. Gostoso até, levando-se em consideração o último dia repleto de drama. Estar com ele na estrada… havia algo de libertador nisto. E, lá pelas duas da madrugada, acabei adormecendo.

– David, onde estamos?

Ele me olhou de lado, a mão ainda me massageando.

– Bem…

Uma placa passou.

– Estamos indo para Monterey?

– É lá que fica a minha casa – disse ele – Não fique tensa.

– Monterey?

– É. Você tem alguma coisa contra Monterey? Teve alguma experiência ruim em algum festival de música?

– Não. – Pisei no freio, rápido, sem querer parecer mal-agradecida. – Só fiquei surpresa. Não percebi que… Hum, Monterey. Ok.

David suspirou e parou no acostamento. A poeira voou e pedriscos bateram na carroceria. (Mal não ficaria nada contente.) Ele se virou na minha direção, apoiando um cotovelo no encosto do banco de passageiro, encurralando-me.

– Desembuche, amiga! – disse ele.

Abri a boca e despejei tudo.

– Eu tenho um plano. Tenho algum dinheiro guardado. Pensei em ficar em algum lugar tranquilo por algumas semanas até a poeira baixar. Você não tinha que se dar a esse trabalho. Só preciso pegar as minhas coisas na mansão e te deixo livre.

– Certo. – assentiu – Bem, estamos aqui agora e eu gostaria de dar uma olhada na casa. Então, por que não fica comigo alguns dias? Como amigos. Nada demais. Já é sexta-feira, os advogados disseram que vão nos mandar a papelada na segunda. Assinamos. Na terça, tenho um show em L.A. Se quiser, pode ficar na casa por algumas semanas até tudo se normalizar. Isso lhe parece um bom plano? Passamos o fim de semana juntos e, depois, cada um segue o seu rumo. Tudo resolvido.

Parecia mesmo uma boa ideia. Mas, ainda assim, refleti um instante. Um instante longo demais, pelo visto.

– Está preocupada por passar o final de semana comigo? Sou tão assustador assim? – O olhar dele prendia o meu, nossos rostos bem próximos. O cabelo escuro caía sobre o rosto perfeito. Por um momento, quase esqueci de respirar. Não me mexi. Não conseguia. Do lado de fora, uma moto interrompeu toda a quietude.

Ele era assustador? O cara não fazia ideia do quanto.

– Não – menti, dando uma risadinha só para garantir.

Não acho que ele tenha acreditado em mim.

– Olha só, desculpe por eu ter agido como um cretino em L.A.

– Tá tudo bem, David, mesmo. Esta situação não seria fácil para ninguém.

– Diga uma coisa – disse ele, num tom baixo – Você se lembrou de ter feito a

tatuagem. Lembrou de mais alguma coisa?

Reviver minha embriaguez não era algo que eu gostaria de fazer. Não com ele. Nem com ninguém. Estava pagando as consequências, tendo minha vida investigada e exposta na internet. Ridículo, já que meu passado não era nem remotamente sórdido. A não ser pelo episódio no carro dos pais do Tommy.

– Isso importa? Quero dizer, não é um pouco tarde para termos esse tipo de conversa?

– Acho que sim. – Ele se recostou no banco e pousou a mão no volante. – Precisa esticar as pernas ou algo assim?

– Uma parada num banheiro seria ótimo.

– Tudo bem.

Voltamos para a estrada e o silêncio se seguiu por diversos minutos. Ele desligara o rádio algum tempo depois que adormeci. Agora o silêncio estava constrangedor e tudo por minha culpa. Sentir culpa logo cedo era horrível. Não devia melhorar muito com o passar do dia mas, assim, de cara, sem nem um gole de café para me fortificar, era horrível. Ele foi legal comigo, tentando conversar, e eu fechei a porta na cara dele.

– Boa parte da noite não passa de um borrão – eu disse.

Ele esticou uns dedos no volante como num aceno. Essa foi a reação dele.

Respirei fundo, tentando criar mais coragem.

– Lembro-me de ter tomado umas doses naquela noite. Depois disso, tudo ficou confuso. Lembro-me do som da agulha no tatuador, da gente rindo, mas é só. Nunca apaguei desse jeito. É assustador.

– É – concordou ele, baixinho.

– Como nos conhecemos?

Ele exalou fundo.

– Hum… Eu e um grupo de amigos estávamos saindo para ir para outra boate. Uma das garotas não estava olhando para a frente e esbarrou na garçonete. Acho que ela era novata e deixou a bandeja cair. Por sorte, só havia umas garrafas de cerveja vazias.

– Como entrei na história?

Ele me olhou de relance, desviando o olhar da estrada por um instante.

– Alguns deles começaram a incomodar a garçonete, dizendo que fariam com que ela fosse demitida. Você apareceu no meio e disse poucas e boas para eles.

– Fiz isso, é?

– Ah, fez… – Ele lambeu os lábios, o canto da boca se curvando num sorriso. – Você os chamou de pretensiosos, riquinhos mimados que deveriam prestar atenção por onde andavam. Você ajudou a moça a pegar as garrafas e depois insultou meus amigos um pouco mais. Na verdade, foi perfeito. Não me lembro

de tudo o que disse. Mais para o fim, você se mostrou bem criativa com os insultos.

– Puxa. E você foi com a minha cara por causa disso?

Ele fechou a boca e não disse mais nada. Um mundo imenso de nada. Nada, na verdade, podia significar muita coisa quando se quer muito.

– O que aconteceu depois? – perguntei.

– Os seguranças chegaram para te expulsar. Até parece que eles discutiriam com um punhado de riquinhos.

– Não. Acho que não.

– Você pareceu ficar apavorada, por isso te tirei de lá.

– Você deixou seus amigos por minha causa? – Fitei-o, admirada.

Ele levantou apenas um ombro. Como se isso não tivesse nenhum significado.

– E depois?

– Saímos e fomos tomar um drinque em outro bar.

– Estou surpresa por ter ficado do meu lado. – Surpresa era pouco.

– E por que não faria isso? – perguntou – Você me tratou como uma pessoa normal. Falamos das coisas do dia a dia. Você não me abordou como quem quer alguma coisa de mim. Não agiu como se eu fosse de uma espécie diferente. Quando olhava para mim era como…

– O quê?

Ele pigarreou.

– Não sei. Não importa.

– Sim, você sabe. E importa.

Ele gemeu.

– Por favor?

– Caramba – murmurou, remexendo-se no banco como se estivesse desconfortável – Pareceu real, ok? Pareceu certo. Não sei de que outro modo explicar.

Fiquei parada num silêncio atordoado por um momento.

– É um bom modo de explicar.

De repente, ele se mostrou bem complacente.

– Além disso, nunca tinha recebido um tipo de proposta como aquela.

– Hummm, ok, pode parar agora. – Cobri o rosto com as mãos, e ele riu.

– Relaxa – disse ele – Você foi encantadora.

– Encantadora?

– Encantadora não é ruim.

Ele entrou com o Jeep num posto de gasolina, parando diante de uma bomba.

– Olha pra mim.

Abaixei os dedos.

David me encarava, o lindo rosto sorridente.

– Você disse que achava que eu era um cara legal. E que seria demais se pudéssemos ir ao seu quarto, transar e ficar um pouco juntos, se eu estivesse interessado nisso.

– Puxa. Eu levo jeito! – gargalhei. Acho que tive outras conversas mais embaraçosas do que essa. Algo duvidoso, porém. Meu Deus, como fui pensar em tentar seduzir David…? Ele, que tem fãs e modelos glamourosas se jogando para cima dele diariamente. Se houvesse espaço suficiente debaixo do banco, eu me esconderia ali.

– O que você respondeu?

– O que acha que respondi? – Sem desviar o olhar do meu, ele abriu o porta-luvas e pegou um boné. – Acho que os banheiros ficam no fundo.

– Isso é tão humilhante. Por que você também não esqueceu?

Ele só olhou para mim. O sorriso há muito tinha sumido. Por um bom tempo, ele manteve o meu olhar cativo, sério. A temperatura dentro do carro pareceu despencar uns vinte graus.

– Já volto – disse eu, os dedos brigando com o cinto de segurança. – Tudo bem.

Por fim, consegui soltar a coisa, com o coração acelerado. A conversa se tornara mais pesada no fim. Pegou-me desprevenida. Saber que ele tomou o meu partido em Vegas, que escolheu a mim em detrimento dos amigos… isso mudava as coisas. E me fez questionar o que mais eu precisava saber sobre aquela noite.

– Espere. – Ele vasculhou em meio a uma coleção de óculos de sol e me entregou um com ares de aviador. – Você também é famosa agora, lembra?

– O meu traseiro é.

Ele quase sorriu. Ajeitou o boné e deixou um braço relaxado sobre o volante. A tatuagem do meu nome estava ali, em toda a sua glória. Estava rosada nas extremidades, e algumas letras tinham casquinhas. Eu não era a única permanentemente marcada por aquilo.

– Até daqui a pouco – disse ele.

– Até. – Abri a porta e desci com cuidado. Tropeçar e cair de bunda na frente dele deveria ser evitado a todo custo.

Cuidei das minhas necessidades e lavei as mãos. A garota no espelho estava com os olhos arregalados e muito mais. Joguei um pouco de água no rosto e tentei controlar os danos dos meus cabelos. Que piada. Aquela aventura em que estava metida procurava impedir qualquer tentativa minha de controle. Eu, minha vida, tudo parecia estar seguindo a correnteza. E isso não deveria parecer tão estranhamente bom como parecia.

Quando voltei, ele estava perto do Jeep, assinando uns autógrafos para um

bando de rapazes, um dos quais se ocupava em realizar uma performance entusiasmada com uma guitarra imaginária. David riu e deu um tapinha nas costas dele, e eles conversaram por mais alguns minutos. Ele estava sorrindo, conversando, até me notar parada nas imediações.

– Obrigado, rapazes. Se puderem não comentar nada por alguns dias, eu agradeço, está bem? Precisamos nos afastar um pouco de toda essa confusão.

– Não esquenta. – Um dos caras se virou e sorriu para mim. – Parabéns. Você é muito mais bonita pessoalmente do que nas fotos.

– Obrigada. – Acenei para eles, sem saber o que mais fazer.

David piscou para mim e abriu a porta do passageiro para eu entrar.

Outro cara pegou o celular e começou a tirar fotos. David o ignorou e correu até o outro lado do carro. Não falou nada até voltarmos para a estrada.

– Não fica muito longe – esclareceu – Ainda vamos para Monterey?

– Com certeza.

– Legal.

Ouvir David falar sobre o nosso primeiro encontro colocou as coisas sob uma outra ótica. Aquela conversa incitara a minha curiosidade. O fato de ele ter, de certa forma, escolhido a mim… Não havia cogitado essa possibilidade antes. Imaginei que nós dois tivéssemos deixado a tequila falar mais alto e, de algum modo, acabamos juntos naquela confusão. Eu estava errada. Havia mais por trás daquela história. Muito mais. A relutância de David em responder certas perguntas me fez parar para pensar.

Eu queria respostas. Mas precisava agir com cautela.

– É sempre assim? – perguntei – Você é sempre reconhecido? As pessoas o abordam o tempo todo?

– Esses foram legais. Os malucos são mais preocupantes, mas dá para lidar com eles. Faz parte do meu trabalho. As pessoas gostam das músicas, então…

Uma sensação ruim se instaurou em mim.

– Você me disse quem era naquela noite, não disse?

– Sim, claro que sim. – Ele me lançou um olhar irritado, as sobrancelhas unidas.

A sensação ruim foi embora, só para ser substituída por vergonha.

– Desculpe.

– Ev, eu quis que soubesse em que confusão você estava se metendo. Você disse que gostava de mim, mas que não gostava tanto da minha banda. – Ele mexeu no rádio, outro meio sorriso no rosto. Um rock que eu não conhecia começou a tocar baixinho nos alto-falantes. – Você se sentiu mal a esse respeito, na verdade. Ficou se desculpando. Insistiu em me pagar um hambúrguer para compensar.

– É que prefiro música country.

– Acredite, eu sei. E pare de se desculpar. Você tem todo o direito de gostar do que bem entender.

– O hambúrguer e o milkshake estavam bons?

Ele ergueu um ombro só de novo.

– Estavam bons.

– Queria poder me lembrar.

Ele bufou.

– Pela primeira vez.

Não sei bem o que aconteceu comigo. Talvez só quisesse ver se conseguiria fazê-lo sorrir. Com o joelho dobrado, estiquei o cinto de segurança, me soergui e o beijei na face. Um ataque surpresa. A pele dele resvalou quente e macia sob meus lábios. O homem cheirava muito melhor do que era direito seu.

– Pra que isso? – perguntou, me lançando outro olhar pelo canto do olho.

– Por me tirar de Portland e depois de L.A. Por falar comigo sobre aquela noite. – Dei de ombros, tentando fazer pouco caso. – Por muitas coisas.

Uma ruguinha apareceu entre as sobrancelhas dele. Quando falou, a voz soou rude.

– Tudo bem. Tá tudo certo.

A boca dele permaneceu fechada e a mão foi até a bochecha, tocando onde eu o beijara. A carranca e os olhares esgueirados continuaram por um bom tempo. Cada um deles me fez imaginar se David Ferris tinha tanto medo de mim quanto eu dele. Aquela reação foi ainda melhor do que um sorriso.

—

Uma casa de pedras e madeira se erguia por entre as árvores, aninhada no alto de um despenhadeiro. O cenário era inspirador de uma maneira totalmente diversa da mansão de L.A. Abaixo, o oceano cumpria sua função de ser espetacular.

David saiu do carro e seguiu até a casa, pegando um molho de chaves do bolso. Em seguida, ele abriu a porta da entrada e apertou uma sequência numérica num sistema de segurança.

– Você não vem? – ele exclamou.

Fiquei parada ao lado do carro, observando a casa magnífica. Ele e eu sozinhos. Ali dentro. Hum… Ondas batiam nas pedras ali por perto. Juro que ouvi o crescendo de uma orquestra não muito longe dali. O lugar era definitivamente atmosférico. E a atmosfera era de puro romance.

– O que foi? – David desceu o caminho de pedras até junto de mim.

– Nada… É só que…

– Bom. – Ele não parou. Não entendi o que estava acontecendo até me ver de ponta-cabeça no ombro dele.

– Ei! David!

– Relaxa.

– Você vai me deixar cair!

– Não vou deixar você cair. Pare de se debater! – disse ele, segurando a parte posterior das minhas pernas com o braço – Demonstre um pouco de confiança.

– O que está fazendo? – Bati as mãos nos fundilhos dos jeans dele.

– É tradição carregar a noiva porta adentro.

– Não deste jeito.

Ele deu um tapinha na minha nádega, aquela que tinha o nome dele.

– E por que temos que começar a ser tradicionais agora, hein?

– Pensei que só éramos amigos.

– Isto é bem amigável. Só que seria bom você parar de me apalpar na bunda, ou vou acabar com a impressão errada. Ainda mais depois daquele beijo no carro.

– Não estou apalpando sua bunda – grunhi e parei de me segurar na bunda dele para me firmar. Como se fosse culpa minha a posição em que ele me colocou e que não me deixava outro lugar para segurar, que não fossem suas nádegas firmes.

– Ora, por favor, você está caindo em cima de mim. Isso é desconcertante.

Ri, apesar de tudo.

– Foi você quem me colocou no ombro, seu idiota. Claro que estou em cima de você.

Lá foi ele subindo os degraus, depois atravessou um pátio e passou pela porta. Piso de madeira escura e caixas passando por mim, muitas caixas. Eu não conseguia ver muito mais que isso.

– Isso pode ser um problema – disse ele.

– O quê? – perguntei, ainda de ponta-cabeça, o cabelo atrapalhando a vista.

– Segure-se. – Devagar, ele me endireitou, pousando meus pés no chão. Todo o sangue desceu da cabeça e eu cambaleei. Ele me segurou pelos cotovelos, mantendo-me de pé.

– Tudo bem?

– Sim. Qual é o problema?

– Pensei que houvesse mais móveis – explicou ele.

– Nunca veio aqui antes?

– Andei ocupado.

Além das caixas, havia mais caixas. Estavam por toda parte. Estávamos no

meio de uma sala imensa com uma lareira grande o suficiente para assar uma vaca, se alguém quisesse. Havia escadas conduzindo para o segundo andar e para um andar abaixo. Havia também uma sala de jantar com uma cozinha aberta. O lugar tinha vidros do teto ao chão, paredes de madeira e de pedras cinza. A mistura perfeita das técnicas de design do antigo e do novo. Era incrível. Mas todos os lugares em que ele morava pareciam ser assim.

Fiquei imaginando o que ele pensaria do meu apartamento com Lauren, pequeno e decadente. Um pensamento tolo. Como se um dia ele fosse vê-lo.

– Pelo menos eles colocaram uma geladeira. – Abriu uma das portas imensas de aço inoxidável. Todos os centímetros internos estavam tomados por comida ou por bebida. – Excelente.

– Quem são "eles"?

– As pessoas que cuidam da casa para mim. Uns amigos. Eles também cuidavam dela para os donos anteriores. Liguei para eles e pedi que arrumassem um pouco as coisas para nós. – Ele apanhou uma Corona e tirou a tampa. – Saúde.

Sorri, entretida.

– De café da manhã?

– Faz dois dias que estou acordado. Quero uma cerveja e quero uma cama. Caramba, espero que tenham pensado na cama. – Com a cerveja na mão, ele voltou para a sala e subiu as escadas. Curiosa, eu o segui.

Ele abriu cada um dos quartos. Havia quatro em cima e todos eles tinham banheiro, porque, claro, os ricos não dividem. Na última porta do corredor, ele parou e relaxou, aliviado.

– Graças a Deus por isso.

Uma cama do tamanho de um reino com roupa de cama branca e limpa o aguardava. E mais algumas caixas.

– Por que há tantas caixas? – perguntei – Eles só providenciaram uma cama?

– Às vezes, compro coisas nas viagens. Às vezes, as pessoas me dão coisas. Nos últimos anos, eu mandava tudo só para cá. Olhe o quanto quiser. E, sim, só há uma cama. – Tomou um gole de cerveja. – Acha que estou nadando em dinheiro?

Bufei uma risada.

– Quem diz isso é o mesmo cara que mandou abrir a loja da Cartier para que eu escolhesse uma aliança.

– Lembra-se disso? – Ele sorriu ao redor do gargalo da garrafa.

– Não, apenas deduzi pelo adiantado da noite que devia ser. – Vagueei até a parede de vidro. A vista era linda.

– Você tentou escolher uma coisinha de nada. Nem pude acreditar. – Ele me

encarava, mas seu olhar estava distante.

– Joguei o anel em cima dos advogados.

Ele se retraiu e ficou olhando os sapatos.

– É, eu sei.

– Sinto muito. Eles me deixaram furiosa.

– Advogados fazem isso. – Tomou mais um gole. – Mal disse que tentou bater nele.

– Errei.

– Melhor assim. Ele é um idiota, mas tem boa intenção.

– É, ele foi legal comigo. – Cruzando os braços, olhei para o resto do quarto, entrando no banheiro. A Jacuzzi teria deixado a de Mal envergonhada. O lugar era simplesmente suntuoso. E, mais uma vez, a sensação de não pertencer àquele lugar, de não me encaixar com a decoração, me atingiu com força.

– Que carranca, amiga! – disse ele.

Tentei sorrir.

– Eu só estava tentando entender as coisas. Quero dizer, é por isso que você se rebelou em Vegas? Porque é infeliz? E, com exceção de Mal, está cercado por idiotas?

– Droga. – Ele deixou a cabeça pender para trás. – Temos que continuar a falar sobre aquela noite?

– Só estou tentando entender.

– Não – disse ele – Não foi isso, está bem?

– Então o que foi?

– Estávamos em Vegas, Ev. Merdas acontecem.

Calei a boca.

– Não quero dizer… – Ele esfregou o rosto com uma mão. – Droga. Olha só, não fique pensando que foi só uma bebedeira e uma festinha, e que foi só por isso que tudo aconteceu. O porquê de nós acontecermos. Não quero que pense assim.

Me senti fraquejar. Aquela parecia a única reação apropriada.

– Mas é isso o que acho. Foi exatamente isso o que pensei. É a única explicação que faz sentido na minha cabeça. Quando uma garota como eu acorda casada com um cara como você, o que mais posso pensar? Deus, David, olhe só para você. Você é bonito, rico e bem-sucedido. Seu irmão tinha razão, isto não faz sentido algum.

Ele se virou para mim, o rosto contraído.

– Não faça isso. Não se menospreze assim.

Apenas suspirei.

– Estou falando sério. Nunca mais pense no que aquele cretino disse,

entendeu? Não é verdade que você não seja nada.

– Então me dê alguma coisa. Me diga como foi entre nós naquela noite.

Ele abriu a boca, depois a fechou com força.

– Não. Não quero ficar insistindo nisso… Você sabe, águas passadas e tudo o mais. Só não quero que você fique pensando que a noite toda aconteceu só por causa da bebida… Falando sério, você nem parecia tão embriagada assim, na maior parte do tempo.

– David, você está se esquivando. Vamos lá. Não é justo que você se lembre e eu não.

– Não – disse ele num tom frio, distante, que eu ainda não tinha ouvido. Ele pairou acima de mim, o maxilar travado – Não é justo que eu me lembre e você não, Ev.

Eu não sabia o que dizer.

– Vou sair. – Fazendo jus às suas palavras, ele saiu em disparada pela porta. Passadas pesadas ecoaram pelo corredor e escada abaixo. Só fiquei olhando para a porta.

—

Eu lhe dei um tempo para esfriar antes de segui-lo até a praia. A luz da manhã era ofuscante, o céu azul se estendendo ao longe. O dia estava lindo. O ar salgado do mar clareou minhas ideias um pouco. As palavras de David levantaram mais perguntas do que responderam qualquer coisa. Entender aquela noite consumia meus pensamentos. Cheguei a duas conclusões. Ambas me preocuparam. A primeira foi que aquela noite em Vegas foi especial para ele. Minhas perguntas e o modo como trivializei tudo o aborreceram. A segunda, eu suspeitava, era que ele não estivera assim tão embriagado. Parecia que ele sabia exatamente o que estivera fazendo. E, nesse caso, como ele deve ter se sentido na manhã seguinte? Eu o rejeitara, e ao nosso casamento, de bate e pronto. Ele deve ter se sentido magoado, humilhado.

Existiram bons motivos para o meu comportamento. Mesmo assim, agi de modo absolutamente irrefletido. Eu não conhecia David naquele instante. Mas agora começava a conhecê-lo. E quanto mais conversávamos, mais gostava dele.

David estava sentado numas pedras com a cerveja na mão, fitando o mar. A brisa fresca do oceano bagunçava o longo cabelo dele. O tecido da camiseta se agarrava nas costas largas. Ele estava com os joelhos dobrados e um braço ao redor deles. Parecia mais jovem do que era, mais vulnerável.

– Oi – disse eu, abaixando-me ao seu lado.

– Oi. – Os olhos estavam apertados contra a luz do sol, mas olhou para mim,

com a expressão reservada.

– Desculpe por insistir.

Ele assentiu, voltando a fitar a água.

– Tudo bem.

– Não quis te chatear.

– Não se preocupe.

– Ainda somos amigos?

Ele bufou uma risada.

– Claro.

Sentei-me ao seu lado, tentando descobrir o que dizer em seguida, o que poderia fazer as coisas se acertarem entre nós. Nada do que eu dissesse compensaria o que acontecera em Vegas. Eu precisava de mais tempo com ele. O relógio marcando o tempo restante até os papéis da anulação batia cada vez mais alto. Pensar que o nosso tempo juntos seria pouco me desalentava. Que logo tudo terminaria, e eu não o veria, nem falaria com ele novamente. Que eu não entenderia o quebra-cabeça que somos. Minha pele ficou toda arrepiada e não só por causa do vento.

– Droga. Você está com frio – disse ele, passando um braço pelos meus ombros, puxando-me para perto.

E eu me aproximei, bem contente.

– Obrigada.

Ele apoiou a garrafa e me abraçou com os dois braços.

– Acho melhor entrarmos.

– Daqui a pouco. – Meus polegares ficaram esfregando os dedos, ansiosos. – Obrigada por me trazer aqui. É um lindo lugar.

– Hum.

– David, verdade. Desculpe.

– Ei. – Ele pousou um dedo sob meu queixo, erguendo-o. A mágoa e a raiva tinham sumido, sendo substituídas por gentileza. Ele deu um dos seus dares de ombro. – Vamos só deixar pra lá.

Essa ideia, de fato, me fez entrar em pânico. Eu não queria deixar pra lá. Entender isso foi surpreendente. Encarei-o, deixando que esse entendimento penetrasse em mim.

– Eu não quero.

Ele piscou.

– Tudo bem. Quer me compensar?

Duvidei que estivéssemos falando da mesma coisa, mas assenti mesmo assim.

– Tive uma ideia.

– Manda ver.

– Coisas diferentes podem ativar as lembranças, correto?

– Acho que sim – disse eu.

– Então, se eu te beijar, você pode se lembrar de como fomos juntos.

Parei de respirar.

– Quer me beijar?

– Você não quer que eu te beije?

– Não – respondi rapidamente. – Tudo bem se me beijar.

Ele refreou um sorriso.

– Muita gentileza sua.

– E esse beijo seria apenas com um propósito científico?

– Isso mesmo. Você quer saber o que aconteceu naquela noite e eu não quero falar a respeito. Então, imaginei que seria mais fácil se você mesma se lembrasse de alguma coisa.

– Faz sentido.

– Excelente.

– Até onde fomos naquela noite?

O olhar dele abaixou para a minha camiseta e para as curvas dos meus seios.

– Até aqui.

– De roupa?

– Sem. Nós dois estávamos sem a parte de cima. Carinhos *topless* são os melhores. – Ele observou enquanto eu absorvia a informação, o rosto dele próximo ao meu.

– Sutiã?

– Claro que não.

– Puxa. – Lambi os lábios, respirando com dificuldade. – Acha mesmo que devemos fazer isto?

– Você está pensando demais.

– Desculpe.

– Pare de se desculpar.

Minha boca se abriu para repetir as desculpas, mas eu a fechei com determinação.

– Tudo bem. Você vai pegar o jeito.

Meu cérebro se fechou, e fiquei olhando para a boca dele. Ele tinha uma linda boca, com os lábios cheios levemente curvos nos cantos. Demais.

– No que está pensando?

– Você me disse para não pensar. E, sério, não estou.

– Bom – disse ele, inclinando-se mais – Isso é muito bom.

Os lábios dele resvalaram os meus, para que eu me acostumasse. Suaves, mas firmes, sem hesitação. Os dentes brincaram com meu lábio inferior. Depois o

sugaram. Ele não beijava como os rapazes que eu conhecia, apesar de eu não saber determinar a diferença. Era apenas melhor e… mais. Infinitamente mais. A boca dele pressionou a minha e a língua penetrou minha boca, esfregando a minha. Deus, como ele era gostoso. Meus dedos mergulharam nos cabelos dele, como sempre quiseram. Ele me beijou até eu não me lembrar do que acontecera antes. Nada mais importava.

A mão escorregou para a minha nuca, segurando-me firme. O beijo continuou sem parar. Ele me acendeu dos dedos dos pés à cabeça. Eu não queria que aquilo acabasse.

Ele me beijou até minha cabeça girar e eu me segurar, como se minha vida dependesse daquilo. Depois se afastou, arfando, e apoiou a testa na minha.

– Por que você parou? – perguntei quando consegui formular um pensamento coerente. Minhas mãos o puxaram, tentando atraí-lo de volta para a minha boca.

– Psiu. Relaxa. – Ele respirou fundo. – Lembrou-se de alguma coisa? Alguma coisa pareceu familiar?

Minha mente atordoada não me trouxe nenhuma lembrança. Maldição.

– Não. Acho que não.

– Pena. – Uma fenda se formou entre as sobrancelhas. As manchas escuras sob os olhos azuis pareceram se intensificar. Eu o desapontara novamente. Senti o coração pesado.

– Você parece cansado – observei.

– É. Acho que está na hora de dormir um pouco. – Ele depositou um beijo na minha testa. Seria um beijo amigável ou algo mais? Eu não sabia dizer. Talvez também fosse com um propósito científico. – A gente tentou, né?

– É. Tentamos.

Ele se pôs de pé, pegando a garrafa de cerveja. Sem ele para me aquecer, a brisa soprou por mim, fazendo-me estremecer até os ossos. Mas foi o beijo o que mais me deixou abalada. Explodira minha cabeça. E pensar que tive uma noite de beijos como aquele e esqueci. Eu precisava de um transplante de cérebro o mais rápido possível.

– Importa-se se eu for junto? – perguntei.

– Nem um pouco. – Estendeu a mão para me ajudar a levantar.

Juntos, andamos de volta para a casa, subindo as escadas até a suíte master. Tirei os sapatos enquanto David tirava os dele. Deitamos na cama, sem nos tocar. Ficamos olhando para o teto como se ali estivessem todas as respostas.

Fiquei quieta. Por um minuto inteiro. Minha mente estava bem desperta e conversando comigo.

– Acho que entendo um pouco melhor como acabamos nos casando.

– É mesmo? – Ele virou o rosto na minha direção.

– É. – Nunca fui beijada daquela forma. – Entendo.

– Vem cá. – Um braço forte circundou minha cintura, arrastando-me para o meio da cama.

– David. – Segurei-o com um sorriso nervoso. Mais do que pronta para outros beijos. Mais dele.

– Deite-se de lado – disse ele, as mãos me manobrando até ele se deitar atrás de mim. Um braço estava debaixo do meu pescoço e o outro passava por cima da minha cintura, puxando-me para perto dele. Seus quadris se encaixaram às minhas nádegas com perfeição.

– O que estamos fazendo? – perguntei, surpresa.

– Estamos ficando em conchinha. Ficamos assim por um tempo naquela noite. Até você passar mal.

– Fizemos conchinha?

– Isso mesmo – disse ele – Fase dois do processo de recuperação de memória: conchinha. Agora durma.

– Só faz uma hora que acordei.

Ele pressionou o rosto no meu cabelo e passou uma perna sobre a minha, imprensando-me, só por garantia.

– Azar o seu. Estou cansado e quero ficar em conchinha. Com você. E, pelo que estou entendendo, você está me devendo. Então vamos fazer uma conchinha.

– Entendi.

A respiração dele aqueceu meu pescoço, provocando tremores em minha coluna.

– Relaxa. Você está toda tensa. – Os braços dele se apertaram ao meu redor.

Depois de um instante, peguei a mão esquerda dele, passando meus dedos pelos calos dele. Usando-o como meu brinquedinho. As pontas dos dedos eram duras. Também havia uma marca descendo pelo polegar e na junção dos dedos com a palma. Obviamente, ele passava muito tempo segurando guitarras. No dorso dos dedos havia uma tatuagem, FREE. Na mão direita, a palavra LIVE. Não pude deixar de pensar se aquele casamento não atrapalharia essa liberdade. Ondas num estilo japonês e um dragão retorcido cobriam seu braço, as cores e os detalhes eram impressionantes.

– Fale-me sobre seu curso – pediu ele – Está estudando arquitetura, correto?

– Isso mesmo – confirmei, um tanto surpresa por ele saber. Eu devia ter lhe contado em Vegas – Meu pai é arquiteto.

Ele entrelaçou os dedos nos meus, pondo um fim na minha brincadeira.

– Você sempre quis tocar guitarra? – perguntei, tentando não me distrair demais com a maneira como ele me envolvia.

– A música é a única coisa que fez algum sentido para mim. Não consigo me

imaginar fazendo qualquer outra coisa.

– Hum… – Deve ser legal ter alguma coisa da qual se goste tanto. Gosto da ideia de ser arquiteta. Muitas das minhas brincadeiras de criança envolviam construção com blocos e desenhos. Mas eu não me sentia exatamente atraída por isso. – Eu sou meio desafinada.

– Isso explica muita coisa. – Ele riu.

– Seja bonzinho. Também nunca fui muito boa em esportes. Gosto de desenhar, de ler e de assistir a filmes. E gosto de viajar, não que eu tenha tido muita oportunidade para isso.

– É mesmo?

– Hum-hum.

Ele se ajeitou atrás de mim, ficando mais confortável.

– Quando viajo é sempre por causa dos shows. Não sobra muito tempo para passear.

– Que pena.

– E ser reconhecido às vezes é bem chato. De vez em quando a coisa fica feia. Existe bastante pressão sobre nós e nem sempre posso fazer o que quero. A verdade é que estou pronto para desacelerar, ficar mais em casa.

Eu não disse nada, refletindo sobre suas palavras.

– As festas cansam depois de um tempo. E ter tanta gente em volta o tempo todo também.

– Aposto que sim. – Mas, mesmo assim, em L.A., ele estava com uma fã pendurada no braço, adorando cada palavra dele. Evidentemente, partes daquele estilo de vida ainda tinham certo apelo. Partes com as quais eu não tinha certeza de que pudesse competir, mesmo que quisesse – Não vai sentir falta de alguma coisa, pelo menos?

– Falando sério? Faço isso há tanto tempo que já nem sei.

– Bem, você tem uma linda casa para passar um tempo.

– Hum. – ele ficou quieto por um momento – Ev?

– Oi.

– Ser arquiteta foi ideia sua ou do seu pai?

– Não me lembro – admiti – Sempre falamos sobre isso. Meu irmão nunca se interessou em seguir seus passos. Ele sempre se meteu em brigas e cabulou aulas.

– Você disse que também passou por uns maus bocados na escola.

– E não é assim com todo mundo? – Eu me remexi, virando para poder ver seu rosto. – Não costumo falar sobre isso com as pessoas.

– Falamos sobre isso. Você disse que implicavam com você por causa do seu tamanho. Deduzi que foi isso que a fez avançar nos meus amigos. O fato de eles

estarem incomodando a garçonete como um bando de malditos garotos de colégio.

– Acho que pode ser. – Esse tipo de brincadeira não era um assunto no qual eu gostava de tocar. Com muita facilidade, ele trazia à tona todo tipo de sentimentos associados. Os braços de David, contudo, não permitiram que nenhum deles escapulisse. – A maioria dos professores apenas ignorava. Como se fosse mais uma coisa com a qual eles não tinham que lidar. Mas havia uma professora, a senhorita Hall… Toda vez que eles começavam a me amolar ou a outros garotos, ela interferia. Ela era demais.

– Parece bem legal mesmo. Mas você não me respondeu. Quer ser arquiteta?

– Bem, foi o que sempre planejei ser. E eu… gosto da ideia de projetar casas para as pessoas. Não sei se ser arquiteta é o meu chamado divino, como a música é para você, mas acho que posso ser boa nisso.

– Não estou duvidando disso, gata – disse ele, com uma voz suave, porém determinada.

Tentei não deixar que o termo afetuoso me transformasse numa massa disforme sobre o colchão. Sutileza era a chave. Eu o magoara em Vegas. Se estivesse querendo levar aquilo a sério, se quisesse dar mais uma chance para nós, eu precisava ir com cuidado. Dando-lhe boas lembranças para substituir as ruins. Lembranças que nós dois pudéssemos partilhar desta vez.

– Ev, é isso o que você quer fazer da sua vida?

Parei. Já tendo passado por todas as respostas-padrão, era necessário refletir mais. O plano esteve presente por tanto tempo que eu não tendia a questioná-lo. Havia segurança e conforto nele. Porém, David queria mais e eu queria lhe dar isso. Talvez fosse por isso que tivesse revelado meus segredos em Vegas. Algo naquele homem me atraía e eu não queria lutar contra isso.

– Para falar a verdade, não tenho certeza.

– Tudo bem, sabe. – Seu olhar não se desviou do meu. – Você só tem vinte e um anos.

– Mas eu deveria agir como adulta agora, responsabilizando-me pelos meus atos. Era para eu saber esse tipo de coisa.

– Já faz alguns anos que você está morando com sua amiga, não é? Pagando as contas e indo para as aulas, não?

– É.

– Então como isso não é tomar conta de si mesma? – Ele ajeitou o cabelo atrás da orelha, que tinha caído sobre o rosto. – Você pode começar com a arquitetura e ver no que vai dar.

– Você faz isso parecer tão simples.

– E é. Ou você continua ou parte pra outra coisa, vendo o que dá mais certo

pra você. A vida é sua. É você quem decide.

– Você só toca guitarra? – perguntei, querendo saber mais sobre ele. Querendo que eu não fosse mais o centro da conversa. O nó crescente dentro de mim não era nada prazeroso.

– Não. – Um sorriso repuxou o canto da boca dele; ele sabia exatamente o que eu estava fazendo. – Baixo e bateria também. Claro.

– Claro?

– Qualquer um passável com uma guitarra consegue tocar baixo, se quiser. E qualquer um que consiga segurar duas baquetas ao mesmo tempo consegue tocar bateria. Certifique-se de dizer isso ao Mal da próxima vez em que o encontrar, está bem? Ele vai adorar ouvir.

– Pode deixar.

– E eu canto.

– Canta? – perguntei, ficando toda animada – Pode cantar alguma coisa para mim? Por favor?

Ele emitiu um som reservado.

– Você cantou para mim naquela noite?

Ele me lançou um sorrisinho condoído.

– Cantei.

– Então isso pode disparar alguma lembrança.

– Você vai ficar usando isso agora, não vai? Toda vez que quiser alguma coisa, vai jogar isso em cima de mim.

– Ei, foi você quem começou. Você quis me beijar com um propósito científico.

– E foi com um propósito científico. Um beijo entre amigos por motivos totalmente lógicos.

– Foi um beijo bem amigável, David.

Um sorriso maroto iluminou seu rosto.

– É, foi mesmo.

– Por favor, cante alguma coisa para mim?

– Ok – ele bufou – Vire de costas. Estávamos de conchinha.

Aninhei-me contra ele e ele se aproximou ainda mais. Ser o bichinho de pelúcia de David era uma coisa maravilhosa. Não consegui imaginar nada melhor. Uma pena que ele estivesse insistindo nesse aspecto científico da coisa. Não que eu o culpasse. Se eu fosse ele, também estaria cautelosa ao meu redor.

A voz dele me envolveu, grave, rouca na melhor maneira possível, enquanto cantava uma balada:

Um sentimento indo e vindo

Dez dedos quebrados, o nariz partido
Águas escuras, frias demais
Para casa, sei que vou voltar
Arrependido, o Sol ao céu queimou
Tão distante, tão imponente ela está
Seu destino é de pedra
Seu trono partir, sei que vou
Estes ossos quebrados não vão me atrasar
Já suportaram tanto estes pés
Os queimaram estas chaminés
Este mar deixou afogar

Quando ele terminou, fiquei em silêncio. Ele me deu um aperto, provavelmente vendo se eu ainda estava viva. Retribuí o aperto em seu braço, sem me virar, para que ele não conseguisse ver as lágrimas nos meus olhos. A combinação da voz dele com a canção triste me comoveu. Eu estava sempre me desfazendo diante dele, chorando ou vomitando. Eu não fazia ideia do porquê de ele querer qualquer coisa comigo.

– Obrigada.

– De nada.

Fiquei ali, tentando decifrar a letra. O que poderia significar ele ter escolhido aquela canção para cantar para mim?

– Qual o nome dela?

– “Saudades de casa”, escrevi para o último álbum. – Ele se soergueu num cotovelo, inclinando-se sobre mim, para ver meu rosto. – Ah, droga, te deixei triste. Desculpe.

– Não. Foi lindo. Sua voz é incrível.

Ele franziu o cenho, mas voltou a se deitar, o peito pressionando a minha coluna.

– Da próxima vez, canto algo mais alegre.

– Se quiser. – Pressionei os lábios contra o dorso da mão dele, tracejando as veias saltadas, os pelos salpicados. – David?

– Hum?

– Por que você não canta na banda? Sua voz é tão linda.

– Faço voz de fundo. Jimmy adora o estrelato. Sempre foi a praia dele. – Seus dedos se entrelaçaram nos meus. – Nem sempre ele foi o cretino que é agora. Sinto muito por ele tê-la abordado em L.A. Eu poderia tê-lo matado por dizer o que disse.

– Está tudo bem.

– Não, não está. Ele estava descontrolado. Não sabia o que estava dizendo. – O polegar dele se movimentou incansável sobre minha mão. – Você é linda. Não precisa mudar nada.

Eu não sabia o que dizer primeiro. Jimmy dissera algumas coisas horríveis que me marcaram. Engraçado como as coisas ruins sempre marcam.

– Eu vomitei e chorei em você. Tem certeza disso? – Por fim, resolvi brincar.

– Sim! – respondeu ele com simplicidade – Gosto de você do jeito que você é, dizendo o que lhe passa pela cabeça. Sem tentar me manipular ou me usar. Você apenas… "é" comigo. Gosto de você.

Fiquei ali sem saber o que dizer por um instante, surpresa.

– Obrigada.

– De nada. A seu dispor, Evelyn. Sempre que quiser.

– Também gosto de você.

Seus lábios resvalaram minha nuca. Tremores percorreram minha pele.

– Gosta?

– Sim. Muito.

– Obrigado, gata.

Demorou algum tempo para que a respiração dele ficasse regular. Os braços e as pernas ficaram pesados e ele ficou parado, adormecido ao encontro das minhas costas. Senti o pé formigar, mas pouco me importei. Nunca antes dormi com alguém, desconsiderando as ocasionais partilhas de cama platônicas com Lauren. Ao que tudo levava a crer, dormir era só o que eu faria naquele dia.

Mas, bem no fundo, ficar deitada ao lado dele era gostoso.

Parecia certo.

CAPÍTULO 8

David desceu as escadas sete horas depois, com uma toalha envolvendo o quadril. Penteara o cabelo molhado para trás, revelando as tatuagens à perfeição, definindo o tronco delgado e os braços musculosos. Havia bastante pele à mostra. O homem era um banquete visual. Fiz um esforço consciente para manter a língua dentro da boca. Apagar o sorriso de boas-vindas do rosto ficou além das minhas habilidades. Eu havia planejado ficar tranquila, só para não assustá-lo. O plano falhara.

– O que você está fazendo? – perguntou ele.

– Nada demais. Você recebeu uma entrega. – Apontei para as sacolas e caixas ao lado da porta. Durante todo o dia, ficara refletindo sobre o nosso problema. A única coisa que concluí foi que eu não queria que o nosso tempo juntos acabasse. Eu não queria assinar os papéis da anulação. Não ainda. Só a ideia de realizá-lo me fazia querer recomeçar a vomitar. Eu queria David. Queria estar com ele. Precisava de um plano novo.

A almofadinha do meu polegar esfregava no meu lábio inferior, de um lado para o outro, de um lado para o outro. Mais cedo, tinha ido caminhar na praia, fiquei olhando as ondas se quebrarem na costa e rememorei nosso beijo. Vezes sem conta, eu o revivi em minha mente. O mesmo aconteceu com as nossas conversas. Na verdade, dissequei cada um dos nossos momentos juntos, explorei cada nuance. Todos os momentos de que conseguia me lembrar, de todo modo, e me esforcei muito para lembrar de tudo.

– Uma entrega? – Ele se agachou ao lado do pacote mais próximo e começou a rasgar a embalagem. Desviei o olhar antes que eu conseguisse vislumbrar algo toalha acima, apesar de estar tremendamente curiosa.

– Importa-se se eu usar o telefone? – perguntei.

– Ev, não precisa perguntar. Pegue o que precisar.

– Obrigada. – Lauren e meus pais provavelmente estavam de cabelos em pé, imaginando o que estaria acontecendo. Era hora de enfrentar as repercussões do

episódio das nádegas expostas. Gemi por dentro.

– Este é para você. – Ele me passou um pacote num papel pardo amarrado com um barbante, além de uma sacola de compras de uma marca da qual nunca ouvi falar. – Ah, pela aparência, este também.

– Para mim?

– É. Pedi a Martha que comprasse algumas coisas para a gente.

– Hum.

– Hum? Nada disso. – David balançou a cabeça. Depois se ajoelhou diante de mim e rasgou o pacote nas minhas mãos. – Nada de "hum". Precisamos de roupas. Simples assim.

– É muita gentileza sua, David, mas estou bem assim.

Ele não estava prestando atenção. Em vez disso, suspendeu um vestido vermelho do mesmo tamanho diminuto daqueles que as moças da mansão estiveram usando.

– Que porra é essa? Você não vai usar isto. – O vestido de grife saiu voando pelos ares, e ele abriu a sacola aos meus pés.

– David, você não pode ficar jogando roupas no chão.

– Claro que posso. Pronto, isto é algo melhor.

Uma blusinha preta caiu no meu colo. Pelo menos uma que parecia ser do tamanho certo. O vestido vermelho justo fora uma piada com seu tamanho 36. Muito possivelmente uma piada de mau gosto, considerando-se a antipatia de Martha por mim em L.A. Tudo bem.

Uma etiqueta pendeu da blusa. O preço. Caramba. Eles não podiam estar falando sério.

– Uau. Eu poderia pagar algumas semanas do aluguel do meu apartamento com esta blusa.

À guisa de resposta, ele me lançou um par de jeans pretos.

– Pega. Esses parecem ok também.

Deixei a calça jeans de lado.

– É só uma blusa simples de algodão. Como pode custar duzentos dólares?

– O que acha disto? – Um pedaço de seda verde ficou pendurado na mão dele. – Legal, né?

– Eles costuraram com fios de ouro? É isso?

– Sobre o que você está falando? – Ele suspendeu um vestido azul, virando de um lado, do outro. – Diabos, não, é frente única. O alto do seu traseiro deve aparecer nisto aqui. – Ele se juntou ao vermelho no chão. Minhas mãos coçavam para resgatá-los, dobrá-los e guardá-los direitinho. Mas David simplesmente rasgou o pacote seguinte. – O que você estava dizendo?

– Estou falando sobre o preço desta blusa.

– Cacete, não. Não vamos falar sobre o preço da blusa, porque não vamos falar sobre dinheiro. Esse é um problema para você e não vou tocar nesse assunto. – Uma microssaia jeans apareceu em seguida. – Mas que porra Martha estava pensando quando encomendou esse tipo de coisa para você?

– Bem, sendo muito justa, você costuma ter garotas de biquíni penduradas em você. Em comparação, o vestido azul é até que bem recatado.

– Você é diferente. Você é minha amiga, não é?

– Sou. – Eu não consegui acreditar completamente no tom da minha voz.

A testa dele se enrugou em sinal de desdém.

– Maldição. Olhe para o comprimento disto. Não dá nem para saber se é uma saia ou um maldito cinto.

O riso explodiu de mim e ele me olhou feio, os imensos olhos azuis de filhotinho revelando pesar e descontentamento. Obviamente, feri os sentimentos dele.

– Desculpe – disse eu – Mas você pareceu meu pai.

Ele enfiou a microssaia de volta na sacola. Pelo menos não foi parar no chão.

– Verdade? Seu pai e eu deveríamos nos encontrar. Acho que vamos nos dar muito bem.

– Quer conhecer meu pai?

– Depende. Ele vai atirar em mim?

– Não. – Provavelmente não.

Ele me lançou um olhar curioso e partiu para a sacola seguinte.

– Isto está melhor. Pegue.

Ele me passou duas camisetas básicas, uma preta e outra azul.

– Não acho que você deveria estar escolhendo roupas de freira para mim, meu caro amigo – comentei, confusa com seu comportamento – É um tanto hipócrita.

– Não são roupas de freira. Apenas cobrem o essencial. É pedir demais? – A sacola seguinte foi passada para mim em sua integridade. – Pegue.

– Mas você tem que admitir que isso é um pouquinho hipócrita, não acha?

– Não admito nada. Adrian me ensinou isso há muito tempo. Olhe na sacola.

Olhei e ele explodiu numa gargalhada; sem dúvida, minha expressão deve ter sido hilária.

– O que é isto? – perguntei, tão admirada que os olhos me saltaram. Poderia ser considerada uma tanga se os fabricantes tivessem investido um pouco mais de tecido na peça.

– Estou te vestindo como uma freira.

– La Perla. – Li na etiqueta, depois a virei para ver seu preço.

– Caramba, Ev. Pode não olhar o preço, por favor? – David mergulhou em cima de mim e eu deitei para trás, tentando enxergar os números na etiqueta que

balançava e que era maior que o pedacinho de renda. A mão grande dele se fechou sobre a minha, engolfando a tanga. – Não. Pelo amor de Deus.

Minha cabeça bateu na beira de um degrau e fiz uma careta de dor, sentindo os olhos se encherem de lágrimas.

– Ai!

– Tudo bem? – O corpo dele se esticou sobre o meu. Uma mão esfregou o meu crânio com cuidado.

– Aham, sim. – O cheiro do sabonete e do shampoo dele era o paraíso, que Deus me ajudasse. Porém, era mais do que isso. A colônia dele. Não era forte. Apenas um vestígio de perfume. Havia algo de tremendamente familiar nele.

A etiqueta pendurada bem na minha frente, contudo, me distraiu momentaneamente.

– Trezentos dólares?

– Vale a pena.

– Puta merda. Não, não vale, não.

Ele segurou a tanga na ponta do dedo, com um sorriso divertido no rosto.

– Confie em mim. Eu teria pago dez vezes mais por ela. Sem fazer perguntas.

– David, eu conseguiria uma peça igualzinha pelo décimo desse valor numa loja normal. Isso é insano.

– Não, não conseguiria. – Ele equilibrou o peso no cotovelo apoiado no degrau ao lado da minha cabeça e começou a ler a etiqueta. – Veja bem, esta renda incrível foi feita à mão por artesãos locais de uma pequena região no norte da Itália, famosa exatamente por esse tipo de trabalho manual. Foi feita da mais delicada das sedas. Gata, você não compra isso no Walmart.

– Não, acho que não.

Ele emitiu um suave zunido de prazer e me fitou com olhos suaves e sonhadores. Em seguida, seu sorriso desvaneceu. Afastou-se e apertou a tanga na mão.

– Bem, é isso.

– Espere. – Meus dedos se curvaram ao redor do seu bíceps, mantendo-o no lugar.

– O que foi? – perguntou, a voz se contraindo.

– Só me deixe… – Ergui o rosto até o pescoço dele. O cheiro era mais pungente ali. Inspirei fundo, ficando embriagada com a essência dele. Fechei os olhos e me lembrei.

– Evelyn? – Os músculos do braço dele se flexionaram e ficaram rijos. – Não sei bem se essa é uma boa ideia.

– Estivemos nas gôndolas do Venetian. Você disse que não sabia nadar, que eu teria que salvá-lo se adernássemos.

O pomo de Adão dele saltou.

– Isso mesmo…

– Fiquei aterrorizada por você.

– Eu sei. Você me apertou tanto que eu mal consegui respirar.

Afastei-me para ver seu rosto.

– Por que acha que ficamos tanto tempo nelas? – perguntou ele – Você estava praticamente sentada no meu colo.

– Você sabe nadar?

Ele riu baixinho.

– Claro que sei nadar. E nem acho que a água fosse tão profunda assim.

– Foi uma armadilha. Você é cheio de truques, David Ferris.

– E você é engraçada, Evelyn Thomas. – O rosto dele relaxou, os olhos se suavizaram novamente. – Você se lembrou de alguma coisa.

– Lembrei.

– Que maravilha. Mais alguma coisa?

Lancei um sorriso triste.

– Não, lamento.

Ele desviou o olhar, desapontado, acho, mas tentando não demonstrar.

– David?

– Hum?

Inclinei-me para frente para pressionar meus lábios nos dele, querendo beijá-lo, precisando beijá-lo. Ele se retraiu de novo. Minha esperança afundou.

– Desculpe. Eu sinto muito.

– Ev. O que está fazendo?

– Beijando você?

Ele nada disse. Com o maxilar rijo, desviou o olhar.

– Você pode me beijar e me abraçar, e comprar lingerie absurdamente cara, e eu não posso beijá-lo também? – Minhas mãos escorregaram para as dele e ele as segurou. Pelo menos, ele não estava me rejeitando por completo.

– Por que quer me beijar? – perguntou ele com a voz séria.

Observei nossos dedos entrelaçados por um momento, ordenando meus pensamentos.

– David, duvido que um dia eu vá me lembrar de tudo sobre aquela noite em Vegas. Mas achei que poderíamos, quem sabe, criar novas lembranças este fim de semana. Algo que nós dois possamos partilhar.

– Só este final de semana?

Meu coração tomou conta da minha garganta.

– Não. Não sei. Eu só… sinto que poderia existir mais entre nós.

– Mais do que amizade? – Ele me observou com olhos atentos.

– Sim. Gosto de você. Você é gentil e atencioso, e bonito e fácil de conversar. Quando não estamos discutindo sobre Vegas, sinto…

– O quê?

– Que este final de semana é uma segunda chance. Não quero deixá-la escapar. Acho que me arrependeria disso por muito tempo.

Ele assentiu, depois inclinou a cabeça.

– Então, qual era o seu plano? Só me beijar e ver o que aconteceria?

– Meu plano?

– Sei tudo a respeito de você e dos seus planos. Você me contou o quanto é exagerada com planos.

– Eu contei isso? – Eu era uma idiota.

– Contou. Me contou especialmente a respeito do *grande* plano. – Ele me encarou com olhos intensos. – Sabe… acabar os estudos, depois os três a cinco anos para se estabelecer numa empresa média antes de se mudar para outra empresa de maior prestígio e começar seu negócio próprio quando tivesse uns trinta e cinco anos. Então, talvez ainda houvesse tempo para algum relacionamento e arranjar os irritantes dois ou quatro filhos, tirando isso também do caminho.

Minha garganta ficou subitamente seca, um lugar inóspito.

– Falei bastante naquela noite.

– Hum. Mas o interessante foi como você não se referiu ao plano como algo bom. Você falou dele como se fosse uma gaiola e você estivesse surrando suas barras.

Eu não tinha nada a dizer.

– Então, por isso… – disse ele com suavidade, me provocando – Qual é o plano agora, Ev? Como pretendia me convencer?

– Ah, bem… Eu iria… eu iria seduzi-lo, acho. E ver o que iria acontecer. É…

– Como? Reclamando de mim por eu estar comprando roupas para você?

– Não. Isso foi apenas um bônus. Não precisa agradecer.

Ele lambeu os lábios, mas notei seu sorriso.

– Certo, certo. Vamos lá, então, mostre o que tem para mim.

– O que tenho para você?

– Suas técnicas de sedução. Vamos, o tempo está passando. – Hesitei, e ele estalou a língua, impaciente – Gata, só estou de toalha. Não pode ser tão difícil assim…

– Tá bom, tá bom. – Segurei firme os seus dedos, recusando-me a soltá-lo. – Então, David…?

– Pois não, Evelyn?

– Eu estava pensando…

– Hum?

Eu não tinha chance nenhuma com ele. Por isso, falei a única coisa em que consegui pensar. A única coisa que eu sabia que tinha uma ínfima chance de funcionar.

– Eu acho que você é um cara bem legal e fiquei pensando se, talvez, você não quer subir para o meu quarto e transar comigo e, quem sabe, ficar um pouco juntos. Se isso for algo em que estiver interessado…

Os olhos dele escureceram, acusatórios e infelizes. Ele começou a recuar de novo.

– Agora você só está sendo engraçadinha.

– Não. – Passei a mão atrás do pescoço dele, debaixo do cabelo úmido, tentando trazê-lo de volta para mim. – Não, estou falando muito, muito sério.

Com o maxilar tenso, ele me encarou.

– Hoje cedo você me perguntou no carro se te achava assustador. A resposta é sim. Você me assusta demais. Não sei o que estou fazendo aqui. Mas odeio a ideia de te deixar.

O olhar dele vasculhou meu rosto, mas, ainda assim, ele não disse nada. Ele iria me rejeitar. Eu sabia. Pedi demais, pressionei demais. Ele se afastaria de mim, e quem poderia culpá-lo depois de tudo?

– Tudo bem – disse eu, juntando do chão o que restara do meu orgulho.

– Ah, caramba… – suspirou – Você também é bem assustadora.

– Sou?

– É, é sim. E tire esse sorriso do rosto.

– Desculpe.

Ele virou o rosto de lado e me beijou, os lábios firmes e tão bons. Meus olhos se fecharam e minha boca se abriu. O sabor dele tomou conta de mim. A menta da pasta de dentes e o deslize da língua contra a minha. Tudo aquilo era perfeito. Ele me deitou de volta nos degraus. O machucado na cabeça protestou quando bati no mesmo lugar. Eu me retraí, mas não parei. David amparou meu crânio com a mão, protegendo-me de mais machucados.

O peso do corpo dele me manteve firme no lugar, não que eu estivesse tentando fugir. Os contornos dos degraus pressionavam minhas costas e eu não poderia me importar com isso. Eu continuaria deitada feliz e contente por horas com ele em cima de mim, o cheiro quente da pele dele me deixando inebriada. Seu quadril manteve minhas pernas abertas. Se não fosse pelos meus jeans e pela toalha dele, as coisas ficariam interessantes bem rápido. Deus, como odiei o algodão naquele instante.

Sequer uma vez interrompemos o beijo. Minhas pernas o envolveram pela cintura e minhas mãos se curvaram nos ombros dele. Nada nunca antes foi tão

bom. Meu desejo por ele aumentou e se incendiou, espalhando-se por todo o meu corpo. As pernas se apertaram ao redor dele, os músculos queimando. Eu não conseguia me aproximar o suficiente. Quanta frustração. A boca dele se moveu pelo meu maxilar e desceu pelo pescoço, acendendo-me por dentro. Ele mordeu e lambeu, encontrando pontos sensíveis atrás da orelha e na curva do pescoço. Lugares que eu nem sabia que existiam. O homem tinha magia. Conhecia coisas que eu não sabia. Onde ele aprendera aqueles truques, pouco importava. Não naquele instante.

– Subindo – disse ele com voz rouca. Ergueu-se devagar, uma mão por trás da minha bunda e a outra protegendo minha cabeça.

– David. – Esforcei-me para segurá-lo com força pelas costas.

– Ei. – Ele se afastou apenas o bastante para me fitar nos olhos. Suas pupilas estavam enormes, quase engolindo as íris azuis. – Não vou te deixar cair. Isso nunca vai acontecer.

Inspirei fundo.

– Ok.

– Confia em mim?

– Sim.

– Que bom. – A mão escorregou para as minhas costas. – Agora passe os braços ao redor do meu pescoço.

Foi o que fiz, e meu equilíbrio melhorou de pronto. As duas mãos de David me seguravam pelos fundilhos, e prendi os pés atrás dele, segurando-o com firmeza. Seu rosto não demonstrou nenhum sinal de dor ou de uma iminente contusão na espinha. Talvez ele fosse mesmo forte o bastante para me carregar por aí.

– Pronto. – Ele sorriu e me beijou no queixo. – Tudo certo?

Assenti, não confiando em mim mesma para falar.

– Cama?

– SIM.

Ele riu de uma maneira que provocava coisas estranhas em mim.

– Beije-me – disse ele.

Sem hesitação, obedeci, encaixando minha boca na dele. Escorregando a língua entre seus lábios e me perdendo por completo mais uma vez. Ele gemeu, as mãos me enlaçando com força ao seu encontro.

E foi nesse momento que a campainha tocou, emitindo um som baixo e fúnebre que ecoou em meu coração e na minha virilha.

– Nããõooo.

– Só pode ser brincadeira. – O rosto de David se crispou e ele lançou o mais maligno dos olhares para as portas duplas. Pelo menos eu não estava sozinha

naquela decepção. Gemi e o abracei forte com o corpo inteiro. Teria sido engraçado se não fosse tão doloroso.

Uma mão esfregou minhas costas, passando por baixo da barra da camiseta para afagar a pele nua.

– É como se o universo não quisesse que eu fique dentro de você ou algo assim, juro – resmungou.

– Faça-os irem embora. Por favor.

Ele riu e me apertou.

– Está doendo.

Ele gemeu e me beijou no pescoço.

– Vamos atender a porta e nos livrar de quem estiver aí, depois cuido de você, ok?

– Sua toalha está no chão.

– Isso é um problema. Descendo…

Com relutância, soltei-o e apoiei os pés em terra firme. Mais uma vez a campainha em tom de gongo ecoou pela casa. David apanhou um par de jeans preto de dentro de uma sacola e o vestiu rapidamente. Só consegui um vislumbre das nádegas firmes. Manter o olhar desviado boa parte do tempo deve ter sido a coisa mais difícil que já fiz na vida.

– Fique para trás para o caso de ser a imprensa. – Ele olhou pelo monitor ao lado da porta. – Ai, caramba.

– Problemas?

– Não. Pior. Velhos amigos trazendo comida. – Ele me lançou um olhar rápido. – Se isso for te ajudar, também vou estar sofrendo.

– Mas…

– A espera torna as coisas melhores, prometo – dito isso, ele abriu a porta. Uma mão puxava a parte da frente da camiseta, tentando cobrir o volume evidente por trás dos jeans – Tyler. Pam. É bom ver vocês.

Eu iria matá-lo. Lentamente. Estrangulá-lo com aquela tanga cara. Uma morte condizente com uma estrela do rock.

Um casal com a idade aproximada dos meus pais entrou, carregados com panelas e garrafas de vinho. O homem, Tyler, era alto e magro, e coberto de tatuagens. Pam parecia ter sangue indígena nas veias. Lindos cabelos negros pendiam pelas costas numa trança grossa como meu punho. Os dois traziam sorrisos estampados e me lançaram olhares curiosos. Senti meu rosto esquentar quando eles notaram a lingerie e as roupas espalhadas pelo chão. Devia estar parecendo que estávamos prestes a embarcar numa orgia a dois. O que não deixava de ser verdade, mas, mesmo assim…

– E como está você? – Tyler rugiu num sotaque australiano, dando um abraço

de um só braço em David, por causa da panela que trazia na outra – E esta deve ser Ev. Tive que ler no jornal para saber disso, Dave? Sério? – Lançou um olhar sério para meu marido, com apenas uma sobrancelha erguida. – Pam ficou furiosa.

– Sinto muito. Foi… Hum… Repentino. – David beijou Pam no rosto e pegou a travessa e uma sacola pesada das mãos dela. Ela lhe deu um tapinha na cabeça de modo bem maternal.

– Apresente-me! – disse ela.

– Ev, estes são Pam e Tyler, velhos amigos meus. São eles que vêm cuidando da casa para mim. – Ele parecia relaxado entre aquelas pessoas. Seu sorriso era natural e os olhos brilhavam. Eu ainda não o tinha visto tão feliz assim. O ciúme mostrou sua cara feia, cravando os dentes em mim.

– Olá. – Estiquei a mão para cumprimentá-los, mas Tyler me envolveu num abraço.

– Ela é tão bonita! Não é, querida? – Tyler deu um passo para o lado e Pam se aproximou, com um sorriso caloroso no rosto.

Eu estava sendo uma idiota. Aquelas pessoas eram legais. Eu deveria estar profundamente agradecida pelo fato de que nem toda mulher que David conhecia esfregava os peitos nele. Malditos hormônios meus por me deixarem tão azeda.

– Sim, claro que é. Olá, Ev. Eu sou a Pam. – Os olhos da mulher, castanhos como o café, se liquefizeram. Ela parecia prestes a se desmanchar em lágrimas. – Estou tão feliz por ele, finalmente, ter conhecido uma boa garota.

– Puxa, obrigada. – Senti o rosto queimar.

David me lançou um sorriso retorcido.

– Muito bem, chega disso – disse Tyler – Vamos deixar esses dois pombinhos com a privacidade deles. Podemos visitá-los numa outra ocasião.

David ficou de lado, ainda segurando a panela e a sacola. Quando me viu olhando, piscou para mim.

– Uma hora dessas, preciso te mostrar a disposição de lá de baixo – disse Tyler – Quanto tempo vocês vão ficar?

– Não temos certeza – disse ele, lançando-me um olhar.

Pam segurava minhas mãos, relutante em partir.

– Fiz *enchilladas* de frango e arroz. Gosta de comida mexicana? É a favorita de David. – A testa de Pam se enrugou. – Mas não pensei em confirmar se isso estava bem para você. Você podia ser vegetariana…

– Não, não sou. E adoro comida mexicana – respondi, retribuindo o aperto dos dedos dela, mas não na mesma intensidade – Muito obrigada.

– Não foi nada. – Ela sorriu.

– Benzinho – Tyler a chamou.

– Já vou. – Pam deu um tapinha de despedida nos meus dedos. – Se precisarem de qualquer coisa enquanto estiverem aqui, é só me ligar. Ok?

David não disse nada. Ficou claro que a decisão era minha se eles ficariam ou iriam embora. Meu corpo ainda zunia de desejo. Isso, e também parecia que ficaríamos melhor sozinhos. Não queria partilhá-lo porque eu era superficial e desejava sexo tresloucado. Eu o queria só para mim. Mas era o certo a fazer. E se a espera tornava as coisas melhores, bem, talvez a coisa certa a fazer também fosse a melhor coisa a fazer.

– Fiquem – disse eu, quase cuspindo a palavra – Jantem conosco. Vocês fizeram muita comida. Não conseguiríamos comê-la sozinhos.

O olhar de David saltou sobre mim, um sorriso de aprovação em seu rosto. Ele parecia quase juvenil, tentando conter a animação. Era como se eu tivesse lhe dito que o seu aniversário fora antecipado. Quem quer que fossem aquelas pessoas, eram importantes para ele. Senti como se tivesse passado num teste.

Pam suspirou.

– Tyler tem razão. Vocês são recém-casados…

– Fiquem. Por favor – reiterei.

Pam olhou para Tyler.

Tyler deu de ombros, mas sorriu, obviamente contente.

Pam bateu as mãos com alegria.

– Vamos comer!

CAPÍTULO 9

Mãos quentes empurraram minha regata enquanto o sol nascia. Em seguida, beijos sensuais desceram pela minha espinha, lançando tremores coluna acima. Minha pele ficou automaticamente eriçada, apesar da hora medonha do dia.

– Ev… Gata, vira pra cima – David sussurrou no meu ouvido.

– Que horas são?

Tínhamos descido para o estúdio de gravação no porão depois do jantar para "dar uma olhada rápida". Pam saiu depois da meia-noite, dizendo a Tyler que a chamasse quando tivessem terminado. Ninguém pensava que isso aconteceria tão cedo, visto que abriram uma garrafa de uísque. Estiquei-me no sofá imenso de lá de baixo, enquanto David e Tyler mexiam nos equipamentos, indo da sala de controle para o estúdio. Eu queria ficar perto de David, ouvi-lo tocar guitarra e cantar trechos de canções. Ele tinha uma linda voz. O que conseguia fazer com seis cordas nas mãos era inacreditável. Seus olhos fitavam ao longe e ele saía dali. Era como se nada mais existisse. Cheguei a me sentir sozinha algumas vezes, deitada ali só olhando para ele. Mas então a música chegava ao fim e ele balançava a cabeça, esticava os dedos, voltando à Terra. Seu olhar me encontrava, e ele sorria. Ele voltava.

A certa altura, cochilei. Como vim parar na cama, não fazia a mínima ideia. David deve ter me carregado. Uma coisa era certa: eu sentia cheiro de bebida alcoólica.

– São quase cinco da manhã – disse ele – Vire.

– Cansada – resmunguei, ficando bem onde estava.

O colchão oscilou quando ele me galgou nos quadris e apoiou um braço em cada lado da minha cabeça, inclinando-se sobre mim, cobrindo-me.

– Adivinha? – perguntou.

– O quê?

Com suavidade, ele afastou meu cabelo do rosto. Depois lambeu minha orelha. Eu me retorci, sentindo cócegas.

– Escrevi duas canções – disse ele, com a voz um pouco arrastada e suave.

– Hummm. – Sorri sem abrir os olhos. Tinha esperanças de que ele tomasse aquilo como um sinal de apoio. Eu não conseguia fazer muito mais com cerca de quatro horas de sono. Eu não era do tipo muito elétrico. – Que bom.

– Não, você não está entendendo. Faz dois anos que não escrevo nada. Isso é bom pra cacete. – Ele esfregou meu pescoço com o nariz. – E elas são sobre você.

– As suas canções? – perguntei, atônita. E ainda pasma – Verdade?

– É, eu só… – Ele inspirou fundo e mordiscou meu ombro, fazendo com que meus olhos se abrissem.

– Ei!

Ele se inclinou sobre mim para que eu visse seu rosto, o cabelo escuro pendendo.

– Aí está você. Então, penso em você e de repente tenho algo a dizer. Faz muito tempo que não tenho nada que eu queira dizer. Não ligava. Era sempre mais do mesmo. Mas você mudou as coisas. Você me consertou.

– David, estou feliz que tenha recuperado sua inspiração, mas você é incrivelmente talentoso. Nunca esteve quebrado. Talvez tivesse precisado de um tempo.

– Não. – De ponta-cabeça, ele franziu a testa para mim. – Vire. Não consigo conversar com você assim. – hesitei, e ele me deu um tapa na bunda. O lado não tatuado, sorte a dele. – Vamos, gata.

– Vê se maneira nas mordidas e nos tapas, meu chapa.

– Então, mexa-se – ele grunhiu.

– Tá bom, Tá bom…

Ele saiu de cima de mim e foi para a outra ponta do imenso colchão, enquanto eu me sentava, dobrando os joelhos ao encontro do peito. O homem estava sem camisa, fitando-me apenas no seu par de jeans. Como é que ele acaba sempre perdendo a camisa? A vista do seu peito nu me fazia chegar ao ponto de babar. Os jeans me faziam ir além. Ninguém vestia jeans como David. E, depois de ter vislumbrado um tantinho dele sem eles, as coisas só ficaram piores. Minha imaginação entrou num estado de fúria frenética. As imagens que preencheram minha mente… Não faço ideia de onde elas vieram. Essas imagens eram surpreendentemente detalhadas. E tenho quase certeza de que não sou flexível o bastante para conseguir executar algumas delas.

Todo o ar abandonou o quarto. A verdade era que eu o desejava. Ele inteiro. O bom, o ruim, e tudo do meio. Eu o desejava mais do que jamais quis qualquer outra coisa na vida.

Mas não quando ele andava bebendo. Já passamos por isso, cometemos esse

erro. Eu não sabia muito bem o que estava acontecendo entre nós, mas não queria estragar tudo.

Portanto, muito bem. Nada de sexo. Caraca.

Eu tinha que parar de olhar para ele. Por isso, respirei fundo e fitei meus joelhos. Meus joelhos desnudos. Eu tinha ido dormir de jeans. Agora só estava de calcinha e camiseta. Também meu sutiã desaparecera misteriosamente.

– O que aconteceu com o resto das minhas roupas?

– Elas sumiram – disse ele, com o rosto sério.

– Você as tirou?

Ele deu de ombros.

– Você não ficaria confortável dormindo com elas.

– Como conseguiu tirar meu sutiã sem me acordar?

Ele deu um sorriso travesso.

– Não fiz mais nada. Juro. Eu só… o tirei por motivos de segurança. Aqueles ferrinhos internos são um perigo.

– Ah, tá.

– Nem olhei.

Estreitei o olhar nele.

– Isso é mentira – confessou ele, revirando os ombros – Eu tinha que olhar. Mas ainda somos casados, então, olhar não faz mal.

– Verdade? – Era praticamente impossível ficar zangada quando ele me olhava daquele jeito. Minhas tolas partes femininas ficaram todas animadas.

Nada. De. Sexo.

– O que está fazendo nessa ponta da cama? Isso não vai dar certo – disse ele, absolutamente alheio aos meus hormônios despertos e ao meu pesar concomitante.

Mais rápido do que jamais imaginei que fosse possível em função do montante de bebida em seu hálito, ele agarrou meu pé e me arrastou cama abaixo. Minhas costas bateram no colchão e a cabeça, no travesseiro. David se esticou sobre mim antes que eu pudesse tentar qualquer manobra de evasão. Seu peso me pressionou contra o colchão na melhor das maneiras. Dizer não, naquelas condições, seria pedir muito.

– Acho que não deveríamos fazer sexo agora – deixei escapar.

A lateral da boca dele se ergueu.

– Relaxa. De jeito nenhum vamos transar agora.

– Não? – maldição, cheguei a choramingar. Minhas patetices não tinham fim.

– Não. Quando fizermos da primeira vez, nós dois vamos estar sóbrios. Pode confiar em mim. Não vou mais acordar de manhã só para achá-la apavorada porque não se lembra ou mudou de ideia ou sei lá o quê. Não quero mais ser o

babaca aqui.

– Nunca pensei que você fosse um babaca, David. – Não exatamente. Um besta, talvez, e definitivamente um ladrão de sutiãs, mas não um babaca.

– Não?

– Não.

– Nem mesmo em Vegas quando comecei a praguejar e a bater portas? – Seus dedos afundaram em meus cabelos, massageando meu couro cabeludo. Impossível não ir ao encontro do seu toque como uma gatinha manhosa. Ele tinha mãos mágicas. E até chegava a transformar as manhãs em algo suportável. Ainda que cinco da matina fosse forçar demais.

– Aquela manhã não foi boa para nenhum de nós dois – disse eu.

– E quanto à vez em L.A., com aquela garota pendurada em mim?

– Você planejou aquilo?

Ele fechou um olho e me fitou com o outro.

– Talvez eu precisasse de um escudo contra você.

Fiquei sem saber o que dizer. De pronto.

– Não é da minha conta quem fica pendurado em você.

O sorriso dele foi de imensa satisfação.

– Você ficou com ciúme.

– Temos que fazer isso agora, David? – Empurrei seu corpo, sem nenhum sucesso. – David?

– Não consegue admitir, não é?

Não respondi.

– Ei, não consegui sequer tocar nela. Não com você ali.

– Não conseguiu? – Essa declaração me acalmou bastante. As palpitações do meu coração diminuíram. – Fiquei imaginando o que havia acontecido. Você voltou tão rápido.

Ele grunhiu, se aproximando mais.

– Ver você com Jimmy…

– Não aconteceu nada. Juro.

– Eu sei. Desculpe quanto a isso. Fui um idiota.

Minhas mãos, que o empurravam, começaram a afagá-lo. Engraçado. Elas escorregaram pelos ombros, ao redor do pescoço, para brincar com o cabelo dele. Eu só queria sentir o calor de sua pele e mantê-lo perto de mim. Ele me desmoronou emocionalmente, pois passei do estado da privação do sono e rabugice para a idolatria em menos de oito segundos.

– É maravilhoso que tenha conseguido escrever algumas letras.

– Hum-hum. E quando a deixei com Adrian e os advogados? Ficou brava comigo dessa vez?

Expirei forte pela boca.

– Muito bem. Admito ter ficado um pouco incomodada com aquilo.

Ele assentiu lentamente, os olhos nunca se desviando dos meus.

– Quando voltei e eles me disseram o que havia acontecido, e que você saíra com Mal, perdi o controle. Acabei com a minha guitarra favorita, usando-a para destruir a bateria dele. Ainda não consigo acreditar que fiz isso… Fiquei tão absolutamente bravo, com ciúme e puto comigo mesmo.

Senti meu rosto se contrair em sinal de descrença.

– Você fez isso?

– Fiz. – Seus olhos estavam imóveis, arregalados. – Eu fiz isso.

– Por que está me contando isso agora, David?

– Não queria que você ficasse sabendo por outra pessoa. – Ele engoliu, fazendo a linha do maxilar se movimentar. – Olha só, Ev. Eu não sou assim. Não vai voltar a acontecer, prometo. Só não estou acostumado com isso. Você mexe comigo. Toda essa situação mexeu. Sei lá, acho que estou tagarelando. Você está entendendo?

Mais tarde, talvez ele não se lembrasse de nada daquilo. Mas, naquele momento, parecia sincero. Meu coração se condoeu por ele. Fitei os olhos injetados e sorri.

– Acho que sim. Mas isso não vai mais acontecer mesmo?

– Não. Juro. – o alívio na voz dele era palpável – Estamos bem?

– Sim. Vai tocar essas canções para mim mais tarde? – perguntei – Eu adoraria ouvi-las.

– Ainda não estão prontas. Quando estiverem, eu toco. Quero que estejam perfeitas para você.

– Tudo bem – disse eu. Ele escrevera canções sobre mim. Isso era incrível, a menos que fossem do tipo não lisonjeiro e, nesse caso, nós precisaríamos conversar – Elas não são sobre como estou sempre te amolando, são?

Ele balançou a mão no ar.

– Um pouco. Mas de um jeito legal.

– O quê? – exclamei.

– Confie em mim.

– Você escreveu mesmo que sou um pé no saco nessas canções?

– Não com essas palavras. Não. – Ele riu a valer, o bom humor retornando. – Você não quer que eu minta e diga que tudo foi só uma porrada de unicórnios e arco-íris, quer?

– Talvez. Sim. As pessoas vão saber que essas canções são sobre mim. Tenho uma reputação de deleite constante para proteger.

Ele gemeu.

– Evelyn, olhe para mim.

Olhei.

– Você é um maldito deleite constante. Acho que ninguém jamais duvidaria disso.

– Você fica tão lindo quando mente.

– Mesmo? Gata, são canções de amor. O amor nem sempre é tranquilo e sem incidentes. Ele pode ser bem doloroso e confuso – disse ele – Mas não quer dizer que não possa ser a coisa mais incrível a acontecer com você. Não significa que eu não seja louco por você.

– Você é? – perguntei com a voz embargada de emoção.

– Claro que sou.

– Também sou louca por você. Você é lindo, por dentro e por fora, David Ferris.

Ele encostou a testa na minha, fechando os olhos por um breve instante.

– Você é meiga pra caramba. Mas sabe? Também aprecio suas mordidas. Como fez com aqueles idiotas em Vegas. Gosto de você ter se importado, defendido aquela garota. Até gosto quando você me dá nos nervos. Mas não o tempo todo. Merda. Estou tagarelando de novo…

– Tudo bem – sussurrei – Gosto da sua tagarelice.

– Quer dizer que não está brava por eu ter me descontrolado?

– Não, David. Não estou brava com você.

Sem nenhuma outra palavra, ele saiu de cima de mim e se deitou ao meu lado. Puxou-me para junto dele, um braço debaixo de mim e outro sobre meu quadril.

– Ev?

– Hum?

– Tire a camiseta. Quero sentir a sua pele – disse ele – Por favor? Nada mais que isso, prometo.

– Tudo bem. – Sentei-me e tirei a regata, depois voltei a me aninhar nele. Pele contra pele era alguma coisa… Ele me acomodou debaixo do queixo e a sensação do peito nu dele foi perfeita, excitante e calmante ao mesmo tempo. Cada pedacinho da minha pele parecia vivo com sensações. Mas estar assim com ele acalmou a tempestade selvagem interna, ou algo assim. Não me passou pela cabeça me preocupar com a minha barriga, ou o quadril, nem nada dessas besteiras.

Tampouco importava o cheiro remanescente da bebida na sua pele, eu só queria ficar perto dele.

– Gosto de dormir com você – disse ele, a mão afagando as minhas costas – Não achei que eu fosse capaz de dormir com alguém mas, com você, está tudo bem.

– Nunca dormiu com ninguém antes?

– Já faz muito tempo. Eu preciso do meu espaço. – Os dedos dele brincaram com o elástico da minha calcinha boxer, provocando-me arrepios.

– Hum…

– Isto com você é tortura, mas é uma boa tortura.

Tudo se aquietou por alguns minutos, e pensei que ele tivesse adormecido. Mas não.

– Fale comigo, gosto de ouvir sua voz.

– Tudo bem. Eu me diverti bastante com a Pam, ela é legal.

– Ela é… – Os dedos subiam e desciam pela minha coluna. – Eles são boa gente.

– Foi gentil da parte deles trazer o jantar. – eu não sabia o que dizer. Não estava pronta para confessar que estive pensando sobre o que ele dissera a respeito de eu ser uma arquiteta. Revelar que eu tinha medo de meter os pés pelas mãos e, de algum modo, arruinar as coisas para a gente também não me parecia muito inteligente. Talvez o destino estivesse ouvindo e arrasasse comigo na primeira oportunidade. Deus, esperava que não. Então, em vez de tudo isso, optei por uma conversa trivial – Adoro poder ouvir o mar daqui.

– Hum… – ele murmurou em concordância – Gata, não quero assinar aqueles papéis na segunda.

Fiquei absolutamente imóvel, o coração descompassado.

– Não quer?

– Não. – A mão continuou subindo, dedilhando abaixo do meu seio, tracejando a linha das minhas costelas. Tive que me lembrar de respirar. Mas ele nem pareceu consciente do que fazia, como se só estivesse rabiscando na minha pele do mesmo jeito que se rabisca num papel. Os braços dele se apertaram ao meu redor. – Não há por que não esperar. Podemos passar um tempo juntos, ver como as coisas andam.

A esperança me invadiu, quente e excitante.

– David, está falando sério?

– Estou. Estou, sim. – ele suspirou – Sei que andei bebendo. Mas pensei em tudo. Eu não… Caramba, sequer gostei de te perder de vista nestas últimas horas, mas você parecia precisar dormir. Não quero que a gente assine os papéis.

Apertei os olhos bem forte e mandei uma prece silenciosa para os céus.

– Então não assinamos.

– Certeza?

– Sim.

Ele me abraçou com força.

– Bom. Isso é bom. Muito bom.

– Vamos ficar bem. – suspirei, contente. O alívio me deixou fraca. Se não estivesse deitada, teria acabado no chão.

De repente, ele cheirou o ombro e debaixo do braço.

– Putz, estou fedendo a bebida. Vou tomar uma chuveirada. – Me deu um beijo rápido e saiu rolando da cama. – Pode me chutar para fora da cama da próxima vez que eu chegar cheirando assim. Não me deixe chegar perto de você deste jeito.

Adorei o fato de ele estar falando da gente juntos, como se isso pudesse se tornar uma rotina. Adorei tanto que nem me importei com o cheiro dele.

Amor verdadeiro.

CAPÍTULO 10

O gongo da campainha ecoou pela casa pouco depois das dez. David dormia contra minhas costas, e nem se mexeu. Com algumas horas a mais de sono, eu já me sentia meio humana, felizmente. Saí debaixo do braço dele, tentando não perturbá-lo. Vesti a camiseta e a calça, e corri para baixo, tentando ao máximo não quebrar o pescoço nesse processo. Era bem provável que fosse mais alguma entrega.

– Noiva criança! Deixe-me entrar! – Mal berrou do outro lado da porta, seguindo com uma incrível performance de percussão ao bater as mãos na madeira sólida. Um baterista, sem sombra de dúvida – Evvie!

Ninguém me chamava de Evvie. Proibi esse apelido há anos. Contudo, seria melhor do que “noiva criança”.

Abri a porta e Mal tombou para dentro, Tyler se arrastou em seguida. Considerando-se que Tyler ficou bebendo e tocando com David até de madrugada, eu não me surpreendi com seu estado. O pobre homem estava evidentemente com a maior ressaca dos infernos. Parecia ter levado socos nos olhos, de tão profundas as olheiras por privação de sono. Uma bebida energética estava grudada aos seus lábios.

– Mal. O que está fazendo aqui? – Parei de pronto, esfregando o sono dos olhos. Chamada para a realidade, aquela não era a minha casa. – Desculpe, isso foi grosseria. Só estou surpresa em te ver. Oi, Tyler.

Tive esperanças de ter meu marido só para mim naquele dia, mas, pelo visto, isso não aconteceria.

Mal largou minha mala aos meus pés. Ele estava tão ocupado olhando ao redor que nem pareceu ouvir a minha pergunta, ela sendo rude ou não.

– David ainda está dormindo – expliquei e vasculhei o conteúdo da minha mala. Ah, as minhas coisas. Minha bolsa e meu telefone, em especial, eram um deleite para os olhos. Muitas mensagens de texto da parte de Lauren, e mais algumas do meu pai. Eu nem sabia que ele sabia mandar mensagens – Obrigada

por me trazer isto.

– Dave me ligou às quatro da manhã para dizer que escreveu umas coisas novas. Achei uma boa ideia aparecer e dar uma olhada no que está acontecendo. E pensei que você gostaria de ter suas coisas. – Mãos no quadril, Mal ficou diante da parede de vidro, observando a beleza da natureza. – Cara, dá uma olhada só nisso.

– Legal, né? – concordou Tyler, por detrás do seu energético – Espere só até ver o estúdio.

Mal circundou a boca com as mãos.

– Meu rei! Desça aqui!

– Olá, querida. – Pam entrou, rodopiando um molho de chaves no dedo. – Tentei convencê-los a virem mais tarde, mas, como pode ver, não deu certo. Desculpe.

– Deixa pra lá – disse eu. Não sou daquelas que distribui abraços. Não fazemos muito isso em nossa família. Meus pais preferem o método "mãos livres". Mas Pam era tão legal que retribuí seu abraço de imediato quando ela passou os braços ao meu redor.

Conversamos por horas a fio na noite anterior no estúdio de gravação. Foi esclarecedor. Casada com um produtor e músico popular, ela viveu aquele estilo de vida por mais de vinte anos. Turnês, gravações, fãs… Ela vivenciou todo o negócio do rock and roll. Ela e Tyler participaram de um festival de música e se apaixonaram por Monterey, com seu litoral recortado e a ampla vista para o mar.

– A sala e mais algumas camas estão a caminho, devem chegar logo. Mal, Tyler, ajudem-me a mover estas caixas. Vamos empilhá-las perto da lareira. – Subitamente, Pam parou e me lançou um olhar circunspecto. – Um minuto. Você é a mulher da casa. É você quem dá as ordens aqui.

– Ah, perto da lareira parece uma ótima ideia, obrigada – disse eu.

– Vocês a ouviram, rapazes. Comecem a se mexer.

Tyler resmungou, mas deixou de lado a lata e seguiu para uma caixa, arrastando os pés como se estivesse para morrer.

– Só um instante. – Mal estalou os lábios para Pam e para mim – Ainda não recebi meus beijos de boas-vindas. – Ele apanhou Pam num abraço de urso, erguendo-a dos pés e girando-a até ela rir. Com os braços abertos, ele deu um passo na minha direção. – Vem com o papai, noiva criança.

Estiquei a mão para detê-lo, rindo.

– Isso é perturbador demais, Mal.

– Deixe-a em paz – disse David do alto da escada, bocejando e esfregando os olhos. Ainda só de jeans. Ele era a minha criptonita. Toda a força das minhas convicções quanto a ir com cuidado desapareceu. Minhas pernas chegaram a

balançar. Odiei isso.

Estávamos ou não casados? Ele bebera demais na noite anterior. Pessoas embriagadas e promessas não combinavam – nós dois aprendemos isso pelo método mais doloroso. A mim, só cabia esperar que ele se lembrasse da nossa conversa e que ainda se sentisse da mesma forma.

– Que diabos você está fazendo aqui? – grunhiu meu marido.

– Quero ouvir o material novo, bundão. Problema seu. – Mal o encarou, o maxilar determinado. – Eu devia te surrar até a morte. Cacete, cara. Aquela era a minha bateria predileta!

Com o corpo rijo, David começou a descer as escadas.

– Eu pedi desculpas. Sério.

– Talvez. Mas ainda tenho que revidar, cretino.

Por um instante, David não respondeu. A tensão marcava suas feições, mas havia uma expressão de inevitabilidade em seu olhar.

– Tudo bem. O que vai ser?

– Vai doer, cara. Pra cacete.

– Vai ser pior do que você aparecer sem avisar enquanto eu e Ev estamos tentando ficar sozinhos?

Mal teve a sensatez de parecer envergonhado.

David parou no último degrau, à espera.

– Quer levar isso lá pra fora?

Pam e Tyler não disseram nada, apenas assistiram à cena. Fiquei com a sensação de que não era a primeira vez que aqueles dois se enfrentavam. Garotos serão sempre garotos… Mas fiquei ao lado de Mal, com todos os músculos tensos. Se ele desse um passo na direção de David, eu pularia em cima dele. Puxaria seu cabelo ou algo assim. Não sabia como, mas o deteria.

Mal lançou um olhar de avaliação.

– Não vou bater em você. Não quero machucar as mãos quando temos trabalho a fazer.

– Então?

– Você já destruiu a sua guitarra predileta. Então, vai ter que ser outra coisa. – Mal esfregou as mãos. – Algo que o dinheiro não pode comprar.

– O quê? – perguntou David, os olhos subitamente atentos.

– Olá, Evvie. – Mal sorriu e passou um braço pelos meus ombros, puxando-me para perto.

– Ei! – protestei.

No segundo seguinte, a boca dele cobriu a minha, de modo absolutamente indesejável. David exclamou um protesto. Com um braço nas minhas costas, Mal me mergulhou, beijando-me com avidez, esmagando meus lábios. Segurei

os ombros dele, com medo de cair no chão. Mas quando ele tentou enfiar a língua na minha boca, não hesitei em mordê-lo.

O idiota berrou.

Benfeito.

Com a mesma rapidez com que me afundou, me endireitou. Minha cabeça girou. Apoiei a mão na parede para não cair. Esfreguei a boca, tentando me livrar do gosto dele, enquanto Mal me lançava um olhar magoado.

– Maldição. Doeu. – Ele tocou a língua com cuidado, à procura dos estragos. – Estou sangrando!

– Ótimo.

Pam e Tyler gargalharam, divertindo-se a valer.

Braços me envolveram pela cintura e David sussurrou no meu ouvido.

– Belo trabalho.

– Você sabia que ele faria isso? – perguntei, parecendo bem irritada.

– Claro que não. – Ele esfregou o rosto na lateral da minha cabeça, bagunçando meu cabelo despenteado. – Não quero mais ninguém tocando em você.

Era a resposta certa. Minha raiva se dissolveu. Cobri as mãos dele com as minhas e ele me apertou mais.

– Quer que eu bata nele? – perguntou David – É só pedir.

Fingi levar isso em consideração por um instante, enquanto Mal nos observava com interesse. Obviamente, parecíamos muito mais amigáveis do que em L.A. Mas isso não era da conta de ninguém. Não era do seu amigo, nem da imprensa, nem de ninguém.

– Não – sussurrei de volta, minha barriga dando cambalhotas. Eu estava me apaixonando com tanta rapidez que isso me assustava. – Melhor não.

David me virou nos braços, e me encaixei em seu corpo, enlaçando-o pela cintura. Aquilo parecia natural e certo. O cheiro da pele dele me inebriava. Eu seria capaz de ficar horas ali, cheirando-o. Parecia que estávamos *juntos*, mas já não confiava no meu julgamento, se é que algum dia confiei.

– Malcolm vai acompanhar vocês na lua de mel? – a voz de Pam estava carregada de descrença.

David riu.

– Não, esta não é nossa lua de mel. Se tivermos uma lua de mel, será em um lugar bem longe de todos. E, com certeza, ele não vai estar lá.

– Se? – perguntou ela.

Eu adorava mesmo a Pam.

– Quando. – ele se corrigiu, abraçando-me com força.

– Tudo isso é muito lindo, mas eu vim fazer música – anunciou Mal.

– Então você vai ter que esperar – disse David – Ev e eu temos planos para esta manhã.

– Esperamos dois anos para que algo novo aparecesse.

– Que pena. Você pode esperar mais algumas horas. – David me pegou pela mão e me levou de volta para as escadas.

A excitação me percorreu. Ele escolhera a mim, e isso era maravilhoso.

– Evvie, desculpe por atacar sua boca – disse Mal, acomodando-se na caixa mais próxima.

– Está perdoado – disse com um aceno leve, sentindo-me magnânima ao subirmos.

– Vai se desculpar por me morder? – perguntou Mal.

– Não.

– Bem, isso não é muito gentil da sua parte – ele exclamou para nós.

David riu.

– Ok, rapazes, precisamos mudar essas caixas de lugar. – Ouvi Pam dizer.

David nos apressou pelo corredor, depois fechou e trancou a porta do quarto atrás de nós.

– Você voltou a vestir suas roupas – disse ele – Tire-as.

Ele não me esperou fazê-lo, segurando a barra da camiseta e puxando-a por cima da minha cabeça e braços erguidos.

– Não achei que atender à porta praticamente nua fosse uma boa ideia.

– Muito justo – murmurou ele, puxando-me na sua direção e me espremendo na porta – Você parecia preocupada com alguma coisa lá embaixo. O que foi?

– Não foi nada.

– Evelyn… – havia algo na maneira como ele dizia meu nome. Transformava-me numa massa trêmula. E também o modo como ele me encurralava, pressionando o corpo no meu. Pousei as mãos no peito dele. Não para afastá-lo, mas porque precisava tocá-lo.

– Eu estava pensando – disse – Depois da nossa conversa de hoje cedo… quando nós, hum, falamos sobre a assinatura dos papéis na segunda.

– O que tem? – perguntou, encarando-me. Eu não teria como desviar os olhos, mesmo se tentasse.

– Bem, eu não tinha certeza se você ainda se sentia assim. Se não queria mais assiná-los, quero dizer. Você bebeu bastante.

– Não mudei de ideia. – A pélvis estava alinhada com a minha e as mãos ao meu lado. – Você mudou?

– Não.

– Bom. – As mãos seguraram meus seios, e eu perdi a habilidade de pensar de maneira coerente. – Isto aqui está bem pra você? – Ele olhou para as mãos.

Assenti. A habilidade de falar desapareceu com a de raciocinar, pelo jeito.

– Então, eis o plano. Porque sei o quanto adora um plano. Vamos ficar neste quarto até ficarmos satisfeitos no que se refere a em que pé estamos. Concorda?

Assenti mais uma vez. Sem sombra de dúvida, aquele plano tinha meu total apoio.

– Bom. – Ele pousou a palma de uma mão entre meus seios, esticada em meu peito. – Seu coração está batendo bem rápido.

– David.

– Hum?

Nada, nenhuma palavra ainda. Então, em vez de falar, cobri a mão dele com a minha, segurando-a ao encontro do meu coração. Ele sorriu.

– Esta é uma repetição dramática da noite em que nos casamos – anunciou ele, olhando para mim por baixo das sobrancelhas escuras – Segure firme. Estávamos sentados na cama no hotel em que você estava hospedada. Você estava sentada em cima de mim.

– Estava?

– Estava. – Ele me conduziu para a cama e se sentou na beirada. – Venha.

Subi no colo dele, as pernas envolvendo-o.

– Assim?

– Isso mesmo. – As mãos me seguraram pela cintura. – Você se recusou a ir para o Bellagio comigo. Disse que eu perdera contato com a realidade e que precisava ver como as pessoas reais viviam.

Gemi de vergonha.

– Isso não me parece nem um pouco arrogante.

A boca dele se curvou num sorriso.

– Foi divertido. Mas você também estava certa.

– Melhor não me dizer isso sempre, ou vai subir à cabeça.

O queixo dele se ergueu.

– Pare de brincar, gata. Estou falando sério. Eu precisava de uma dose de realidade. Alguém que, de vez em quando, dissesse não para mim ou dissesse que alguma coisa é idiotice. É isso o que fazemos. Nós forçamos um ao outro para fora da zona de conforto.

Fazia sentido.

– Acho que você tem razão… Isso basta?

Ele, mais uma vez, pousou a mão sobre o meu coração, e bateu a ponta do nariz no meu.

– Consegue sentir o que estamos fazendo aqui? Estamos criando alguma coisa.

– Sim. – Eu conseguia sentir, a nossa ligação, a necessidade premente de estar

com ele. Nada mais importava. Havia o lado físico, a maneira como ele me subia à cabeça mais rápido do que qualquer outra coisa que eu tivesse experimentado. O cheiro maravilhoso dele logo ao acordar. Mas eu queria mais do que isso. Queria ouvir sua voz, ouvi-lo falando sobre tudo e sobre nada.

Senti-me acender por dentro. Como se uma mistura potente de hormônios estivesse me atravessando à velocidade da luz. A outra mão me segurava pela cabeça, aproximando a minha boca da dele. Beijar David era jogar querosene naquela mistura dentro de mim. Ele enfiou a língua dentro da minha boca e afagou a minha, antes de mexer com meus dentes e lábios. Nunca senti algo tão bom antes. Dedos me acariciavam nos seios, provocando coisas maravilhosas e me fazendo arfar. Deus, o calor da pele nua dele. Movimentei-me para a frente, buscando mais, precisando de mais. A mão abandonou meu seio para seguir para as costas, pressionando-me contra ele. Ele estava rijo. Eu sentia através das camadas dos jeans. A pressão aplicada entre minhas pernas foi divina. Incrível.

– Isso, assim – murmurou quando balancei sobre ele, à procura de mais.

Nossos beijos eram ávidos, famintos. A boca cálida se moveu sobre meu maxilar e queixo, depois, pelo pescoço. Onde o pescoço se unia ao peito, ele parou e sugou. Tudo dentro de mim ficou tenso.

– David…

Ele se afastou e me fitou, os olhos dilatados. Tão afetado quanto eu. Ainda bem que eu não era a única arfando. Um dedo traçou um caminho entre meus seios e a cintura da calça.

– Você sabe o que aconteceu depois – disse ele. A mão escorregando para baixo – Diga, Ev – quando hesitei, ele me inclinou para a frente e me mordiscou no pescoço – Vamos. Conte para mim.

Morder nunca me apeteceu antes, nem em pensamento, tampouco em ações. Não que tivesse existido muita ação. Mas a sensação dos dentes de David em minha pele me virava do avesso. Cerrei os olhos. Um pouco por causa da mordida, e muito por ter que dizer as palavras que ele queria.

– Só fiz isso uma vez.

– Você está nervosa. Não fique. – Ele me beijou onde acabara de morder. – Bem, então, vamos nos casar.

Minhas pálpebras se ergueram, e um riso surpreso escapou de mim.

– Aposto que não foi isso o que você disse naquela noite.

– Eu posso ter me mostrado um pouco mais preocupado com a sua falta de experiência. E podemos ter falado um pouco sobre isso. – Ele me lançou um sorriso leve e me beijou na curva da boca. – Mas tudo deu certo.

– Que palavras? Conte-me o que aconteceu.

– Nós resolvemos nos casar. Deite na cama para mim.

Ele me segurou pelo quadril, ajudando-me a sair de cima dele e ficar no colchão. Minhas mãos escorregaram sobre o lençol macio e fresco de algodão. Deitei-me de costas e ele rapidamente desabotoou os jeans e os tirou. O colchão cedeu quando ele se ajoelhou acima de mim. Eu me sentia prestes a implodir, o coração batendo forte, mas ele parecia perfeitamente calmo e controlado. Que bom que um de nós estava. Claro, ele fizera aquilo dezenas de vezes.

Provavelmente mais, com todas aquelas fãs. Centenas? Milhares, quem sabe?

Eu não queria muito pensar sobre isso.

O olhar se ergueu para encontrar o meu, quando ele enroscou os dedos na minha calcinha. Sem pressa alguma, ele desceu a minha última peça de roupa pelas pernas. A necessidade de me cobrir foi tremenda. Mas, em vez disso, cerrei os punhos, esfregando o tecido entre os dedos.

Ele desabotoou os jeans. O barulho do tecido das roupas sendo descartadas era o único som. Não desviamos nossos olhares. Não até ele se virar para a mesinha de cabeceira para pegar um preservativo, enfiando-o discretamente debaixo do travesseiro ao meu lado.

David nu desafiava qualquer descrição. Belo nem chegava aos pés, todas aquelas linhas firmes do corpo e as tatuagens cobrindo a pele, mas ele não me deu muito tempo para olhar.

Subiu na cama, deitando-se ao meu lado, erguendo-se sobre um cotovelo. A mão se curvou sobre meu quadril. Os cabelos escuros caíram para a frente, bloqueando seu rosto. Eu queria vê-lo. Ele se inclinou para baixo, beijando-me com suavidade, desta vez na boca, no rosto. Seus cabelos resvalavam minha pele.

– Onde estávamos? – perguntou ele, a voz apenas um rumor em meu ouvido.

– Decidimos nos casar.

– Hum, porque eu acabara de ter a melhor noite da minha vida. Pela primeira vez depois de muito tempo, não me senti só. Pensar que poderia não ter você todas as noites… Eu não poderia. – a voz dele subiu pelo meu pescoço – Eu não tinha como deixar você ir embora. Ainda mais depois que descobri que só esteve com um outro cara.

– Pensei que isso o tivesse incomodado.

– Incomodou, sim – disse ele, beijando-me no queixo – Estava na cara que você estava disposta a dar outra chance para o sexo. Se eu fosse idiota o bastante, você poderia encontrar outra pessoa. Não consegui suportar a ideia de você transando com outro cara que não fosse eu.

– Ah.

– Ah – concordou ele. – Falando nisso, alguma ressalva quanto ao que estamos fazendo aqui?

– Não. – Muito nervoso, mas nenhuma dúvida.

A mão sobre o quadril passeou para o abdômen. Circundou o umbigo antes de se aprofundar nele, fazendo-me estremecer.

– Você é tão linda – ele sussurrou – Cada pedacinho seu. E quando a desafiei a deixar seu plano de lado e fugir comigo, você disse sim.

– Eu disse?

– Disse.

– Ainda bem.

Dedos acariciaram acima do meu sexo antes de se moverem para os músculos rijos das coxas unidas. Se eu quisesse que aquilo avançasse mais, teria que abrir as pernas. Sabia disso. Claro que sabia. As lembranças da dor da última vez me fizeram titubear. Os dedos dos pés se crisparam e uma câimbra ameaçava começar na panturrilha de tanta tensão. Ridículo. Tommy Byrnes fora um cretino sem consideração. David não era assim.

– Podemos ir tão lentamente quanto você desejar – disse ele, captando o que eu sentia muito bem – Confie em mim, Ev.

A mão cálida espalmou minha coxa enquanto a língua viajava pela extensão do pescoço. Era maravilhoso, mas não bastava.

– Preciso… – Virei o rosto para ele, à procura da sua boca. Ele ajustou os lábios aos meus, consertando tudo. Beijar David curava qualquer mal. O nó de tensão dentro de mim se transformou em algo doce ao saboreá-lo, ante a sensação do corpo dele contra o meu. Um braço estava preso debaixo do corpo, mas usei o outro muito bem, tocando tudo o que estava ao meu alcance. Afagando o ombro e sentindo a rigidez e a suavidade da superfície das costas.

Quando suguei sua língua, ele gemeu no fundo da garganta e minha autoconfiança flanou. A mão dele escorregou por entre minhas pernas. Apenas a pressão da sua palma já me fez ver estrelas. Interrompi o beijo, incapaz de respirar. Primeiro, ele me tocou com suavidade, deixando que me acostumasse a ele. As coisas que aqueles dedos faziam…

– Elvis não pôde estar aqui com a gente hoje – disse ele.

– O quê? – perguntei, confusa.

Ele parou e levou dois dedos à boca, molhando-os ou saboreando-me, não sei dizer. Pouco importava. O importante era que ele voltasse a colocar a mão em mim, rápido.

– Não quis partilhar isto com ninguém. – A ponta do dedo me pressionou, penetrando apenas um pouquinho. Afastou-se antes de voltar a pressionar. Aquilo não provocava as mesmas sensações de quando ele me afagou, mas também não machucava. Ainda não.

– Então, nada de Elvis. Eu mesmo vou ter que fazer as perguntas – disse ele.

Franzi o cenho, achando difícil me concentrar no que ele estava dizendo. Não podia ser mais importante do que ele me tocar. A busca pelo prazer governava minha mente. Talvez ele tagarelasse durante as preliminares. Não sei. Se ele quisesse, eu estava mais do que disposta a ouvi-lo mais tarde.

O olhar dele se demorou nos meus seios até ele finalmente abaixar a cabeça e tomar um na boca. Minhas costas se arquearam para trás, empurrando o dedo dele ainda mais para dentro. A maneira como a boca dele me sugava abafou qualquer desconforto. Ele arremeteu entre minhas pernas e o prazer aumentou. Eu me sentia formigar do melhor dos modos. Quando eu fazia aquilo, era bom. Quando David fez, o resultado chegou às raias de espetacular, estelar. Eu sabia que ele era bom com uma guitarra, mas aquele devia ser seu verdadeiro talento. Sério.

– Deus, David. – Eu me arqueei ao seu encontro quando ele passou para o outro seio. Dois dedos se mexiam dentro de mim, um pouco desconfortável, mas nada com que eu não pudesse lidar. Contanto que ele mantivesse a boca em mim, esbanjando atenção nos meus seios. O polegar esfregou um ponto sensível, e meus olhos se reviraram dentro das órbitas. Tão perto. A força que se avolumava era inacreditável. Espetacular. Meu corpo acabaria explodindo e virando pó, dissolvendo-se em átomos, quando aquilo chegasse ao fim.

Se ele parasse, eu choraria. Choraria e imploraria. E talvez mataria.

Ainda bem que ele não parou.

Cheguei ao clímax gemendo, todos os músculos se retesando. Foi quase demais. Quase. Flutuei, o corpo inerte, saciada para sempre. Ou até a próxima vez.

Quando voltei a abrir os olhos, ele estava esperando. Abriu a embalagem do preservativo com os dentes e o ajustou. Eu mal tinha recuperado o fôlego quando ele se ergueu sobre mim, movendo-se entre minhas pernas.

– Tudo bem? – perguntou ele, com um sorriso de satisfação.

Um aceno foi só o que consegui fazer.

Ele suportou todo o seu peso nos cotovelos, o corpo me pressionando na cama. Notei que ele gostava de usar seu tamanho a nosso favor. Funcionava. Por certo, não havia nada de entediante, nem de claustrofóbico naquela posição. Não sei por que achei que haveria. No banco de trás do carro dos pais de Tommy, fiquei toda desajeitada e desconfortável, mas isto não era nada daquilo. Deitada debaixo dele, sentindo o calor da sua pele contra a minha, foi perfeito. E não poderia existir dúvidas de quanto ele queria aquilo. Fiquei deitada, esperando que ele me penetrasse.

E esperei.

Ele resvalou os lábios nos meus.

– Evelyn Jennifer Thomas, aceita continuar casada comigo, David Vincent Ferris?

Ah, era desse Elvis que ele estivera falando. Aquele que nos casou. Claro. Afastei seus cabelos para trás, precisando ver seus olhos. Eu deveria ter pedido que ele o prendesse. Assim ficava difícil tentar determinar a seriedade dele.

– Quer mesmo fazer isso agora? – perguntei, um pouco confusa. Estive tão ocupada me preocupando com o sexo que não percebi aquilo se aproximando.

– Absolutamente. Vamos repetir nossos juramentos agora mesmo.

– Sim? – respondi.

Ele inclinou a cabeça, estreitando o olhar no meu. A expressão no rosto dele era, definitivamente, de sofrimento.

– Sim? Não tem certeza?

– Não. Quero dizer, sim – repeti com mais firmeza – Sim. Tenho certeza. Aceito.

– Porra, ainda bem. – A mão dele se enfiou debaixo do travesseiro ao meu lado, voltando com o anel estupefacientemente reluzente entre os dedos. – Mão.

Estendi a mão entre nós e ele deslizou o anel em meu dedo. Minhas bochechas doíam de tanto que eu sorria.

– Você também disse sim?

– Sim. – Ele tomou minha boca e me beijou com paixão. Uma mão desceu pela lateral, por sobre meu abdômen para me afagar entre as pernas. Tudo ali ainda estava sensível e, sem dúvida, úmido. O ardor em seus beijos e o modo como ele me tocava garantiam que ele, definitivamente, não se importava com isso.

Ele se encaixou e me penetrou. E foi assim. E, de repente, caramba, não consegui relaxar. A lembrança da dor da última vez em que tentei aquilo mexeu com a minha cabeça. A lubrificação pouco importava se meus músculos não cedessem. Arfei, as coxas apertando-o no quadril. David era firme e espesso, e aquilo machucou.

– Olhe para mim. – disse ele. O azul do seu olhar escurecera e a mandíbula dele estava tensa. A pele úmida reluzia na luz baixa – Ei.

– Oi. – minha voz soou trêmula até para os meus ouvidos.

– Beije-me. – Ele abaixou a cabeça e eu o beijei, pressionando a língua na boca dele, precisando dele. Com cuidado, ele se moveu sobre mim, penetrando-me um pouco mais. A almofadinha do seu polegar afagava ao redor do meu clitóris, contrabalanceando a dor, que diminuiu, chegando bem perto de ser apenas o velho e conhecido desconforto com uma salpicada de prazer. Tudo bem. Com aquilo eu sabia lidar.

Dedos circundaram minha coxa antes de desceram para espalmar uma nádega.

Ele me puxou ao seu encontro e entrou um pouco mais. Movendo-se até que eu o absorvesse por completo. O que era um problema, porque não havia espaço suficiente para ele dentro de mim.

– Está tudo bem – ele gemeu.

Fácil para ele dizer isso.

Caramba.

Os corpos quentes, unidos um ao outro, ficaram imóveis. Meus braços estavam tão firmes ao redor da cabeça dele, agarrando-o, que não entendi como ele ainda conseguia respirar. De algum modo, ele conseguiu virar o rosto o suficiente para me beijar no pescoço, lamber o suor da minha pele. E subir, por sobre o maxilar até a boca. A pegada letal que eu tinha nele relaxou quando ele me beijou.

– Isso mesmo – disse ele – Tente relaxar para mim.

Assenti num espasmo, obrigando meu corpo a relaxar.

– Você é tão linda e, Deus, tão maravilhosa… – A mão grande afagou meu seio, os dedos calejados me massageando na lateral, acalmando-me. Meus músculos começaram a relaxar mais e mais, ajustando-se à sua presença. A dor diminuía a cada vez que ele me tocava, sussurrando elogios.

– Isso é bom – disse eu por fim, as mãos parando em seus bíceps – Estou bem.

– Não, você é mais do que isso. É maravilhosa.

Emiti um sorriso nervoso. Ele dizia coisas incríveis.

– Quer dizer que posso me mexer? – perguntou.

– Sim.

Ele começou a se mexer contra mim, um pouco mais a cada vez. Acelerando conforme nossos corpos se movimentavam escorregadios. Nós nos encaixávamos, em grande parte. E estávamos mesmo fazendo aquilo, a nossa façanha. Aquilo sim era estar próximo de alguém. Não havia como estar fisicamente mais próximo do que aquilo. Fiquei imensamente feliz de ser com ele. Aquilo significava tudo.

Com Tommy, durou apenas dois segundos. O tempo para ele romper meu hímen e me machucar. David me afagou e me beijou e se demorou. Lentamente, o doce calor, aquela sensação de pressão crescente, voltou. Ele cuidou de tudo com atenção, beijando-me longa e ternamente. Penetrando-me de um modo que só provocava prazer. Ele foi incrível, observando-me atentamente, captando minhas reações ante tudo o que fazia.

Por fim, agarrei-me a ele e cheguei ao ápice. Foi como se os fogos de artifício do Ano-Novo explodissem dentro de mim, quentes, brilhantes, perfeitos. Tanto por dentro quanto sobre mim, a pele dele grudada na minha. Balbuciei seu nome e ele se pressionou com força contra mim. Quando ele gemeu, seu corpo inteiro

estremeceu. Enterrou a cabeça em meu pescoço, a respiração aquecendo minha pele.

Conseguimos.

Puxa.

Uau.

As coisas ficaram um pouco doloridas. As pessoas tinha razão quanto a isso. Mas nada como da última vez.

Com cuidado, ele saiu de dentro de mim, desabando na cama ao meu lado.

– Conseguimos – sussurrei.

Seus olhos se abriram. Seu peito arfava, ele se esforçava para captar mais ar. Depois de um instante, rolou de lado para me encarar. Não existia um homem melhor. Disso eu tinha certeza.

– É… Você está bem? – perguntou.

– Sim. – Aproximei-me, à procura do calor do seu corpo. Ele passou um braço sobre minha cintura, arrastando-me para perto. Deixando-me saber que era querida. Nossos rostos estavam a uma mão de distância. – Foi muito melhor do que da última vez. Acho que, no fim, gosto de sexo.

– Você não faz ideia do quanto fico aliviado por ouvir isso.

– Ficou nervoso?

Ele riu, se aproximando mais.

– Não tão nervoso quanto você. Fico feliz que tenha gostado.

– Adorei. Você é um homem de muitos talentos.

Seu sorriso ficou mais reluzente.

– Não vai ficar todo metido para cima de mim agora, vai? Deixando o trocadilho de lado.

– Eu não ousaria. Confio em você para me manter com os pés no chão, senhora Ferris.

– Senhora Ferris… – repeti, sem deixar de me admirar – Que tal?

– Hum… – Seus dedos me afagaram no rosto.

Peguei a mão dele, inspecionando-a.

– Você não tem uma aliança.

– Não, não tenho. Temos que dar um jeito nisso.

– Sim, temos.

Ele sorriu.

– Olá, senhora Ferris.

– Olá, senhor Ferris.

Não havia espaço suficiente naquele quarto para todos os sentimentos que ele me inspirava.

Nem um pouco.

CAPÍTULO 11

Passamos a tarde no estúdio de gravação com Tyler e Mal. Quando David não estava tocando, ele me puxava para seu colo. Quando estava ocupado com a guitarra, eu ouvia, maravilhada com seu talento. Ele não cantou, então fiquei no escuro quanto às letras. Mas a música era bela em seu estilo rock and roll. Mal pareceu satisfeito com o novo material, balançando a cabeça com o ritmo.

Tyler estava radiante atrás da esplêndida mesa de botões e indicadores.

– Toca essa frase de novo, Dave.

Meu marido assentiu e seus dedos se moveram pela escala, produzindo mágica.

Pam esteve ocupada nesse meio-tempo no andar de cima, tendo começado a desembalar algumas das caixas. Quando ela fez menção de voltar ao trabalho no começo da noite, acompanhei-a. Não era justo que ela acabasse cuidando de toda aquela tarefa sozinha. Sem falar que isso satisfazia o meu senso de organização interior. De vez em quando escapava para o porão para roubar um beijo, antes de voltar a subir para ajudá-la de novo. David e os amigos permaneceram imersos na música. Vez ou outra subiam atrás de comida e bebida, mas logo voltavam para o estúdio.

– É sempre assim quando estão gravando. Perdem a noção do tempo de tão envolvidos que ficam com a música. A quantidade de jantares que Tyler perdeu porque simplesmente se esqueceu! – disse Pam, com as mãos ocupadas numa das caixas – É o trabalho deles, mas também seu primeiro amor – prosseguiu, tirando o pó de uma tigela de estilo oriental – Sabe aquela velha namorada que sempre fica pairando pelos lados, ligando embriagada no meio da noite e pedindo para voltar?

Gargalhei.

– Como consegue lidar com o fato de nunca vir em primeiro lugar?

– Você tem que encontrar um equilíbrio. A música é uma parte deles que você tem que aceitar, querida. Lutar contra isso não vai adiantar. Você já se sentiu

verdadeiramente apaixonada a respeito de alguma coisa?

– Não – respondi com toda honestidade, observando outro instrumento de cordas que nunca tinha visto antes. Ele tinha um entalhe intricado ao redor do buraco na caixa de ressonância – Gosto da faculdade. Adoro ser barista, é um trabalho bem legal. Gosto muito das pessoas de lá. Mas não posso ficar fazendo café pelo resto da vida. – Parei e fiz uma careta. – Deus, essas são as palavras do meu pai. Esqueça que disse isso.

– Você pode ficar fazendo café pelo resto da vida, se essa for sua escolha – disse ela – Mas, às vezes, leva tempo para descobrir do que gostamos. Não há pressa alguma. Eu nasci e fui criada como fotógrafa.

– Que legal.

Pam sorriu, o olhar se perdendo ao longe.

– Foi assim que Tyler e eu nos conhecemos. Saí numa turnê por alguns dias com a banda da qual ele fazia parte. Acabei rodando a Europa com eles. Nós nos casamos em Veneza, no fim da turnê, e estamos juntos desde então.

– Que história linda.

– É, sim – Pam suspirou – Foi uma época maravilhosa.

– Você estudou fotografia?

– Não, meu pai me ensinou. Ele trabalhava para a National Geographic. Colocou uma câmera em minhas mãos quando eu tinha seis anos e me recusei a devolvê-la. No dia seguinte, ele me comprou outra, de segunda mão. Eu a carregava para onde quer que fosse. Tudo o que eu via era através das lentes. Bem, entende o que quero dizer… o mundo fazia sentido quando eu o enxergava assim. Melhor ainda, aquilo tornava tudo belo, especial.

Ela tirou alguns livros de uma caixa, colocando-os nas prateleiras afixadas. Já tínhamos conseguido encher metade delas com livros e objetos decorativos.

– David namorou diversas garotas ao longo dos anos. Mas ele é diferente com você. Sabe… o modo como ele olha para você, acho adorável. É a primeira vez que ele traz alguém aqui em seis anos.

– Por que a casa ficou vazia por tanto tempo?

O sorriso de Pam sumiu e ela evitou o meu olhar.

– Ele queria que este fosse seu lar, um lugar para onde voltar, mas as coisas mudaram. A banda estava fazendo muito sucesso. Acho que ficou mais complicado. Ele pode lhe explicar melhor isso.

– Tudo bem – disse eu, intrigada.

Pam se acomodou sobre os calcanhares, olhando ao redor da sala.

– Olha só eu aqui tagarelando. Trabalhamos o dia inteiro. Acho que merecemos uma pausa.

– Concordo.

Quase metade das caixas estava aberta. O conteúdo que não encontrava um lar imediato ficava numa fila ao longo da parede. Um imenso sofá de veludo preto fora entregue. Ele combinava perfeitamente com a casa e com o dono. Com diversos tapetes, fotos e instrumentos dispostos, o lugar estava quase se parecendo com um lar. Fiquei imaginando se David aprovaria. Com muita facilidade, eu conseguia nos visualizar passando algum tempo ali quando eu não estivesse em aula. Ou talvez ele passasse os feriados em turnês. Nosso futuro era uma coisa linda, deslumbrante, repleto de promessas.

Contudo, no calor do momento, eu ainda não tinha ligado para Lauren. Um fato que me provocava culpa. Explicar aquela situação não me apetecia, tampouco confessar meus sentimentos crescentes por David.

– Venha, vamos pegar comida lá no fim da estrada. O bar faz as costelas mais saborosas que você já provou. Tyler as adora – disse Pam.

– Que ideia brilhante. Só vou avisar onde estamos indo. Preciso me trocar? – Eu estava de jeans preto, regata e tênis. O único calçado que consegui encontrar em meio às compras de Martha que não tinham salto dez. Para variar, eu quase parecia associada ao rock. Pam estava de jeans e camiseta branca, com um colar grosso de turquesa. Era um *look* casual em teoria, mas Pam era uma mulher maravilhosa.

– Está muito bem assim – disse ela – Não se preocupe. O lugar é bem informal.

– Tudo bem.

O som da música ainda vinha do andar de baixo. Quando desci, a porta estava fechada e a luz vermelha estava acesa. Consegui ver Tyler com os fones de ouvido, ocupado no console. Eu havia me esquecido de carregar meu celular com todos aqueles acontecimentos. Mas também não tinha o número de David, portanto, nem poderia lhe mandar uma mensagem de texto. Não quis interromper. No fim, acabei deixando um recado sobre o banquinho da cozinha. Não demoraríamos. David muito provavelmente nem perceberia.

O bar era o tradicional país das maravilhas em madeira, com um imenso jukebox e três mesas de bilhar. Os funcionários cumprimentaram Pam quando entramos. Ninguém sequer piscou para mim, o que foi um alívio. O lugar estava lotado. Foi bom voltar a ficar no meio das pessoas, apenas como parte da multidão. Pam havia telefonado antes para fazer a encomenda, mas o pedido ainda não estava pronto. Pelo visto, a cozinha estava tão atarefada quanto o bar. Pegamos duas bebidas e nos sentamos para esperar. Era um local agradável, bem relaxado. Havia risos e música country saindo do jukebox. Meus dedos acompanhavam tamborilando no ritmo.

– Vamos dançar – disse Pam, apanhando minha mão e me puxando da cadeira.

Ela se remexeu e rebolou enquanto eu a seguia até a pista cheia.

Foi gostoso relaxar. Sugarland virou Miranda Lambert, e eu ergui os braços, movendo-me com a música. Um cara se aproximou e me segurou pelos quadris, mas recuou um passo quando balancei a cabeça com um sorriso. Ele retribuiu o sorriso e continuou dançando, sem se afastar. Um homem girou Pam e ela rodopiou, permitindo que a segurasse num abraço frouxo. Pareciam se conhecer.

Quando o cara se aproximou um pouco, não me opus. Ele não tentava me segurar e isso me pareceu amigável o bastante. Não conhecia a canção seguinte, mas tinha uma boa batida e continuamos dançando. Minha pele ficou suada e os cabelos grudaram no rosto. Em seguida foi a vez de Dierks Bentley. Quando tinha uns doze anos, fui absolutamente apaixonada por ele, mas só por causa dos seus lindos cabelos loiros, e não por causa da música. Meu amor por ele era algo embaraçoso.

O cara número um se afastou e outro assumiu seu posto, passando um braço ao redor da minha cintura e me puxando ao seu encontro. Plantei as mãos em seu peito e o empurrei, dando-lhe o mesmo sorriso e meneio que havia funcionado com o primeiro. Ele devia ter a minha altura, desconsiderando-se o chapéu imenso, mas era forte. Tinha o peito largo e fedia a cigarros.

– Não – disse eu, tentando afastá-lo de mim – Lamento.

– Não lamente, querida – gritou em meu ouvido, batendo na minha testa com a aba do chapéu – Dance comigo.

– Solte.

Ele sorriu malicioso e as mãos desceram para as minhas nádegas. O cretino começou a se esfregar em mim.

– Ei! – Empurrei-o, mas não consegui afastá-lo. – Me solta!

– Benzinho. – O maldito se inclinou para me beijar, batendo no meu nariz com a aba do chapéu de novo. Doeu. E também o odiei. Se ao menos conseguisse acomodar a perna entre as dele para lhe desferir uma bela joelhada na virilha, eu poderia igualar o placar. Ou deixá-lo se contorcendo no chão, chorando e implorando pela mamãezinha dele. Um resultado ao qual eu não me opunha.

Enfiei o pé entre os dele, aproximando-me do meu objetivo. Mais perto…

– Solte-a. – David miraculosamente apareceu em meio à multidão ao nosso lado, um músculo saltando em seu maxilar. Ai, caramba. Ele parecia pronto para matar.

– Espere a sua vez – o cowboy exclamou de volta, enterrando a pélvis ao meu encontro. Deus, que nojo. Eu seria capaz de vomitar. E não seria nada menos do que ele merecia.

David rosnou. Depois pegou o chapéu do homem e o fez voar em meio à multidão. Os olhos do outro se arregalaram e ele me soltou.

Recuei um passo, livre por fim.

– David…

Ele olhou para mim e, nesse momento, o cowboy avançou. Seu punho atingiu o maxilar de David e a cabeça dele virou, ele cambaleou. O cowboy investiu contra ele. Aterrissaram com força, esparramados na pista de dança. Socos. Chutes. Eu mal conseguia ver quem fazia o quê. As pessoas formaram um círculo ao redor deles, assistindo. Ninguém fez nada para detê-los. Sangue jorrou, esguichando no chão. Os dois rolaram e se empurraram, David acabou por cima. Só para depois cair de lado. Minha pulsação latejava nos ouvidos. A violência era surpreendente. Nathan costumava se meter em brigas depois da aula. Eu odiava aquilo. O sangue e a sujeira, a ira irracional.

Mas eu não poderia ficar ali só olhando, tomada pelo estupor. Não faria isso.

Uma mão forte segurou meu braço, detendo meu movimento.

– Não – disse Mal.

Então, ele e outros dois intervieram. O alívio me assolou. Mal e Tyler arrancaram David de cima do cowboy. Outro par refreou o idiota de rosto ensanguentado que gritava a respeito do maldito chapéu. Cretino.

Levaram David para fora do bar, arrastando-o de costas. Passaram pelas portas e desceram os degraus enquanto ele chutava, tentando voltar para lá. E ele continuou se debatendo até que o empurraram contra o grande Jeep preto de Mal.

– Já chega! – Mal gritou no rosto dele – Acabou.

David se recostou no veículo. O sangue descia por uma das narinas. Os cabelos escuros pendiam sobre o rosto. Mesmo nas sombras, ele parecia inchado, machucado. Não tanto quanto aquele cretino, mas ainda assim…

– Você está bem? – Dei um passo à frente para verificar a extensão dos seus ferimentos.

– Estou bem – respondeu, os ombros ainda se erguendo enquanto ele encarava o chão, arfante – Vamos embora.

Movendo-se em câmera lenta, ele se virou e abriu a porta do passageiro, entrando. Com um tchau resmungado, Pam e Tyler foram para o carro deles. Um casal estava na escada que dava para o bar, observando. Outro cara tinha um taco de basebol nas mãos, como se esperasse mais confusão.

– Ev. Entre no carro. – Mal abriu a porta de trás e me incitou a entrar. – Vamos. A polícia pode estar chegando. Ou pior.

Pior era a imprensa. Eu já sabia disso. Eles cairiam matando naquela história.

Entrei no carro.

CAPÍTULO 12

Mal desapareceu assim que chegamos em casa. David subiu batendo os pés na escada que levava para o nosso quarto. Seria nosso mesmo? Eu não fazia ideia. Mas o segui. Ele se virou e me encarou assim que entrei no quarto. A expressão dele era feroz, as sobrancelhas negras abaixadas e a boca formando uma linha fina.

– Chama isso de nos dar uma chance?

Uau. Lambi os lábios, concedendo-me um tempo.

– Chamo de ir buscar comida. A cozinha estava atarefada, por isso pegamos uma cerveja. Gostamos da música e resolvemos ir dançar. Nada mais.

– Ele estava em cima de você.

– Eu estava para chutar as bolas dele.

– Você saiu sem dizer nada, porra! – ele berrou.

– Não grite comigo. – disse eu, buscando uma calma que ainda não sentia – Deixei um recado na cozinha.

Ele enfiou as mãos nos cabelos, visivelmente se esforçando para se acalmar.

– Eu não vi. Por que não foi falar comigo?

– A luz vermelha estava acesa. Vocês estavam gravando e não quis atrapalhar. Não era para termos demorado.

Com o rosto machucado furioso, ele se afastou alguns passos e depois voltou. Nem um pouco mais calmo pelo que eu podia ver, apesar da movimentação. Mas, pelo menos, ele parecia estar tentando. Seu mau humor era a terceira pessoa presente no quarto e ela tomava conta de todo o maldito espaço.

– Fiquei preocupado. Você estava sem o celular, encontrei-o na droga da mesa. O de Pam tocava e ninguém atendia.

– Sinto muito que tenha ficado preocupado. – Estendi as mãos, sem ter mais desculpas para nós duas. – Esqueci de carregar o celular. Às vezes acontece. Vou tentar tomar mais cuidado no futuro. Mas, David, não aconteceu nada. Eu tenho permissão para sair da casa.

– Droga. Eu sei disso. É só que…

– Você estava ocupado com as suas coisas e tudo bem.

– Isso é alguma porra de castigo? – Ele forçou as palavras por entre os dentes. – É isso?

– Não. Claro que não – suspirei. Fiquei quieta.

– Então não estava tentando que alguém te cantasse?

– Vou fingir que você não disse isso. – Bater na cabeça dele não estava fora de questão. Cerrei os punhos ao lado do corpo, só por garantia, resistindo à tentação.

– Por que deixou que ele tocasse em você?

– Não deixei. Pedi que ele se afastasse e ele se recusou. Foi nessa hora que você chegou. – Esfreguei a boca com os dedos, já ficando sem paciência. – Só estamos andando em círculos aqui. Talvez seja melhor conversarmos mais tarde quando você tiver se acalmado.

Com as mãos trêmulas, virei para a porta.

– Está indo embora? Maravilha! – Ele se jogou no colchão. Um riso sem humor algum saiu da sua boca. – E isso é ficar juntos…

– O quê? Não. Só não quero brigar com você, David. Vou até lá embaixo antes que a gente comece a dizer coisas que não queremos. É só isso.

– Vai! – disse ele com a voz dura – Eu sabia que você iria fazer isso.

– Deus! – grunhi, voltando de frente para ele. O desejo de gritar com ele, tentando fazê-lo entender aquilo, ferveu dentro de mim – Você está me ouvindo? Só um pouquinho que seja? Não estou indo embora! De onde veio essa ideia?

Ele não respondeu, apenas me encarou com olhos acusatórios. Aquilo não fazia sentido.

Quase tropecei ao voltar para perto dele, os pés cambaleantes. Dar de cara no chão seria perfeito. Era exatamente para isso que eu estava me encaminhando. Eu nem mais sabia pelo que estávamos discutindo, se é que existiu algum motivo.

– Com quem você está me comparando? – perguntei, tão furiosa quanto ele – Porque eu não sou ela.

Ele continuou me encarando.

– E então?

Os lábios dele continuaram cerrados e minha frustração subiu aos céus. Eu queria agarrá-lo e sacudi-lo. Fazê-lo admitir alguma coisa, qualquer coisa. Obrigá-lo a me contar o que diabos estava acontecendo ali, de fato.

Subi na cama, e fiquei cara a cara com ele.

– David, fale comigo!

Nada.

Beleza.

Afastei-me com as pernas trêmulas e tentei sair de cima do colchão. Ele segurou meus braços, tentando me deter. Até parece. Empurrei-o. Debatendo-nos, acabamos caindo da cama direto no chão. As costas dele atingiram as tábuas de madeira. Na mesma hora, ele nos rolou, deixando-me por baixo. O sangue pulsava em meus ouvidos. Chutei e empurrei e me debati com toda raiva que ele me inspirara. Antes que ele conseguisse reagir, rolamos de novo, eu ficando por cima. Ele não tinha como me deter, o maldito. A fuga era iminente.

Mas não aconteceu.

David segurou meu rosto com as duas mãos e esmagou meus lábios com os dele, beijando-me com força. Abri a boca e a língua dele invadiu. O beijo foi bruto e molhado. Respirar foi um problema. Nós dois tínhamos dificuldade para controlar a raiva e nenhum de nós conteve as mordidas. Tendo a boca já machucada, ele, definitivamente, tinha mais a perder. Não demorou para que o gosto metálico do sangue chegasse à minha língua.

Ele rompeu o beijo, sangue fresco no lábio superior inchado.

– Cacete.

Ele agarrou minhas mãos. Não facilitei, dando tudo de mim para me soltar. Mas ele era mais forte. Ele as pressionou contra o chão com relativa facilidade. A pressão da excitação dele em minhas pernas era deliciosa, insana. E quanto mais eu me debatia, melhor ficava. A adrenalina já corria solta dentro de mim, amplificando tudo. O desejo de tê-lo jazia logo abaixo da superfície, formigando minha pele, deixando-me hiperconsciente de tudo.

Então, aquilo era sexo furioso. Eu não queria, de fato, machucá-lo. Mas havia outras maneiras de me afirmar naquela situação. Ele voltou para a minha boca e mordisquei novamente, num aviso.

Um sorriso louco surgiu em seu rosto. E que devia combinar com o meu. Arfávamos, esforçávamo-nos por ar. Os dois teimosos como o diabo. Sem dizer nada, ele soltou meus pulsos e recuou. Rápido, me segurou pela cintura e me virou, deixando-me de quatro. Dispondo-me bem como queria. Mãos ásperas abriram o botão e desceram o zíper da minha calça jeans. Ele abaixou num puxão a calça e a tanga ridiculamente cara, o corpo equilibrado sobre o meu.

Suas mãos alisaram meu traseiro. Dentes arranharam a pele sensível de uma nádega, logo acima da tatuagem do seu nome. Uma mão escorregou para espalmar meu sexo. A pressão dos dedos em mim me fez ver estrelas. Quando começaram a me acariciar, excitando-me mais, não contive um gemido. Ele me mordicou na bunda, disparando uma sensação de dor afiada. Depois, pressionou beijos ao longo da minha coluna. A barba crescida do queixo arranhou o ombro.

A ausência de palavras, o silêncio absoluto a não ser pelas respirações pesadas

intensificou tudo. Deixou aquilo tudo diferente.

Um dedo deslizou para dentro de mim. Não bastava, nem chegava perto de bastar. Ele inseriu um segundo dedo, estendendo-me um pouco. Uma vez, duas, ele me golpeou. Pressionei-me ao encontro de sua mão, precisando de mais. Em seguida, veio o barulho da gaveta do criado-mudo deslizando, enquanto ele procurava por um preservativo. Seus dedos saíram de mim e essa perda foi excruciante. Ouvi o zíper sendo abaixado, o rufar das roupas e o rasgo da embalagem da camisinha. Logo seu membro me pressionou, esfregando-se em minha abertura. Ele me penetrou num movimento lento e firme, preenchendo-me até que não restasse nada que não fosse ele e eu. Por um instante ele parou, permitindo que eu me ajustasse.

Mas não demais.

Mãos agarraram meus quadris, e ele começou a se movimentar. Cada estocada era um pouco mais rápida e mais firme que a anterior. A respiração arfante e as batidas de pele contra pele engolfaram o silêncio. O cheiro do sexo pesava no ar. Pressionei-me ao seu encontro, enfrentando cada investida, cravando-me nele. Não teve nada a ver com a doçura e a lentidão daquela manhã. Nenhum de nós foi carinhoso. Meus jeans me prendiam nos joelhos, fazendo-me deslizar um pouco a cada arremetida. Seus dedos se enterraram nos meus quadris, mantendo-me firme no lugar. Ele acertou algo dentro de mim que me fez arfar em surpresa. De novo e mais uma vez, ele se concentrou naquele ponto, deixando-me desnorteada. Eu me sentia superaquecida. Como se um fogo ardesse dentro de mim. O suor escorria pela minha pele. Pendi a cabeça, fechei os olhos e me segurei no chão com todas as forças. Minha voz clamou sem meu consentimento, dizendo seu nome. Maldição. Meu corpo não era meu. O gozo foi intenso, assolando-me com sensações. A cabeça arqueou para trás, todos os músculos ficaram rijos.

David me penetrava, mãos escorregando em minha pele suada. Ele gozou no instante seguinte, em silêncio, segurando-me firme. Seu rosto repousou em minhas costas, os braços ao meu redor, o que foi bom. Eu perdera toda e qualquer tração. Devagar, escorreguei para o chão. Se ele não estivesse me segurando, eu teria dado de cara no chão. Duvido que eu tivesse ligado para isso.

Em silêncio, ele me ergueu e me carregou para o banheiro, acomodando-me na pia. Sem estardalhaço, lidou com o preservativo, começou a encher a banheira, deixando uma mão debaixo da torneira para verificar a temperatura. Ele me despiu tal qual a uma criança, tirando os tênis e as meias, a calça e a calcinha. Puxou a camiseta e soltou o sutiã. As próprias roupas foram arrancadas com muito menos cuidado. Eu achei intrigante ficar nua assim com ele, e o modo como ele me tratava. Sendo carinhoso, apesar das minhas mordidas e da

minha resistência. Ele me tratou como se eu fosse preciosa. Como se eu fosse uma bonequinha de porcelana. Uma com a qual ele podia, pelo visto, fazer sexo brutal de vez em quando. Mais uma vez, verificou a água, depois me pegou no colo e entrou na banheira.

Acomodei-me ao seu encontro, a pele esfriando rápido. Meus dentes tiritaram. Ele me abraçou forte, apoiando a bochecha no topo da minha cabeça.

– Desculpe se fui rude demais – disse ele, por fim – Não tive a intenção de te acusar daquele jeito. Eu só… Droga. Desculpe.

– Isso não tem problema, mas a questão da confiança… Vamos ter que falar a respeito disso algum dia. – Apoiei a cabeça no ombro dele, fitando os olhos perturbados.

O queixo dele se ergueu e ele assentiu, tenso.

– Mas agora, eu gostaria de falar sobre Vegas.

Os braços ao meu redor ficaram tensos.

– O que tem Vegas?

Fiquei olhando para ele, tentando refletir a respeito. Sem querer estragar aquilo, o que quer que aquilo fosse.

Casamento, é o que era.

Caramba.

– Falamos sobre muitas coisas nas últimas vinte e quatro horas – disse eu.

– Sim, acho que sim.

Levantei a mão, olhando para o anel reluzente. O tamanho do diamante não importava. O fato de David tê-lo colocado em meu dedo era o que o tornava importante.

– Falamos sobre muitas coisas. Dormimos juntos e fizemos promessas um para o outro. Promessas importantes.

– Está arrependida de alguma coisa?

Minha mão escorregou para trás da nuca dele.

– Não. De jeito nenhum. Mas se você acordasse amanhã de manhã, e, por algum motivo, tivesse se esquecido de tudo, se tudo tivesse sumido para você, como se eu jamais tivesse acontecido, eu ficaria furiosa com você.

A testa dele se enrugou.

– Eu te odiaria por você se esquecer de tudo quando tudo significou tanto para mim.

Ele lambeu os lábios e fechou a torneira com o pé. Sem a água corrente, o cômodo ficou imediatamente silencioso.

– É… Eu fiquei bravo.

– Não vou mais te desapontar assim.

Debaixo de mim, o peito dele estufou e desinflou.

– Ok.

– Sei que é preciso tempo para confiar em alguém. Mas, nesse ínterim, preciso que você, ao menos, me dê o benefício da dúvida.

– Eu sei. – Olhos azuis circunspectos me fitaram.

Ergui-me e apanhei a bucha na beira da banheira.

– Deixa eu te limpar um pouco.

Havia uma mancha escura no maxilar dele. Sangue debaixo do nariz e perto da boca. Ele estava acabado. Um grande hematoma avermelhado cobria suas costelas.

– Seria bom você ver um médico – disse eu.

– Não tem nada quebrado.

Com cuidado, limpei o sangue da lateral da boca e debaixo do nariz. Vê-lo sofrendo era horrível. Saber que fui a causa revirou meu estômago.

– Avise se eu estiver fazendo muita força.

– Está bom assim.

– Sinto muito você ter se machucado. No bar, hoje, e em Vegas. Não quis que nada disso tivesse acontecido.

Os olhos dele se suavizaram e as mãos me afagaram.

– Quero que volte para L.A. comigo. Quero que fique comigo. Sei que as aulas logo vão começar e que no fim vamos ter que dar um jeito nisso. Mas, o que quer que aconteça, não quero que a gente fique distante.

– Não vamos ficar.

– Promete?

– Prometo.

CAPÍTULO 13

A luz da manhã me acordou. Rolei de costas e me espreguicei, alongando os músculos. David estava de costas ao meu lado, dormindo profundamente. Ele tinha um braço sobre o rosto, cobrindo os olhos. Com ele ali, tudo estava certo no meu mundo. Mas também tudo estava exposto. Em algum momento no meio da noite, ele chutara os lençóis. Então a tora matutina era verdade. Puxa vida. Lauren esteve certa nesse ponto.

Acordar ao lado dele com a minha aliança no dedo me fez sorrir como uma lunática. Claro que acordar ao lado de um David nu em pelo faria qualquer uma sorrir. Eu estava um pouco dolorida entre as pernas em razão dos esforços da noite anterior, mas nada ruim demais. Nada suficiente para me distrair da vista que era o meu marido.

Desci um pouco na cama, observando-o ao meu bel-prazer só para variar. Ele quase não tinha umbigo. Era basicamente uma pequena incisão seguida por uma trilha de pelos escuros que atravessavam o abdômen reto diretamente até *aquilo*. E *aquilo* estava duro, grosso e comprido.

Aquilo sendo o seu pênis, claro.

Credo. Não, aquilo não parecia o certo.

Seu pau. Sim, muito melhor.

Ficamos na banheira de água quente por um tempo na noite anterior por insistência dele, só relaxando. Conversamos. Foi lindo. Não houve menção à mulher que obviamente o traíra e/ou o abandonara no passado. Mas senti sua presença pairando. O tempo a chutaria para fora pela porta dos fundos, tive certeza disso.

Ele rescendia levemente a sabonete, talvez um pouco almiscarado. Calor não era algo que eu tivesse registrado como tendo cheiro, mas esse era o cheiro de David. Calor, como se ele fosse a luz do sol líquida ou algo assim. Calor, conforto, lar.

Espiei o rosto dele. Os olhos ainda estavam fechados debaixo do braço, ainda

bem. O peito subia e descia num ritmo constante. Eu não precisava que ele me apanhasse avaliando sua virilha, pouco importando o quanto os meus pensamentos fossem poéticos. Isso seria embaraçoso numa escala que eu preferia não experimentar.

A pele parecia hipersuave, apesar das veias aparentes e da cabeça bem protuberante. Ele não fora operado. A curiosidade levou a melhor. Com toda a parte frontal ao meu dispor, veja aonde fui parar. Pousei a mão com leveza sobre ele. A pele era macia e quente. Com cuidado, fechei os dedos ao seu redor. Seu pau se contraiu e eu saltei para trás, assustada.

David explodiu numa gargalhada, longa e alta.

Maldito.

A vergonha foi uma represa que explodiu dentro de mim. O calor subiu pelo meu pescoço.

– Desculpe – disse ele, segurando-me com a mão – Mas você tinha que ver a sua cara.

– Não é engraçado.

– Gata, não vai acreditar, foi muito engraçado. – Ele envolveu meu pulso com os dedos, arrastando-me para ele. – Vem cá. Ah, as pontas das suas orelhas estão vermelhas…

– Não estão, não – resmunguei, deitando-me sobre ele.

Ele me afagou nas costas, ainda rindo.

– Não deixe que isso te marque pelo resto da vida, ok? Gosto que toque em mim.

Bufei sem expressar nenhuma opinião.

– Sabe, se você brincar com o meu pau, coisas sempre vão acontecer. Eu garanto.

– Sei disso. – A curva do pescoço dele vinha bem a calhar como esconderijo, por isso, tirei proveito e enfiei o rosto ali. – Só fui pega desprevenida.

– Ah, isso foi mesmo. – Ele me abraçou com força, depois desceu uma mão para me espalmar na nádega. – Como é que você está se sentindo?

– Bem.

– Mesmo?

– Um pouco dolorida – admiti – Muito feliz. Apesar de que isso foi antes de você caçoar de mim.

– Pobrezinha. Deixe-me ver – disse ele, deitando-me no colchão até ele ficar por cima.

– O quê?

Ele se sentou entre as minhas pernas e com uma mão, afastou meus joelhos. Com olhos experientes, ele me avaliou.

– Não parece muito inchada. Você só deve estar um pouco dolorida por dentro, certo?

– Pode ser. – Tentei subir as pernas, fechá-las. Porque eu duvidava muito que tê-lo ali olhando para mim daquele jeito ajudava na cor das pontas das minhas orelhas.

– Tenho que ser mais cuidadoso com você.

– Estou bem. Não sou de vidro, sério.

– Hum…

– É preciso mais do que uma rodada de sexo selvagem no chão duro para me preocupar.

– É mesmo? Fique paradinha para mim – disse ele, escorregando para baixo para se deitar na ponta do colchão.

Isso o situava distintamente entre as minhas pernas, cara a cara com as minhas partes femininas, garantindo que eu não fosse a lugar algum. Ouvi coisas interessantes a esse respeito, coisas que me deixavam embaraçada em níveis redundantes. Além disso, eu estava curiosa.

Ele resvalou os lábios no meu sexo, o calor da sua respiração me fazendo tremer. Os músculos do meu estômago sofreram um espasmo em antecipação.

O olhar dele se deparou com o meu por cima do meu tronco.

– Tudo bem?

Assenti rispidamente, impaciente.

– Ponha o outro travesseiro debaixo da cabeça – instruiu – Quero que você consiga enxergar.

Meu marido tinha ideias incríveis. Fiz como ele pediu, ajeitando-me para olhar, apesar de as pernas tremerem. Ele beijou o interior das coxas, primeiro uma, depois a outra. Tudo em mim se concentrava das sensações que emanavam dali. Meu mundo era um lugar pequeno e perfeito. Nada além daquela cama existia.

Ele fechou os olhos, mas os meus permaneceram abertos. Ele beijou um caminho até os lábios do meu sexo e depois tracejou a fenda com a ponta da língua. Aquilo funcionou. O calor se espalhou dentro de mim. As mãos envolveram a parte interior das minhas coxas, os dedos esfregando pequenos círculos em minha pele. Seus lábios não abandonaram meu sexo. Era exatamente como se ele estivesse me beijando ali. A boca bem aberta, a língua açoitando, fazendo-me retorcer. A pegada em minhas coxas aumentou, prendendo-me a ele. Até o resvalar dos seus cabelos e o raspar da barba por fazer eram excitantes. Não sei quando parei de olhar. Meus olhos se fecharam por vontade própria, conforme o prazer tomou conta de mim. Foi incrível. Não quis que acabasse. Mas a pressão dentro de mim se avolumou até que eu não suportei mais. Gozei

num grito, meu corpo tenso da cabeça aos pés. Cada pedacinho meu formigava. Ele não recuou até eu ficar perfeitamente imóvel, concentrada apenas em respirar.

– Estou perdoado por ter rido de você? – perguntou, engatinhando pela cama até me beijar no ombro.

– Claro.

– E quanto ao sexo selvagem no piso duro? Estou perdoado por isso também?

– Hum-hum.

O colchão afundou debaixo de mim quando ele pairou logo acima. A boca molhada se demorou na curva do seio, na linha da minha clavícula.

– Gostei muito disso – disse eu, com voz preguiçosa e baixa. Fui abrindo os olhos aos poucos.

– O êxtase te cai bem, Evelyn. – Uma mão alisou meu quadril, e ele sorriu para mim. – Posso te comer sempre que você quiser. Você só precisa pedir.

Retribuí o sorriso. E o sorriso pode ter estremecido um *pouquinho* nos cantos. Falar sobre aquele tipo de assunto era novidade para mim.

– Diga que gostou que eu lambesse a sua bocetinha.

– Eu já disse que gostei.

– Você está com vergonha. – As sobrancelhas de David se uniram. Havia um ar de travessura em seu olhar. – Você consegue falar sobre sexo selvagem no piso duro, mas não sobre cunilíngua, é? Diga “xaninha”.

Revirei os olhos.

– Xaninha.

– De novo. E não como se estivesse chamando uma gatinha.

– Não estou fazendo isso. Xaninha, xaninha, xaninha. Xaninha, que não significa gatinha. Pronto. Satisfeito? – Gargalhei, descendo uma mão pelo peito dele, almejando a virilha. – Posso fazer alguma coisa para você agora?

Ele deteve minha mão, levou-a à boca e a beijou.

– Vou esperar até de noite quando podemos fazer amor de novo, se você estiver se sentindo bem.

– Vamos fazer amor hoje à noite, senhor Sedução?

– Claro. – Ele sorriu com zombaria, saindo da cama. – Vamos fazer amor de novo e depois vamos foder. Acho que precisamos dedicar um tempo considerável explorando as diferenças. Vai ser divertido.

– Ok. – concordei com presteza. Eu não era nada boba.

– Essa é a minha garota. – Estendeu uma mão, com o olhar intenso. – Você é tão linda. Sabe, não vou conseguir esperar até a noite.

– Não?

– Não. Olhe, você deitada, nua, na minha cama. Nunca vi nada de que

gostasse mais antes. – Balançou a cabeça, os olhos pesarosos enquanto passeavam pelo meu corpo. Meu marido era incrivelmente bom para o meu ego. Mas, ao mesmo tempo, também fazia com que eu me sentisse humilde, agradecida. – Fui um idiota e tanto ao sugerir que esperássemos – disse ele, recuando um passo e me chamando com o dedo – Você sabe o quanto odeio ficar longe de você. Pode me ajudar no chuveiro? Isso pode te dar alguma experiência prática.

Saí da cama, indo atrás dele.

– Mesmo?

– Sem dúvida. E você também sabe o quanto levo sua educação a sério.

—

– Eu odeio você! – disse Lauren, a voz ecoando pela linha do telefone. Pam me avisara que algumas partes do litoral não tinham bom sinal de celular. – Não estou dizendo que não te amo mais – completou – Mas, sabe…

– Eu sei, desculpe – disse eu, ajeitando-me num canto da sala. Os homens estavam ocupados embaixo, fazendo música. Pam tinha ido fazer umas coisas no centro. Eu tinha telefonemas para dar. Caixas para abrir. Sonhos de uma feliz vida conjugal para transformar em proporções insanas e impossíveis dentro da cabeça.

– Deixa pra lá. Conta tudo! – exigiu ela.

– Bem, ainda estamos casados. E, desta vez, isso é bom.

Lauren gritou no meu ouvido. Ela precisou de alguns minutos para se acalmar.

– Ai, meu Deus, eu tinha esperanças de que algo acontecesse. Ele é tão sexy!

– Sim, é mesmo. Mas é mais do que isso. Ele é maravilhoso.

– Continue…

– Isto é, maravilhoso mesmo.

Ela deu uma gargalhada.

– Você já disse “maravilhoso”. Tente usar outra palavra, Cinderela. Dê à minha fã interior algo com que se satisfazer.

– Não dê em cima do meu marido. Isso não é legal.

– Você só está atrasada seis anos nesse aviso. Tenho uma queda por David Ferris desde muito antes de você colocar uma aliança no dedo dele em Vegas.

– Na verdade, ele não tem aliança.

– Não? Você precisa dar um jeito nisso.

– Hum. – Fiquei olhando para a vista do mar. Ao longe, um pássaro voava em círculos lentos, bem alto no céu. – Estamos na casa dele em Monterey. É lindo aqui.

– Você saiu de L.A.?

– L.A. não é grande coisa. Todas aquelas fãs, e os advogados e agentes e tudo mais, foi uma droga.

– Detalhes, amor. Pode falar.

Dobrei os joelhos junto ao peito e remexi na barra dos jeans, sentindo-me dividida. Discutir detalhes pessoais pelas costas de David não me pareceu legal. Nem mesmo com Lauren. As coisas mudaram. Mais especificamente, nosso casamento mudara. Mas ainda existiam algumas coisas que eu poderia contar.

– As pessoas de lá parecem de outro mundo. Eu não me encaixei. Mas acho que você gostaria de ter visto as festas que eles dão. Todas aquelas pessoas glamourosas juntas na mansão. Foi impressionante.

– Você está me matando de ciúme. Quem esteve lá?

Mencionei alguns nomes e ela emitiu gritinhos de exclamação.

– Mas não sinto falta de lá. As coisas estão bem agora, aqui, Lauren. Deixamos a anulação em suspenso. Vamos ver no que vai dar.

– Isso é tão romântico. Me diga que você partiu para cima do gato, por favor. Não me faça chorar.

– Lauren – suspirei.

– Sim ou não?

Hesitei e ela gritou comigo, como esperado:

– SIM OU NÃO?

– Sim. Tá bom? Sim.

Dessa vez, os gritos definitivamente provocaram danos permanentes no meu ouvido. Eu só conseguia ouvir sinos repicando. Quando isso parou, ouvi alguém murmurando ao fundo. Alguém do sexo masculino.

– Quem está aí? – perguntei.

– Ninguém. Só um amigo.

– Amigo-amigo ou só amigo mesmo?

– Só um amigo. Espera, me deixa mudar de quarto. Estávamos falando sobre você, companheira de David Ferris, guitarrista famoso do Stage Dive.

– Um amigo que eu conheço? – perguntei, com a curiosidade atiçada.

– Você está sabendo que uma foto da sua bunda ficou rodando, não é?

Deixa para eu me retorcer.

– Hum, sim, estou sabendo.

– Vadia. Há-há! Não, agora é sério, você saiu bem na foto. A minha não chegaria nem aos pés. Aposto como ficou contente por ter andado pelo campus no semestre passado em vez de dirigir de um lado para o outro como euzinha, a preguiçosa. Que noite aquela em Vegas, hein, mocinha?

– Vamos falar do seu amigo em vez da minha bunda. Ou de Vegas.

– Ou podemos falar da sua vida sexual. Porque temos discorrido sobre a minha nos últimos anos, mas não muito sobre a sua, amiga – disse ela num tom cantarolado.

– Evvie! Quer refri? – Mal exclamou ao passar a caminho da cozinha, tendo subido do porão.

– Sim, por favor.

– Quem é esse? – perguntou Lauren.

– O baterista. Eles estão trabalhando no estúdio do porão.

Lauren arfou.

– A banda inteira está aí?

– Não, só o Mal e outro amigo do David.

– Malcolm está aí? Ele é muito gostoso, mas um completo mulherengo – informou – Você devia ver a quantidade de mulheres com que ele é fotografado.

– Aqui está, noiva criança. – Mal me entregou uma garrafinha gelada, já sem tampa.

– Obrigada, Mal – agradeci.

Ele piscou para mim e se afastou novamente.

– Não é da minha conta – disse a Lauren.

Ela estalou a língua.

– Você não entrou na internet para descobrir alguma coisa sobre eles, né? Você está às cegas aí.

– Não me parece certo ficar investigando pelas costas deles.

– A ingenuidade só é sexy até certo ponto, *chica*.

– Não estou sendo ingênua, *chica*. Isso é demonstrar respeito pelas vidas pessoais deles.

– Da qual você faz parte.

– A privacidade é importante. Por que eles confiariam em mim se eu os estivesse perseguindo on-line?

– Você e suas desculpas – Lauren suspirou – Então, você não sabe que o grupo começou a fazer turnês quando David só tinha dezesseis anos? Eles conseguiram um trabalho, abrindo os shows de outra banda na Ásia inteira e, desde então, basicamente ficaram com o pé na estrada ou dentro de um estúdio de gravação? Que inferno de vida, hein?

– É… Ele disse que está pronto para desacelerar.

– Não estou surpresa. Existem boatos da banda se desfazer em todos os cantos. Por favor, tente impedir isso, se puder. E faça com que o maridão entre nos trilhos e se apresse para montar um novo álbum. Estou contando com você.

– Pode deixar – disse eu, sem contar que David estava compondo canções para mim. Isso era particular. Pelo menos por enquanto. A lista das coisas que eu

não achava direito contar para Lauren crescia exponencialmente.

– Eu quis que você arrasasse o coração do garoto para ter outro disco como o San Pedro. Mas já deu para perceber que você não vai me ajudar nisso.

– Sua percepção é admirável.

Ela riu.

– Sabe que existe uma música sobre essa casa em Monterey nesse disco?

– Existe, é?

– Ah, sim. É a famosa "Casa de Areia". Uma canção de amor épica. A namoradinha de colégio do David o traiu enquanto ele estava numa turnê na Europa aos vinte e um anos. Ele comprou essa casa para eles morarem.

– Para, Lauren. Isso é… Merda, isso é pessoal. – Meu coração e minha mente dispararam. – Esta casa?

– É. Eles estavam juntos há anos. David ficou arrasado. E depois uma vadiazinha com quem ele dormiu contou a história dela para os tabloides. E também a mãe dele o abandonou quando ele tinha doze anos. Imagino que existam algumas questões no que se refere às mulheres…

– Não, Lauren, pode parar – disse eu, quase estrangulando o telefone – Ele vai me contar essas coisas quando estiver pronto. Isso não me parece certo.

– Isso é estar preparada. Não entendo qual é o problema.

– Lauren.

– Ok. Chega. Mas, sério, esse tanto você precisava saber. Acontecimentos desse tipo deixam marcas permanentes.

Ela tinha razão. Essas informações explicavam as acusações dele quanto a eu abandoná-lo e sua reação exagerada. Duas das mulheres mais importantes no mundo dele o abandonaram. Ainda que descobrir a história dele desse jeito me parecesse errado. Quando confiasse em mim o bastante para me contar, ele o faria. Mas ainda não tivera muita chance de ganhar esse tipo de confiança da parte dele. Informações pessoais não costumam ser partilhadas num primeiro encontro. Que horrível ter a vida inteira exposta na internet à disposição para que as pessoas entrassem e lessem quando bem quisessem. Que privacidade que nada. Não era de admirar que ele tivesse se preocupado que eu falasse com a imprensa.

Tomei um gole do refrigerante e apoiei a garrafa gelada no rosto.

– Quero mesmo que isto dê certo.

– Sei que quer. Dá pra ouvir na sua voz quando você fala sobre ele… Você está apaixonada.

Minha coluna se esticou de pronto.

– O quê? Não. Isso é loucura. Ainda não, pelo menos. Só faz alguns dias. Pareço apaixonada? Mesmo?

– O tempo é irrelevante no que se refere ao coração.

– Talvez – disse eu, preocupada.

– Olha só, o Jimmy anda saindo com a Liv Andrews. Se você se encontrar com ela, quero muito um autógrafo. Amei o último filme dela.

– Jimmy não é lá grande coisa. Isso pode ser desagradável.

Ela bufou.

– Tudo bem. Mas você está apaixonada.

– Quieta.

– Por quê? Acho isso legal.

Murmúrios do amigo misterioso de Lauren interromperam meu medo crescente.

– Tenho que ir – disse ela – Vê se liga, tá?

– Pode deixar.

– Tchau.

Respondi seu “tchau”, mas ela já tinha desligado.

CAPÍTULO 14

– Você está franzindo a testa. – David se aproximou por trás devagar. Inclinou a cabeça, fazendo os cabelos negros caírem sobre o rosto. Ele os passou para trás da orelha e se aproximou. – Por que essa carranca, hein?

Eu estava preparando o jantar. Tinha encontrado discos de pizza no freezer, por isso os tirei para descongelar e comecei a cortar os ingredientes e a ralar queijo para a cobertura, tudo isso enquanto refletia sobre o que Lauren havia me contado, claro. A casa já não me parecia mais tão acolhedora. Armada com o conhecimento de que ela fora comprada tendo outra mulher em mente, meus sentimentos em relação ao lugar se alteraram. Voltei a me sentir uma invasora. Horrível, mas verdadeiro. Insegurança era uma merda.

– Me dá isso. – Por trás, ele pegou meu pulso e levou minha mão à boca dele, lambendo um pouco de molho de tomate do meu dedo. – Hum. Gostoso.

Meu estômago se contraiu em resposta. Deus, a boca dele em mim naquela manhã… Os planos dele para aquela noite… Parecia um sonho, um lindo sonho louco do qual eu não queria acordar. E nem precisava. Tudo ficaria bem. Daríamos um jeito. Estávamos casados agora, comprometidos. Ele passou um braço sorrateiro ao meu redor, pressionando-me a ele, não deixando espaço para qualquer dúvida.

– Como estão as coisas lá embaixo? – perguntei.

– Ótimas. Temos quatro músicas em andamento. Desculpe por termos ficado tanto tempo lá – disse ele, depositando um beijo no meu pescoço, afastando os resquícios de preocupação – Mas agora é a nossa vez.

– Que bom.

– Está fazendo pizza?

– Estou.

– Posso ajudar? – perguntou, ainda esfregando o nariz no meu pescoço. A barba por fazer do queixo arranhou de leve a minha pele, uma sensação estranha e maravilhosa ao mesmo tempo. Ele me deixou trêmula. Até parar – Você vai

colocar brócolis?

– Gosto de legumes na pizza.

– Abobrinha também. Quem diria… – a voz dele parecia incrédula, e ele pousou o queixo no meu ombro – Que coisa.

– E bacon, pepperoni, cogumelos, pimentão, tomate e três tipos diferentes de queijo. – Apontei a faca para a minha escolha de ingredientes. – Espere até experimentar. Vão ser as melhores pizzas do mundo.

– Claro que vão. Olha só, vou ajudar a montar. – Ele me virou de frente, recuando quando a faca na minha mão passou perto. Suas mãos envolveram meus quadris e ele me suspendeu sobre a ilha da cozinha. – Me faça companhia.

– Claro.

Da geladeira, ele pegou uma cerveja para ele e um refrigerante para mim, visto que eu ainda estava evitando o álcool. As vozes de Tyler e de Mal vieram da sala.

– Vamos trabalhar amanhã de novo? – perguntou Tyler.

– Não vai dar. Temos que voltar para L.A. – disse David, lavando as mãos na pia. Ele tinha lindas mãos, com dedos longos e fortes – Vamos precisar de alguns dias lá, depois voltamos.

Tyler apontou a cabeça no canto da cozinha, acenando para mim.

– Tudo bem. O material novo está ficando bom. Vai trazer Ben e Jimmy quando voltar?

A testa de David se enrugou, os olhos não mostravam contentamento.

– Vou ver o que eles andam aprontando.

– Legal. A Pammy está lá fora, preciso ir. Noite de encontro.

– Divirtam-se. – Acenei.

Tyler sorriu.

– Sempre.

Rindo baixinho, Mal entrou e se aproximou devagar.

– Noite de encontro, fala sério… O que isso quer dizer? Os velhos são engraçados. Cara, você não pode pôr brócolis numa pizza.

– Pode, sim – David se mantinha ocupado, espalhando pimentões ao redor das arvorezinhas de brócolis.

– Não – disse Mal – Não está certo.

– Cala a boca. Ev quer brócolis na pizza, então é o que ela vai ter.

O refrigerante gelado e delicioso desceu pela garganta, uma maravilha.

– Não se estresse, Mal. Os legumes são seus amigos.

– Mentira, noiva criança. – A boca dele fez uma carranca de desgosto e ele pegou suco da geladeira. – Mas, tudo bem. É só eu tirar.

– Não, você vai sair – disse David – Ev e eu também temos noite de encontro.

– O quê? Só pode estar de brincadeira. Para onde eu vou?

David só deu de ombros e colocou pepperoni em sua crescente criação.

– Ah, vamos lá, Evvie. Você vai ficar do meu lado, não vai? – Mal me lançou a mais triste das expressões. Era tristeza misturada com penúria e um toque de abandono. Ele se inclinou e apoiou a cabeça no meu joelho. – Se eu ficar na cidade, vão acabar descobrindo que estamos aqui.

– Você está de carro – disse David.

– Estamos no meio do nada – reclamou Mal – Não o deixe me jogar na selva. Posso acabar mordido por um urso ou algo assim.

– Não sei se existem ursos por aqui – disse eu.

– Pare de besteira, Mal – disse David – E tire a cabeça da perna da minha mulher.

Com um grunhido, Mal se endireitou.

– Sua mulher é minha amiga. Ela não vai deixar você fazer isso comigo!

– Verdade? – David olhou para mim e sua expressão mostrou desapontamento. – Droga, gata. Não! Você não pode estar caindo nessa. É só por uma noite.

Fiz uma careta.

– Talvez a gente possa subir para o quarto. Ou ele pode ficar lá embaixo…

David passou as mãos pelos cabelos. O hematoma no pobre rosto… Eu precisava dar mais beijinhos. A testa dele fez aquela personificação de James Dean enquanto ele avaliava o amigo.

– Jesus… Pare de fazer essa cara patética para ela. Mostre alguma dignidade.

Ele bateu no dorso da cabeça de Mal, fazendo os cabelos loiros voarem para o rosto. Retrocedendo, Mal saiu da linha de fogo.

– Tudo bem, eu fico lá embaixo. Vou até comer a droga da pizza de brócolis.

– David. – Segurei a camiseta de David e o puxei para mim. E ele veio, abandonando a perseguição a Mal.

– Era para esse tempo ser nosso – disse ele.

– Eu sei. E vai ser.

– Isso! – sibilou Mal, se afastando, já que tinha a dianteira – Ficarei lá embaixo. Chame quando o jantar estiver pronto.

– Ele tem uma garota em cada cidade – disse David, apontando uma carranca na direção dele – De jeito nenhum ele ia dormir no carro. Você foi enganada.

– Talvez. Mas eu teria ficado preocupada com ele. – Ajeitei os cabelos dele atrás das orelhas, depois passei as mãos em sua nuca, atraindo-o para mim. Os brincos na orelha dele eram pequenos, prateados. Uma caveira, um “x” e um minúsculo diamante. Eu não tinha percebido antes.

Ele pressionou o polegar e o indicador no lóbulo, bloqueando a vista.

– Algo errado? – perguntou.

– Eu só estava olhando para seus brincos. Eles têm algum significado especial?

– Não. – Ele me deu um beijo rápido no rosto. – Por que você estava de cara fechada antes? – Apanhou um punhado de champignons e começou a colocá-los nas pizzas. – Você está fazendo isso de novo.

Droga. Bati os calcanhares, pensando em desculpas possíveis. Eu não sabia como ele reagiria se soubesse o que Lauren me dissera. O que ele pensaria se eu perguntasse a respeito? Começar uma briga não me apetecia. Porém, mentir também não. Sonegar era mentir no que contava de verdade. Eu sabia disso.

– Falei com minha amiga Lauren hoje.

– Hum-hum.

Enfiei as mãos entre as pernas e as apertei, postergando.

– Ela é uma grande fã.

– Você já disse isso. – Ele me lançou um sorriso. – Tenho permissão para conhecê-la ou ela está em zona proibida como seu pai?

– Você pode conhecer meu pai, se quiser.

– Eu quero. Vamos para Miami logo para eu poder te apresentar o meu, ok?

– Vou gostar disso. – Inspirei fundo, falando tudo: – David, Lauren me contou algumas coisas. E não quero ter segredos. Mas também não sei se você vai gostar das coisas que ela me contou.

Ele virou a cabeça, estreitando os olhos.

– Coisas?

– Sobre você.

– Ah, entendi. – Ele pegou dois punhados de queijo ralado e os espalhou nas pizzas. – Quer dizer que você ainda não me procurou na Wikipédia ou em algo assim?

– Não. – repliquei, horrorizada ante tal ideia.

Ele grunhiu.

– Não tem problema. O que quer saber, Ev?

Eu não sabia o que dizer. Por isso, peguei meu refrigerante e tomei metade de uma só vez. Má ideia, de nada ajudou. E pior, tive aquela sensação de cérebro gelado, bem em cima do nariz.

– Pode falar. Pergunte tudo o que quiser – disse ele. Ele não estava feliz. A monocelha zangada me revelou isso. Acho que nunca conheci alguém com um rosto mais expressivo do que David. Ou talvez ele apenas me fascinasse demais.

– Muito bem. Qual é sua cor favorita?

Ele riu com zombaria.

– Não foi isso uma das coisas que sua amiga contou.

– Você disse que eu podia perguntar o que quisesse e quero saber a sua cor

favorita.

– Preto. E sei que não é uma cor de verdade. Faltei em muitas aulas, mas estava lá nesse dia. – A língua mexeu no interior da bochecha. – Qual a sua?

– Azul. – Observei enquanto ele abria a imensa porta do forno. As duas formas de pizza bateram nas grelhas. – Qual a sua música favorita?

– Estamos cobrindo o básico, é?

– Estamos casados. Pensei que seria legal. Nós meio que pulamos a fase de reconhecimento.

– Tudo bem – o canto da boca dele se ergueu e ele me lançou um olhar de que entendia o meu jogo de esquiva. O leve sorriso deixou o mundo em ordem de novo – Tenho muitas músicas preferidas – disse ele – "Four Sticks", do Led Zeppelin, está no alto da lista. A sua é "Need You Now", de Lady Antebellum, cantada por um ator vestido de Elvis. Que triste.

– Para, vai, eu estava embriagada. Isso não é justo.

– Mas é verdade.

– Talvez. – Eu ainda queria poder me lembrar. – Livro predileto?

– Gosto de revistas em quadrinhos. Coisas como Hellblazer e Preacher.

Tomei mais uma golada, tentando pensar numa pergunta genial. Somente as mais óbvias me surgiam. Eu era horrível nessa coisa de namorar. Que sorte que tínhamos pulado essa parte.

– Espere – disse ele – E o seu?

– Jane Eyre. E quanto ao filme predileto?

– Uma Noite Alucinante 2. E o seu?

– Johnny e June.

– Aquele sobre o homem de preto? Legal. Muito bem. – Ele juntou as mãos e as esfregou. – Minha vez. Me conte alguma coisa terrível. Algo que tenha feito e que nunca confessou a ninguém.

– Hum, essa é boa. – Assustadora, mas boa. Por que não pensei numa pergunta assim?

Ele sorriu ao redor da boca da garrafa de cerveja, satisfeito consigo.

– Deixe-me pensar…

– Existe um tempo limite.

Fechei a cara.

– Não existe um tempo limite.

– Existe, sim – disse ele – Porque você não pode tentar pensar em alguma coisa mais ou menos para me contar. Você tem que me dizer a pior coisa que lhe vier à cabeça e que não quer que ninguém mais fique sabendo. Estamos lidando com honestidade aqui.

– Tá bom – funguei – Beijei uma garota chamada Amanda Harper quando eu

tinha quinze anos.

Ele ergueu o queixo.

– Beijou, é?

– Beijei.

Ele se aproximou, curioso.

– Você gostou?

– Não. Não muito. Quero dizer, foi mais ou menos. – Agarrei a ponta do banco, inclinando-me para a frente. – Ela era a lésbica da escola e eu queria saber se eu era também.

– Só havia uma lésbica na sua escola?

– Ah, acho que tinha mais, mas ela era a única que saiu do armário. Ela mesma se intitulou assim.

– Que bom para ela. – As mãos pousaram em meus joelhos, afastando-os para abrir espaço para ele – Por que você achou que fosse lésbica?

– Para ser mais exata, eu esperava ser bi – revelei – Mais opções. Porque, falando sério, os caras da escola eram…

– Eles eram o quê? – Agarrou minha bunda e me arrastou pelo banco, aproximando-me dele. Não opus resistência.

– Eles não me interessavam, acho.

– Mas beijar sua amiga Amanda também não deu certo para você? – perguntou.

– Não.

Ele estalou a língua.

– Puxa. Que história triste. Mas, sabe, você está trapaceando.

– O quê? Como?

– Você devia ter me contado algo terrível. – Seu sorriso era imenso. – Contar que beijou de língua uma menina não é nem remotamente terrível.

– Nunca disse que foi de língua.

– Foi?

– Um pouco. Só um toquinho, talvez. Mas aí achei muito esquisito e parei.

Ele tomou outro gole de cerveja.

– As pontas das suas orelhas estão ficando rosadas de novo.

– Aposto que sim. – Gargalhei e afundei a cabeça. – Não trapaceei. Nunca contei sobre esse beijo para ninguém. Eu ia levá-lo para o túmulo. Você devia se sentir honrado pela minha confiança.

– É, mas me contar algo que vou considerar muito excitante é trapacear. Você devia ter me contado alguma coisa horrenda. As regras foram bem claras. Tente de novo e me dê algo verdadeiramente ruim.

– Muito excitante, é?

– Da próxima vez que eu for para o chuveiro, definitivamente vou usar essa história.

Mordi a língua e desviei o olhar. Lembranças daquela manhã, de David ensaboando as minhas mãos para depois colocá-las nele, tomaram conta da minha mente. Pensar que ele poderia se masturbar pensando na minha breve história homossexual adolescente me… bem, "honrar" não era bem a palavra certa. Mas não podia dizer que não fiquei contente ao saber disso.

– Ok, mas se lembre de me deixar mais velha. Quinze anos é um tanto indecente.

– Você só a beijou.

– Vai deixar só nisso na sua cabeça? Vai respeitar legalidades e exatidões, e não avançar as coisas entre Amanda e mim?

– Tudo bem, vou imaginá-la mais velha. E muito curiosa.

Ele me aproximou mais uma vez, usando o método das mãos na bunda de novo, e passei os braços ao seu redor.

– Pois muito bem, tente de novo, e, desta vez, faça certo.

– Tá bom, tá bom.

Ele me sapecou um beijo demorado no pescoço.

– Você não mentiu sobre a Amanda, mentiu?

– Não.

– Que bom. Gostei dessa história. Você bem que podia me contar mais vezes. Agora vai, de novo.

Fiz alguns "hums" e "ahs", demorando um pouco para abrir o coração. David apoiou a testa na minha e emitiu um suspiro pesado.

– É só me contar uma maldita coisa…

– Não consigo pensar em nada.

– Até parece.

– Não consigo – me lamentei. Pelo menos nada que eu quisesse contar.

– Fala.

Gemi e bati a testa na dele de leve.

– David, espera lá, você é a última pessoa diante de quem eu quero ficar mal.

Ele se afastou, avaliando-me nariz abaixo.

– Você está preocupada com o que vou pensar ao seu respeito?

– Claro que sim.

– Você é honesta e é boa, gata. Nada do que possa ter feito pode ser tão ruim assim.

– Mas a honestidade nem sempre é boa – disse eu, tentando explicar – Abri a boca vezes demais, quando não deveria. Dei minha opinião quando deveria ter ficado calada. Reajo primeiro, depois penso. Veja só o que aconteceu em Vegas,

entre nós. Não fiz nenhuma das perguntas certas naquela manhã. Sempre vou me arrepender disso.

– Vegas foi uma situação bem extrema. – A mão dele esfregou minhas costas, confortando-me. – Não tem com que se preocupar.

– Você perguntou como me senti ao te ver com aquela fã pendurada em você em L.A. Lidei bem naquela hora. Mas a verdade é que, se acontecer agora, e alguma mulher tentar dar em cima de você, muito provavelmente vou dar punhaladas. Nem sempre vou reagir bem a toda essa comoção que te cerca por você ser uma estrela do rock. E, aí, o que acontece?

Ele produziu um som na garganta.

– Não sei. Finalmente vou descobrir que você é humana? Que, às vezes, vai meter os pés pelas mãos, como qualquer outra pessoa?

Não respondi.

– Nós dois vamos errar, Ev. Isso é fato. Só precisamos ser pacientes um com o outro. – Ele pôs um dedo debaixo do meu queixo, erguendo-o para poder me beijar. – Agora me diz o que Lauren te contou hoje.

Encarei-o, pega desprevenida e encurralada. O conteúdo do meu estômago se revirando. Eu tinha que contar para ele. Não havia como contornar aquilo. Como ele reagiria estava além do meu controle.

– Ela me contou que a sua primeira namorada te traiu.

Ele piscou.

– É. Isso aconteceu mesmo. Já estávamos juntos há bastante tempo, mas… eu estava sempre gravando ou na estrada – disse ele – Estivemos em turnê na Europa por oito, nove meses, quando aconteceu. As turnês acabam com muitos casais. As fãs e o estilo de vida como um todo podem mexer com a cabeça. Ser deixado para trás o tempo todo também não deve ser nenhum piquenique.

Aposto que não.

– Quando vai ser a próxima?

Ele balançou a cabeça.

– Não temos nada marcado. Não teremos até gravarmos outro disco, e isso não estava indo muito bem até agora.

– Ok. Como isso funciona? Quero dizer, você acredita que o que acontece na estrada fica na estrada? – perguntei. Os limites da nossa relação ainda não tinham sido estabelecidos. Exatamente o que o nosso casamento significava? Ele queria que ficássemos juntos, mas eu tinha a faculdade para pensar, meu trabalho, minha vida. Talvez as boas esposas simplesmente deixassem tudo de lado e seguissem a banda. Ou talvez as esposas não fossem convidadas. Eu não fazia ideia.

– Está me perguntando se pretendo trair você?

– Estou perguntando como nos encaixamos na vida um do outro.

– Certo. – Ele pinçou os lábios entre o polegar e o indicador. – Bem, acho que não transar por aí seria um bom começo. Vamos fazer disso uma regra entre nós, ok? Quanto à banda, acho que vamos ter que decidir quando acontecer.

– Tudo bem.

Sem dizer nada, se afastou de mim, indo até junto da escada.

– Mal?

– O quê?

– Feche essa porta de baixo e tranque – gritou David – Não suba em nenhuma circunstância. Não até eu dizer que pode vir. Entendeu?

Houve uma pausa e depois Mal gritou de volta:

– E se houver um incêndio?

– Queime.

– Foda-se. – A porta bateu.

– Tranque!

A resposta de Mal ficou abafada, mas o tom irritado foi muito bem entendido. Aqueles dois eram mais próximos do que David e o irmão biológico. Jimmy era um cretino e exatamente um dos motivos pelos quais nunca deveríamos voltar para L.A. Infelizmente, esconder-se em Monterey não era uma solução viável a longo prazo.

Estudo, banda, família, amigos, blá, blá, blá…

David pegou a parte de trás da camiseta e a puxou por cima da cabeça.

– Regra número dois, se eu tirar a camisa, você também tem que tirar. A regra dos sem-camisa agora se aplica para este tipo de conversa. Sei que precisamos conversar sobre certas coisas. Mas não existe motivo para não torná-las mais fáceis.

– Isto vai torná-las mais fáceis? – Muito duvidoso. Toda aquela pele quente e macia exposta só à espera do meu toque e os dedos coçando para que eu o fizesse. Manter a língua dentro da boca enquanto o abdômen tanquinho estava exposto testava minha força moral até não poder mais. Toda aquela linda pele tatuada à mostra expulsava da minha mente qualquer tentativa de pensamento coerente. Bom Deus, o homem tinha poderes sobre mim. Mas, espere, éramos casados. Moralmente, eu era obrigada a cobiçar meu marido. Seria errado e contrário às leis da natureza agir de outro modo.

– Pode tirar. – disse ele, apontando o queixo para a peça transgressora.

A escada continua silenciosa. Nenhum sinal de vida.

– Ele não vai subir. Prometo. – As mãos de David seguraram a barra da camiseta e a puxaram pela cabeça, resgatando meu rabo de cavalo quando ele ficou preso.

Quando ele partiu para o sutiã, pressionei os antebraços ao peito, mantendo-o firme no seu lugar.

– Que tal se eu ficar de sutiã, só como garantia?

– É contra as regras. Já quer mesmo quebrar as regras? Isso não é do seu feitio.

– David.

– Evelyn. – As alças do sutiã afrouxaram quando ele soltou o fecho. – Preciso ver seus seios, gata. Você não faz ideia de quanto eu os adoro. Solte.

– Por que só você pode estabelecer todas as regras?

– Só fiz uma. Ah, não, duas. Também temos a regra sobre não trair. – Ele puxou meu sutiã e deixei que ele o tirasse. Mas eu não afastaria as mãos de jeito nenhum. – Vá em frente, crie algumas regras. – Ele passou os dedos pelos meus braços, eriçando meus pelos.

– Está só tentando me distrair da conversa com essa coisa de não usar roupas?

– Nada disso. Agora invente uma regra.

Minhas mãos ficaram debaixo do queixo, os braços cobrindo o essencial, como garantia.

– Nada de mentiras. A respeito de nada.

– Feito.

Assenti, aliviada. Essa coisa de casamento daria certo. Eu sabia disso em minha mente, no meu coração. Ficaríamos bem.

– Confio em você.

Ele parou, me encarou.

– Obrigado. Isso é demais.

Esperei um instante, mas ele não disse mais nada.

– Você confia em mim? – perguntei, preenchendo o silêncio. No minuto em que as palavras saíram da minha boca, quis pegá-las de volta. Se eu tinha que exigir fé e afeto, isso de nada valeria. Pior do que isso, causaria estragos. Eu sentia isso, como uma ferida aberta entre nós. Uma que eu mesma provocara. De todas as vezes para ser impaciente! Desejei estarmos no meio do inverno para que eu pudesse enfiar a cara num monte de neve.

Seu olhar se desviou para um ponto sobre meu ombro. Ali estava a minha resposta. A honestidade já mostrara quem mandava ali. Que tal? Subitamente, senti frio e, apesar de isso não ter nada a ver com o fato de eu estar sem camiseta, quis voltar a vesti-la.

– Estou chegando lá, Ev. Só… só me dê um tempo. – A frustração marcou seu rosto. Ele pressionou os lábios até eles embranquecerem. Depois me fitou nos olhos. O que quer que ele tivesse enxergado neles, não ajudou nada. – Merda.

– Tá tudo bem, verdade – disse eu, desejando que fosse verdade.

– Está mentindo para mim?

– Não. Não. Vamos ficar bem.

À guisa de resposta, ele me beijou.

Seria impossível ganhar de uma distração na hora certa. O calor me atravessou. Seu lamento e minha mágoa ficaram no banco de trás, quando coloquei minhas mãos sobre as dele. Com os dedos entrelaçados, movi nossas mãos para cobrir meus seios. Gememos os dois. O calor das palmas dele foi sublime. O tremor de desapontamento não tinha como combatê-lo. A química entre nós ganhava todas as vezes. Eu tinha que acreditar que outros sentimentos se seguiriam. Meus ombros se moveram para frente, pressionando-me contra as mãos dele, como se a gravidade tivesse mudado na direção dele. Mas eu também queria a boca dele. Inferno, queria rastejar para dentro dele e ler sua mente. Eu queria tudo. Cada cantinho obscuro seu. Cada pensamento fugidio.

Nossos lábios se encontraram novamente e ele gemeu, as mãos afagando meus seios. A língua invadiu minha boca e assim, fácil e rápido, eu o desejei. Precisei dele. Minhas partes internas se contorceram e as pernas o apertaram. Que ele tentasse se afastar… Eu lutaria com unhas e dentes para mantê-lo ali. Os polegares resvalaram os mamilos, incitando-me. Minhas mãos subiram pelos braços dele, curvaram-se sobre os ombros, segurando-o firme. Beijos sensuais tracejaram meu rosto, meu maxilar, a lateral do meu pescoço. Seminua ou não, acho que não me importaria se a banda da minha escola aparecesse marchando. Podiam até entrar rodopiando as batutas. Somente aquilo importava.

Não era de admirar que as pessoas levassem o sexo tão a sério, ou sem nenhuma seriedade. O sexo confundia as ideias e roubava seu corpo. Era como se perder e se encontrar ao mesmo tempo. Honestamente, era meio assustador.

– Nós vamos ficar bem – disse ele, mordiscando meu lóbulo. Esfregando sua ereção em mim. Que Deus abençoasse quem tinha pensado em colocar a costura do jeans ali. Luzes dançaram diante dos meus olhos. Para ele também era bom assim? Eu queria que fosse demais e queria que ele estivesse certo quanto a ficarmos bem.

– Minha doce gata, só preciso de tempo – disse ele, a respiração morna aquecendo minha pele.

– Por causa dela – eu disse, precisando deixar as coisas às claras. Nada de segredos.

– É – ele disse baixinho – Por causa dela.

A verdade doía.

– Evelyn, só estamos você e eu nisto. Eu juro. – Ele voltou para a minha boca e me beijou como se eu fosse delicada, dando-me somente uma pequena amostra sua para saborear. Um pouco do seu calor, da firmeza dos seus lábios.

– Espere – eu disse, relaxando as pernas ao redor dele.

Ele piscou com os olhos pesados para mim.

– Afaste-se. Quero descer.

– Quer? – a boca adorável se curvou para baixo nos cantos. A frente dos jeans dele demonstrava toda a sua frustração. Eu provocara aquilo nele. Uma dancinha da vitória no meio da cozinha provavelmente seria um pouco demais, mas, ainda assim, a sensação era incrível. Saber isso me fez bem. Ela não provocava mais aquilo nele. Eu, sim.

Escorreguei para a ponta e ele me ajudou a descer, segurando-me pelos quadris. Melhor assim. Minhas pernas estavam bambas. Ele me observou, a testa enrugada.

– Quero fazer uma coisa – expliquei, com os dedos trêmulos de nervosismo e excitação. Soltei o botão do jeans dele antes de seguir para o zíper.

As mãos dele seguraram meus pulsos.

– Ei. Espere.

Hesitei, esperando para ouvir o que ele tinha a dizer. Ele não podia dizer que não queria aquilo. Todo homem quer isso, ou pelo menos, foi o que ouvi dizer. Ele parecia perplexo, como se eu fosse uma peça que se recusava a se encaixar num quebra-cabeça. Eu, sinceramente, não sabia se ele queria que eu parasse ou que me apressasse.

– Algum problema? – perguntei, quando ele não disse nada.

Devagar, ele soltou meus pulsos, libertando-me. Ergueu as mãos como se eu estivesse apontando uma arma para ele.

– É isso o que você quer?

– Sim. David, por que isso é tão importante? Não quer a minha boca em você?

Um sorriso suave curvou seus lábios.

– Você não faz ideia do quanto eu quero isso. Mas isso também é uma primeira vez para você, não é?

Assenti, os dedos mexendo no cós da calça dele, mas sem avançar.

– É por isso que isso é importante. Quero que todas as suas primeiras experiências sejam perfeitas. Mesmo isto. Já estou bem excitado só de pensar na sua boca em mim.

– Ah!

– Fiquei o dia inteiro pensando em você. Me atrapalhei todo, não me concentrei nem um pouco. Estranho termos conseguido fazer alguma coisa… – Ele passou os dedos pelos cabelos, afastando-os do rosto. As mãos ficaram no alto da cabeça, esticando o tronco delgado e musculoso. O hematoma nas costelas por causa da briga no bar estava acinzentado, maculando a perfeição. Inclinei-me e o beijei. Seu olhar nunca me desertou porque meus seios

definitivamente faziam parte de mim. Meus olhos, minha boca, meus seios: ele parecia não se decidir sobre o que o fascinava mais.

Com cuidado, abaixei o zíper sobre sua ereção. Nada de roupa íntima. Pelo menos, dessa vez não me assustei quando a ereção fez sua aparição repentina. Usando as duas mãos, abaixei a calça, libertando o pau. Ele ficou altivo e orgulhoso. Assim como de manhã, pressionei uma mão no lado inferior, sentindo o calor da pele sedosa. Engraçado, o apêndice masculino nunca me intrigou antes. Mas agora sim, como minhas coxas tesas atestavam.

Intrigada e sentindo um tantinho de posse a seu respeito.

– Você é meu – sussurrei, meu polegar esfregando ao redor da cabeça, sentindo o sulco e a ponta no meio. Aprendendo como ele era.

– Sou.

O ponto sensível fica logo abaixo daquela dobra. Ao longo dos anos, li um bom número de revistas e ouvi a tantas das escapadelas sexuais de Lauren para saber esse tanto. Ela adorava dar detalhes. Fiz uma anotação mental para agradecer-lhe, levá-la para jantar fora em algum lugar bacana.

Movi a mão ao redor a fim de segurá-lo e, ao mesmo tempo, massagear a área com a almofadinha do polegar, esperando para ver o que aconteceria. Muito mais fácil ver o que estava acontecendo sem as bolhas de sabão no meio do caminho. Não demorou muito. Ainda mais depois que apertei um pouco mais firme e mexi de leve. Os músculos abdominais se mexeram, do mesmo jeito de que manhã no chuveiro. Meus dedos se moveram sobre a pele suave e sedosa, massageando a pele mais firme de baixo, puxando uma vez, duas. Uma gota leitosa vazou da pequena fenda no topo.

– Isso quer dizer que você está acabando comigo – meu marido explicou com sua voz gutural – Para o caso de você estar se perguntando…

Sorri.

Ele praguejou.

– Juro que ele parece maior a cada vez que o vejo.

O sorriso dele foi unilateral.

– Você me inspira.

Puxei de novo e o peito dele arfou.

– Evelyn. Por favor.

Hora de tirá-lo daquele estado lastimável. Ajoelhei-me, o chão bem desconfortável debaixo de mim. Se você vai se ajoelhar diante de alguém, algum desconforto menor parece uma parte óbvia nesse quesito. Enaltecia a atmosfera, a experiência. Seu cheiro almiscarado ficava mais forte no fim do dia. Peguei seu pau na mão e esfreguei o nariz no osso do quadril, inalando fundo.

Ele ainda observava. Verifiquei para me certificar. Inferno, seus olhos estavam

dilatados, escuros e concentrados unicamente em mim. Ao seu lado, as mãos agarravam a bancada, ficando com as juntas brancas, como se ele esperasse que um terremoto nos atingisse a qualquer instante.

Quando o tomei na boca, ele gemeu. Minha inexperiência e seu tamanho me impediram de tomá-lo muito a fundo. Ele não pareceu se importar. O gosto salgado da pele e o amargor daquele líquido, a fragrância quente e a sensação da sua rigidez se misturaram numa única experiência sem igual. Dar prazer a David fora uma ideia brilhante.

Ele gemeu e seu quadril avançou, empurrando-o para mais fundo em minha boca. Minha garganta se contraiu pela surpresa e eu senti um pouco de ânsia. A mão dele de imediato me acariciou nos cabelos, reconfortando-me.

– Droga, gata, desculpa.

Voltei aos meus carinhos, esfregando a língua ao seu encontro, mergulhando nele. Tentando descobrir o melhor modo de encaixá-lo em minha boca. Fazendo tudo o que podia para deixá-lo trêmulo, imprecando. Que coisa era o sexo oral… A mão dele segurou meus cabelos, puxando um pouco, e eu adorei. Tudo. Qualquer coisa que reduzisse meu marido experiente a uma massa disforme enquanto eu lhe proporcionava tamanho prazer merecia muito empenho. Seus quadris moviam-se incansáveis e o pau se movia ao encontro da minha língua, enchendo minha boca com aquele sabor salgado e amargo com mais rapidez do que consegui engolir.

Tudo bem, era um pouco bagunçado. Sem problemas. Meu maxilar doía um pouco. Grande coisa. E eu ficaria feliz com um copo de água. Mas a reação dele…

David caiu de joelhos e me tomou nos braços, só para me esmagar ao seu encontro. Minhas costelas protestaram, e as dele me cutucaram enquanto ele tentava recuperar o fôlego. Pressionei meu rosto no ombro dele e esperei até ele se acalmar antes de buscar a minha aprovação.

– Foi bom? – perguntei, razoavelmente certa de uma resposta favorável. Que, na minha opinião, era sempre a melhor hora de perguntar.

Ele grunhiu.

O que foi aquilo? Lá estava eu bem orgulhosa da minha atuação e ele me responde com um grunhido? Não, eu precisava de uma validação melhor do que aquela. Tanto queria quanto merecia.

– Tem certeza?

Ele se acomodou sobre os calcanhares e me encarou. Depois olhou ao redor, procurando por alguma coisa. A camiseta que ele deixara no chão. Depois a passou no meu queixo, me limpando. Legal.

– Tem também um pouco no seu ombro. – Apontei para a entornada infeliz

que eu, obviamente, transferi para ele. Ele limpou ali também.

– Sexo pode ser meio sujo – disse ele.

– É, pode.

– Está tomando pílula?

– David, não dá pra engravidar desse jeito.

A lateral da boca dele se retorceu.

– Gracinha. Está ou não?

– Não, mas tenho uma daquelas coisas de controle de natalidade implantada no braço, porque minha menstruação é meio bagunçada, então… – A boca dele esmagou a minha, beijando-me com sofreguidão. Calando-me de maneira bem eficiente. Uma mão protegeu o dorso da minha cabeça enquanto ele me levava para o chão, estendendo-se sobre mim. O piso frio e duro pouco importava desde que ele me beijasse. Minhas mãos se agarraram aos seus ombros, os dedos escorregando na pele suave.

– Eu me importo com sua menstruação, Ev. Juro que sim. – Ele beijou minha face, minha testa.

– Obrigada.

– Mas agora, o que quero saber mesmo é como você se sente se a gente ficar sem nada.

– Você está falando alguma coisa além de tirarmos as camisetas, certo?

– Estou falando de transar sem camisinha. – As mãos dele emolduraram meu rosto enquanto ele me encarava, os olhos num intenso tom de azul. – Estou limpo. Fui testado. Não uso drogas e sempre usei proteção, desde que rompi com ela. Mas é você quem decide.

A menção “dela” me esfriou um pouco, mas não por muito tempo. Impossível com David esticado em cima de mim e com o cheiro de sexo tão forte no ar. Além da pizza. Mas basicamente de David. Esqueça a comida, ele me fazia salivar. Pensar não era fácil, dada a situação. Eu disse que confiava nele e confiava mesmo.

– Gata, só pense nisso – disse ele – Sem pressa. Ok?

– Não, acho que a gente deveria.

– Tem certeza?

Assenti.

Ele exalou fundo e me beijou de novo.

– Eu amo sua boca pra caramba. – Com a ponta do dedo, ele tracejou meus lábios, ainda inchados pelo que acabáramos de fazer.

– Você gostou? Foi bom?

– Foi perfeito. Nada do que você fizesse poderia ser errado. Eu quase me descontrolei só de saber que era você. Você poderia me morder sem querer que

eu, provavelmente, acharia sensual. – Ele deu uma risada rouca, depois se apressou em acrescentar: – Mas não faça isso.

– Não. – Arqueei o pescoço e pressionei meus lábios nos dele, beijando-o doce e lentamente. Demonstrando o que ele significava para mim. Ainda estávamos rolando no piso da cozinha quando o alarme do forno tocou, assustando-nos. Em seguida, o telefone tocou.

– Merda.

– Eu vejo a pizza – disse eu, saindo debaixo dele.

– Eu atendo ao telefone. Não era para ninguém ter esse número.

Uma luva térmica aguardava sobre a bancada e eu a vesti na mão. O ar quente e o cheiro forte do queijo derretido saíram quando abri a porta do forno. Meu estômago resmungou. Então, talvez eu estivesse com fome no final. As pizzas estavam um pouco queimadas nas beiradas. Nada muito grave, porém. As pontas dos meus brócolis estavam torradinhas. Poderíamos nos concentrar no meio. Transferi as pizzas para a tampa do fogão e desliguei o gás.

David falava baixinho ao fundo. Estava diante dos vidros, as pernas afastadas e os ombros duros como se estivesse se preparando para um ataque. Pessoas felizes e relaxadas não ficavam naquela pose. Do lado de fora, o sol estava se pondo. O violeta e o cinza da noite lançavam sombras em sua pele.

– Tá, tá, Adrian. Eu sei – disse ele.

Um tremor foi endurecendo um músculo meu de cada vez. Deus, por favor, agora não. Estamos indo tão bem. Não podemos ficar afastados um pouquinho mais?

– A que horas é o voo? – perguntou – Merda. – foi dito em seguida. – Não, estaremos aí. Relaxa. Tá. Tchau.

Ele se virou para mim, o telefone pendurado na mão.

– Tem um evento acontecendo em L.A. e eu e Mal temos que estar lá. Adrian já mandou um helicóptero para cá. Precisamos nos aprontar.

Um sorriso forçou meu rosto. Eu sentia.

– Ok.

– Desculpe por encurtarmos isto aqui. Logo vamos voltar, está bem?

– Claro. Tudo bem.

Era mentira, porque estávamos voltando para L.A.

CAPÍTULO 15

O joelho de David ficou balançando durante todo o trajeto até L.A. Quando pus a mão em sua perna, ele passou a remexer na minha aliança, girando-a em meu dedo. Ao que tudo levava a crer, nós dois éramos inquietos, dadas as circunstâncias certas.

Nunca tinha andado de helicóptero antes. A vista era espetacular, mas era muito barulhento e desconfortável – eu entendia o motivo de as pessoas preferirem aviões. Uma cadeia de luzes, dos postes de rua, das casas e dos arranha-céus da cidade iluminava o caminho. Tudo naquela situação havia mudado, mas eu continuava o mesmo fardo de energia nervosa necessitada de sono que fui ao deixar Portland, há poucos dias. Mal se jogara num canto, fechara os olhos e dormira. Nada o incomodava. Claro, não havia motivo. Ele era parte da banda, fazia parte da vida de David.

Pousamos pouco depois das quatro da manhã, por conta de atrasos na decolagem. Sam, o guarda-costas, aguardava no heliporto com sua expressão de trabalho.

– Senhora Ferris, cavalheiros. – Ele nos conduziu até um imenso SUV preto nas imediações.

– Direto para casa, por favor, Sam – instruiu David. A casa dele, não minha. L.A. não me reservava lembranças agradáveis.

Em seguida, nos abrigamos no luxo, preservados atrás das janelas escuras. Recostei-me no assento macio, fechando os olhos. Era estranho me sentir tão cansada e preocupada ao mesmo tempo.

De volta à mansão, Martha nos aguardava, recostada à porta da frente, envolta num xale vermelho de aparência cara. A assistente dele me provocava toda espécie de más sensações. Mas, daquela vez, eu estava decidida a me encaixar. David e eu estávamos juntos. Ela que se danasse, teria que se adaptar. Os cabelos escuros brilhavam, flutuando sobre os ombros, mas não havia nenhuma mecha fora do lugar. Eu, por minha vez, devia parecer alguém acordado há mais de

vinte horas.

Sam abriu a porta do carro e me ofereceu uma mão. Senti os olhos de Martha mirados no modo como David passou um braço ao meu redor, mantendo-me próxima. O rosto dela endureceu. O olhar que me lançou foi venenoso. Quaisquer que fossem os seus problemas, eu estava cansada demais para lidar com eles.

– Martie – Mal exultou, correndo degraus acima para passar um braço em sua cintura – Ajude-me a encontrar o café da manhã, ó, minha bela.

– Você sabe onde fica a cozinha, Mal.

A breve dispensa não deteve Mal, que a levou consigo. Os primeiros passos de Martha falsearam, mas logo ela recobrou a confiança, mesmo que somente de fachada. Mal limpara o caminho. Eu seria capaz de lhe beijar os pés.

David não disse nada enquanto subíamos para o segundo andar, nossos passos ecoando em meio ao silêncio. Quando fui virar na direção do quarto branco, aquele em que me hospedei na última vez, ele me fez virar à direita. Paramos ante um par de portas duplas, e ele pescou uma chave de dentro do bolso. Lancei-lhe um olhar curioso.

– E daí que tenho problemas de confiança? – Ele destrancou a porta.

Por dentro, o quarto era simples, faltava-lhe a decoração antiga e ostentosa do restante da casa. Uma cama enorme estava arrumada com lençóis cinza. Um sofá confortável combinando. Muitas guitarras. Um closet aberto, cheio de roupas. Mas, acima de tudo, muito espaço vazio. Espaço para ele respirar, imagino. Aquele quarto parecia diferente do resto da casa, menos pomposo, mais tranquilo.

– Tudo bem, pode olhar o que quiser. – A mão desceu pela minha coluna, repousando acima da curva das nádegas. – Este é o seu quarto agora – acrescentou.

Deus, tive esperanças de que ele não quisesse morar ali permanentemente. Quero dizer, eu tinha a faculdade para voltar um dia desses. Não chegamos a discutir exatamente onde viveríamos. Mas só de pensar em ter Martha, Jimmy e Adrian por perto, o tempo todo, me fazia entrar em pânico. Droga. Eu não podia me permitir pensar assim. O negativismo me engoliria. O que importava era estar junto de David. Ficarmos juntos e fazer aquilo dar certo.

Que horrível, ser forçada a viver em meio ao luxo com meu marido maravilhoso. Pobrezinha de mim. Eu precisava de um tapa e de uma xícara de café. Ou de doze horas de sono. Qualquer um deles serviria.

Ele puxou as cortinas, bloqueando a vista da aurora.

– Parece cansada. Vem se deitar comigo?

– Isso é… hum, uma boa ideia. Mas antes, preciso usar o banheiro.

– Ok. – David começou a se despir, lançando a jaqueta de couro numa poltrona, tirando a camiseta. A costumeira reação dos meus hormônios estava ausente, infelizmente. Abafada pelo nervosismo. Voei para o banheiro, precisando de um minuto para me recompor. Fechei a porta e acendi as luzes. O cômodo se acendeu todo, cegando-me. Luzes pipocaram em meus olhos. Fui apertando interruptores até, por fim, chegar a um brilho suave. Muito melhor assim.

Uma banheira branca gigantesca que parecia uma tigela, paredes de pedra cinza e divisões de vidro transparente. Indo direto ao ponto, opulência pura. Um dia provavelmente me acostumaria a tudo aquilo, mas eu esperava que não. Tomar tudo aquilo como certo seria terrível.

Uma chuveirada me acalmaria. Deitar-me na tigelona gigante teria sido agradável. Mas não confiava totalmente em mim para entrar nela sem cair de bunda nem quebrar nada. Não naquele meu estado mais que cansado e nervoso.

Não, uma chuveirada quente e demorada seria perfeita.

Tirei as sapatilhas e abri os jeans, despindo-me em tempo recorde. No box, eu caberia juntamente de mais uma dezena de amigos íntimos. Água quente jorrou do chuveiro e eu, muito agradecida, entrei debaixo dele. Ela batia em mim da melhor das maneiras, relaxando meus músculos em questão de minutos. Amei aquele chuveiro. Aquele chuveiro e eu precisaríamos passar um bom tempo juntos. À exceção de David e, às vezes de Mal, aquele chuveiro era a melhor coisa em toda a maldita casa.

Os braços de David me circundaram, atraindo-me para junto dele. Eu nem o ouvi entrar.

– Oi. – Recostei-me nele, levantando os braços para segurá-lo pelo pescoço. – Acho que estou apaixonada pelo seu chuveiro.

– Está me traindo com o chuveiro? Caramba, Evelyn. Isso é muito duro. – Ele pegou o sabonete e começou a me lavar, esfregando-o em minha barriga, nos seios, suavemente entre as pernas. Quando as bolhas chegaram a um estado crítico, ele ajudou a água quente a sumir com elas. As mãos grandes escorregaram pela minha pele, trazendo-a à vida e reavivando meus hormônios à décima potência. Um braço forte me envolveu pela cintura. Os dedos da outra mão, porém, pairaram sobre meu sexo, afagando-o com suavidade.

– Sei que está preocupada por estar aqui. Mas não precisa. Vai ficar tudo bem. – Os lábios resvalaram minha orelha e a magia que ele executava estava funcionando. Eu me sentia liquefazer como a água quente. As pernas tremulavam. Afastei-as dando-lhe mais espaço.

– E-eu sei.

– Somos você e eu contra o mundo.

Eu não teria como apagar o sorriso do rosto mesmo se tentasse.

– Minha esposa adorável. Vamos por aqui. – Com passos precisos, ele nos virou, fazendo com que a água batesse em suas costas. Amparei as mãos na parede de vidro. A ponta dos dedos atiçava os lábios do meu sexo, incitando-me a me abrir. Deus, ele era bom naquilo.

– Sua bocetinha é a coisa mais gostosa que já vi.

Meu interior farfalhou em deleite.

– O que quer que eu tenha feito para te merecer, preciso voltar a fazer com maior frequência.

Ele riu, a boca se fixando no meu pescoço, sugando, fazendo-me gemer. Juro que o banheiro girou. Ou talvez fosse meu sangue em disparada. Com certeza, meu quadril se moveu por vontade própria. Mas ele não me deixou ir muito longe. A ereção me pressionava nas nádegas e nas costas. Meu sexo se contraiu descontente, desejando mais.

– David?

– Hum?

Tentei me virar, mas a mão que me segurava me impediu.

– Deixa…

– O quê? O que você quer, gata? É só me dizer que será seu.

– Eu quero você.

– Você já me tem. Estou em toda a sua volta. Sinta. – Ele se pressionou ao meu encontro, abraçando-me.

– Mas…

– Agora vamos ver o que acontece quando eu dedilho seu clitóris.

Um dedilhar suave me excitou e excitou, tudo concentrado num ponto mágico. Não era nenhuma surpresa que ele conseguisse me tocar tão bem. Ele já provara isso diversas vezes. E o modo como ele se esfregava em mim me deixava louca. Meu corpo sabia exatamente o que queria e não eram seus malditos dedinhos espertos. Eu queria sentir aquela conexão com ele de novo.

– Espere – eu disse, a voz saindo aguda e carregada de desejo.

– O quê, gata?

– Quero você dentro de mim.

Ele inseriu um dedo em mim, massageando a região por trás do clitóris e me fazendo ver estrelas. Ainda assim, não bastava, era incrivelmente insuficiente. Nem um pouco engraçado. Seria uma tragédia se eu tivesse que matá-lo, mas era o que ele estava pedindo.

– David. Por favor.

– Não está bom?

– Quero você.

– E eu também te quero. Sou louco por você.

– Mas…

– Que tal se eu te fizer gozar com o chuveirinho? Isso não seria legal?

Cheguei a bater o pé no chão, apesar dos joelhos trêmulos.

– Não.

A essa altura, meu marido começou a gargalhar, e eu o odiei.

– Pensei que estivesse apaixonada pelo chuveiro – prosseguiu ele, divertindo-se demais, mas também implorando para morrer.

Lágrimas de frustração chegaram a inundar meus olhos.

– Não.

– Tem certeza? Estou bem certo de que ouvi você dizer isso.

– David, puta que o pariu, estou apaixonada por você.

Ele parou de imediato. Até mesmo o dedo dentro de mim parou de se mover. Só restou o barulho da água caindo. Era de se pensar que essas palavras tivessem perdido o poder. Já não estávamos casados? Não decidimos continuar casados? Mencionar a palavra que começava com A deveria ter perdido sua força mítica, dada a nossa situação maluca. Mas não perdeu.

Tudo mudou.

Mãos fortes me viraram e me ergueram, deixando meus pés pendurados perigosamente no ar. Demorei um segundo para saber onde estava e o que havia acontecido. Segurei-o com braços e pernas para não cair, com força. Seu rosto… Nunca vi uma expressão tão ferrenha, tão determinada. Ela ia muito além do desejo e chegava bem perto do que eu precisava dele.

Suas mãos me seguraram pelo traseiro, sustentando meu peso e unindo-me a ele. Lenta e continuamente, abaixou-me sobre ele. Desta vez, nenhuma dor me roubou a sensação dele me preenchendo. Tê-lo dentro de mim era uma sensação estranha, maravilhosa. Retorci-me, tentando ficar mais confortável. No mesmo instante, seus dedos se cravaram em minhas nádegas.

– Cacete – grunhiu.

– O que foi?

– Só… só fica paradinha…

Empinei o nariz, concentrando-me em tentar respirar. Aquela coisa de sexo era complicada. E eu também queria memorizar cada momento daquela experiência perfeita. Não queria esquecer nada.

Ele equilibrou minhas costas contra a parede do chuveiro e empurrou com mais força para dentro de mim. Um som assustado escapou da minha boca. Muito parecido com um “ai”.

– Devagar – murmurou – Tudo bem?

Eu me sentia completa. Esticada. E podia ser bom. Mas era difícil de decifrar.

Eu precisava que ele fizesse alguma coisa para eu descobrir onde essa nova sensação me levaria.

– Você vai se mexer?

– Se você estiver bem.

– Estou.

Então, ele se moveu, observando meu rosto o tempo inteiro. A saída me incendiou de maneira incrível, mas o retorno ganhou minha atenção imediata. Hummm. Bom ou ruim, não sabia definir. Eu precisava de mais. E ele me deu, a pélvis batendo em mim, fazendo o calor e a tensão aumentarem. Meu sangue fervia, correndo dentro de mim, queimando debaixo da superfície da pele. Encaixei minha boca na dele, querendo mais. Querendo tudo. A umidade da boca dele e a habilidade da sua língua. Ele por inteiro. Ninguém beijava como David. Como se me beijar superasse respirar, comer, dormir ou qualquer outra coisa que ele tivesse, de outro modo, planejado fazer com o resto da sua vida.

Minhas costas bateram com firmeza na parede de vidro e nossos dentes se chocaram. Ele interrompeu o beijo com um olhar preocupado, mas não parou de se mover. Mais forte, mais rápido, ele se lançou dentro de mim. Ficou cada vez melhor. Precisávamos fazer aquilo o tempo inteiro. Constantemente. Nada mais importava quando estávamos daquele jeito. Todas as preocupações desapareciam.

Era bom demais. Ele era tudo o que eu precisava.

Quando ele atingiu um ponto específico dentro de mim, meu corpo inteiro se retesou, os nervos formigando e ficando tumultuados. Meus músculos o apertaram e ele penetrou várias vezes numa rápida sucessão. O mundo escureceu ou eu fechei os olhos. A pressão dentro de mim se estilhaçou num milhão de pedacinhos. E a sensação continuou. Minha mente subiu até a estratosfera, tenho certeza. Tudo reluziu. Se, para David, foi alguma coisa parecida com aquilo, não sei como ele continuou de pé. Mas continuou. Ficou de pé, forte e inteiro comigo agarrada a ele como se nunca fosse me largar.

No fim, cerca de uma década mais tarde, ele me abaixou. Suas mãos se demoraram em minha cintura, só por garantia. Depois que minhas pernas se mostraram confiáveis, ele me virou para a água. Com uma mão gentil, limpou entre minhas pernas. A princípio não entendi o que ele pretendia e tentei recuar. Tocar qualquer coisa ali não me parecia uma boa ideia.

– Tudo bem – disse ele, voltando a me colocar debaixo d’água – Confie em mim.

Fiquei parada, retraindo-me por instinto. Ele foi mais do que cuidadoso. O mundo inteiro parecia estranho, tudo tão perto e, ainda assim, abafado. O cansaço e o melhor orgasmo do mundo acabaram comigo.

Em seguida, ele esticou a mão atrás de mim e fechou as torneiras, saiu do box e pegou duas toalhas. Uma ele amarrou ao quadril e com a outra ele me secou.

– Isso foi bom, não foi? – perguntei enquanto ele secava meus cabelos, cuidando de mim. Meu corpo ainda tremia. Parecia um bom sinal. Meu mundo fora dilacerado e remontado em algum tipo de festival cintilante de sexo surreal. Se ele dissesse que fora apenas "bom", eu poderia socá-lo.

– Isso foi absolutamente incrível – ele me corrigiu, jogando a toalha sobre a bancada.

Até mesmo meu sorriso tremia; vi pelo espelho.

– É. Foi mesmo.

– Nós juntos, sempre é.

De mãos dadas, voltamos para o quarto. Para variar, ficar nua diante dele não foi estranho. Não houve nenhuma hesitação. Ele despiu a toalha e fomos para a cama gigantesca, gravitando naturalmente para o meio dela, ao encontro um do outro. Deitamos de lado, frente a frente. Eu poderia entrar em coma de tão cansada que estava. Uma pena ter que fechar os olhos quando ele estava assim tão perto de mim. Meu marido.

– Você xingou – disse ele, com olhos divertidos.

– Mesmo?

Sua mão parou no meu quadril, o polegar escorregando para frente e para trás sobre meu ossinho.

– Vai fingir que não se lembra do que disse? Mesmo?

– Não. Eu me lembro. – embora eu não tivesse tido a intenção de dizer, nem a imprecação, nem a declaração de amor. Mas disse. Hora de crescer – Eu disse que te amo.

– Hum. As pessoas dizem coisas durante o sexo. Acontece.

Ele estava me oferecendo uma saída, mas eu não poderia aceitá-la. Não a aceitaria, não importando o fato de ela ser tentadora. Eu não pretendia diminuir um momento como aquele.

– Estou apaixonada por você – repeti, sentindo-me pouco à vontade. Assim como quando disse que confiava nele, ele me deixaria ali esperando. Sabia disso.

O olhar dele se demorou em meu rosto, paciente e gentil. Aquilo doeu. Algo dentro de mim parecia frágil e ele o trouxe à tona. Amar fazia com que Espeleologia parecesse algo racional. *BASE jumping* e lutar com ursos não ficavam muito atrás. Mas já era tarde, tarde demais para se preocupar. As palavras já haviam sido ditas. Se o amor era para os tolos, então, tudo bem. Pelo menos eu era uma tola honesta.

Ele afagou meu rosto com o dorso dos dedos.

– Essa foi uma coisa linda de dizer.

– David, tudo bem…

– Você é importante demais pra mim – disse ele, interrompendo-me – Quero que saiba disso.

– Obrigada. – Ai, não era exatamente isso que eu queria ouvir depois de confessar que o amava.

Erguendo-se sobre um cotovelo, ele aproximou os lábios dos meus, beijando-me até me deixar tonta. Acariciando a minha língua com a dele, assumindo o comando. Sem deixar espaço para qualquer preocupação.

– Preciso de você de novo – sussurrou ele, ajoelhando-se entre minhas pernas.

Dessa vez, fizemos amor. Não havia outro modo de descrever. Ele me embalou num ritmo lento, pressionando o rosto ao meu, arranhando-me com a barba por fazer. Sussurrou, sem parar, segredos em meu ouvido. Como se ninguém mais tivesse sido tão certa para ele. Como se quisesse ficar assim enquanto pudesse. O suor escorreu do corpo dele, percorrendo minha pele antes de molhar o lençol. Ele se tornou uma parte permanente de mim. Era o êxtase. Suave, carinhoso e lento. Enlouquecedoramente lento no final.

Pareceu que durou para sempre. Desejei que tivesse durado.

CAPÍTULO 16

Adrian ficou furioso com os hematomas no rosto de David. Tampouco pareceu contente em me ver novamente. Tive um breve vislumbre de dentes de tubarão antes que ele se apressasse para um canto do vestiário bem longe de mim. Os seguranças ficaram do lado de fora, permitindo a entrada apenas daqueles convidados no santuário interno.

O show era num salão de baile de um dos hotéis mais chiques da cidade. Muitos candelabros reluzentes e mesas com toalhas de seda vermelha tomadas por estrelas e pela gente bonita que as acompanhava. Ainda bem que eu usava um vestido azul, o único que cobria tudo remotamente, e um par de sapatos de salto altíssimos que Martha encomendara. Kaetrin, a Garota do Biquíni, a antiga amiga de David, estava do outro lado da sala, com um vestido vermelho e uma carranca. Ela acabaria com rugas se continuasse assim. Felizmente, ela se cansou de fazer beicinho depois de um tempo, e se afastou. Não a culpava por estar brava. Se eu perdesse David, também ficaria furiosa. Mulheres pairavam próximas a David, na esperança de chamar a atenção dele. O modo como ele as ignorou foi louvável.

Não havia sinal de Jimmy. Mal estava sentado com uma asiática maravilhosa num joelho e uma loira peituda no outro, ocupado demais para conversar comigo. Eu ainda não conhecera o quarto membro da banda, Ben.

– Ei – disse David, trocando minha taça intocada de Cristal por uma garrafa de água – Pensei que você preferiria isto. Está tudo bem?

– Obrigada. Sim. Está tudo bem.

Que homem maravilhoso, ele bem sabia que eu ainda não tinha me recuperado por completo do episódio de Vegas para me arriscar a beber alguma coisa alcoólica. Ele assentiu e colocou a taça de champanhe na bandeja de um garçom que passava. Depois, tirou a jaqueta de couro. Outras pessoas podiam vestir um smoking, mas David era fiel aos seus jeans e botas. Sua única concessão para a ocasião foi vestir uma camisa social preta.

– Faça-me um favor e vista isto.

– Não gosta do meu vestido?

– Claro que sim. Mas o ar-condicionado está um pouco forte aqui – disse ele, passando a jaqueta ao redor dos meus ombros.

– Não está, não.

Ele me lançou um sorriso maroto que teria derretido o mais duro dos corações. O meu não tinha a mínima chance de sobreviver. Com um braço em cada lado da minha cabeça, ele se inclinou, bloqueando a vista de tudo e de todos.

– Acredite em mim, você está achando o ar um pouco frio. – O olhar dele caiu para os meus seios e eu entendi o que ele dizia. O vestido era feito de um tecido fino, leve. Lindo, mas nem um pouco sutil de certa forma. E, evidentemente, o meu sutiã não estava ajudando em nada.

– Puxa.

– Hum. E lá estou eu, tentando tratar de negócios com Adrian, mas sem sucesso. Estou absolutamente distraído porque amo o seu equipamento.

– Excelente. – Passei o braço sobre o peito da mais sutil das maneiras.

– Eles são lindos e preenchem minhas mãos do jeito certo. É como se tivéssemos sido feitos um para o outro, sabe?

– David… – Sorri como a tola excitada que era.

– Às vezes, vejo esse quase sorriso nos seus lábios. E fico imaginando o que você está pensando, parada aqui, observando tudo.

– Nada em especial, só absorvendo tudo. Ansiosa para vê-lo no palco.

– Está?

– Claro que estou. Mal posso esperar.

Ele me beijou de leve nos lábios.

– Depois que isso acabar, vamos dar o fora daqui, está bem? Vamos para algum lugar, só você e eu. Podemos fazer o que você bem entender. Sair de carro e ir comer alguma coisa, quem sabe.

– Só nós dois?

– Isso mesmo. Fazer o que você quiser.

– Ótima ideia.

O olhar dele derrapou no meu peito.

– Você ainda está com um pouco de frio. Eu poderia aquecê-la. Qual a sua opinião quanto a eu aquecê-la com as mãos em público?

– É não. – Virei o rosto para tomar um gole de água. Mesmo que o ar estivesse ártico, eu precisava me refrescar.

– É, foi o que pensei. Venha. Peitos grandes trazem grandes responsabilidades. – Ele me pegou pela mão e me conduziu em meio a uma pequena multidão enquanto eu ria. Ele não parou para falar com ninguém.

Havia uma pequena sala contígua nos fundos com uma arara de roupas e maquiagem espalhada. Espelhos nas paredes, um grande buquê de flores e um sofá muito bem ocupado. Jimmy estava sentado, vestido com mais um dos ternos elegantes, pernas esticadas e uma mulher ajoelhada entre elas. O rosto dela estava no colo dele, a cabeça subindo e descendo. Nenhum prêmio para quem adivinhasse o que eles estavam fazendo. O vestido vermelho me indicou a identidade dela, embora eu pudesse viver uma vida longa e feliz sem saber disso. Os cabelos escuros longos de Kaetrin estavam amarrados ao pulso de Jimmy. Na outra mão, ele trazia uma garrafa de uísque. Duas carreiras de um pó branco estavam sobre uma mesinha lateral junto de um canudinho de prata.

Puxa vida. Então era assim o estilo de vida rock and roll. Subitamente, minhas palmas ficaram úmidas. Mas David não estava metido nisso. Ele não era assim. Eu sabia disso.

– Ev – disse Jimmy numa voz rouca, lenta, um sorriso preguiçoso se espalhando em seu rosto – Você está linda, querida.

Fechei a boca.

– Vamos. – As mãos de David me seguraram pelos ombros, afastando-me daquela cena. Ele estava pálido, a boca numa linha firme.

– O quê, não vai cumprimentar Kaetrin, Dave? Que dureza. Pensei que vocês fossem bons amigos.

– Vá à merda, Jimmy.

Atrás de nós, Jimmy gemeu longamente conforme o espetáculo no sofá chegava à sua óbvia conclusão. Meu marido bateu a porta com força. A festa continuava, a música ecoando nos alto-falantes, taças brindando e muita conversa alta. Tínhamos saído de lá, mas David fitava ao longe, alheio a tudo, ao que tudo levava a crer. O rosto dele estava marcado de tensão.

– David?

– Cinco minutos – berrou Adrian, batendo palmas bem no alto – Hora do espetáculo. Vamos em frente.

As pálpebras de David piscaram rapidamente como se ele estivesse despertando de um sonho ruim.

A atmosfera da sala subitamente pareceu carregada de eletricidade. A multidão aclamou e Jimmy cambaleou para ali com Kaetrin a reboque. Mais palmas e gritos de encorajamento para que a banda subisse ao palco, além das risadas de quem sabia o que Jimmy e a garota estiveram fazendo.

– Vamos lá! – gritou Jimmy, cumprimentando as pessoas com apertos de mãos e tapinhas nas costas, conforme atravessava a sala – Vamos, Davie.

Os ombros do meu marido se ergueram.

– Martha.

A mulher se aproximou, o rosto escondido numa máscara atenta.

– O que posso fazer por você?

– Cuide de Ev enquanto eu estiver no palco.

– Claro.

– Olha só, tenho que ir, mas volto logo – disse ele para mim.

– Claro. Vai lá.

Com um último beijo em minha testa, ele seguiu, os ombros tensos de modo protetor. Senti um impulso louco de segui-lo. De detê-lo. De fazer algo. Mal se juntou a ele perto da porta e passou um braço ao redor do seu pescoço. David não olhou para trás. Grande parte das pessoas o seguiu. Fiquei sozinha, observando o êxodo. Ele tinha razão, a sala estava fria. Apertei sua jaqueta ao meu redor, permitindo que sua fragrância me acalmasse. Tudo estava bem. Se eu continuasse a repetir, cedo ou tarde, isso se tornaria verdade. Mesmo as partes que eu não entendia dariam certo. Eu tinha que ter fé. E, maldição, eu tinha. Mas há muito meu sorriso desaparecera.

Martha me observava, sua expressão imaculada inalterada. Depois de um instante, seus lábios rubros se abriram.

– Faz muito tempo que conheço David.

– Que bom – disse eu, recusando-me a me acovardar ante seu olhar gélido.

– Sim. Ele é talentoso e determinado demais. Isso o torna intenso em relação às coisas, apaixonado.

Eu nada disse.

– Às vezes, ele se deixa levar. Não quer dizer nada. – Martha olhou para a minha aliança. Com um movimento elegante, ela ajeitou os cabelos atrás da orelha. Acima de um lindo brinco de rubis, havia um único diamante pequeno, cintilante. Não passava de um pedrisco, um que não parecia combinar com os gostos refinados de Martha. – Quando quiser, posso mostrar onde ficar para assistir ao show.

A sensação de espiral que se iniciara quando David se afastou de mim ficou mais forte. Ao meu lado, Martha aguardava com paciência, sem dizer nada e, só por isso, me senti grata. Ela já dissera coisas demais. Apenas um brinco de rubis pendia na outra orelha. A paranoia não era nada bela. Será que aquele brinco era o par do diamante de David? Não. Isso não fazia sentido.

Muitas pessoas usavam brinco solitário de diamante. Mesmo os milionários.

Deixei minha água de lado, forçando um sorriso.

– Vamos?

—

Assistir ao show foi algo fantástico. Martha me levou para uma das laterais do palco, atrás das cortinas, mas a sensação era de que eu estava no meio de tudo aquilo. E tudo aquilo era bem alto e excitante. A música reverberava no meu peito, fazendo meu coração acelerar. A música foi uma ótima distração das minhas preocupações a respeito do brinco. David e eu precisávamos conversar. Eu estivera mais do que disposta a esperar que ele se sentisse bem para contar coisas, mas minhas perguntas estavam saindo do controle. Eu não queria ficar duvidando dele desse jeito. Precisávamos de honestidade.

Com uma guitarra nas mãos, David era um deus. Não era de admirar que as pessoas o idolatrassem. As mãos se moviam sobre as cordas do instrumento com absoluta precisão, com total concentração. Os músculos dos braços se contraíam fazendo com que as tatuagens ganhassem vida. Fiquei parada em total admiração, de boca aberta. Havia outras pessoas no palco, mas David me mantinha cativa. Eu só conhecia sua parte particular, quem ele era quando estava comigo. Aquilo parecia ser quase outra entidade. Um desconhecido. Meu marido cedera seu lugar para o músico. Para a estrela do rock. Isso era algo de fato atemorizador. Mas, naquele instante, a paixão dele fez todo o sentido para mim. Seu talento era um verdadeiro dom.

Tocaram cinco canções, depois foi anunciada a entrada de outro artista famoso. Os quatro membros da banda saíram do palco pelo outro lado. Martha tinha desaparecido. Era difícil ficar chateada com isso, apesar de o caminho até os vestiários ser um labirinto. A mulher era um monstro. Eu estava bem melhor sem ela.

Encontrei o caminho sozinha, dando passos pequenos e delicados por causa dos sapatos estúpidos que estavam me matando. Bolhas já se formavam em meus dedos onde a tira fina machucava minha pele. Não importava, minha felicidade não seria maculada. A lembrança da música ainda estava comigo. O modo como David parecia abstraído pela sua execução, tanto excitada quanto desconhecida. Quanta emoção.

Sorri e praguejei, baixinho, ignorando meus pobres pezinhos e abrindo caminho em meio a uma mistura de fãs, de técnicos de som, maquiadores e pessoas que não tinham nenhuma atribuição específica.

– Noiva criança. – Mal estalou um beijo em minha bochecha. – Vou para uma boate. Vocês também vêm ou vão voltar para o ninho de amor?

– Não sei. Só preciso encontrar David. A propósito, o show foi maravilhoso. Vocês foram incríveis.

– Que bom que gostou. Mas não conte a David que fui eu quem carregou o show. Ele é muito melindroso com esse tipo de coisa.

– Meus lábios são um túmulo.

Ele gargalhou.

– Ele está muito melhor com você, sabia? Tipos artísticos têm o mau hábito de desaparecerem em seus egos. Ele sorriu mais nestes poucos dias com você do que o vi sorrindo nos últimos cinco anos. Você faz bem a ele.

– Acha mesmo?

Mal sorriu.

– Acho. Diga a ele que vamos para o Charlotte's. Até mais, talvez.

– Ok.

Mal se afastou e segui o caminho até o vestiário, em meio à multidão ainda maior do que antes. Dentro do camarim, porém, estava mais tranquilo. Jimmy e Adrian estavam num canto, entretidos numa conversa enquanto eu passava. Eu não iria parar ali de jeito nenhum. Sam e outro segurança acenaram quando passei.

A porta para a saleta dos fundos onde Jimmy estivera ocupado antes estava parcialmente aberta. A voz de David me alcançou. Bem nítida, apesar do barulho de fora. Era como se eu estivesse em sintonia com ele em algum nível cósmico. Assustador, mas também excitante. Eu nem conseguia esperar até que pudéssemos sair dali para fazer qualquer coisa. Encontrar Mal ou sair da cidade. Eu não me importava, desde que estivéssemos juntos.

Eu só queria estar com ele.

O som alto da voz de Martha vindo do mesmo cômodo diminuiu minha felicidade.

– Não – disse alguém de trás de mim, fazendo-me parar na porta.

Virei-me e vi o quarto membro da banda: Ben. Eu agora me lembrava dele de um show que Lauren me fizera ficar assistindo na TV há alguns anos. Ele era o baixista e fazia Sam, o guarda-costas, parecer um gatinho fofinho. Cabelos escuros curtos e pescoço de touro. Atraente de maneira estranha, como um assassino serial. Ainda que isso talvez se devesse apenas ao modo como ele olhava para mim, com olhos azuis sérios, e o maxilar rijo. Outro sob a influência de drogas, talvez. Para mim, ele só parecia mau.

– Deixe-os resolverem as coisas – disse ele num tom baixo. O olhar dele disparou para a porta parcialmente aberta – Você não sabe como eles eram quando estavam juntos.

– O quê? – Recuei um pouco e ele notou, dando um passo para o lado para se aproximar da porta. Tentando me manobrar para longe.

Ben apenas olhou para mim, o braço grosso barrando o caminho.

– Mal disse que você é legal e tenho certeza de que é. Mas ela é minha irmã. David e ela sempre foram loucos um pelo outro, desde que éramos jovens.

– Não estou entendendo. – Retraí-me, a cabeça balançando.

– Sei disso.

– Saia da frente, Ben.

– Desculpe. Não posso fazer isso.

A verdade era que ele não precisava. Sustentei seu olhar, certificando-me de ter toda a sua atenção. Em seguida, equilibrei meu peso num dos saltos assassinos e usei o outro para abrir a porta. Visto que ela não estivera de fato fechada, oscilou para dentro com facilidade.

David estava de pé com as costas parcialmente viradas para nós. As mãos de Martha estavam em seus cabelos, segurando-o junto dela. As bocas estavam unidas. Era um beijo firme, rude. Ou, quem sabe, não era assim que parecia para quem estava do lado de fora.

Não senti nada. Ver aquilo deveria ser algo importante, mas não foi. Apenas me diminuiu e fez com que me trancasse dentro de mim. Pareceu, senão outra coisa, como se aquilo fosse inevitável. As peças estiveram todas ali. Fui tão idiota, tentando não enxergar aquilo. Pensando que tudo terminaria bem.

Um barulho escapou da minha garganta e David se afastou dela. Olhou por sobre o ombro para mim.

– Ev – disse ele, com o rosto contraído e os olhos brilhantes.

Meu coração deve ter desistido. O sangue não fluía. Que estranho. Minhas mãos e meus pés estavam gelados. Balancei a cabeça. Eu não tinha nada. Dei um passo para trás e ele esticou a mão na minha direção.

– Não – disse ele.

– David – Martha lhe lançou um sorriso perigoso. Não havia outra palavra para descrevê-lo. A mão dela afagou seu braço como se fosse fincar as unhas nele a qualquer instante. Acho que até poderia.

David veio na minha direção. Recuei diversos passos, cambaleando nos saltos. Ele parou e me encarou como se fosse um estranho.

– Gata, isso não foi nada – disse ele. Esticou a mão na minha direção de novo.

Abracei meu corpo com força, protegendo-me do perigo. Tarde demais.

– Era ela? Ela é a sua namoradinha de adolescência?

O conhecido músculo no maxilar se mostrou.

– Isso faz muito tempo. Não é importante.

– Jesus, David.

– Não tem nada a ver com a gente.

Quanto mais ele falava, mais gelada eu me sentia. Fiz o que pude para ignorar Martha e Ben aguardando nas imediações.

David praguejou.

– Venha, vamos sair daqui.

Balancei a cabeça devagar. Ele agarrou meu braço, impedindo-me de

retroceder ainda mais.

– Que porra você está fazendo, Evelyn?

– O que *você* está fazendo, David? O que foi que fez?

– Nada – disse ele entredentes. – Não fiz porra nenhuma. Você disse que confiava em mim.

– Por que vocês dois ainda usam os brincos se não é nada?

A mão voou para a orelha, cobrindo o maldito objeto.

– Não é nada disso.

– Por que ela ainda trabalha para você?

– Você disse que confiava em mim – repetiu ele.

– Por que manter a casa em Monterey por todos esses anos?

– Não – disse ele e depois parou.

Fiquei olhando para ele, incrédula.

– Não? Só isso? Isso não basta. Não era para eu ter visto isso? Ou só fazer de conta que não vi?

– Você não entende.

– Então, explique para mim – implorei. Seus olhos me atravessaram. Eu bem que podia ficar sem dizer nada. Minhas perguntas não eram respondidas – Você não consegue, não é?

Dei mais um passo para trás e seu rosto endureceu, tomado pela fúria. Os punhos ficaram cerrados ao longo do corpo.

– Não ouse me deixar. Você prometeu!

Eu não o conhecia. Encarei-o, paralisada, permitindo que a raiva dele me assolasse. Ela não tinha chances de vencer minha dor. Nem um pouco.

– Se sair daqui, acabou. Não ouse voltar.

– Tudo bem.

– Estou falando sério. Você não vai significar nada para mim.

Atrás de David, a boca de Ben se abriu, mas nada foi dito. Melhor assim. Até mesmo o torpor tinha seus limites.

– Evelyn! – David grunhiu.

Tirei os malditos sapatos dos pés e fiz minha saída triunfal descalça. Melhor ficar confortável. Normalmente, eu jamais usaria saltos como aqueles. Não havia nada de errado em ser normal. Eu estava mais do que atrasada para uma bela dose de normalidade. Eu me envolveria nela como se fosse algodão macio, protegendo-me de tudo. Eu tinha o trabalho no café para voltar, a faculdade logo recomeçaria. Eu tinha uma vida à minha espera.

Uma porta bateu atrás de mim. Alguma coisa bateu nela pelo lado de dentro. O som de gritos foi abafado.

Do outro lado do camarim, Jimmy e Adrian ainda conversavam. Isto é, Adrian

falava e Jimmy fitava o teto, com um sorriso de lunático estampado. Duvido que a aparição de um foguete passasse percebida a Jimmy, de tão louco que ele estava.

– Com licença – disse eu, intrometendo-me.

Adrian se virou e franziu o cenho, os dentes luminosos fazendo sua aparição somente um instante depois.

– Evelyn, meu bem, estou no meio de…

– Eu gostaria de voltar para Portland agora.

– Gostaria? Ok. – Ele esfregou as mãos. Ah, eu o deixara contente. Seu sorriso foi imenso e brilhante; genuíno, para variar. Faróis de carro perdiam para ele, que, ao que tudo levava a crer, estivera se contendo previamente. – Sam! – berrou.

O segurança apareceu, surgindo em meio ao povo com certa facilidade.

– Senhora Ferris.

– Senhorita Thomas – Adrian o corrigiu – Você se importaria de levá-la em segurança para casa, Sam? Obrigado.

A expressão profissional educada não titubeou sequer um segundo.

– Sim, senhor. Claro.

– Excelente.

Jimmy começou a rir, gargalhadas que faziam o corpo tremer. Depois passou a quase cacarejar, o barulho vagamente semelhante ao da Bruxa Má do Oeste no Mágico de Oz. Isso se ela estivesse sob efeitos de crack ou de cocaína ou o que quer que Jimmy tivesse consumido, claro.

Aquelas pessoas não faziam nenhum sentido.

Eu não me encaixava ali. Nunca me encaixei.

– Por aqui. – Sam pressionou uma mão em minhas costas, o que bastou para que eu me mexesse. Hora de ir para casa, acordar daquele sonho bom demais para ser verdade que se transformara num maldito pesadelo.

O riso aumentou cada vez mais, ecoando em meus ouvidos, até subitamente desaparecer. Virei a tempo de ver Jimmy desabando no chão, seu terno caro um desastre. Uma mulher arfou. Outra riu e revirou os olhos.

– Pelo amor de Deus! – resmungou Adrian, ajoelhando-se ante o homem inconsciente. Deu um tapa em seu rosto – Jimmy. Jimmy!

Mais seguranças parrudos apareceram, circundando o cantor desmaiado, bloqueando-o de vista.

– De novo, não! – ralhou Adrian – Chamem um médico. Maldição, Jimmy!

– Senhora Ferris? – chamou Sam.

– Ele está bem?

Sam franziu o cenho ante a cena.

– Ele só deve ter desmaiado. Isso vem acontecendo bastante. Vamos?

– Tire-me daqui, Sam. Por favor.

—

Cheguei a Portland antes do nascer do sol. Não chorei durante a viagem. Era como se meu cérebro tivesse diagnosticado uma emergência e cauterizado minhas emoções. Senti-me entorpecida, como se Sam pudesse entrar na contramão e eu não fosse dizer nada para impedi-lo. Eu estava acabada, imobilizada. Antes de irmos até o aeroporto, passamos pela mansão para que eu pegasse minhas coisas. Ele me colocou no jatinho e voamos até Portland. Ele me fez descer da aeronave e me levou de carro para casa.

Sam insistiu em carregar minha mala, assim como insistiu em me chamar pelo meu sobrenome de casada. O homem conseguia lançar o mais sutil dos olhares de esguelha. Não disse muita coisa, motivo pelo qual lhe fui muito grata.

Carreguei minha carcaça escada acima até o apartamento que dividia com Lauren. Meu lar tinha cheiro de alho, cortesia da senhora Lucia do andar de baixo, que estava sempre cozinhando. Papel de parede verde descascado e tábuas de madeira gastas, manchadas e arranhadas. Ainda bem que calcei os tênis ou meus pés acabariam cheios de farpas. Aquele piso em nada se parecia com o reluzente da casa de David. Era possível ver seu reflexo nele.

Droga. Eu não queria pensar nele. Todas aquelas lembranças pertenciam a uma caixinha no fundo da minha mente. Nunca mais elas veriam a luz do dia.

Minha chave ainda se encaixava na fechadura. Era como se eu estivesse ausente há anos e não dias. E nem fazia uma semana. Eu saíra na quinta-feira cedo e agora era terça. Menos do que meros seis dias. Aquilo era insano. Tudo parecia diferente. Abri a porta, sem fazer barulho porque ainda era muito cedo. Lauren poderia estar dormindo. Ou talvez nem estivesse em casa. Ouvi risadas.

Ela poderia, na verdade, estar deitada na mesa da cozinha, rindo porque algum cara estava com a cabeça escondida dentro de uma das camisetas enormes que ela usava como camisola. Ele tinha o rosto enterrado no decote dela e fazia cócegas. Lauren se contorceu, emitindo toda sorte de ruídos de contentamento. Eles estavam tão envolvidos naquilo que nem perceberam a nossa entrada.

Sam desviou o olhar para a parede, evitando a cena. Pobre cara, as coisas que ele deve ter testemunhado ao longo dos anos…

– Olá – disse eu – Lauren?

Lauren gritou e rolou, acidentalmente retorcendo o cara em sua camiseta enquanto tentava se desvencilhar. Se o matasse sem querer, pelo menos ele morreria feliz, considerando-se a vista.

– Ev – ela arfou – Você voltou.

O cara finalmente libertou o rosto.

– Nathan? – perguntei, atordoada. Inclinei a cabeça só para ter certeza, estreitando o olhar.

– Oi. – Meu irmão levantou uma mão enquanto abaixava a camiseta de Lauren com a outra. – Tudo bom com você?

– Tudo – assenti – Sam, estes são a minha amiga Lauren e o meu irmão Nate. Gente, este é o Sam.

Sam acenou com educação e apoiou minha mala no chão.

– Posso fazer mais alguma coisa, senhora Ferris?

– Não, Sam. Obrigada por me acompanhar até em casa.

– De nada. – Ele olhou para a porta, depois de novo para mim, com uma ruguinha entre as sobrancelhas. Eu não tinha certeza, mas achei que isso era o que mais se aproximava a um ar preocupado para ele. Suas expressões faciais pareciam limitadas. Contidas era provavelmente a palavra mais adequada. Ele esticou a mão e me deu um tapinha duro nas costas. Depois foi embora, fechando a porta atrás de si.

Meus olhos arderam com a ameaça de lágrimas. Pisquei como uma louca, contendo-as. A gentileza dele quase rompeu meu torpor, maldição. Eu ainda não podia me dar a esse luxo.

– Então, vocês dois…? – perguntei.

– Estamos juntos – confirmou Lauren, levando a mão às costas. Nate a pegou e segurou com firmeza.

Eles ficavam bem juntos. Apesar de que eu me perguntava como mais a situação poderia ficar estranha. Meu mundo mudara. Eu me sentia diferente, ainda que o pequeno apartamento estivesse igual. As coisas estavam basicamente onde eu as deixara. A coleção maluca de gatos de porcelana de Lauren ainda estava na prateleira juntando poeira. Nossa mobília barata, ou de segunda mão, e as paredes azuis-turquesa não mudaram. Embora eu talvez nunca mais usasse aquela mesa, considerando-se o que testemunhara. Só Deus sabia o que mais acontecera ali.

Flexionei os dedos, obrigando meus membros a voltarem à vida.

– Pensei que vocês se odiassem.

– E odiávamos – confirmou Lauren – Mas, sabe como é… agora não nos odiamos mais. Na verdade, é uma história surpreendentemente simples. Meio que aconteceu enquanto você esteve fora.

– Puxa.

– Belo vestido – disse Lauren, admirando-me.

– Obrigada.

– Valentino?

Alisei o tecido macio sobre meu abdômen.

– Não sei.

– Ficou bem marcante com esse par de tênis – disse Lauren antes de lançar um olhar para Nate. Ao que tudo levava a crer, eles já estavam na fase da comunicação silenciosa, porque ele saiu de fininho para o quarto dela. Interessante…

Minha melhor amiga e meu irmão. E ela não disse nada. Mas, pensando bem, havia muitas coisas que eu também não tinha contado para ela. Talvez tivéssemos ultrapassado a idade de partilhar cada detalhezinho das nossas vidas. Que triste.

A solidão e uma dose saudável de autopiedade me gelaram de súbito e eu passei os braços ao redor do corpo.

Lauren se aproximou e soltou uma das minhas mãos.

– Querida, o que aconteceu?

Balancei a cabeça, afastando qualquer tipo de pergunta.

– Não posso falar. Ainda não.

Ela se juntou a mim, encostando-se na parede.

– Eu tenho sorvete.

– Que sabor?

– Chocolate triplo. Pensei em torturar seu irmão com ele mais tarde, de uma maneira explicitamente sexual.

E lá se foi meu vago interesse pelo chocolate. Esfreguei o rosto com as mãos.

– Lauren, se você me ama, nunca mais diga esse tipo de coisa para mim.

– Desculpe.

Eu quase sorri. Minha boca chegou bem perto disso, mas, no fim, falseou.

– Nate te faz feliz?

– Faz. Parece, sei lá… parece que a gente está em sintonia um com o outro ou algo assim. Desde a noite em que ele foi me buscar na casa dos seus pais temos ficado juntos. Parece certo. Ele não é mais todo irritado como na época da escola. Ele também deixou de ser um galinha. Ele se acalmou e amadureceu. Caramba, de nós dois ele parece ser o mais ajuizado. – Ela fez um beiço fingido. – Mas os nossos dias de contar cada coisinha uma para a outra chegaram ao fim, não?

– Acho que sim.

– Ah, tudo bem. Sempre teremos o Ensino Médio.

– É. – Consegui sorrir.

– Ah, meu bem, sinto muito que as coisas não tenham dado certo. Quero dizer, isso está na cara já que voltou e está um terror mesmo nesse vestido

maravilhoso. – Ela fitou meu vestido com grande interesse.

– Pode ficar com ele. – Inferno, ela podia ficar com todo o resto também. Eu nunca mais queria tocar em nada daquilo de novo. A jaqueta dele eu entreguei para Sam com o anel dentro do bolso. Sam faria com que chegasse às mãos dele. Minha mão parecia nua sem ele, mais leve. Mais leve e mais livre deveriam andar de mãos dadas, mas não. Dentro de mim existia um peso enorme. Já fazia horas que eu vinha arrastando meu pobre traseiro por aí. Entrando no avião. Saindo do avião. Entrando no carro. Subindo as escadas. Nem o tempo nem a distância ajudaram até o momento.

– Quero te abraçar, mas você está emanando aquela vibração "fique longe de mim" – disse ela, colocando as mãos nos quadris – Diga o que devo fazer.

– Desculpe. – O sorriso que lancei para ela saiu torto e horrível. Dava para eu saber. – Mais tarde?

– Quanto mais tarde? Porque, sejamos francas, você parece estar precisando muito de um abraço.

Dessa vez, não consegui conter as lágrimas. Elas simplesmente começaram a jorrar, e depois que começaram, não consegui detê-las. Tentei enxugá-las, mas acabei desistindo e cobri o rosto com as mãos.

– Droga.

Lauren passou os braços ao meu redor.

– Pode chorar.

E foi o que fiz.

CAPÍTULO 17

VINTE E OITO DIAS DEPOIS…

A mulher estava levando uma eternidade para fazer seu pedido. Os olhos passavam do cardápio para mim, enquanto se recostava no balcão. Eu conhecia aquele olhar. Odiava aquele olhar. Eu adorava ficar no café, com o aroma dos grãos de café e a suave mistura de música e de conversas. Amava a camaradagem que tínhamos atrás do balcão e o fato de que o trabalho mantinha tanto minhas mãos quanto minha mente ocupadas. Por mais estranho que pudesse parecer, ser barista me relaxava. Era boa nisso. E por causa dos esforços em que tinha que dedicar aos estudos, isso era um conforto. Se tudo um dia acabasse num beco sem saída, sempre teria o café para me apoiar. Era o equivalente moderno em Portland da datilografia. A cidade vivia à base de grãos de café e do café. Café e cerveja estavam no nosso sangue.

Mais recentemente, porém, alguns fregueses vinham se mostrando um pé no saco.

– Você me parece familiar – começou ela, como a maioria – Você não apareceu na internet um tempinho atrás? Alguma coisa a ver com David Ferris?

Pelo menos já não me retraía ante o nome dele. E já fazia alguns dias que não sentia ânsias. Não, eu não estava grávida, apenas teria meu casamento anulado.

Depois dos primeiros dias me escondendo na cama, chorando até não poder mais, assumi todos os turnos disponíveis no café para me manter ocupada. Eu não poderia ficar de luto por ele para sempre. Pena que meu coração continuava sem se convencer. Ele aparecia em meus sonhos todas as noites quando eu fechava os olhos. Tinha que afastá-lo da minha mente umas mil vezes durante o dia.

Quando voltei a circular, os poucos paparazzi restantes tinham voltado a L.A. Ao que tudo levava a crer, Jimmy fora internado em uma clínica de reabilitação. Lauren mudava de canal toda vez que eu chegava, mas eu sempre captava partes

das notícias, o suficiente para entender o que estava se passando. Parecia que o Stage Dive era comentado em todos os lugares. Uma pessoa até me pedira para autografar uma foto de David entrando na clínica, com a cabeça pendente e as mãos enfiadas nos bolsos. Ele me pareceu tão só. Diversas vezes, quase telefonei para ele. Só para perguntar se ele estava bem. Só para ouvir sua voz. Dava para ser mais idiota? E se eu telefonasse e Martha atendesse?

De toda forma, a crise de Jimmy era muito mais interessante do que eu. Eu mal merecia uma menção no noticiário hoje em dia.

Mas as pessoas, os fregueses, me enlouqueciam. Fora do trabalho, praticamente me tornei uma ostra. Isso tinha a ver com o fato de que o meu irmão basicamente estava morando com a gente. Pessoas apaixonadas eram nauseantes. Era um fato médico comprovado. Fregueses com olhares brilhantes e especulativos não eram muito melhores.

– Você está equivocada – disse para a mulher enxerida.

Ela me lançou um olhar tímido.

– Acho que não.

Eu podia apostar dez dólares como ela estava tentando encontrar um modo de me pedir o autógrafo dele. Aquela seria a oitava tentativa só naquele dia. Alguns deles queriam me levar para casa para termos relações íntimas porque, sabe, eu era ex de uma estrela do rock. Minha vagina obviamente devia ter alguma coisa especial. Às vezes me perguntei se eles acreditavam que houvesse uma placa no interior da minha coxa que dizia: David Ferris esteve aqui.

Aquela ali, contudo, não estava me cantando. Não, ela queria um autógrafo.

– Olha só – disse ela, passando da especulação para a persuasão –, não sou de pedir esse tipo de coisa, mas é que sou muito fã dele.

– Não posso ajudá-la, lamento. Na verdade, estamos para fechar. Gostaria de pedir alguma coisa antes disso? – perguntei, com um sorriso agradável colado no rosto. Sam teria ficado muito orgulhoso desse sorriso, mesmo sendo falso. Mas meus olhos lhe diziam a verdade. Que eu estava acabada e não me restava mais nada. Ainda mais no que se referia a David Ferris.

– Pode, pelo menos, me dizer se a banda vai acabar mesmo? Conta, vai. Todos dizem que uma declaração será feita a qualquer dia.

– Não sei de nada a esse respeito. Gostaria de pedir alguma coisa, ou não?

Mais recusas normalmente levavam a raiva ou lágrimas. Ela escolheu a raiva. Uma sábia escolha, pois eu estava enjoada de lágrimas. Não as aguentava mais, nem as minhas, tampouco as dos outros. Apesar de ser de conhecimento geral que levei um pé na bunda, as pessoas ainda achavam que eu tinha conexões. Ou esperavam por isso.

Ela deu uma risadinha falsa.

– Não precisa ser maldosa. Você morreria se me contasse o que está acontecendo?

– Saia – ordenou a minha adorável gerente, Ruby – Agora. Pode ir.

A mulher passou para o modo incredulidade, com a boca escancarada.

– O que disse?

– Amanda, chame a polícia. – Ruby ficou toda imponente ao meu lado.

– Pode deixar, chefe. – Amanda sacou o celular e apertou as teclas, lançando olhares malignos para a mulher. Amanda, tendo saído do rótulo de única lésbica da nossa escola, agora estudava teatro. Esse tipo de confronto era sua parte preferida do dia. Eles podiam extrair minhas forças, mas Amanda se alimentava deles. Uma força sombria e malevolente, claro, mas toda ela se deliciava com isso. – Sim, estamos com uma loira falsa de bronzeado medonho nos causando problemas aqui, senhor. Tenho quase certeza de que a vi numa festa de fraternidade na semana passada, bebendo apesar de ser menor de idade. Não quero contar o que aconteceu depois disso, mas a filmagem está no YouTube para quem, com mais de dezoito anos, quiser ver.

– Não é de se estranhar que ele tenha te largado. Eu vi a foto, sua bunda é maior que a porra do Texas – a mulher espicaçou antes de sair do café.

– Você precisa mesmo ficar atiçando-as? – perguntei.

Amanda estalou a língua.

– Ora, por favor, foi ela quem começou.

Já ouvi coisas piores do que ela disse. Muito piores. Já tive que mudar meu endereço de e-mail diversas vezes para impedir a enxurrada de mensagens odiosas. Encerrei meu perfil no Facebook logo no começo.

Ainda assim, dei uma olhada na minha bunda, só para garantir. Chegava bem perto, mas eu tinha quase certeza de que o Texas era, de fato, maior.

– Até onde sei, você está vivendo à base de balas e café com leite. Seu traseiro não é preocupante. – Há muito tempo, Amanda já me perdoara pelo beijo mal dado na escola, que Deus a abençoasse. Eu tinha muita sorte pelas amigas que tinha. Não sei se teria sobrevivido ao último mês sem elas.

– Eu como.

– É mesmo? De quem são esses jeans?

Comecei a limpar a cafeteira porque estava mesmo na hora de fechar. Por isso e para evitar o assunto. A verdade era que ser traída e ouvir mentiras por parte do filho predileto do rock and roll resultava numa dieta e tanto. Não uma que eu recomendasse, contudo. O sono era uma porcaria e estava sempre cansada. Eu era a depressão em pessoa. Por dentro e por fora, não me sentia eu mesma. O tempo que passei com David, o modo como isso mudou as coisas, era uma constante agitação, uma coceira da qual não conseguia me livrar. Em parte

porque me faltavam forças, mas também me faltava vontade. Só se consegue cantar “I Will Survive” determinado número de vezes antes de sentir vontade de se esganar.

– Lauren não as usa mais. Disse que o tom escuro da lavagem não é o certo e que a posição dos bolsos a fazem parecer hippie. Ao que parece, a colocação dos bolsos é importante.

– E quando você começou a usar as roupas da vaca magricela?

– Não a chame assim.

Amanda revirou os olhos.

– Ora, por favor, ela considera isso um elogio.

Verdade.

– Bem, acho esses jeans legais. Você vai limpar as mesas ou quer que eu faça isso?

Amanda apenas suspirou.

– Jo e eu queremos agradecer por você ter nos ajudado com a mudança no fim de semana passado. Por isso, vamos levá-la para sair hoje. Para beber e dançar!

– Ah… – O álcool e eu já temos uma história. – Não sei, não.

– Eu sei.

– Eu tinha planejado…

– Não tinha, não. É por isso que deixei para te contar na última hora. Eu sabia que você tentaria arranjar uma desculpa. – Os olhos de Amanda não aceitavam tolices. – Ruby, vou levar nossa garota para uma noite na cidade.

– Boa ideia – disse Ruby de dentro da cozinha – Tire-a daqui. Eu limpo.

Meu agradável sorriso ensaiado abandonou meu rosto.

– Mas…

– São esses olhos tristes – disse Ruby, confiscando meu pano de limpeza – Não os aguento mais. Por favor, saia e divirta-se um pouco.

– Sou tão estraga-prazeres assim? – perguntei, subitamente preocupada. Verdade, pensei que estivesse me dando bem bancando a forte. As expressões delas me contradisseram.

– Não, você é uma jovem normal de vinte e um anos que está passando por um rompimento. Precisa sair daqui e retomar a sua vida. – Ruby tinha pouco mais de trinta e estava prestes a se casar – Confie em mim. Eu sei o que é melhor. Vá.

– Ou… – disse Amanda, balançando um dedo na minha direção – você pode ficar em casa assistindo Johnny e June pela octingentésima vez, enquanto ouve seu irmão e sua melhor amiga transando a valer no quarto ao lado.

Quando ela expunha a situação desse jeito…

– Ok, vamos lá.

—

– Quero ser bi – anunciei, porque isso era importante. Uma garota precisa dos seus objetivos. Empurrei a cadeira para trás e me levantei – Vamos dançar. Adoro essa música.

– Você adora qualquer música que não seja da banda que não pode ser nomeada. – Amanda gargalhou, seguindo-me em meio à multidão. A namorada dela, Jo, só balançou a cabeça e a segurou pela mão.

Vodca, sem dúvida, era tão ruim quanto tequila, mas, de certa forma, eu me sentia mais relaxada, mais solta. Era bom sair e, com o estômago vazio, três doses já bastavam, evidentemente. E eu suspeitava que Amanda tivesse pedido uma dose dupla pelo menos uma das vezes. Eu me sentia ótima dançando, rindo e me soltando. De todas as táticas de superação de um rompimento que experimentei, manter-me ocupada trabalhando foi a que melhor funcionou. Mas sair para dançar e beber toda arrumada também não podia ser menosprezado.

Ajeitei o cabelo atrás das orelhas porque meu rabo de cabelo estava começando a se soltar de novo. Uma metáfora perfeita para minha vida. Nada dava certo desde que voltei de L.A. Nada durava. O amor era uma mentira e o rock and roll era uma bosta. Blá-blá-blá. Hora de beber de novo.

E eu estava no meio de uma declaração importante.

– Estou falando sério – disse – Vou ser bi. Esse é o meu novo plano.

– Acho que esse é um plano maravilhoso – gritou Jo, chegando perto de mim. Jo também trabalhava no café, onde as duas se conheceram. Ela tinha um azul nos cabelos compridos que era a inveja de muitas.

Amanda revirou os olhos na minha direção.

– Você não é bi. Amor, não a encoraje.

Jo sorriu, totalmente impenitente.

– Na semana passada ela queria ser gay. Antes disso, ficou falando em monastérios. Acho que são passos construtivos a fim de perdoar todo ser humano dotado de pênis e seguir com a vida dela.

– Estou seguindo com a minha vida – disse eu.

– Motivo pelo qual vocês duas ficaram falando sobre ele pelas duas últimas horas? – Amanda sorriu, passando os braços nos ombros de Jo.

– Não ficamos falando dele. Nós o estávamos insultando. Como se diz mesmo “fornicador de ovelhas fedido e inútil” em alemão? – perguntei, inclinando-me para me fazer ouvir acima da música – Esse foi o meu favorito.

Jo e Amanda se ocuparam indo dançar e eu as deixei ir, imperturbável. Porque não estava com medo de ficar sozinha. Eu estava tomada pelo poder das solteiras

prontas para ação. David Ferris que se danasse. Mesmo.

A música se mesclou numa batida contínua e contanto que eu continuasse me movimentando, tudo seria perfeito. O suor escorria pelo meu pescoço e abri mais um botão do vestido, ampliando o decote. Ignorei as outras pessoas dançando ao meu redor. Fechei os olhos, ficando a salvo em meu mundo próprio. O álcool me deu uma agradável zonzeira.

Por algum motivo, as mãos se movendo pelos meus quadris não me incomodaram, mesmo não tendo sido convidadas. Elas não avançaram, não exigiram nada de mim. Seu dono dançava atrás de mim, mantendo uma distância segura entre nós. Ou, talvez, eu me sentisse sozinha, porque não as afastei. Em vez disso, relaxei ao seu encontro. Na música seguinte inteira ficamos assim, grudados, movendo-nos. A batida desacelerou e levantei os braços, unindo as mãos atrás do pescoço dele. Depois de um mês evitando o contato humano, meu corpo despertou. Os cabelos curtos e macios do seu pescoço resvalaram em meus dedos. Pele quente e macia por debaixo.

Deus, como aquilo era bom. Eu não havia percebido o quanto sentia falta de tocar em alguém.

Reclinei a cabeça ao seu encontro e ele sussurrou algo muito suavemente. Tão suavemente que não o ouvi. A barba curta raspou de leve o meu rosto. As mãos subiram pelas minhas costelas, pelos braços. Dedos calejados acariciaram de leve meus antebraços. O corpo dele era sólido atrás do meu, forte, mas ele mantinha seu toque leve, contido. Eu não estava no mercado para uma nova tentativa. Mas também não conseguia me afastar dele. Estava tão bom ali.

– Evelyn – disse ele, seus lábios brincando com a minha orelha.

Senti a respiração presa, minhas pálpebras se ergueram. Virei-me e dei de cara com David me olhando. Os cabelos longos tinham sumido. Ainda tinha certo comprimento na frente, mas estava curto nas laterais. Ele, se quisesse, conseguiria fazer um topete ao estilo de Elvis. Uma barba escura e curta cobria a parte inferior do seu rosto.

– V-você está aqui – gaguejei. Senti a língua espessa e inútil dentro da boca seca. Cristo, era ele mesmo. Ali, em Portland. Em carne e osso.

– Estou. – Seus olhos azuis me queimavam. Ele não disse nada mais. A música continuava tocando, as pessoas se movendo. O mundo só parara de girar para mim.

– Por quê?

– Ev? – Amanda pousou uma mão no meu braço e dei um pulo, o feitiço se rompendo. Ela lançou um olhar rápido para David, em seguida seu rosto se retorceu em desgosto. – Que merda que ele tá fazendo aqui?

– Está tudo bem – respondi.

O olhar dela passou de David para mim. Ela não parecia muito convencida. O que era justo.

– Amanda. Por favor. – Apertei os dedos dela, assenti. Depois de um segundo, ela se voltou para Jo, que encarava David com descrença franca. E uma dose saudável de admiração. Aquele visual novo dele era um belo disfarce. A menos, claro, que você soubesse para quem estava olhando.

Empurrei a multidão, querendo sair dali. Eu sabia que ele me seguiria. Claro que sim. Não era nenhum acaso ele estar ali, apesar de eu não fazer ideia de como ele me encontrara. Eu precisava me afastar daquele calor e daquele barulho para poder pensar com clareza. Segui pelo corredor no qual estavam os banheiros feminino e masculino. Sim, lá estava o que eu queria. Uma grande porta preta que se abria para um beco. Ar noturno fresco. Algumas poucas estrelas valentes reluziam acima. A não ser por isso, ali estava escuro, e úmido por causa da chuva de verão recente. Era horrível, sujo e detestável. Um local adequado.

Talvez estivesse sendo um tanto melodramática.

A porta se fechou atrás de David. Ele me encarou com as mãos nos quadris. Abriu a boca para começar a falar, mas nada aconteceu. Eu saí do meu transe.

– Por que está aqui, David?

– Precisamos conversar.

– Não, não precisamos.

Ele esfregou a boca.

– Por favor. Tenho algumas coisas que preciso dizer.

– Tarde demais.

Olhar para ele reavivou minha dor. Era como se as feridas estivessem pairando logo abaixo da superfície, esperando para ressurgir. No entanto, não conseguia deixar de olhar para ele. Partes de mim estavam desesperadas por vê-lo, por ouvi-lo. Meu coração e minha cabeça estavam destroçados. David também não me parecia muito bem. Parecia cansado. Havia sombras sob seus olhos e ele parecia um tanto pálido, mesmo naquela parca iluminação. Os brincos tinham desaparecido, todos eles. Não que me importasse.

Ele oscilou o peso nos calcanhares, os olhos me observando desesperados.

– Jimmy foi para uma clínica de reabilitação e havia algumas outras coisas de que eu precisava cuidar. Tivemos que fazer terapia como parte do tratamento dele. É por isso que não vim antes.

– Sinto muito por Jimmy.

Ele assentiu.

– Obrigado. Ele já está bem melhor.

– Que bom. Isso é muito bom.

Outro aceno.

– Ev, quanto a Martha…

– Ei. – Ergui a mão, recuando um passo. – Não.

A boca dele se curvou nos cantos.

– Temos que conversar.

– Temos?

– Sim.

– Porque agora você resolveu que está pronto? Vá se foder, David. Já faz um mês. Vinte e oito dias sem nenhuma palavra. Sinto muito pelo seu irmão, mas não.

– Eu queria ter certeza de estar vindo pelos motivos certos.

– Eu nem sei o que isso quer dizer.

– Ev…

– Não. – Balancei a cabeça, a mágoa e a fúria me impulsionando. Por isso, eu também o empurrei, fazendo-o recuar um passo. Ele bateu na parede e eu não tinha mais para onde ir com ele. Mas isso não me deteve.

Fui empurrá-lo mais uma vez, e ele me segurou pelas mãos.

– Calma.

– Não!

Suas mãos circundaram meus pulsos. Ele cerrou os dentes, travando o maxilar. Cheguei a ouvir. Impressionante que ele não tivesse quebrado nada.

– Não, o quê? Não quer falar agora? O quê? O que quer dizer?

– Digo não para tudo e qualquer coisa relacionada a você. – Minhas palavras ecoaram pelo beco estreito, subindo pelas laterais dos prédios até se escoarem pelo céu noturno impiedoso. – Acabou, lembra? Você não precisa de mim. Não sou nada para você. Você mesmo disse isso.

– Eu estava errado. Maldição, Ev. Acalme-se. Preste atenção.

– Solte-me.

– Desculpe. Mas não é o que você está pensando.

Sem opções, encarei-o.

– Você não tem o direito de estar aqui. Mentiu para mim. Me traiu.

– Gata…

– Não ouse me chamar assim – gritei.

– Desculpe. – O olhar dele perscrutou meu rosto, tentando encontrar compreensão, talvez. Ele estava sem sorte. – Sinto muito.

– Pare.

– Desculpa. Desculpa. – e ele repetiu e repetiu, entoando a mais inútil das palavras de todos os tempos. Eu tinha que parar com aquilo. Calá-lo antes que ele me enlouquecesse. Esmaguei minha boca à dele, detendo a ladainha inútil.

Ele gemeu e retribuiu o beijo, machucando meus lábios, machucando-me. Mas eu também o machuquei. A dor ajudou. Empurrei a língua na boca dele, tomando o que deveria ser meu. Naquele instante, eu o odiei e o amei. Parecia não haver nenhuma diferença.

Minhas mãos foram libertadas e as enrosquei atrás da nuca dele. Ele nos virou, apoiando minhas costas na parede áspera de tijolos. Seu toque queimava minha pele até atingir meus ossos. Tudo aconteceu tão rápido que não houve tempo para pensar na sensatez daquilo. Ele subiu meu vestido e rasgou minha calcinha. Ela não teve a menor chance. O frescor da noite e o calor das suas palmas resvalaram minhas coxas.

– Senti demais a sua falta. – ele grunhiu.

– David.

Ele abaixou o zíper e puxou a frente da calça para baixo. Depois ergueu minha perna, levantando-a até seu quadril. Minhas mãos se agarraram ao seu pescoço. Acho que eu tentava escalá-lo. Não houve muita reflexão a respeito. Apenas a necessidade de me aproximar fisicamente o quanto fosse possível. Ele me mordiscou nos lábios, assolando minha boca com mais um beijo ardente. Seu pau me pressionou, entrando devagar em mim. A sensação dele me preenchendo fez minha cabeça girar. Uma leve dor enquanto ele me alargava. A outra mão escorregou por trás da minha nádega, suspendendo-me, penetrando assim totalmente, e me fazendo gemer. Abracei-o com as pernas e segurei com força. Ele me estocou sem nenhuma *finesse*. A violência combinou com nossos ânimos. Minhas unhas se enterraram em seu pescoço, meus calcanhares bateram em suas nádegas. Seus dentes cravaram forte meu pescoço. A dor foi perfeita.

– Mais forte – arfei.

– Pode deixar…

Os tijolos ásperos arranharam minhas costas, puxando os fios do tecido do vestido. As estocadas firmes do seu pau me tiravam o fôlego. Agarrei-me com força, tentando saboreá-lo e a tensão crescia dentro de mim. Era tudo demais e pouco ao mesmo tempo. Pensar que aquela podia ser a última vez, uma união furiosa como aquela… Quis chorar, mas não tinha mais lágrimas. Seus dedos se enterraram em minhas nádegas, marcando minha pele. A pressão dentro de mim aumentou exponencialmente. Ele mudou o ângulo com sutileza, atingindo meu clitóris e eu gozei com força, os braços ao redor da cabeça dele, o rosto apoiado ao dele. A barba me arranhou de leve. Meu corpo inteiro estremeceu e eu tremi.

– Evelyn – ele grunhiu, enterrando-se em mim, esvaziando-se dentro de mim.

Todos os músculos do meu corpo se liquefizeram. Só o que me restava fazer era continuar agarrada a ele.

– Tudo bem, gata. – A boca pressionou meu rosto suado. – Vai ficar tudo bem,

prometo. Vou dar um jeito.

– C-coloque-me no c-chão.

Seus ombros se ergueram e desceram com uma respiração pesada, com cuidado, ele me abaixou. Rapidamente abaixei a saia do vestido, ajeitando-me. Como se isso fosse possível. Aquela situação estava fora de controle. Sem alarde, ele subiu os jeans e se tornou apresentável. Olhei para todas as partes, menos para ele. Um beco. Puxa vida.

– Você está bem? – Seus dedos me acariciaram no rosto, ajeitando meu cabelo para trás. Até eu apoiar uma mão em seu peito, forçando um passo para trás. Bem, não forçando exatamente. Ele escolheu me dar meu espaço pessoal.

– Eu… hum. – Lambi os lábios e tentei novamente. – Preciso ir para casa.

– Vamos, vou chamar um táxi.

– Não. Desculpe. Sei que comecei isto. Mas… – Balancei a cabeça.

David deixou a dele pender.

– Isto foi um adeus.

– Foi porra nenhuma. Nem tente me dizer isso. – Seu dedo escorregou por baixo do meu queixo, obrigando-me a encará-lo. – Não terminamos, entendeu? Nem droga nenhuma perto disso. Novo plano. Não vou sair de Portland até termos conversado. Eu prometo.

– Hoje não.

– Não. Hoje não. Amanhã, então?

Abri a boca, mas nada saiu. Eu não fazia ideia do que queria dizer. Minhas unhas se enterraram nas laterais do vestido. O que eu queria estes dias era um mistério mesmo para mim. Parar de sofrer seria legal. Remover todas as lembranças dele do meu coração e da minha cabeça. Conseguir voltar a respirar direito.

– Amanhã – repetiu ele.

– Não sei. – Agora eu me sentia cansada, encarando-o. Eu seria capaz de dormir por um ano. Meus ombros penderam e meu cérebro ficou inerte.

Ele apenas ficou me encarando, com os olhos intensos.

– Ok.

Onde isso nos deixava, eu não fazia ideia. Mas assenti como se algo tivesse sido decidido.

– Bom – disse, respirando fundo.

Meus músculos ainda tremiam. Sêmen escorria pelas minhas pernas. Merda. Tivemos aquela conversa, mas as coisas tinham sido diferentes então.

– David, no último mês, você fez sexo seguro, certo?

– Não tem com que se preocupar.

– Bom.

Ele avançou um passo na minha direção.

– No que me diz respeito, ainda somos casados. Então, não, Evelyn, não andei transando por aí.

Eu não tinha nada. Meus joelhos oscilaram. Talvez pela ação que acabáramos de ter. Alívio por ele não ter se apegado às fãs por vingança depois de termos rompido, por certo, não podia ter parte nisso. Eu nem queria pensar em Martha, aquele monstro marinho cheio de tentáculos.

O sexo era tão confuso. O amor era muito pior.

Um de nós tinha que sair dali. Ele não fez menção de ir, então eu mesma saí, recuando para a boate para encontrar Amanda e Jo. Eu precisava de uma calcinha nova e de um transplante de coração. Precisava ir para casa. Ele me seguiu, abrindo a porta. O baixo grave da música ribombou noite afora.

Apressei-me para o banheiro feminino e me tranquei numa divisória para me limpar. Quando saí para lavar as mãos, olhar no espelho foi difícil. A luz fluorescente berrante não me favoreceu em nada. Meus cabelos loiros estavam revoltos ao redor da cabeça, um emaranhado graças às mãos de David. Meus olhos estavam arregalados e feridos. Eu parecia aterrorizada, mas pelo quê eu não sabia dizer. E também havia a mãe de todos os chupões se formando no meu pescoço. Inferno.

Duas garotas entraram, dando risadinha e lançando olhares cobiçosos por sobre os ombros. Antes que a porta se fechasse, captei um vislumbre de David recostado na parede oposta, esperando, fitando as botas. A conversa animada das moças era irritantemente alta. Mas não fizeram menção ao nome dele. O disfarce de David se mantinha. Com os braços ao redor do corpo, fui ao seu encontro.

– Pronta para ir? – perguntou ele, afastando-se da parede.

– Sim.

Voltamos para o salão principal da boate, desviando de dançarinos e bêbados, à procura de Amanda e de Jo. Elas estavam no limiar da pista de dança, conversando. Amanda estava com sua carranca.

Ela me avaliou e uma sobrancelha se ergueu.

– Tá de brincadeira?

– Obrigada por me trazerem, amigas, mas vou voltar para casa – disse eu, ignorando o olhar aguçado.

– Com ele? – Ela apontou o queixo na direção de David, que pairava atrás dos meus ombros.

Jo deu um passo à frente, me envolvendo em seu abraço.

– Ignore-a. Faça o que for melhor para você.

– Obrigada.

Amanda revirou os olhos e a imitou, abraçando-me.

– Ele a magoou tanto…

– Eu sei. – Meus olhos ficaram marejados. Algo muito inútil. – Obrigada por ter me chamado para sair.

Eu podia apostar todo o meu dinheiro como Amanda estava fritando David com os olhos por cima dos meus ombros. Quase senti pena dele. Quase.

Saímos da boate quando uma das músicas dele começou a tocar. Houve certo número de gritos de “Divers!”. A voz de Jimmy ronronou a letra: “Droga, odeio aqueles derradeiros dias de paixão, rubros lábios e longas despedidas…”

David abaixou a cabeça e nos apressamos em sair. Do lado de fora, a céu aberto, a canção não passava das batidas distantes da guitarra e do baixo. Fiquei lançando olhares de esguelha só para garantir que ele estava ali mesmo e não era apenas fruto da minha imaginação. Tantas vezes sonhei que ele tinha vindo me procurar. E todas as vezes acordei sozinha, o rosto banhado por lágrimas. Agora ele estava ali, e eu não podia me arriscar. Se ele me despedaçasse de novo, eu não estava convencida de que conseguiria superar uma segunda vez. Meu coração talvez não conseguisse. Por isso, me esforcei e mantive a boca e a mente fechadas.

Ainda era relativamente cedo e não havia muitas pessoas do lado de fora. Estendi a mão na direção do tráfego afluente e um táxi parou logo em seguida. David segurou a porta para mim. Entrei sem dizer nada.

– Vou levá-la em casa. – ele entrou atrás de mim, e escorreguei pelo banco, surpresa.

– Não precisa…

– Eu quero. Ok. Preciso fazer pelo menos isso, portanto…

– Tudo bem.

– Para onde? – o taxista perguntou, lançando-nos um olhar desinteressado pelo espelho retrovisor. Outro casal brigando em seu banco de passageiros. Estou certa de que ele deve ver pelo menos uma dúzia por noite.

David informou meu endereço sem piscar. O táxi voltou para o movimento da rua. Ele devia ter conseguido meu endereço com Sam, mas quanto ao resto…

– Lauren – suspirei, afundando no banco – Claro, foi assim que você conseguiu saber onde me encontrar.

Ele fez uma careta.

– Falei com Lauren. Olha aqui, não fique brava com ela. Precisei me esforçar para convencê-la.

– Certo…

– Estou falando sério. Ela me falou um monte por ter estragado tudo com você, gritou comigo por pelo menos meia hora. Por favor, não fique brava com ela.

Cerrei os dentes e fiquei olhando pela janela. Até seus dedos escorregarem entre os meus. Puxei a mão.

– Você me deixa penetrá-la, mas não me deixa segurar sua mão? – sussurrou, o rosto triste sob a luz pálida dos carros que passavam e dos postes das ruas.

Estava na ponta da minha língua dizer que aquilo foi um acidente. Que o que aconteceu foi um erro. Mas eu não conseguiria. Eu sabia o quanto aquilo o magoaria. Ficamos nos fitando, minha boca aberta, mas meu cérebro absolutamente inútil.

– Senti tanto a sua falta – disse ele – Você não faz ideia.

– Para.

Seus lábios se fecharam, mas ele não desviou o olhar. Fiquei ali sentada, presa em seu olhar. Ele parecia diferente sem seus cabelos compridos e com a barba curta. Familiar, porém desconhecido. Não demorou muito para chegarmos em casa, mas pareceu durar uma eternidade. O táxi parou diante do prédio antigo e o taxista nos lançou um olhar impaciente por sobre o ombro.

Abri a porta do carro, pronta para sair, mas hesitante ao mesmo tempo. Meu pé pairou no ar sobre a calçada.

– Francamente, pensei que nunca mais iria te ver.

– Ei! – disse ele, esticando o braço ao longo do encosto do banco. Seus dedos vieram na minha direção, mas pararam pouco antes de fazer contato – Você vai me ver de novo. Amanhã.

Eu não sabia o que dizer.

– Amanhã – repetiu ele, com voz determinada.

– Não sei se vai fazer alguma diferença.

Ele ergueu o queixo, inalando profundamente.

– Sei que estraguei as coisas entre nós, mas vou consertar. Só não decida nada ainda, tá bem? Me dê isso ao menos.

Assenti de leve e me apressei para fora em pernas instáveis. Depois que me tranquei do lado de dentro, o táxi se afastou, os faróis traseiros sumindo através do vidro jateado da porta da frente do prédio.

Que diabos era pra eu fazer agora?

CAPÍTULO 18

Eu estava atrasada para o trabalho. Correndo como uma louca para me arrumar. Entrei apressada no banheiro, saltei para dentro do chuveiro. Esfreguei bem o rosto para me livrar dos restos de maquiagem da noite anterior. Uma coisa nojenta e incrustada. Seria uma bela lição se eu ficasse com uma espinha dos infernos. A noite anterior fora toda um sonho bizarro. Mas esta era a vida como ela é. Trabalho, estudo, amizade. Meus planos para o futuro. Essas eram as coisas importantes. E se eu continuasse a repetir essas coisas para mim mesma, tudo ficaria bem algum dia.

Ruby não se importava muito com o que vestíamos além da camiseta do uniforme do café. Suas raízes eram bem alternativas. Ela planejara ser uma poetisa, mas acabou herdando o café de uma tia no bairro Pearl. O desenvolvimento urbano valorizara os preços imobiliários, e Ruby se tornara uma mulher de negócios muito bem-sucedida. Agora ela expunha suas poesias nas paredes do café. Acho que eu não conseguiria encontrar uma chefe melhor. Mas um atraso era sempre um atraso. Nada bom.

Ficara acordada me preocupando sobre o ocorrido com David naquele beco. Revivera o momento em que ele disse que ainda nos considerava casados. Dormir teria sido muito mais benéfico. Uma pena que meu cérebro não tinha um botão de desligar.

Vesti uma saia lápis preta, a camiseta do uniforme do café e um par de sapatilhas. Pronta. Nada ajudaria a disfarçar as olheiras. Mas as pessoas já estavam acostumadas a vê-las em mim nos últimos tempos. Porém, foi preciso quase metade do tubo de corretivo para esconder o chupão no meu pescoço.

Saí apressada do banheiro envolta em uma nuvem de vapor, bem a tempo de ver Lauren flanar para fora da cozinha, com um sorriso amplo no rosto.

– Está atrasada para o trabalho.

– Estou mesmo.

Passei a alça da bolsa pelo pescoço, apanhei as chaves da mesa e bati em

retirada. Não havia tempo para aquilo. Não naquela hora. Nem nunca, bem possivelmente. Eu não conseguia imaginar um bom motivo para ela se bandear para o lado de David. Durante o último mês, ela passara muitas noites ao meu lado, deixando-me falar sobre ele até ficar rouca, quando eu precisava. Porque, em algum momento, as coisas tinham que vir à tona. Todos os dias eu lhe dizia que não a merecia, e ela me dava um beijo no rosto. Por que me trair agora? Tomei as escadas com vigor extra.

– Ev, espere. – Lauren correu atrás de mim quando cheguei aos degraus da frente.

Virei-me na direção dela, com as chaves na mão tal qual uma arma.

– Você contou para ele onde eu estava.

– O que eu deveria ter feito?

– Ah, não sei. Não contar? Você sabia que eu não queria vê-lo. – Observei-a atentamente, vendo todo tipo de coisa que não desejava ver. – Cabelo arrumado e maquiagem a esta hora? Estou vendo direito, Lauren? Estava esperando encontrá-lo aqui, talvez?

Seu queixo abaixou quando ela teve o bom senso de parecer envergonhada.

– Desculpe. Você tem razão, eu acabei me empolgando. Mas ele está aqui para fazer as pazes. Pensei que você talvez quisesse pelo menos ouvir o que ele tem a dizer.

Balancei a cabeça, a raiva borbulhando dentro de mim.

– Essa não era uma decisão sua.

– Você está arrasada. O que eu deveria ter feito? – Ela ergueu os braços para o céu. – Ele disse que veio para cá para consertar as coisas entre vocês. Acredito nele.

– Claro que acredita. Ele é David Ferris, seu ídolo adolescente.

– Não. Se ele não estivesse aqui para beijar seus pés, eu o teria matado. Não importa quem ele é, ele a magoou. – ela pareceu sincera, a boca comprimida e os olhos imensos – Desculpe eu ter me arrumado demais agora. Isso não vai voltar a acontecer.

– Você está ótima. Mas está desperdiçando seu tempo. Ele não vem para cá. Isso não vai voltar a acontecer.

– Não? Então, quem foi que deu esse chupão monstro no seu pescoço?

Eu nem precisava responder isso. Maldição. O sol brilhava forte, já esquentando o dia.

– Se existe uma chance de você achar que ele pode ser o cara… – disse ela, fazendo meu estômago revirar – Se você acha que, de alguma forma, vocês podem dar um jeito nisso… Ele é o único que a atingiu assim. O jeito como você fala dele…

– Só ficamos juntos alguns dias.

– Acha mesmo que isso conta?

– Sim. Não. Não sei. – Fiquei agitada e isso não era nada bonito. – Nunca fizemos muito sentido, Lauren. Nem no primeiro dia.

– E daí? – disse ela, produzindo um som estrangulado para acompanhar. – O problema é seu maldito plano, não é? Deixe-me dar uma dica. Vocês não têm que fazer sentido. Só têm que querer estar juntos e desejar fazer o que quer que seja necessário para isso acontecer. É bem simples. Colocar um à frente do outro é amar, Ev. E não ficar se preocupando se vocês se encaixam num plano cretino com o qual seu pai fez lavagem cerebral em você, a fim de fazê-la acreditar que é isso o que você quer para sua vida.

– Não se trata do plano. – Esfreguei o rosto, refreando lágrimas de frustração e de medo. – Ele me partiu ao meio. Sinto como se ele tivesse me quebrado. Por que alguém se arriscaria a isso de novo?

Lauren me fitou com olhos arregalados e brilhantes.

– Sei que ele a magoou. Então, castigue o maldito, faça-o esperar. O cretino bem que merece isso. Mas, se você o ama, então apenas considere ouvir o que ele tem a dizer.

Meu peito estava apertado e os olhos coçavam, talvez eu estivesse começando a ficar resfriada… Ter o coração partido deveria vir acompanhado de algumas coisas positivas, algum tipo de perspectiva para contrabalancear todo o lado ruim. Eu deveria estar mais sábia, mais forte, mas eu não sentia nada disso. Balancei as chaves de casa. Ruby ia me matar. Eu teria que deixar de lado a minha costumeira caminhada e pegar um ônibus se quisesse ter a esperança de não ter o meu traseiro do tamanho do Texas atirado no olho da rua.

– Tenho que ir.

Lauren assentiu, o rosto sério.

– Sabe, eu te amo muito mais do que jamais o amei. Sem nenhuma dúvida.

Bufei.

– Obrigada.

– Mas, já parou para pensar que você não estaria assim tão chateada se ainda não o amasse nem que só um pouquinho?

– Não gosto quando você pensa logo cedo de manhã. Pare com isso.

Ela recuou um passo, com um sorriso no rosto.

– Você sempre me botou para pensar quando precisei. Portanto, não vou parar de te amolar só porque não gosta do que ouve. Problema seu.

– Eu te amo, Lauren.

– Eu sei, vocês, garotos da família Thomas, são loucos por mim. Veja só, ontem à noite mesmo, seu irmão…

Saí voando dali sendo seguida por uma risada maligna.

—

No trabalho foi tudo bem naquele dia. Dois caras me convidaram para uma festa na fraternidade que estava se aproximando. Nunca recebi esse tipo de convite pré-David. Portanto, declinei, pós-David. Se é que eu estava mesmo pós-David. Quem sabia? Muitas pessoas pediram autógrafos ou informações, mas eu lhes dei café com bolo. Fechamos quando estava quase anoitecendo.

Fiquei o dia inteiro nervosa, imaginando quando ele apareceria. Amanhã era hoje, mas não vi nenhum sinal dele. Talvez tivesse mudado de ideia. A minha mudava a cada minuto. A promessa feita a ele quanto a não resolver nada continuava de pé.

Estávamos já fechando quando Ruby me cutucou com o cotovelo nas costelas. Muito provavelmente com um pouco de força a mais do que desejara, porque eu tinha quase certeza de que meu rim fora afetado.

– Ele está aqui mesmo – sibilou, indicando, com a cabeça, David, que estava nas imediações esperando.

Ele estava ali, bem como disse que estaria. Uma excitação nervosa borbulhou dentro de mim. De boné e com a barba, ele se misturava bem ao povo. Ainda mais com os cabelos curtos. Meu coração se entristeceu um pouco com a perda dos cabelos escuros compridos. Mas eu jamais admitiria tal coisa. Amanda contara a Ruby sobre a aparição dele na noite anterior. Considerando-se a ausência de paparazzi e de fãs alucinados nas imediações, isso ainda devia ser segredo para o resto da cidade.

Fitei-o, sem saber o que sentia. A noite anterior na boate fora surreal. Ali, naquele instante, era eu vivendo a minha vida normal. Vendo-o nela, eu não sabia o que sentir. Tumultuada era uma boa palavra.

– Quer conhecê-lo? – perguntei.

– Não, estou reservando a minha opinião. Acho que conhecê-lo pode comprometer a minha imparcialidade. Ele é bonitão, hein? – Ruby passou os olhos nele bem devagar, demorando-se um pouquinho mais do que necessário nas pernas cobertas pelos jeans. Ela tinha um fraco por coxas masculinas. Estranho numa poetisa, mas já descobri que ninguém se encaixa completamente em determinado tipo. Todo mundo tem suas manias.

Ruby continuou avaliando-o como se ele fosse um pedaço de carne no mercado.

– Talvez você não precise se divorciar.

– Você está me parecendo bem imparcial. Até mais.

Ela me segurou pelo braço.

– Espere. Se voltar para ele, ainda vai trabalhar para mim?

– Sim. Eu até vou me esforçar para ser pontual com mais frequência. Boa noite, Ruby.

Ele aguardava na calçada, as mãos enfiadas nos bolsos dos jeans. Vê-lo se assemelhou à sensação de estar na beira de um precipício. Uma vozinha nos recessos da minha mente sussurrou*: ao inferno com as consequências, você sabe que pode ser que você saiba voar. Se não souber, imagine só a adrenalina da queda.* A razão, por sua vez, ficava gritando comigo.

Em que ponto, exatamente, você sabe que está ficando louca?

– Evelyn.

Tudo parou. Se um dia ele descobrisse o que fazia comigo quando dizia meu nome daquele jeito, eu estaria perdida. Deus, como senti saudades. Foi como ter um pedaço meu faltando. Mas, agora que ele voltara, eu não sabia como nos encaixávamos mais. Não sabia nem se isso seria possível.

– Oi.

– Você parece cansada – disse ele, a boca se curvando para baixo – Quero dizer, você está bonita, claro. Mas…

– Tudo bem. – Avaliei a calçada, inspirei fundo. – Foi um dia agitado.

– Então é aqui que você trabalha?

– É.

O café de Ruby estava vazio e silencioso. Luzes pisca-piscas reluziam na vitrine ao longo de uma fila de panfletos grudados no vidro anunciando isso ou aquilo. Os postes de luz se acenderam ao nosso redor.

– Parece legal. Olha só, a gente não precisa conversar agora – disse ele – Eu só quero te acompanhar até sua casa.

Cruzei os braços diante do peito.

– Você não precisa fazer isso.

– Não é uma obrigação. Deixa que eu te levo, Ev. Por favor.

Assenti e, depois de um momento, comecei uma caminhada hesitante pelas ruas da cidade. David logo se pôs ao meu lado. Sobre o que falar? Todo assunto parecia carregado. Um buraco enorme cercado de estacas afiadas em cada esquina. Ele ficou me lançando olhares de esguelha. Abrindo a boca e depois fechando. Ao que tudo levava a crer, a situação era horrível para nós dois. Eu não conseguia falar sobre L.A. A noite anterior parecia um território mais seguro. Espere. Não, não era. Trazer à tona sexo no beco nunca seria algo inteligente.

– Como foi o seu dia? – perguntou ele – Além de agitado.

Por que não pensei em algo tão inócuo como aquilo?

– Hum, tudo bem. Umas garotas me abordaram com coisas para você autografar. Uns caras quiseram me entregar uma fita demo da banda de garagem de reggae e blues deles. Um dos atletas famosos da universidade só veio para me dar o número de telefone dele. Ele acha que a gente pode sair para se divertir um dia desses – disparei a falar, tentando aliviar a tensão.

Suas feições ficaram carregadas, as sobrancelhas se unindo.

– Mas que droga. Isso vem acontecendo muito?

E fui uma idiota por ter aberto a boca.

– Não tem importância, David. Eu disse a ele que estava ocupada e ele foi embora.

– Era o que devia ter feito mesmo. – Ergueu o queixo, lançando-me um olhar demorado. – Está tentando me deixar com ciúmes?

– Não. Minha boca disparou a falar sem permissão da cabeça. Desculpe. As coisas já estão bem complicadas.

– Eu estou com ciúmes.

Olhei-o surpresa. Não sei por quê. Ele deixara claro na noite anterior que estava ali por minha causa. Mas saber que, talvez, eu não estivesse sozinha nesse precipício de amor abandonado, pensando em me jogar nele… Havia muito conforto nisso.

– Venha – disse ele, voltando a andar. Paramos na esquina, esperando que o semáforo mudasse de cor – Posso pedir para que Sam venha para cá para ficar de olho em você – disse ele – Não quero que as pessoas fiquem aborrecendo você no trabalho.

– Por mais que eu goste de Sam, ele pode continuar onde está. Pessoas normais não levam guarda-costas para seu trabalho.

Sua testa se enrugou, mas ele não disse nada. Atravessamos a rua, indo em frente. Um ônibus elétrico passou por nós, todo iluminado. Eu preferia andar, ficar ao ar livre depois de passar o dia todo trancafiada. Além do que, Portland era uma linda cidade: cafés e cervejarias e um coração estranho. Toma essa, L.A.

– Então, o que você fez hoje? – perguntei, demonstrando que eu era uma vencedora nos tópicos de conversa criativa.

– Só dei umas voltas pela cidade, conhecendo por aí. Não costumo bancar o turista com muita frequência. Aqui nós viramos à esquerda – disse ele, desviando do meu caminho rotineiro para casa.

– Aonde vamos?

– Apenas me siga. Preciso pegar uma coisa. – Ele me conduziu até a pizzaria a que eu e Lauren íamos ocasionalmente. – Pizza é a única coisa que eu sei, com certeza, que você come. Eles se mostraram dispostos a colocar todo tipo de legume que consegui pensar, por isso, espero que goste.

O lugar só estava com um quarto da capacidade tomada por ser ainda muito cedo. Paredes de tijolos aparentes e mesas pretas. Uma máquina de jukebox emitia alguma música dos Beatles. Fiquei parada na soleira, hesitando em segui-lo. O homem cumprimentou David e pegou o pedido no balcão de trás dele. David agradeceu e voltou para junto de mim.

– Você não precisava ter feito isso. – Voltei para a rua, olhando para a caixa de pizza cheia de suspeitas.

– É só uma pizza, Ev – disse ele – Relaxa. Você nem tem que me convidar para dividi-la, se não quiser. Pare que lado fica a sua casa?

– Esquerda.

Caminhamos outro quarteirão em silêncio com David carregando a caixa com uma mão só.

– Pare de franzir o cenho – disse ele – Quando a ergui ontem, você estava muito mais leve do que em Monterey. Você emagreceu.

Dei de ombros. Não tocaria no assunto. Definitivamente, não me lembraria dele me erguendo, e das minhas pernas circundando-o, e a intensidade com que senti saudades dele, e da voz dele enquanto…

– Então, hum… É que gosto do jeito que você era – disse ele – Amo suas curvas. Por isso, bolei outro plano. Você vai comer pizza com quinze tipos de queijo até recuperá-las.

– Meu primeiro instinto foi de dizer algo delicado sobre o quanto meu corpo não é mais da sua conta.

– Que sorte que você pensou duas vezes antes de dizer isso, não? Ainda mais se levarmos em conta que você me permitiu entrar no seu corpo ontem à noite. – Ele enfrentou minha carranca com outra dele. – Presta atenção, eu só não quero que você emagreça demais e fique doente, não por minha causa. É simples assim. Esqueça o resto e pare de olhar feio para a pizza ou vai acabar ferindo os sentimentos dela.

– Você não manda em mim – murmurei.

Ele deu uma gargalhada.

– Está se sentindo melhor por ter dito isso?

– Sim.

Lancei um sorriso torto. Tê-lo ao meu lado de novo parecia fácil demais. Eu não deveria ficar muito à vontade, pois quem haverá de saber quando isso pode explodir na minha cara de novo? Mas a verdade era que eu o queria ali comigo com tanta intensidade que chegava a doer.

– Ga… – ele pigarreou e recomeçou, sem o apelido carinhoso com o qual seria automaticamente rejeitado – Amiga… Somos amigos de novo?

– Não sei.

Ele balançou a cabeça.

– Somos amigos. Ev, você está triste, está cansada e perdeu peso, e eu odeio o fato de ter sido o causador disso. Vou consertar tudo isso, um passo de cada vez. Só… me dê um pouco de espaço para eu poder manobrar aqui. Prometo que não vou me impor tanto assim.

– Não confio mais em você, David.

O sorriso brincalhão dele sumiu.

– Sei que não. E quando você estiver pronta, vamos falar sobre isso.

Engoli o nó duro que se formou em minha garganta.

– Quando estiver pronta – reiterou – Venha. Vamos para casa para que você possa comer isto enquanto ainda está quente.

Andamos o resto do caminho em silêncio. Acho que foi amigável. David me lançou alguns sorrisos rápidos de vez em quando. Pareceram genuínos.

Ele subiu as escadas atrás de mim, sem se dar ao trabalho de olhar ao redor. Eu tinha esquecido que ele estivera aqui na noite anterior para saber do meu paradeiro com Lauren. Destranquei a porta e espiei dentro, ainda assustada por ter flagrado Lauren e meu irmão no sofá na semana passada. Morar com eles não daria certo por muito mais tempo. Acho que estávamos chegando ao ponto de cada uma precisar de um espaço próprio.

O último mês, contudo, foi muito benéfico para meu relacionamento com Nate. Estávamos mais próximos do que nunca estivemos. Ele adorava seu trabalho na oficina mecânica. Estava feliz e assentado. Lauren tinha razão, ele mudara. Meu irmão descobrira o que queria e onde era o seu lugar. Se ao menos eu conseguisse fazer a mesma coisa…

Música rock tocava baixinho e Nate e Lauren dançavam no meio da sala. Ficou claro que foi algo improvisado, pois meu irmão ainda vestia as roupas sujas de graxa do trabalho. Lauren parecia não se importar, visto que o abraçava forte e o fitava nos olhos.

Pigarreei para anunciar nossa chegada e entrei na sala.

Nate levantou o olhar e me lançou um sorriso de boas-vindas. Mas, em seguida, viu David. O sangue subiu-lhe à cabeça e seus olhos se transformaram. A temperatura na sala pareceu subir como um foguete.

– Nate – disse eu, tentando segurá-lo quando ele avançou para cima de David.

– Droga. – Lauren correu atrás dele – Não!

O punho de Nate se chocou com o rosto de David. A pizza saiu voando. David cambaleou para trás, o sangue escorria pelo seu nariz.

– Seu maldito filho da puta – berrou meu irmão.

Pulei nas costas de Nate, tentando arrastá-lo para trás. Lauren o segurou pelo braço. David não reagiu. Cobriu o rosto ensanguentado, mas não fez menção de

se proteger de um possível novo ataque.

– Eu vou matá-lo por tê-la magoado – bradou Nate.

David apenas o fitou, os olhos consentindo.

– Pare, Nate! – Meus pés se arrastavam no chão, os braços ao redor da traqueia dele.

– Você o quer aqui? – Nate me perguntou, incrédulo – Tá falando sério? – Depois olhou para Lauren, que o puxava pelo braço. – O que você está fazendo?

– Isso é coisa deles, Nate.

– O quê? Não! Você viu o que ele fez com ela! Como ela ficou o mês inteiro.

– Você precisa se acalmar. Ela não quer isso. – Lauren pousou as mãos no rosto dele. – Por favor, amor. Esse não é mais você.

Lentamente, Nate recuou. Seus ombros penderam para o nível normal, os músculos relaxando. Desisti da minha pegada esganadora, não que ela tivesse surtido algum resultado. Meu irmão agia como um touro enfurecido muito bem. Sangue escorreu pelos dedos de David, gotejando no chão.

– Droga. Vem. – Peguei no braço dele e o levei para o banheiro.

Ele se inclinou sobre a pia, praguejando baixinho, mas profusamente. Amontoei um punhado de papel higiênico e entreguei a ele, que enfiou pelas narinas ensanguentadas.

– Quebrou?

– Não sei – disse com voz anasalada.

– Sinto muito.

– Tudo bem. – Do bolso de trás da calça dele, o telefone tocou.

– Eu pego. – Com cuidado, peguei o aparelho. O nome piscando na tela me fez parar de imediato. O Universo só podia estar armando uma pegadinha para cima de mim. Com certeza. Só que não. Foi a mesma e velha dor me dilacerando por dentro de novo. Eu quase conseguia sentir o torpor gélido se espalhando pelas minhas veias.

– É ela. – Estendi o aparelho para ele.

Acima do monte de papel higiênico, seu nariz parecia machucado, porém intacto. A violência de nada adiantaria. Não importava a raiva borbulhando dentro de mim, agitando-me de pronto.

O olhar dele saltou da tela do telefone para mim.

– Ev.

– É melhor você ir embora. Quero que vá embora.

– Não falo com Martha desde aquela noite. Eu não tenho nada a ver com ela.

Balancei a cabeça, sem palavras para dizer. O telefone tocava estridentemente, perfurando meus tímpanos. Ele ecoava sem parar no pequeno banheiro. Vibrava em minha mão e meu corpo inteiro tremia.

– Pegue antes que eu o quebre.

Dedos sujos de sangue o tiraram da minha mão.

– Você tem que me deixar explicar – disse ele – Eu juro, ela se foi.

– Então por que está ligando?

– Não sei e não vou atender. Não falei com ela desde que a despedi. Você tem que acreditar em mim.

– Mas não acredito. Quero dizer, como posso?

Ele piscou seus olhos feridos para mim. Apenas nos encaramos enquanto a realidade tomava conta. Aquilo não ia dar certo. Nunca teria dado. Ele era cheio de segredos e de mentiras, e eu estaria sempre do lado de fora, espiando. Nada mudara. Meu coração voltara a doer. Uma surpresa, de fato, que tivesse restado algo dele com que me preocupar.

– Apenas vá – disse, e meus olhos estúpidos ficaram marejados. Sem dizer mais nada, ele saiu.

CAPÍTULO 19

David e eu não nos falamos depois disso. Mas, todas as tardes depois do trabalho, ele estava lá, esperando do outro lado da rua. Ele ficava observando por debaixo da aba do boné. Pronto para me perseguir em segurança até minha casa. Isso me irritava, mas eu não me sentia nem um pouco ameaçada. Ignorei-o por três dias enquanto ele me seguia. Aquele era o quarto dia. Ele trocara seu costumeiro jeans preto por um azul e as botas por tênis. Mesmo de longe, seu lábio superior e o nariz pareciam machucados. Os paparazzi ainda não haviam percebido nada, embora nesse dia alguém me perguntara se ele estava na cidade. Seus dias de andar em Portland sem ser reconhecido provavelmente estavam chegando ao fim. Fiquei imaginando se ele sabia.

Quando não o ignorei do modo costumeiro, ele avançou um passo. Depois parou. Um caminhão passou entre nós em meio ao trânsito da cidade. Aquilo era loucura. Por que ele ainda estava aqui? Por que simplesmente não voltava para Martha? Seguir em frente seria impossível com ele ali.

Decisão parcialmente tomada, atravessei a rua no intervalo seguinte do trânsito, encontrando-o na metade da calçada da frente.

– Oi – disse eu, sem ficar remexendo na alça da bolsa. Só que não – O que está fazendo aqui, David?

Ele enfiou as mãos nos bolsos, olhou em volta.

– Vou acompanhá-la até em casa. O mesmo que faço todos os dias.

– Essa é a sua vida agora?

– Acho que sim.

– Puxa! – disse eu, resumindo muito bem a situação – Por que não volta para L.A.?

Os olhos azuis me fitaram com cautela, e ele não respondeu de pronto.

– Minha mulher mora em Portland.

Meu coração titubeou. A simplicidade da declaração e a sinceridade do seu olhar me pegaram desprevenida. Eu não estava tão imune a ele quanto deveria.

– Não podemos continuar com isso.

Ele ficou olhando a rua, e não a mim, os ombros caídos.

– Pode andar comigo, Ev?

Assenti. Caminhamos. Nenhum de nós se apressando, mas sim, caminhando devagar diante das vitrines das lojas e dos restaurantes, espiando os bares que começavam a abrir para o movimento da noite. Eu tinha a sensação ruim de que quando parássemos de andar, começaríamos a falar, portanto, enrolar me caía muito bem. Noites de verão significavam muitas pessoas andando pelas ruas.

Um bar irlandês ficava numa esquina mais ou menos na metade do caminho até minha casa. A música chegava à rua, uma antiga canção dos The White Stripes. Com as mãos ainda enfiadas nos bolsos, David indicou o bar com um cotovelo.

– Quer tomar alguma coisa?

Levou um tempo para eu recuperar minha voz.

– Tudo bem.

Ele me conduziu direto até uma mesa nos fundos, distante da multidão crescente do pessoal que fazia happy hour. Pediu duas canecas de Guinness. Depois que elas foram servidas, ficamos em silêncio, bebericando. Após um instante, David tirou o boné e o deixou na mesa. Caramba, pobrezinho do rosto dele. Agora eu o enxergava mais claramente e parecia que ele tinha dois olhos roxos.

Ficamos os dois, um olhando para o outro, num impasse bizarro. Nenhum de nós falou. O modo como ele me olhava, como se também estivesse sofrendo… Não suportei. Esperar até trazer à tona que toda essa confusão de relacionamento não estava fazendo bem a nenhum de nós. Hora de um plano novo. Esclareceríamos as coisas e cada um seguiria com a sua vida. Chega de dor e sofrimento.

– Quer me falar sobre ela? – sugeri, empertigando os ombros, me preparando para o pior.

– Quero. Martha e eu ficamos juntos por muito tempo. Você já deve saber disso, foi ela quem me traiu. Aquela sobre quem falamos.

Assenti.

– Formamos a banda quando eu tinha catorze anos, Mal, Jimmy e eu. Ben se juntou a nós um ano depois e ela estava sempre por perto. Eram como da família – disse ele, com as sobrancelhas unidas – Eles são da família. Mesmo quando as coisas iam mal, eu não consegui lhe dar as costas…

– Você a beijou.

Ele suspirou.

– Não, ela me beijou. Martha e eu não temos mais nada.

– Acho que ela não deve saber disso, já que fica ligando para você.

– Ela se mudou para Nova York, não trabalha mais para a banda. Não sei do que se tratava o telefonema, pois não retornei a ligação.

Assenti, tranquilizada apenas de leve. Nossos problemas não eram tão simples assim.

– Seu coração entende que vocês terminaram? Quero dizer, a cabeça… Porque o coração não passa de um músculo. É tolice dizer que ele decide alguma coisa.

– Martha e eu acabamos. Há muito tempo. Juro.

– Mesmo que seja verdade, isso não faz de mim apenas o prêmio de consolação? Sua tentativa de ter uma vida normal?

– Ev, não. Não é nada disso.

– Tem certeza? – perguntei, a descrença evidente em minha boca. Peguei a caneca, sorvi o líquido amargo e espumoso. Algo para acalmar os nervos – Eu estava esquecendo você – disse eu, com uma vozinha de nada. Meus ombros estavam rijos, afundados – Um mês. Sabe, eu só desisti mesmo lá pelo sétimo dia. Então entendi que você não viria. Soube que tinha acabado. Porque, se eu fosse tão importante assim, você teria dito alguma coisa, não? Porque… Você sabia que eu te amava. Então você me tiraria daquele estado miserável, não?

Ele não disse nada.

– Você é cheio de mentiras e de segredos, David. Eu perguntei sobre o brinco, lembra?

Ele assentiu.

– Você mentiu.

– Menti. Desculpe.

– Você fez isso antes ou depois da nossa regra de honestidade? Não consigo me lembrar. Com certeza foi depois da regra da traição, não foi? – conversar fora um erro. Todos os pensamentos e as emoções que ele me inspirava me assolaram com rapidez excessiva.

Ele não se dignou a negar.

– Qual é a história por trás do brinco, afinal?

– Eu comprei para nós com o primeiro pagamento depois que assinamos com a gravadora.

– Uau. E vocês dois os usaram esse tempo todo. Mesmo depois que ela te traiu e tudo o mais.

– Foi com Jimmy – disse ele – Ela me traiu com o Jimmy.

Puta merda, o próprio irmão. Tantas coisas começaram a fazer sentido com aquela informação.

– Foi por isso que você ficou chateado quando o viu com aquela fã. E quando viu Jimmy conversando comigo naquela festa.

– Foi. Tudo aconteceu há muito tempo, mas… Jimmy voltou para cá para uma apresentação na TV. Estávamos no meio de uma turnê grande na Espanha na época. O segundo álbum tinha acabado de entrar para a lista dos dez mais. Estávamos começando a juntar multidões.

– Então, você os perdoou para manter o grupo unido?

– Não. Não exatamente. Eu só segui o fluxo. Mesmo naquela época, Jimmy já bebia demais. Ele tinha mudado. – Lambeu os lábios, ficou olhando para a mesa. – Eu sinto muito por aquela noite. Mais do que posso expressar. Quando você entrou… Sei como aquilo deve ter parecido. E me odiei por ter mentido a respeito do brinco, por ainda estar com ele em Monterey.

Aborrecido, ele mexeu na orelha. Ainda havia um machucado rosado visível com pele quase que completamente cicatrizada. Não se parecia com um buraco de brinco.

– O que você fez aí? – perguntei.

– Cortei com uma faca. – Ele deu de ombros. – Leva anos para fechar um buraco de brinco. Fiz um corte novo quando você foi embora para poder fechar por completo de uma vez.

– Ah.

– Esperei para vir falar com você porque eu precisava de tempo. Você me deixar daquele jeito, depois de ter prometido que não o faria… foi difícil de aceitar.

– Eu não tinha alternativa.

Ele se inclinou na minha direção, os olhos fixos.

– Você tinha.

– Eu tinha acabado de ver meu marido com outra mulher. E depois, ele se recusou a falar comigo sobre isso. Começou a gritar comigo sobre eu o deixar. De novo. – Minhas mãos seguraram a ponta da mesa com tanta firmeza que as unhas pressionaram a madeira. – Que merda eu deveria ter feito, David? Fala. Porque eu repassei aquela cena tantas vezes na minha cabeça e ela sempre chegava ao mesmo fim, com você batendo a porta na minha cara.

– Droga. – Ele se recostou no banco. – Você sabia que me abandonar era uma questão séria para mim. Você deveria ter ficado ali, me dado a chance de me acalmar. Conseguimos nos acertar em Monterey depois daquela briga no bar. Poderíamos ter conseguido de novo.

– Sexo selvagem não conserta tudo. Às vezes, é preciso conversar.

Eu sentia meu rosto esquentando. O que me irritava ainda mais.

– Droga. Olha só… – disse ele, esfregando a nuca – A verdade é que eu precisava acertar as coisas na minha cabeça, tá bom? Eu precisava entender se a gente ficar junto era a coisa certa a fazer. A verdade, Ev, é que eu não queria

magoá-la de novo.

Ele me deixou um mês mergulhada na minha tristeza. Estava na ponta da minha língua dizer um “obrigada” atrevido. Ou até atacá-lo. Mas aquilo era sério demais.

– E você chegou a uma conclusão? Que maravilha. Eu gostaria de poder fazer o mesmo. – parei de tagarelar pelo tempo suficiente para tomar um gole. Minha garganta raspava como uma lixa.

Ele estava perfeitamente tranquilo, observando-me reagir.

– Sabe, estou meio cansada. – Olhei em todas as direções menos para ele. – Já disse tudo o que tinha para dizer?

– Não.

– Não? Tem mais? – Bom Deus, permita que não haja mais.

– Tem.

– Fala. – Hora de beber.

– Eu te amo.

Cuspi a cerveja na mesa, sobre nossas mãos unidas.

– Droga.

– Vou pegar uns guardanapos – disse ele, soltando a minha mão e se levantando da cadeira. Voltou um segundo depois. Fiquei ali sentada, inerte, enquanto ele limpava meu braço e depois a mesa; tremer era só o que eu conseguia fazer. Com cuidado, ele puxou minha cadeira e me ajudou a levantar, conduzindo-me para fora do bar. O zunido do trânsito e o ar urbano clarearam meus sentidos. Na rua, eu tinha espaço para pensar.

Meus pés se mexeram de imediato. Eles sabiam o que estava acontecendo. Minhas botas batiam na calçada, colocando uma distância considerável entre mim e o lá. Afastando-me dele e do que ele dissera. No entanto, David me acompanhou bem de perto.

Paramos na esquina, e eu apertei o botão, esperando que a luz de pedestre ficasse verde.

– Não repita mais isso.

– É uma surpresa tão grande assim? Por que mais eu estaria aqui, hein? Claro que te amo.

– Não. – Virei-me para ele, o rosto demonstrando minha raiva.

Os lábios dele formaram uma linha fina.

– Tudo bem. Não vou mais dizer. Por enquanto. Mas precisamos conversar mais.

Rosnei, cerrando os dentes.

– Ev.

Droga. Negociar não era meu forte. Não no que se referia a ele. Eu queria que

ele sumisse. Ou, pelo menos, acho que queria que ele sumisse. Que fosse embora para eu poder voltar a me lamentar com a perda dele e de tudo o que poderíamos ter sido. Desaparecesse para que eu não tive sse que pensar que agora ele achava que me amava. Que estado emocional lastimável. Meus dutos lacrimais estavam começando a dar sinais. Inspirei profunda e longamente para tentar me controlar.

– Depois, não hoje – disse ele, numa voz racional e afável. Eu não confiei nem nela, nem nele.

– Tudo bem.

Andei mais um quarteirão com ele ao meu lado até o cruzamento seguinte, permitindo espaço para conversa. Era melhor ele não dizer nada. Pelo menos até eu conseguir me controlar e dar um sentido a tudo aquilo. Ajeitei a saia lápis, pus o cabelo para trás, me remexi. O farol estava demorando uma eternidade. Desde quando Portland se voltara contra mim? Aquilo não era justo.

– Não terminamos – disse ele. E isso pareceu tanto uma ameaça quanto uma promessa.

—

A primeira mensagem chegou à meia-noite, enquanto eu estava deitada na cama, lendo. Ou tentando ler. Porque a tentativa de dormir fora um fracasso. As aulas logo começariam, mas eu estava tendo dificuldade para encontrar meu costumeiro entusiasmo pelos estudos. Eu tinha a terrível sensação de que a semente da dúvida plantada por David em relação à minha carreira germinara em minha mente. Eu gostava de arquitetura, mas não amava. Isso importava? Infelizmente, eu não sabia a resposta. Muitas desculpas – algumas idiotas, outras válidas –, mas nenhuma resposta.

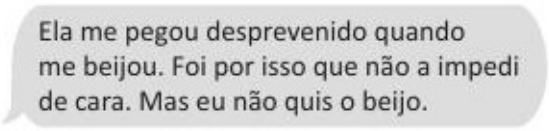
David provavelmente diria que eu poderia fazer o que bem entendesse. Sei muito bem o que meu pai diria. E não seria nada bonito.

Desde que voltei, evitei me encontrar com meus pais. Algo bem fácil, considerando-se que bati o telefone na cara dele no meio de um sermão no meu segundo dia ali. Nosso relacionamento se mostrou gélido desde então. A verdadeira surpresa é que eu não estava surpresa. Eles nunca chegaram a encorajar nada que não incentivasse o plano diretamente, motivo pelo qual não retornei nenhuma das ligações deles enquanto estive em Monterey. Como eu não poderia mais lhes dizer as coisas que eles queriam ouvir, pareceu-me mais seguro permanecer calada.

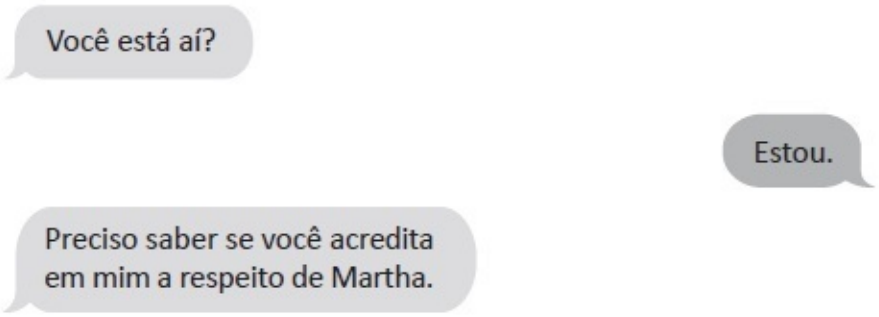
Nathan vinha tentando intervir com relação a nossos pais, no que sou muito agradecida, mas meu tempo estava chegando ao fim. Fomos convocados para o jantar do dia seguinte. Imaginei que a mensagem fosse da minha mãe, tentando

se certificar de que eu não arranjaria uma desculpa para não ir. Às vezes, ela ficava acordada até tarde, assistindo a filmes em preto e branco quando seus remédios para dormir não faziam efeito.

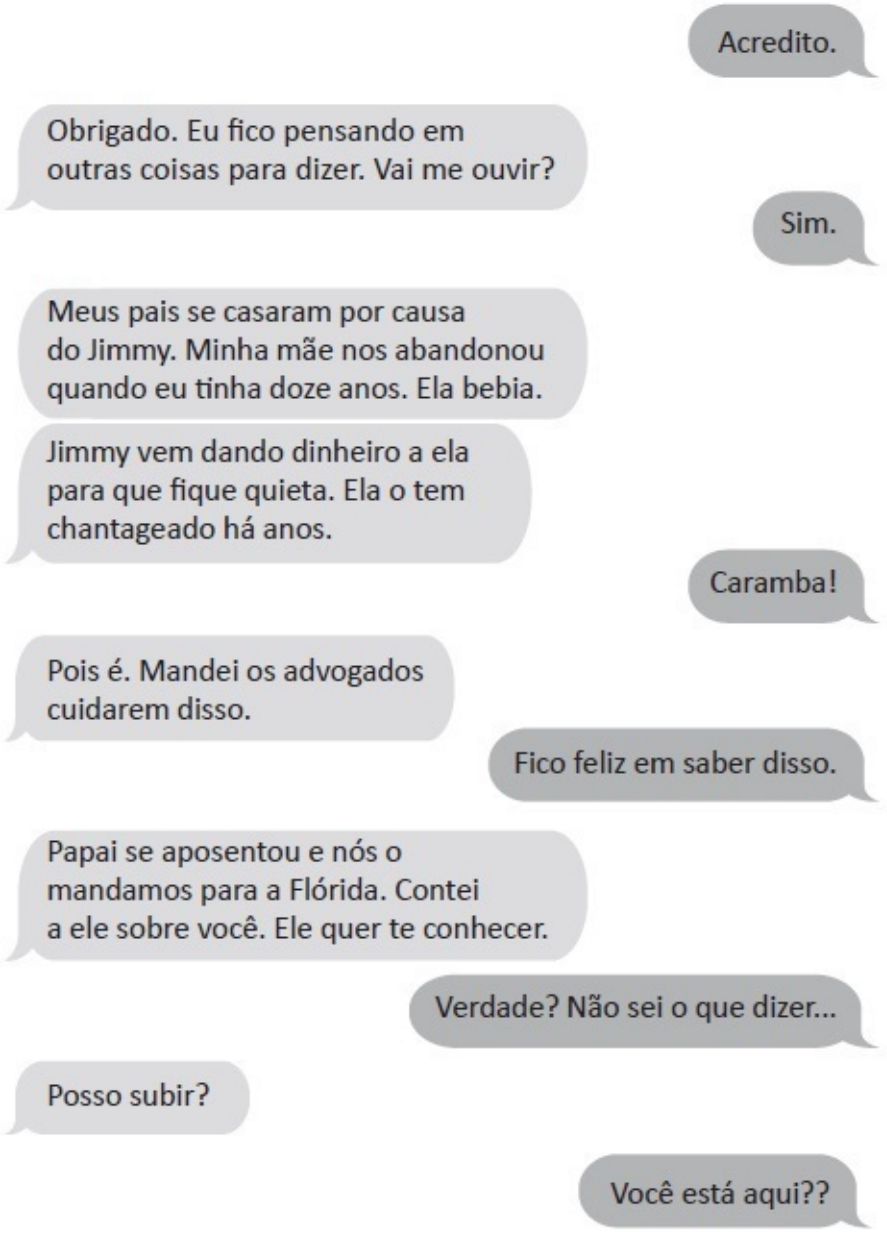
Ledo engano. Era de David.



Fiquei olhando para o celular, com o cenho franzido.



Será que eu acreditava? Inspirei fundo, vasculhando meu íntimo. Havia frustração, muita confusão, mas, aparentemente, minha raiva tinha se extinguido finalmente. Porque eu não duvidava que ele tivesse me contado a verdade.



Não esperei pela resposta. Nem me importei com os shorts do pijama e a velha camiseta, lavada tantas vezes que sua cor original era apenas uma lembrança. Ele teria que me aceitar do jeito que sou. Destranquei a porta da frente do apartamento e, descalça, desci as escadas com o celular ainda na mão. E lá estava ele, uma sombra através do vidro jateado da entrada do prédio. Abri-a, encontrando-o sentado no degrau. Do lado de fora, a noite estava parada, tranquila. Um SUV chique prateado estava estacionado na calçada.

– Oi – disse ele, com um dedo ocupado no teclado do aparelho. O meu soou de novo.



– Tudo bem – concordei, levantando o olhar da tela – Entra.

A lateral da boca dele se elevou quando me olhou. Sustentei o olhar dele, recusando-me a ficar sem jeito. Ele não pareceu desanimado com meu estilo despojado de dormir. Para falar a verdade, o sorriso dele se acentuou, os olhos se aquecendo.

– Você estava indo se deitar?

– Eu só estava lendo. Não conseguia dormir.

– Seu irmão está aí? – Ele se levantou e me seguiu escada acima, as botas fazendo barulho no assoalho de madeira. Eu meio que antecipei que a senhora Lucia do andar de baixo aparecesse berrando. Esse era o passatempo dela.

– Não – disse eu, fechando a porta atrás de nós – Ele e Lauren saíram.

Ele olhou ao redor do apartamento com interesse. Como de costume, ele preenchia todos os espaços. Não sei como ele fazia isso. Parecia um truque de mágico. Ele, de alguma forma, ficava maior do que era de fato. E o cara não era nada pequeno. Sem pressa alguma, seu olhar varreu a sala, percebendo as paredes turquesa (obra de Lauren) e as prateleiras bem arrumadas (graças a mim).

– Aquele é o seu? – perguntou, apontando o meu quarto com a cabeça.

– Hum, é. Mas está meio bagunçado agora. – Me espremi para passar por ele, rapidamente começando a catar livros e outras coisas sortidas espalhadas pelo chão. Eu deveria ter pedido que ele esperasse cinco minutos antes de subir. Minha mãe teria ficado horrorizada. Desde que voltei de L.A., deixei que o meu mundo virasse um caos. Combinava com o meu estado mental. Mas isso não queria dizer que David precisasse vê-lo. Eu precisava de um plano para dar um jeito na minha vida e, dessa vez, cumpri-lo.

– Eu costumava ser organizada – disse, agitada, a minha desculpa para tudo nos últimos tempos.

– Não tem problema.

– Só vai levar um minuto.

– Ev – disse ele, pegando o meu pulso, mais ou menos da mesma forma que o seu olhar capturou o meu – Eu não me importo. Só quero conversar com você.

Um pensamento terrível invadiu a minha mente de súbito.

– Você está indo embora? – perguntei, com a camiseta usada no trabalho naquele dia amarrotada na minha mão trêmula.

A pegada em meu pulso aumentou.

– Quer que eu vá embora?

– Não. Quero dizer, você indo embora de Portland? É por isso que está aqui, para se despedir?

– Não.

– Ah… – A pressão das costelas em meu coração diminuiu um pouco. – Tudo bem.

– De onde veio isso? – quando não respondi, ele me puxou com suavidade na direção dele – Ei…

Dei um passo relutante na direção dele, largando a roupa suja no chão. Ele pressionou por mais, sentando-se na minha cama e me puxando junto. Acabei caindo de bunda, em vez de me sentar com graciosidade. A história da minha vida. Objetivo alcançado, ele me soltou. Minhas mãos agarraram a beirada do colchão.

– Então, você fez uma cara estranha quando perguntou se eu estava indo embora – disse ele, os olhos azuis demonstrando preocupação – Quer explicar?

– Você ainda não tinha aparecido aqui à meia-noite. Acho que imaginei que haveria um motivo maior em vez de só aparecer sem razão especial.

– Passei dirigindo pelo seu prédio e vi a luz acesa. Pensei em mandar uma mensagem, ver como você estava, depois da conversa de hoje. – Ele esfregou o maxilar barbado com a palma da mão. – Além disso, como disse, eu fico pensando em coisas que preciso dizer a você.

– Você passa sempre na frente do meu prédio?

Ele me lançou um sorriso desconcertado.

– Só algumas vezes. É o meu jeito de te dar boa noite.

– Como sabia qual era a minha janela?

– Ah, bem, sabe da vez que falei com a Lauren quando cheguei na cidade? A luz do outro quarto estava acesa. Deduzi que este devia ser o seu. – Ele não olhou para mim, em vez disso, escolheu ficar olhando para as minhas fotos junto com meus amigos no mural. – Ficou brava por eu andar por aqui?

– Não – respondi com honestidade – Acho que a minha raiva está acabando.

– Está mesmo?

– Está.

Ele expirou devagar e me fitou, sem dizer nada. Hematomas escuros pairavam sob seus olhos, ainda que o nariz tivesse voltado ao tamanho normal.

– Sinto muito que Nate tenha batido em você.

– Se eu fosse o seu irmão, teria feito a mesma coisa. – Apoiou os cotovelos nos joelhos, mas manteve o rosto virado para mim.

– Teria?

– Sem dúvida.

Machos e seus pendores para bater nas coisas, isso não tinha fim.

O silêncio se arrastou. Mas não foi exatamente desconfortável. Pelo menos, não estávamos nem brigando, nem relembrando nosso rompimento uma vez mais. A raiva e a mágoa eram enfadonhas.

– Podemos só ficar juntos? – perguntei.

– Claro. Deixe-me ver isso. – Pegou meu iPhone e começou a ver as músicas que eu tinha. – Onde estão os fones?

Levantei e os apanhei de uma pilha amontoada na minha escrivaninha. David os encaixou, e me entregou uma das pontas. Sentei-me ao lado dele, curiosa quanto a qual das minhas músicas ele escolheria. Quando a batida acelerada de "Jackson", de Johnny Cash e June Carter, começou a tocar, olhei para ele, curiosa. Ele sorriu e formou a letra apenas com os lábios. Tínhamos mesmo nos casado sem pensar.[1]

– Está caçoando de mim? – perguntei.

Um brilho cintilou em seu olhar.

– Estou caçoando da gente.

– Muito justo.

– O que mais você tem aqui?

Cash e Carter terminaram e ele continuou sua busca. Fiquei observando seu rosto, à espera de uma reação ante meu gosto musical. Só consegui um bocejo abafado.

– Elas não são tão ruins assim – protestei.

– Desculpe. Dia agitado.

– David, se você está cansado, nós não precisamos…

– Não, eu estou bem. Mas você se importa se eu me deitar?

David na minha cama. Bem, ele já estava na minha cama, mas…

– Tudo bem.

Ele me lançou um olhar cuidadoso, mas já tirava os sapatos.

– Está sendo só educada?

– Não, tudo bem. Quero dizer, legalmente, esta cama é metade sua – brinquei, tirando o fone antes que os movimentos dele o fizessem por mim – Então, o que fez hoje?

– Estive trabalhando no disco novo e resolvendo outras coisas. – Com as mãos atrás da cabeça, ele se esticou na minha cama. – Não vai se deitar também? Não vamos conseguir ouvir música juntos se não se deitar.

Deitei-me ao lado dele, remexendo-me um pouco até ficar confortável. Afinal, aquela era a minha cama. E ele era o único homem que já se deitara nela. A suave fragrância do sabonete dele me atingiu, limpa e quente, e *David*. Mas tudo bem. Só para variar, a dor não veio ligada à lembrança. Cutuquei um pouco a minha mente, só para garantir. Quando disse que a raiva estava acabando, acho

que disse a verdade. Tínhamos nossos problemas, mas ele me trair já não era um deles. Eu sabia disso agora e isso significava muita coisa.

– Toma. – Ele me entregou a ponta do fone de novo e voltou a mexer no meu celular.

– Como está o Jimmy? – Rolei de lado, olhando para ele. A linha definida do nariz e do maxilar estava de perfil, a curva dos lábios. Quantas vezes o beijei? Não o bastante, se isso nunca voltasse a acontecer.

– Ele está bem melhor. Parece estar mais composto. Acho que vai ficar bem.

– Que notícia maravilhosa.

– Pelo menos, ele enfrenta os problemas com honestidade – disse ele, seu tom amargurado. – Pelo que fiquei sabendo, nossa mãe é um desastre. Mas, pensando bem, sempre foi. Ela costumava nos levar para o parque porque precisava comprar drogas. Ela aparecia nas peças de teatro e nas reuniões de pais e mestres completamente embriagada.

Fiquei de boca fechada, deixando que ele desabafasse. A melhor coisa que eu tinha a fazer era estar ao seu lado para ouvir. A dor e a raiva em sua voz eram de arrasar o coração. Meus pais tinham lá seus problemas, claro, mas nada como aquilo. A infância de David fora terrível. Eu seria capaz de bater na mãe dele por ser responsável pela dor que havia em sua voz. Ah, bateria. Sem pensar duas vezes.

– Papai ignorou a situação por anos. Ele podia fazer isso. Era motorista de caminhão, ficava longe de casa a maior parte do tempo. Éramos Jimmy e eu que tínhamos que voltar para casa e encontrá-la balbuciando todo tipo de asneira ou desmaiada no sofá. Não havia comida em casa porque ela usava o dinheiro das compras para as drogas. Então, um dia, voltamos da escola e ela e a TV tinham sumido. Foi assim. – Ele olhava o vazio, o rosto tenso. – Ela sequer deixou um recado. Agora está de volta e está fazendo mal ao Jimmy. Isso me deixa doido.

– Deve ter sido difícil para você – disse eu – Ficar sabendo dela por meio do Jimmy.

Um dos seus ombros se ergueu um pouco.

– Ele não precisava ter lidado com ela sozinho. Ele disse que queria me proteger. Parece que meu irmão mais velho, no fim, não é tão cretino como parece.

– Obrigada por me mandar a mensagem.

– Tudo bem. O que está com vontade de ouvir? – a mudança súbita de assunto me indicou que ele não queria mais ficar falando da família. Bocejou, o maxilar estalando – Desculpe.

– The Saint Johns.

Ele assentiu, procurando entre as músicas até encontrar a única que eu tinha

do grupo. O dedilhar na guitarra começou suave, preenchendo a minha cabeça. Ele colocou o aparelho sobre o peito e as pálpebras se abaixaram. Um homem e uma mulher se revezaram cantando o que lhes ia pela cabeça e pelo coração. Durante toda a música, o rosto dele permaneceu calmo, relaxado. Comecei a pensar que ele tivesse adormecido. Mas quando ela acabou, ele se virou para me fitar.

– Bonita. Mas um pouco triste – disse ele.

– Não acha que eles vão ficar juntos no final?

Ele também rolou de lado. Não havia mais do que um palmo de distância entre nós. Com um olhar curioso, ele me entregou o celular.

– Escolha outra música que você gosta.

Passei o dedo pela tela, tentando decidir o que tocar para ele.

– Esqueci de dizer, alguém foi ao café dizendo que te viu hoje. Seu anonimato pode estar chegando ao fim.

Ele suspirou.

– Isso ia acontecer mais cedo ou mais tarde. Eles só têm que se acostumar a me ter por perto.

– Não vai embora mesmo? – tentei dar leveza à voz, mas fracassei.

– Não. Não vou. – Ele olhou para mim, e eu soube que ele entendera tudo. Todos os meus medos e os meus sonhos, e as minhas esperanças que tanto me esforçava para manter escondidos, até de mim mesma. Mas que não conseguiria esconder dele, mesmo se tentasse – Ok?

– Ok.

– Você me perguntou se você é a minha tentativa de ser normal. Preciso que entenda que não é só isso. Estar com você, a maneira como me sinto em relação a você, tudo isso me faz ficar com os pés no chão. Mas isso porque me faz questionar tudo. Me faz querer ser melhor. Não posso me esconder das idiotices ou dar desculpas no que se refere a você porque isso não vai dar certo. Nenhum de nós fica feliz quando a coisa está assim, e eu quero que você seja feliz… – A testa dele se enrugou e as sobrancelhas se uniram. – Entende?

– Acho que sim – sussurrei, sentindo tantas coisas por ele naquele momento que eu nem sabia mais onde estava.

Ele bocejou de novo, o maxilar estalando.

– Desculpe. Cara, estou quebrado. Você se importa se eu fechar os olhos só por cinco minutinhos?

– Não.

Foi o que ele fez.

– Põe outra música?

– Pode deixar.

Toquei “Revelator” de Gillian Welch, a canção mais longa e relaxante que consegui encontrar. Acho que ele adormeceu mais ou menos na metade. Suas feições relaxaram e sua respiração se aprofundou. Com cuidado, tirei o fone de ouvido e desliguei o celular. Apaguei a luz do abajur e a central, fechei a porta para que quando Lauren e Nate chegassem, não o acordassem. Depois me deitei e fiquei olhando para ele. Não sei por quanto tempo. A compulsão por acariciar seu rosto ou tracejar suas tatuagens fez meus dedos comicharem, mas eu não queria acordá-lo. Ele, obviamente, precisava descansar.

Quando acordei na manhã seguinte, ele tinha ido embora. A decepção tinha um sabor amargo. Eu acabara de ter a minha melhor noite de sono em semanas, desprovida da tensão costumeira e dos sonhos angustiados nos quais eu parecia ter me especializado nos últimos tempos. Quando ele saiu? Rolei de costas e uma coisa fez barulho, reclamando alto. Com uma mão, pesquei um pedaço de papel, que fora, evidentemente, rasgado de um dos meus cadernos. A mensagem era breve, mas bela.

Ainda não vou embora de Portland.

Essa letra fala de um casal que se casou num rompante. (N.T.)

CAPÍTULO 20

Acho que eu preferiria ver o Genghis Khan olhando para mim do outro lado do balcão em vez de Martha. Não sei não, uma horda de mongóis *versus* a Martha, era difícil escolher… Ambos eram horrendos, de maneiras específicas.

O movimento do almoço tinha diminuído restando apenas alguns fregueses, que vieram para se acomodar com seus cafés com leite e bolinhos. Tinha sido um dia agitado e Ruby se mostrara distraída, confundindo pedidos. E ela não era de fazer isso. Eu a acomodara numa das mesas, com um bule de chá para descansar um pouco. Depois voltamos a ficar lotados. Quando lhe perguntei o que havia de errado, ela apenas me dispensou. No fim, eu a encurralaria num canto e descobriria.

Mas agora, ali estava Martha.

– Precisamos conversar – disse ela. Seus cabelos escuros estavam presos e a maquiagem era mínima. Não restava nada da sua opulência demonstrada em L.A. Ela parecia mais sombria, reprimida. Com um certo ar superior ainda, mas, veja bem, aquela ainda era a Martha. E que diabos estaria ela fazendo ali?

– Ruby, tudo bem se eu fizer uma pausa agora? – Jo estava estocando as prateleiras. Acabara de voltar do descanso dela, então, estava na minha vez. Ruby assentiu, lançando um olhar malévolo para Martha. Pouco importava o que estivesse acontecendo com ela, Ruby era uma boa pessoa. Reconhecia um monstro marinho ladrão de maridos quando se deparava com um.

Martha voltou para fora com o nariz empinado e eu a segui. O trânsito costumeiro fluía àquela hora. Acima, o céu estava todo azul, um perfeito dia de verão. Eu me sentiria mais confortável se a natureza virasse um balde de água em forma de chuva na cabecinha perfeita dela, mas eu não teria tanta sorte assim.

Depois de uma breve inspeção de sua superfície, Martha se sentou na ponta de um banco.

– Jimmy me ligou.

Sentei-me um pouco distante dela.

– Ao que tudo leva a crer, ele tem que se desculpar com as pessoas como parte da sua recuperação. – Unhas muito benfeitas tamborilaram no banco de madeira. – Mas, na verdade, não foi bem um pedido de desculpas. Ele me disse que eu precisava vir a Portland para limpar a sujeira que causei entre você e David.

Ela ficou olhando à frente com determinação.

– As coisas não vão muito bem entre Ben e ele. Amo meu irmão. Não quero que ele se indisponha com David por minha causa.

– O que espera que eu faça aqui, Martha?

– Não quero que faça nada por mim. Só quero que me ouça. – Ela abaixou o queixo e fechou os olhos por um breve instante. – Sempre pensei que poderia tê-lo de volta quando quisesse. Depois de alguns anos para que ele se acalmasse, claro. Ele nunca se ligou em sexo casual, fomos os primeiros, um do outro. Por isso, apenas barganhei meu tempo, deixando que ele curtisse a vida o quanto quisesse. Eu era o seu verdadeiro amor, certo? Não importava o que eu tivesse feito. Ele ainda estava cantando aquelas canções sobre mim por aí, noite após noite, usando o nosso brinco depois de todos esses anos…

Os carros passavam, as pessoas conversavam, mas Martha e eu estávamos à parte disso tudo. Eu não sabia bem se queria ficar ouvindo aquilo, mas absorvi cada palavra de todo modo, desesperada para entender.

– Pelo visto, os artistas sabem ser muito sentimentais. – Seu riso soou autoescarnecedor. – Não quer dizer grande coisa. – Ela se virou para mim, os olhos inflexíveis carregados de ódio. – Acho que eu era apenas um hábito na época. Ele nunca desistiu de nada por mim. Por certo, nunca mudou de cidade para se encaixar em algo que eu quisesse.

– O que quer dizer com isso?

– Ele já tem todas as canções escritas, Ev. Ao que tudo leva a crer, as novas são brilhantes. As melhores até então. Não há por que ele não estar em qualquer estúdio que quisesse, gravando-as, fazendo aquilo que ama. Mas, em vez disso, ele está aqui, gravando num estúdio montado há algumas quadras daqui. Porque estar perto de você significa mais para ele. – Ela balançou para frente, o sorriso duro. – Ele vendeu a casa de Monterey, comprou outra coisa aqui. Esperei anos para que ele voltasse, para que tivesse tempo para mim. Por você, ele reorganiza a vida numa porra de um piscar de olhos.

– Eu não sabia – disse, atordoada.

– Todo o grupo está aqui. Estão gravando num lugar chamado Bent Basement.

– Já ouvi falar dele.

– Se você for idiota o bastante para deixá-lo escapar, então merece ser infeliz por muito, muito tempo. – A mulher olhou para mim como se tivesse vivenciado

isso pessoalmente. Levantou-se e limpou as mãos. – Fiz o que vim fazer.

Martha se afastou andando. Desapareceu em meio aos compradores de meio de tarde como se nunca tivesse estado ali.

David estava gravando em Portland. Ele dissera que estava trabalhando no novo disco. Mas não imaginei que estivesse gravando ali. Quanto mais que tivesse comprado uma casa.

Puxa vida.

Fiquei de pé e comecei a andar na direção oposta da tomada por Martha. Primeiro andei, tentando entender o que eu estava fazendo, dando uma oportunidade ao meu cérebro para me alcançar. Em seguida, desisti, sabendo que era uma causa perdida, e corri, desviando de pedestres e das mesas dos cafés, de carros estacionados e todo o mais. O mais rápido que as minhas Doc Martens conseguiam me levar. Encontrei o Bent Basement dois quarteirões mais à frente, no fim de uma escadaria que descia, entre uma microcervejaria e uma loja de roupas elegantes. Coloquei as mãos na madeira e empurrei. A porta simples verde estava destrancada. Alto-falantes propagavam um solo maravilhoso de guitarra em meio aos cômodos pintados em cores escuras. Sam estava sentado num sofá, lendo uma revista. Para variar, ele tinha trocado o terno por uma calça e camisa de estampa havaiana.

– Senhora Ferris. – Ele sorriu.

– Olá, Sam – arfei, tentando recobrar o fôlego – Você parece bem fresco.

Ele piscou para mim.

– O senhor Ferris está numa das cabines de som no momento, mas se passar por aquela porta, conseguirá observar.

– Obrigada, Sam. Bom vê-lo de novo.

A porta pesada conduzia à sala de controle de gravação. Um homem que eu não conhecia estava atrás da mesa de equipamentos com fones de ouvido. Aquela sala deixava a de Monterey comendo poeira. Pela janela, vi David tocando, os olhos fechados, envolvido pela música. Ele também estava com fones nos ouvidos.

– Oi – Jimmy me cumprimentou baixinho. Eu não tinha percebido que o restante deles estava atrás de mim, esperando pela vez deles de tocar.

– Oi, Jimmy.

Ele me lançou um sorriso forçado. O terno tinha sumido. Bem como as pupilas dilatadas.

– É bom vê-la de novo.

– Obrigada. – Eu não conhecia as regras de etiqueta no que se referia à reabilitação. Eu deveria lhe perguntar sobre sua saúde ou varrer o assunto para debaixo do tapete? – E obrigada por ter ligado para a Martha.

– Ela veio te procurar, então? Que bom. Fico feliz. – Ele enfiou as mãos nos bolsos dos jeans. – Era o mínimo que eu podia fazer. Sinto muito pelos nossos encontros anteriores, Ev. Eu estava… numa situação em que não deveria. Espero que a gente possa esquecer essa parte.

Livre das drogas, as semelhanças entre ele e David eram mais pronunciadas. Mas seus olhos azuis e seu sorriso não causavam em mim o que os de David causavam. Ninguém mais conseguiria. Não em cinco anos, nem em cinquenta. Pela primeira vez em muito tempo, eu conseguia aceitar. E estava de bem com isso até. As revelações pareciam estar aparecendo uma atrás da outra hoje.

Jimmy esperou pacientemente que eu voltasse de onde quer que eu estivesse e dissesse algo. Quando eu não disse nada, ele prosseguiu:

– Nunca tive uma cunhada antes.

– E eu nunca tive um cunhado.

– Não? Somos úteis para muitas coisas. Espere e verá.

Sorri e ele retribuiu o sorriso, desta vez muito mais à vontade.

Ben estava num canto, sentado num sofá de couro preto, conversando com Mal, que apontou o queixo para mim; imitei seu gesto. Tudo o que Ben fez foi me lançar um olhar preocupado. Ele continuava grande e imponente, mas parecia ter mais medo de mim do que eu dele hoje. Acenei na direção dele e ele retribuiu meu aceno, com um sorriso contido. Depois de conversar com Martha, eu conseguia entender um pouco melhor as atitudes dele daquela noite. Nunca seríamos melhores amigos, mas haveria paz entre nós, pelo bem de David.

O solo de guitarra chegou ao fim. Virei-me e me deparei com David me observando, tirando os fones. Depois suspendeu a alça da guitarra por sobre a cabeça e seguiu para a porta adjacente.

– Oi – disse ele, vindo na minha direção – Tá tudo bem?

– Tá. A gente pode conversar?

– Claro. – Ele me levou de volta para a cabina. – Não vamos demorar, Jack.

O homem atrás da mesa de controles assentiu e apertou alguns botões; presumi que estivesse desligando os microfones. Ele não pareceu irritado demais com a interrupção. Havia instrumentos e microfones em toda parte. O lugar era um caos organizado. Ficamos num canto, fora do campo de visão dos outros.

– Martha veio me procurar – expliquei, assim que ele fechou a porta. Ele se postou imponente bem na minha frente, bloqueando todo o resto. Apoiei as costas na parede e ergui o olhar para ele, ainda tentando recuperar o fôlego. Meu coração já tinha se acalmado depois da corrida. Tinha. Mas agora ele estava ali e estava tão perto. Pus as mãos atrás das costas antes que me pusesse a agarrá-lo.

David fez aquela coisa com as sobrancelhas.

– Martha?

– Tá tudo bem – apressei-me em garantir – Bem, você sabe, ela estava como sempre é. Mas conversamos.

– Sobre o quê?

– Vocês dois, basicamente. Ela me deu algumas coisas a que pensar. Está ocupado esta noite?

Seus olhos se arregalaram de leve.

– Não. Quer fazer alguma coisa?

– Quero. – assenti – Senti sua falta quando acordei hoje cedo e percebi que você tinha ido embora. Senti muita saudade no último mês. Acho que não havia dito isso.

Ele exalou fundo.

– Não… Você não disse. Também senti sua falta. Desculpe não ter ficado hoje.

– Deixa pra outra vez.

– Combinado. – Ele se aproximou um passo, até as pontas das botas tocarem as minhas. Ninguém nunca foi tão bem recebido em meu espaço pessoal. – Eu tinha prometido começarmos cedo aqui hoje, senão teria estado lá quando você acordasse.

– Você não me contou que estava gravando aqui.

– Tivemos outras coisas mais importantes para falar. Pensei que isso podia esperar.

– Certo. Faz sentido. – Fiquei olhando para a parede ao meu lado, tentando ordenar meus pensamentos. Depois de muita dor e lentidão, tudo parecia estar acontecendo de uma vez só.

– Sobre hoje à noite, Ev?

– Ah, tenho um jantar na casa dos meus pais.

– Estou convidado?

– Sim – respondi – Sim, você está convidado.

– Ok. Maravilha.

– Você comprou mesmo uma casa aqui?

– Um apartamento de três quartos há alguns quarteirões daqui. Como é perto do seu trabalho e não muito longe da faculdade… Sabe, só para o caso. – Ele avaliou meu rosto. – Gostaria de conhecer?

– Uau. – mudei de assunto para conseguir mais tempo – Hum… Jimmy me parece bem.

Ele sorriu e apoiou as mãos ao lado da minha cabeça, diminuindo a distância entre nós.

– É. Ele está indo bem. Mudarmos para cá está dando certo para todo mundo. Parece que eu não era o único pronto a me desvencilhar das loucuras de L.A.

Nossa música está melhor do que em muitos anos. Estamos nos concentrando no que importa de novo.

– Isso é ótimo.

– E agora, o que a Martha disse, gata?

O apelido carinhoso veio acompanhado por uma sensação calorosa conhecida. Quase cambaleei, de tão grata.

– Bem, nós falamos sobre você.

– Isso eu já entendi.

– Acho que ainda estou processando tudo.

Ele assentiu devagar, inclinando-se até nossos narizes quase se tocarem. A intimidade perfeita daquilo, a sensação sutil da respiração dele contra meu rosto… Meu desejo de estar perto dele nunca desapareceu. Não importava o quanto eu tinha desejado abafá-lo. Amor e sofrimento amoroso tornam você um idiota sem parâmetros, até mesmo desesperado. As coisas que você diz para si mesmo para poder superar, na esperança de um dia acreditar nelas.

– Muito bem. Posso ajudá-la em alguma coisa?

– Não. Acho que eu só queria ter certeza de que você estava aqui mesmo.

– Eu estou aqui.

– Está.

– Isso não vai mudar, Evelyn.

– Não. Acho que entendo isso agora. Posso ser um pouco lenta para entender esse tipo de coisa. É que eu não tinha certeza, sabe, com tudo o que aconteceu. Mas eu ainda te amo. – ao que tudo levava a crer, eu voltara a tagarelar tudo o que me vinha à cabeça. Mas, com David, isso não tinha problema. Eu estava segura – Amo mesmo.

– Eu sei, gata. A pergunta é, quando você vai voltar para mim?

– Isso é importante, sabe? Doeu tanto quando acabou da última vez.

Ele assentiu com tristeza.

– Você me deixou. Acho que essa é a pior merda por que já passei.

– Eu tive que fazer isso, mas também… uma parte de mim quis feri-lo do jeito que você me feriu, acho. – Eu precisava voltar a segurar a mão dele, mas não achava que podia. – Não quero ser vingativa assim, não com você, nunca mais.

– Eu disse umas coisas terríveis aquela noite. Nós dois estávamos sofrendo. Só precisamos perdoar e deixar pra trás.

– Você não escreveu uma canção a esse respeito, escreveu?

Ele desviou o olhar.

– Não! David… – disse, consternada – Você não podia. Aquela noite foi horrível.

– Numa escala de um a dez, qual o seu grau de irritação, exatamente?

– Onde um é o divórcio?

Ele aproximou a parte de baixo do corpo do meu, colocando os pés entre os meus. Não havia mais do que um fio de cabelo entre nós. Eu nunca recuperaria o fôlego daquele jeito. Nunca.

– Não – disse ele, com voz sedosa – Você nem se lembra da gente se casando, então o divórcio ou a anulação, ou sei lá que outra droga dessas, não conta. Nunca contou. Falei para os advogados se manterem ocupados neste último mês enquanto eu tentava processar a situação. Esqueci de contar isso?

– É, esqueceu… – Não pude deixar de sorrir. – Então, o que é um, nessa escala?

– Um é agora. É isso, nós vivermos separados e no mais completo estado miserável sem o outro.

– Isso é bem ruim.

– É mesmo – concordou ele.

– A canção é um destaque ou apenas uma coisa que você pode enfiar em algum lugar na esperança de ninguém perceber? Um tipo de lado B, certo? Não mencionado e escondido no final?

– Vamos imaginar que estivemos pensando em usar uma das faixas como título do disco.

– Uma das? Quanto desse disco brilhante sobre o qual tenho ouvido falar será sobre nós?

– Eu te amo.

– David. – Tentei sustentar minha raiva fingida, mas não deu certo. Eu não tinha forças para isso.

– Consegue confiar em mim? – perguntou ele, o semblante subitamente sério – Preciso que confie em mim de novo. E mais do que quanto apenas às canções. Ver essa preocupação no seu olhar o tempo todo está me matando…

– Eu sei. – Franzi o cenho, entrelaçando os dedos atrás das costas. – Estou quase lá. E vou aprender a lidar com as canções. Verdade. A música é uma grande parte de quem você é e é um elogio imenso que você sinta tanto por mim. Eu estava basicamente brincando.

– Eu sei. E elas não falam só do rompimento.

– Não?

– Não.

– Isso é bom. Fico feliz.

– Hum.

Lambi os lábios e seus olhos detectaram meu movimento. Esperei que ele diminuísse a distância entre nós e me beijasse. Mas ele não beijou, nem eu. Por algum motivo, não estava certo apressar aquilo. Deveria ser perfeito. Tudo entre

nós acertado. Sem pessoas esperando do outro lado. Mas ficarmos assim, próximos, ouvindo o tom baixo da sua voz… Eu poderia ficar o dia inteiro ali. Ruby, porém, devia estar se perguntando o que diabos me acontecera. E eu ainda tinha que resolver uma coisa antes de voltar para lá.

– É melhor eu voltar pro trabalho – disse eu.

– Certo. – Ele recuou devagar. – A que horas quer que eu te pegue hoje à noite?

– Hum… às sete?

– Perfeito. – Uma sombra passou pelo rosto dele. – Acha que os seus pais vão gostar de mim?

Respirei fundo.

– Não sei. Não importa. Eu gosto de você.

– Gosta?

Assenti.

A luz no olhar dele foi como o sol nascendo. Meus joelhos tremeram e meu coração falseou. Era poderoso, era belo, era perfeito.

– É tudo o que importa, então – disse ele.

CAPÍTULO 21

Meus pais não gostaram dele. Em boa parte da refeição, ignoraram a presença de David. Toda vez que, ostensivamente, passavam por cima dele, abria a boca para me opor e o pé de David cutucava o meu por debaixo da mesa. E balançava a cabeça de leve. Então, eu continuava sentada, fumegando, a raiva crescendo minuto a minuto. A situação há muito passara do ponto de ser apenas desconfortável, apesar de Lauren ter se esforçado para cobrir os silêncios.

David, por sua vez, fora além do esperado, usando uma camisa social cinza abotoada nos pulsos, que cobria boa parte das suas tatuagens. Jeans pretos e botas simples pretas completavam seu visual de conhecer os pais. Levando-se em consideração que ele se recusara a se vestir melhor num salão de baile tomado pela realeza hollywoodiana, fiquei impressionada. Ele chegou até a pentear o cabelo para cima num estilo vagamente semelhante ao de James Dean. Na maioria dos homens, eu não teria gostado. David não era a maioria dos homens. Para ser bem franca, ele estava absolutamente maravilhoso, mesmo com os hematomas que começavam a desaparecer sob os olhos. E o modo educado com que lidou com o comportamento abismal dos meus pais somente reforçou a minha crença nele. Meu orgulho por ele ter escolhido ficar comigo. Mas voltemos à conversa do jantar…

Lauren estava detalhando seus planos de aula para o semestre que se aproximava. Meu pai assentia e ouvia com atenção, fazendo as perguntas apropriadas. Nate se apaixonar por ela estava além dos sonhos mais loucos dos meus pais. Ela já era parte da família há muitos anos. Eles não poderiam estar mais contentes. Mais do que isso, porém, ela parecia fazê-los enxergar o filho sob uma nova ótica, percebendo as mudanças ocorridas. Quando Lauren falou do trabalho de Nate e das suas responsabilidades, eles prestaram atenção.

Nesse meio-tempo, David estava apenas do outro lado da mesa, e eu sentia saudades. Havia tanto ainda para conversar que eu nem sabia por onde começar. Mas já não havíamos coberto a maior parte? Então, qual era o problema? Eu

tinha a estranha sensação de que havia algo errado, algo que me escapava. David se mudara para Portland. Tudo ficaria bem. Mas não estava. As aulas logo recomeçariam. A ameaça ao plano ainda pairava sobre minha cabeça porque eu assim permitia.

– Ev? Algo errado? – Papai estava à cabeceira de mesa, o rosto crispado de preocupação.

– Não, pai – disse eu, com um sorriso forçado. Não houve menção ao fato de eu ter batido o telefone na cara dele. Suspeitei que isso tivesse sido classificado como acesso de raiva de uma garota com o coração partido ou algo assim.

Papai franziu o cenho, primeiro na minha direção, depois na de David.

– Minha filha vai voltar às aulas na semana que vem.

– Ah, sim – disse David – Ela mencionou isso, senhor Thomas.

Meu pai avaliou David por sobre os óculos.

– Os estudos dela são muito importantes.

Um pânico gélido se apoderou de mim conforme o horror se desenrolava diante dos meus olhos.

– Pai. Para.

– Sim, senhor Thomas – disse David – Não tenho intenção de interrompê-los.

– Bom. – Papai cruzou as mãos diante dele, preparando-se para passar um sermão. – Mas o fato é que jovens mulheres imaginando-se apaixonadas têm uma tendência horrível a não pensar.

– Pai…

Papai levantou uma mão para me deter.

– Desde que ela era pequena, ela planejava ser arquiteta.

– Pode parar. Não.

– E se você sair numa turnê, David? – perguntou meu pai, continuando apesar da minha agitação – Como inevitavelmente sairá. Espera que ela largue tudo para apenas acompanhá-lo?

– Isso seria uma decisão da sua filha, senhor. Mas não pretendo fazer nada que a obrigue a escolher entre mim e seus estudos. O que quer que ela decida fazer, terá meu apoio.

– Ela quer ser arquiteta – disse papai, num tom decidido – Esse relacionamento já lhe custou muito. Ela teve um estágio importante cancelado quando toda essa tolice começou. Isso a fez recuar um passo imenso.

Empurrei a cadeira para trás, levantando-me.

– Já chega.

Papai me lançou o mesmo olhar que dispensara a David no começo, hostil e enfadonho. Olhou para mim como se já não me reconhecesse.

– Não vou permitir que jogue fora o seu futuro por causa *dele* – esbravejou.

– *Dele?* – perguntei, horrorizada ante o seu tom. A raiva ficou se empoçando dentro de mim a noite toda, preenchendo-me. Não era de se admirar que eu mal tivesse tocado no jantar – A pessoa com quem vocês dois propositadamente foram mal-educados pela última hora? David é a última pessoa a esperar que eu dispense qualquer coisa que seja importante para mim.

– Se ele gostasse de você, se afastaria. Veja os estragos que ele já causou. – Uma veia pulsava na lateral da testa do meu pai. Todos os outros assistiam em silêncio estupefato. Seria certo afirmar que passei a vida cedendo. Mas isso sempre aconteceu com coisas que não importavam de fato. Aquilo era diferente.

– O senhor está errado.

– E você está descontrolada – grasnou meu pai, apontando o dedo para mim.

– Não – disse a ele. Em seguida, me virei e disse o que deveria ter dito há muito tempo ao meu marido: – Não estou, não. Sou é uma garota com uma puta sorte, a mais sortuda do mundo inteiro.

Um sorriso iluminou os olhos de David. Ele sugou o lábio inferior, tentando conter a expressão radiante ante a fúria dos meus pais.

– Sou, sim – reafirmei, ficando com os olhos marejados, sem me importar com isso, para variar.

Ele empurrou a cadeira e ficou de pé, encarando-me do outro lado da mesa. A promessa de amor e de apoio incondicionais em seus olhos foi a resposta de que eu precisava. E naquele instante perfeito, soube que tudo estava bem. Estávamos bem. E sempre estaríamos, se ficássemos juntos. Não havia nem uma única dúvida dentro de mim. Em silêncio, ele deu a volta na mesa e ficou ao meu lado.

A expressão dos meus pais… Uau. Mas eles sempre disseram que era bom arrancar o curativo de uma só vez, para acabar logo com o sofrimento. Então, foi o que fiz.

– Não quero ser arquiteta. – O alívio por finalmente dizê-lo foi enorme. Tenho quase certeza de que meus joelhos cederam um pouco. No entanto, não haveria como recuar. David segurou minha mão e a apertou.

Meu pai apenas piscou para mim.

– Não pode estar falando sério.

– Lamento, mas estou. Esse foi o seu sonho, pai. Não o meu. Eu jamais deveria ter me deixado levar. Isso foi um erro, e eu sinto muito.

– O que você vai fazer? – perguntou minha mãe, a voz se elevando – Café?

– Sim.

– Isso é ridículo. Todo o dinheiro que gastamos… – Os olhos de mamãe revelaram raiva.

– Eu devolvo.

– Isso é insano – disse papai, o rosto empalidecendo – É por causa dele.

– Não. É por minha causa, na verdade. David só me fez questionar o que eu queria de fato. Ele me fez querer ser uma pessoa melhor. Mentir sobre isso, tentando me encaixar no seu plano por tanto tempo… Errei ao fazer isso.

Meu pai me encarou.

– Acho melhor você sair agora, Evelyn. Pense no assunto com mais atenção. Falaremos mais tarde.

Acho que sim, mas isso não mudaria nada. Meu status de boa menina definitivamente despencara.

– O senhor se esqueceu de dizer a ela que não importa o que ela decida, o senhor ainda a amará. – Nathan se pôs de pé, puxando a cadeira de Lauren para ela. Encarou nosso pai com o maxilar contraído. – É melhor irmos também.

– Ela sabe disso. – Com o rosto crispado em sinal de confusão, papai se levantou na cabeceira da mesa.

Nate grunhiu.

– Não, ela não sabe. Por que acha que ela andou na linha por tantos anos?

Mamãe retorceu as mãos.

– Isso é ridículo – disse ele, apressado.

– Não, ele tem razão – disse eu – Mas acho que todos têm que crescer um dia.

Os olhos de papai ficaram ainda mais frios.

– Tornar-se um adulto não significa dar as costas para suas responsabilidades.

– Seguir seus passos não é responsabilidade minha – argumentei, recusando-me a ceder. Os dias de fazer isso tinham acabado – Não posso ser o senhor. Lamento ter desperdiçado tantos anos e tanto do seu dinheiro tentando descobrir isso.

– Só queremos o melhor para você – disse mamãe, com a voz embargada de emoção.

– Sei que sim. Mas essa decisão cabe a mim agora. – Virei-me para o meu marido, segurando-o firme pela mão. – E meu marido não vai a parte alguma. Vocês precisam aceitar isso.

Nate deu a volta na mesa e desferiu um beijo em mamãe.

– Obrigado pelo jantar.

– Um dia – disse ela, olhando para nós dois –, quando vocês tiverem filhos, saberão como é difícil.

As palavras dela basicamente encerraram o assunto. Meu pai só continuava balançando a cabeça e bufando. Senti culpa por desapontá-los. Mas não a ponto de voltar a agir como antes. Eu finalmente chegara à idade de perceber que meus pais também são pessoas. Não eram perfeitos e onipotentes. Eram tão suscetíveis a falhas quanto eu. Era minha função determinar o que era o certo.

Peguei minha bolsa. Era hora de ir.

David acenou com a cabeça para os meus pais e me acompanhou até o lado de fora. Um Lexus Hybrid prateado, novinho e luxuoso, nos aguardava na calçada. Não era como os SUVs que Sam e os outros seguranças dirigiam. Aquele viera num tamanho mais amigável. Atrás de nós, Nate e Lauren entravam no carro dele. Nada mais foi dito. Mamãe e papai ficaram na soleira da porta, as silhuetas escuras emolduradas pela luz atrás deles. David abriu a porta para mim, e eu me sentei no banco do passageiro.

– Sinto muito pelo meu pai. Você ficou aborrecido? – perguntei.

– Não. – Ele fechou a porta e deu a volta até o lado do motorista.

– Não? Só isso?

Ele deu de ombros.

– Ele é o seu pai. Claro que ele tem que ficar preocupado.

– Pensei que fosse sair correndo para as montanhas com todo esse drama.

Ele acionou a seta e pôs o carro em movimento.

– Achou mesmo?

– Não. Desculpe, isso foi uma coisa idiota de dizer. – Observei meu antigo bairro, o parquinho no qual eu brincava e o caminho para a escola. – Portanto, agora sou uma desistente da faculdade.

Ele me lançou um olhar curioso.

– Qual é a sensação?

– Deus, não sei… – Balancei as mãos, esfregando-as. – De formigamento, acho. Meus dedos das mãos e dos pés estão formigando. Não sei o que estou fazendo.

– Sabe o que quer fazer?

– Não. Na verdade, não.

– Mas sabe o que não quer fazer?

– Sim – respondi com certeza.

– Bem, então esse é o seu ponto de partida.

A lua cheia pendia no céu. As estrelas brilhavam. E eu acabara de virar minha existência inteira de ponta-cabeça. De novo.

– Você agora está oficialmente casado com uma ex-estudante universitária que faz café para se sustentar. Isso o incomoda?

Com um suspiro, David acionou a seta e estacionou diante de uma fileira de casas do subúrbio. Pegou uma das minhas mãos entre as dele, pressionando-a com suavidade.

– Se eu quisesse sair da banda, isso a incomodaria?

– Claro que não. A decisão é sua.

– Se eu quisesse doar todo o meu dinheiro, o que você diria?

Dei de ombros.

– Você ganhou o dinheiro, a escolha é sua. Acho que você teria que vir viver comigo. E já vou avisando agora, o apartamento que teríamos com o meu salário seria bem pequeno. Minúsculo. Só para você saber.

– Mas você ainda me aceitaria?

– Sem dúvida alguma. – Cobri uma das mãos dele com a minha, necessitando pegar emprestado um pouco da sua força. – Obrigada por estar ao meu lado hoje.

Ruguinhas se formaram ao redor dos perfeitos olhos azuis.

– Eu nem disse nada.

– Não precisou.

– Você me chamou de seu marido.

Assenti com o coração preso na garganta.

– Não a beijei hoje no estúdio porque parecia que ainda havia muita coisa pairando entre nós. Não me pareceu certo. Mas quero te beijar agora.

– Por favor – pedi.

Ele se inclinou na minha direção e eu o encontrei na metade do caminho. Sua boca cobriu a minha, os lábios quentes, firmes, conhecidos. Os únicos que eu desejava. Suas mãos ampararam meu rosto, prendendo-me a ele. O beijo foi tão suave e perfeito. Foi uma promessa, uma que, desta vez, não seria quebrada. Nós dois aprendemos com os nossos erros e continuaríamos a aprender a vida inteira. Isso era o casamento.

Seus dedos mergulharam em meus cabelos, e eu resvalei a língua na dele. Seu gosto era tão necessário para mim quanto o ar. A sensação das suas mãos em mim era a promessa de tudo o que estava por vir. O que começou como uma afirmação se transformou em outra coisa na velocidade da luz. O gemido que escapou dele… Puxa vida! Eu queria ouvir aquele barulho pelo resto da vida. Minhas mãos se agarraram à camisa dele, tentando aproximá-lo. Tínhamos muito tempo a recuperar.

– Temos que parar – sussurrou ele.

– Temos? – perguntei, com a respiração entrecortada.

– Infelizmente. – Ele riu, esfregando a ponta do nariz na minha. – Daqui a pouco, minha garota com uma puta sorte, a mais sortuda do mundo inteiro. Logo, logo. Você tinha mesmo que dizer “puta”?

– Precisei, sim.

– Seus pais pareceram prontos a parir ali mesmo.

– Sinto muito pelo modo como eles te trataram. – Passei a mão pelos cabelos curtos da lateral da cabeça dele, sentindo os fios sedosos.

– Sei lidar com isso.

– Mas não deveria. E não vai ter que lidar. Não vou ficar sentada só ass…

Ele calou minha tagarelice com um beijo. Claro que funcionou. Sua língua

passou pelos meus dentes, me provocando. Soltei o cinto de segurança e me arrastei para o colo dele, precisando ficar mais próxima. Ninguém beijava como David. Suas mãos passaram por baixo da minha blusa, moldando as curvas dos meus seios. Os polegares resvalaram os mamilos, coitadinhos, que de tão rijos doíam. Falando em rijo, eu sentia a ereção de David pressionando meu quadril. Continuamos nos beijando até um carro cheio de garotos passar buzinando. Pelo visto, nossa sessão de carinhos era de algum modo visível da rua, apesar das janelas embaçadas. Quanta classe.

– Logo – prometeu ele, a respiração pesada ao encontro do meu pescoço – Caramba, como é bom te ter só pra mim. Isso foi bem intenso. Mas estou orgulhoso por você ter sido assertiva. Você agiu bem.

– Obrigada. Acha que um dia entenderemos quando tivermos nossos filhos?

Ele levantou o olhar para mim, o belo rosto e os olhos sérios tão conhecidos meus que senti vontade de chorar.

– Nunca falamos sobre filhos – disse ele – Você quer ter?

– Um dia. E você?

– É, um dia. Depois que tivermos alguns anos sozinhos.

– Parece uma boa ideia – disse eu – Vai me mostrar esse seu apartamento?

– *Nosso*. Claro.

– Acho que vai ter que tirar as mãos debaixo da minha blusa se pretende dirigir até lá.

– Hum… Que pena. – Ele deu um leve apertão final nos meus seios antes de tirar as mãos de dentro da minha roupa. – E você vai ter que voltar para o seu banco.

– É pra já.

As mãos dele me envolveram pelo quadril, ajudando-me a voltar para o meu lado do carro. Prendi o cinto de novo enquanto ele inspirava fundo. Com uma careta, ele se ajeitou no banco, obviamente tentando ficar mais confortável.

– Você é um terror.

– Eu? O que eu fiz?

– Você sabe muito bem o que fez – resmungou ele, voltando o carro para a rua – Você fez isso em Vegas, depois em Monterey e em L.A. também. Agora está fazendo em Portland. Não posso levar você a parte alguma.

– Você está falando do estado da sua braguilha? Porque não sou eu quem está no controle das suas reações a mim, cara. Você é quem está.

Ele emitiu uma gargalhada.

– Nunca estive no controle das minhas reações a você. Sequer uma vez.

– É por isso que se casou comigo? Porque você é impotente diante de mim?

– Você me faz tremer de medo, tenha certeza. – O sorriso que ele me lançou

me fez tremer, mas medo não tinha nada a ver com isso. – Mas me casei com você, Evelyn, porque fez sentido para mim. Nós fazemos sentido. Somos muito melhores juntos do que separados. Percebeu isso?

– É, percebi, sim.

– Bom. – Seus dedos acariciaram meu maxilar. – Precisamos ir para casa. Rápido.

Tenho quase certeza de que ele ultrapassou vários limites de velocidade. O apartamento ficava a poucos quarteirões do café de Ruby, localizado num antigo prédio de tijolos marrons com pedras ao estilo Art Déco ao redor das portas de vidro. David digitou um código de acesso e me conduziu pelo vestíbulo de mármore branco. Uma estátua parecendo ter sido feita de madeira de flutuação estava imponente num dos cantos. Câmeras de segurança estavam escondidas nos cantos do teto. Ele não me deu chance de observar, de tanta pressa que tinha. Tive praticamente que correr para acompanhá-lo.

– Venha – disse ele, puxando-me pela mão na direção do elevador.

– Tudo isso é muito imponente.

Ele apertou o botão do último andar.

– Espere até ver o nosso apartamento. Você vai se mudar, certo?

– Certo.

– Hum, a propósito, temos visita no momento. Só enquanto gravamos o disco. Mais algumas semanas, provavelmente. – As portas do elevador se abriram e saímos para o corredor. A essa altura, David pegou a minha bolsa, depois se dobrou e ajustou o ombro na minha barriga, erguendo-me. – Aqui estamos nós.

– Ei – protestei.

– Te peguei. Hora de te carregar pela porta de novo.

– David, estou usando saia. – Ela quase me chegava aos joelhos, mas, mesmo assim… Eu preferia não me arriscar a mostrar o que não devia aos hóspedes e colegas de banda de David, se eu pudesse evitar.

– Sei que está. Já agradeci por isso? Gosto muito de ter acesso facilitado. – Suas botas pretas ecoaram pelo piso de mármore. Aproveitei a oportunidade para apalpar seu traseiro, porque eu podia. Minha vida era fantástica pra cacete mesmo.

– Você não está usando roupa íntima – eu o informei.

– Verdade?

Uma mão subiu pelo meu traseiro. Por cima da roupa, ainda bem.

– Você está – disse ele, a voz baixa e rouca da melhor das maneiras – Qual calcinha você está usando, gata? Boxers, pelo tato.

– Acho que esta você não conhece.

– Bem, isso logo vai mudar. Confie em mim.

– Eu confio.

Ouvi o som da porta se abrindo, e depois o mármore abaixo de mim se transformou em madeira escura e brilhante. As paredes eram imaculadamente brancas. E eu conseguia ouvir vozes masculinas, gargalhando e jogando conversa fora. Uma música tocava ao fundo. Nine Inch Nails, presumi. Nate vinha colocando seu estilo de música no apartamento e essa banda era das suas prediletas. E claro que o apartamento era lindo. As cadeiras de madeira escura da sala de jantar e os sofás verdes. Bastante espaço. Caixas de guitarra espalhadas em todo canto. Pelo que eu conseguia ver, parecia um lugar lindo e habitável. Parecia um lar.

O nosso lar.

– Você sequestrou uma garota. Isso é incrível, mas também ilegal, Davie. Acho que você vai ter que devolvê-la. – Meus cabelos foram suspensos e Mal apareceu, agachando-se ao meu lado – Oi, noiva criança. Onde está o meu beijo de olá?

– Deixe a minha mulher em paz, idiota. – David ergueu uma bota e o empurrou com pouco caso. – Consiga a sua.

– Mas por que diabos eu ia querer me casar? Isso é para os loucos como vocês dois. E por mais que eu aplauda a sua insanidade, de jeito nenhum vou seguir os passos de vocês.

– E quem ia querer você? – a voz suave de Jimmy se aproximou de mim – E aí, Ev?

– Oi, Jimmy. – Afastei uma das mãos do traseiro do meu marido e acenei para ele. – David, eu preciso mesmo ficar de ponta-cabeça?

– Ah, tudo bem. Gente, noite de encontro – meu marido anunciou.

– Entendido – disse Mal – Venha, Jimmy. Vamos encontrar o Benny-boy. Ele foi comer naquele restaurante japonês.

– Ok. – Os tênis de Jimmy se afastaram na direção da porta. – Até mais!

– Tchau! – Acenei mais uma vez.

– Boa noite, Evvie. – Mal também saiu e a porta se fechou atrás deles.

– Sozinhos, finalmente. – David suspirou e começou a andar novamente por um longo corredor. Comigo ainda sobre o ombro dele – Gostou do lugar?

– O que consegui ver é lindo.

– Que bom. Mais tarde mostro o resto. Primeiro, o mais importante, preciso mesmo entrar nessa sua calcinha.

– Acho que ela não cabe em você – ri. Ele me deu um tapa na bunda. Um clarão quente surgiu, mais pela surpresa do que por qualquer outra coisa – Caramba, David.

– Só estou te aquecendo, engraçadinha. – Ele virou no último quarto no fim do

corredor, chutando a porta para fechá-la. Minha bolsa foi jogada numa poltrona. Sem nenhuma palavra de aviso, ele me endireitou me jogando na cama king size. Meu corpo balançou no colchão. O sangue fluiu para a cabeça, fazendo-a girar. Afastei os cabelos do rosto e me ergui sobre os cotovelos.

– Não se mexa – disse ele com voz gutural.

Ele estava no pé da cama, se despindo. A vista mais incrível de toda existência. Eu poderia vê-lo fazer isso sempre. Puxou a camisa pelas costas por sobre a cabeça e assim eu soube que não era uma garota com uma puta sorte, a mais sortuda do mundo inteiro. Eu era uma garota com uma puta sorte, a mais sortuda de todo o Universo. A verdade era essa. Não só porque ele era mais do que lindo e eu era a única que poderia vê-lo fazendo aquilo, mas por causa da maneira com que me fitou com olhos cheios de desejo o tempo inteiro. A luxúria estava ali, mas também muito amor.

– Você não faz ideia de quantas vezes eu a imaginei deitada nessa cama na última semana. – Ele descalçou as botas e as meias, deixando-as de lado. – Quantas vezes eu quase telefonei no último mês.

– Por que não ligou?

– E por que *você* não ligou? – perguntou ele, abrindo o botão dos jeans.

– Não vamos mais fazer isso.

– Não. Nunca. – Ele engatinhou na cama, alisando as mãos pelos músculos das minhas panturrilhas. Meus sapatos saíram voando e seus dedos escorregaram para baixo da minha saia, erguendo-a, até bem em cima. Sem interromper o contato visual, ele abaixou minha calcinha boxer. No fim das contas, ele, obviamente, não estava interessado nela. O homem tinha as suas prioridades. – Diga que me ama.

– Eu te amo.

– De novo.

– Eu te amo.

– Senti tantas saudades do seu gosto que você nem imagina. – Mãos grandes afastaram minhas pernas, expondo-me ao seu olhar. – Sou capaz de passar alguns dias com a cabeça entre as suas pernas, ok?

Ai, Deus. Ele esfregou a barba no interior da coxa, fazendo minha pele arrepiar. Eu não conseguiria falar, mesmo que tentasse.

– Diga de novo.

Engoli em seco, tentando recuperar o controle.

– Estou esperando.

– E-eu t-te amo – gaguejei, minha voz pouco audível, sussurrada. Minha pélvis saltou da cama ao primeiro contato da boca dele. Cada pedacinho meu estava teso e trêmulo.

– Continue. – Sua língua separou os lábios do meu sexo, escorregando antes de mergulhar. A sensação firme e suave da sua boca e as cócegas da barba…

– Eu te amo.

Mãos fortes escorregaram por trás das nádegas, segurando-me à sua boca.

– Mais.

Gemi alguma coisa incoerente. Deve ter bastado. Ele não parou, nem falou mais nada. David me atacou. Não existiu sutileza. Sua boca me manipulou com firmeza, alçando-me aos céus em questão de momentos. O nó dentro de mim se apertou e aumentou conforme a língua me lambia. Eletricidade percorreu minha coluna. Não sei quando comecei a tremer. Mas minhas forças me abandonaram e minhas costas se chocaram contra o colchão novamente. Segurei-o pelos cabelos, agarrando os fios curtos com gel.

Foi quase demais. Eu não sabia se precisava me aproximar ou me afastar. De toda forma, suas mãos me seguravam junto dele. Todos os meus músculos se esticaram e minha boca se abriu num grito sem som. Fogos de artifício encheram minha mente. Gozei e gozei de novo.

Quando meu coração voltou a apenas retumbar, abri os olhos. David estava ajoelhado entre minhas pernas. Seus jeans foram empurrados para baixo e a ereção resvalava o abdômen liso. Olhos azuis escuros me encaravam.

– Não consigo esperar.

– Não espere. Venha. – Apertei as pernas ao redor do quadril dele. Uma das mãos permaneceu sob minhas nádegas, segurando-me firme no lugar. Com a outra, ele se guiou para dentro de mim. Não se apressou. Estávamos ainda parcialmente vestidos, ele na parte de baixo, eu na de cima. Não havia tempo a perder. Desejávamos tanto aquilo que seria impossível esperar para fazer pele contra pele. Da próxima vez.

Ele me penetrou tão devagar que mal consegui respirar. A única coisa que importava era sentir. E, Deus, que sensação aquela dele me preenchendo… A transpiração do peito nu reluzia na luz fraca. Os músculos dos ombros se ressaltaram num relevo evidente quando ele começou a se movimentar.

– Minha – disse ele.

Só pude concordar.

Ele me fitava, observando os seios balançando debaixo da blusa a cada nova investida. Dedos se enterraram no meu quadril. Os meus se agarraram aos lençóis, tentando encontrar um ponto de alavancagem para me enterrar ao encontro dele. A expressão dele era selvagem, a boca estava inchada e úmida. Somente aquilo era real, eu e ele juntos. Todo o resto podia ir e vir. Eu encontrara algo bom por que lutar.

– Eu te amo.

– Vem… – Ele me suspendeu do colchão, segurando-me firme junto dele. Minhas pernas o seguraram pela cintura, os músculos queimando pela força com que eu me segurava. Passei os braços pelo seu pescoço quando ele me acomodou sobre seu pau.

– Também te amo. – As mãos passearam pelas minhas costas, por baixo da blusa. Movemo-nos com rispidez. Nossas respirações furiosas se misturaram numa só. O suor nos cobria por igual, o tecido da minha blusa grudando em mim. O calor voltou a se dissipar dentro de mim. Não demorou muito naquela posição. A boca dele sugou a porção de pele onde meu pescoço encontrava o meu tronco, e eu estremeci em seus braços, chegando ao clímax mais uma vez. Os barulhos que ele fazia e o modo como dizia meu nome… Não quero me esquecer disso nunca. Nenhum momento daquilo.

No fim, ele nos deitou novamente na cama. Não queria deixá-lo ir, por isso ele me cobriu o corpo com o dele. Seu peso me pressionando na cama, a sensação da sua boca na lateral do meu rosto… Não deveríamos nunca mais sair dali. No melhor dos cenários, ficaríamos daquele jeito para sempre.

Mas, na verdade, eu tinha uma coisa para fazer.

– Preciso da minha bolsa – disse eu, retorcendo-me debaixo dele.

– Para quê? – Ele se ergueu sobre os cotovelos.

– Tenho que fazer uma coisa.

– O que pode ser mais importante do que isto?

– Role para o lado – ordenei, já o empurrando para aquela direção.

– Tudo bem. Mas é melhor isso ser bom. – Ele relaxou e me deixou empurrá-lo de lado. Engatinhei pela cama, tentando abaixar a saia ao mesmo tempo. Eu devia estar um pedaço de mau caminho, porque David veio atrás de mim, batendo os dentes. – Volte aqui, mulher.

– Só um segundinho.

– Meu nome ficou bonito na sua bunda – disse ele – A tatuagem cicatrizou muito bem.

– Ora, obrigada. – Consegui, por fim, sair da cama e ajeitar a saia lápis. No mês em que ficamos separados, eu ignorara a tatuagem. Mas agora estava contente por tê-la feito.

– Essa saia vai sair.

– Espera.

– E a blusa. Temos muito tempo para recuperar.

– Sim, sim, daqui a um minuto. Senti saudades dos meus carinhos topless.

Ele tinha largado minha bolsa numa poltrona bergère de veludo azul perto da porta. Quem quer que tivesse decorado aquele apartamento tinha feito um trabalho incrível. Mas eu veria o resto mais tarde. Naquele instante, eu tinha algo

importante a fazer.

– Comprei um presente para você hoje, depois que conversamos no estúdio.

– É mesmo?

Assenti, procurando pelo meu tesouro na bolsa. A caixinha chique estava onde eu a tinha deixado. Com ela escondida na mão, voltei para perto dele com um sorriso amplo no rosto. Meu marido estava de pé diante de mim, nu e perfeitamente desalinhado. Ele olhou para mim como se eu fosse tudo. Pelo tempo que eu vivesse, eu sabia que não quereria outra pessoa.

– Evelyn?

Por algum motivo, eu me senti subitamente tímida, encabulada. De todo modo, as pontas das minhas orelhas estavam rosadas.

– Me dê a sua mão esquerda. – Estiquei a mão e ele me estendeu a dele. Com cuidado, deslizei uma aliança de platina que comprara com as minhas economias naquela tarde, fazendo-a passar pela junta do dedo. Perfeita. Eu andaria o inverno inteiro e congelaria o traseiro de muito boa vontade. David era mais importante do que substituir meu carro velho. Considerando-se o dinheiro que eu devia aos meus pais, a hora de comprar aquilo não tinha sido a melhor. Mas aquilo era importante.

A não ser pela parte em que a aliança cobria o penúltimo E da sua tatuagem LIVE FREE. Caramba, eu não tinha pensado naquilo. Era provável que ele não quisesse usá-la.

– Obrigado.

Meu olhar voou para o rosto dele, tentando julgar sua sinceridade.

– Gostou?

– Amei pra caramba.

– Mesmo? Porque me esqueci da sua tatuagem, mas…

Ele me calou com um beijo. Eu meio que gostei desse novo costume dele de fazer isso. A língua resvalou minha boca e meus olhos se fecharam, esqueci-me de todas as palavras. Ele me beijou até que não restasse nenhuma dúvida sobre o quanto ele se apegara à aliança. Dedos soltaram os botões da minha blusa, fazendo-a escorregar pelos meus ombros. Em seguida, o fecho do sutiã foi solto.

– Amo minha aliança – disse ele, os lábios viajando pelo meu maxilar e descendo pelo pescoço. As alças do sutiã escorregaram pelos braços e meus seios ficaram livres. Daí, ele se ocupou com a saia, brigando com o zíper e depois a puxando para baixo do meu quadril. Ele não parou até eu estar tão nua quanto ele – Nunca vou tirá-la.

– Fico contente que tenha gostado.

– Gosto mesmo. E preciso que fique nua agora para eu mostrar o quanto gosto dela. Mas, depois, vou devolver a sua aliança. Prometo.

– Sem pressa – murmurei, arqueando o pescoço para lhe dar melhor acesso – Temos toda a eternidade.

CAPÍTULO 22

Tínhamos programado um encontro com Amanda, Jo e alguns outros amigos num dos bares da região na noite seguinte. Eu sentia meu íntimo num constante estado de enlevo. Excitação, nervoso e uma centena de outras emoções que não conseguia entender. Mas nada de dúvidas. Isso não. Conversei com Ruby a respeito de continuar fazendo turnos extras no café, e ela ficou extasiada. No fim, aquela distração dela foi porque descobriu que estava grávida. Eu ter largado a faculdade não poderia ter acontecido em momento mais oportuno no que se referia a ela. Um dia, eu voltaria a estudar. Eu gostava da ideia de ensinar, talvez. Não sei. Eu tinha tempo.

O bar era um dos pequenos, não muito distante do nosso novo apartamento. Uma banda de rock de quatro membros que estava no pequeno palco tocava antigos clássicos salpicados por algumas canções novas. Jo acenou de uma mesa num dos cantos. Conhecer David era, evidentemente, algo importante para ela. Cachorrinhos dão pulos menores.

– David. Que prazer – disse ela, repetidamente. E foi isso. Se ela começasse a se esfregar na perna dele, eu intercederia.

Amanda, por sua vez, precisava dar um jeito naquela carranca. Pelo menos, ao contrário dos meus pais, seu protesto foi silencioso. Fiquei feliz pela sua preocupação, mas ela teria que se acostumar a ter David por perto.

David pediu bebidas para nós e se acomodou numa cadeira ao meu lado. A música estava muito alta para permitir uma conversação. Logo depois, Nate e Lauren chegaram. Uma paz frágil emergiu entre meu irmão e meu marido, pela qual eu estava imensamente grata.

David se aproximou.

– Quero perguntar uma coisa.

– O quê?

Ele passou um braço pela minha cintura, aproximando-me. Resolvi o assunto simplesmente me sentando no colo dele. Com um sorriso caloroso, seus braços

me apertaram, segurando-me firme.

– Oi.

– Oi – respondi. – O que quer perguntar?

– Fiquei pensando… quer ouvir uma das canções que escrevi para você?

– Verdade? Eu adoraria.

– Ótimo – disse ele, a mão alisando meu vestido preto. Escolhido por ser a cor favorita dele, claro. Naquela noite, eu estava me dedicando a satisfazer meu marido. Sem dúvida, haveria vezes no futuro em que precisaríamos dar um chute no traseiro um do outro, mas não naquela noite. Estávamos ali para comemorar.

Lauren levou Nate para a pista de dança e Amanda e Jo os seguiram, deixando-nos para um conversa particular. Sério, eu tinha os melhores amigos e o melhor irmão do mundo inteiro. Todos eles receberam a notícia de o plano implodir pelos ares com expressões tranquilas. Abraçaram-me e nenhuma palavra de dúvida a respeito da minha mudança de direção foi pronunciada. Quando Lauren recontou a sua versão de como David ficou ao meu lado durante o jantar, até percebi Amanda fazendo um aceno de aprovação. Isso me deu esperanças.

Cheguei até mesmo a telefonar para a minha mãe pela manhã. A conversa foi breve, mas fiquei contente por ter ligado. Ainda somos uma família.

No fim, a certa altura da noite anterior, David me devolveu minha aliança. Ao que tudo levava a crer, a lista de coisas que ele tinha que fazer comigo foi bem longa. Ele me deu sorvete na cama quando o sol nascia. A melhor noite de todas.

Ter a aliança de volta no dedo me parecia certo. Seu peso e seu ajuste eram perfeitos. Conforme prometido, a dele ficou no dedo. E, quando saí à procura de café lá pelo meio-dia, eu o flagrei mostrando-a para Jimmy, todo orgulhoso. Depois da minha dose de cafeína, David e Jimmy fizeram a minha mudança para o apartamento. Mal e Ben ficaram ocupados no estúdio. Nate e Lauren também ajudaram na mudança, depois que David e Jimmy autografaram tudo o que se relacionava aos Divers que ela conseguiu encontrar. Apesar dos seus protestos de que sentiria saudades minhas, acho que ela também estava querendo seguir em frente e ter o apartamento só para ela e Nate. Eles ficavam bem juntos.

– Tenho também outra coisa para pedir – disse ele.

– A resposta é sim para tudo o que se relacionar a você.

– Que bom, porque quero que venha trabalhar comigo como minha assistente. Quando não estiver no café, é claro. – A mão dele esfregava minhas costas. – Porque sei que quer continuar lá.

– David…

– Ou você pode simplesmente me deixar restituir o dinheiro das mensalidades da faculdade para os seus pais para que isso não fique preocupando você.

– Não – disse eu, com voz determinada. – Obrigada. Mas sou eu quem tem que fazer isso. E acho que eles precisam me ver fazendo isso.

– Foi o que pensei que você ia dizer. Mas, gata, é muito dinheiro. Se você aceitar um segundo emprego, nunca vamos nos ver.

– Tem razão. Mas acha que é uma boa ideia, a gente trabalhar junto?

– Acho – respondeu ele, com seriedade nos olhos azuis – Você gosta de organizar e é disso que eu preciso. É um trabalho de verdade e quero você nele. Se a gente achar que está nos atrapalhando, então a gente pensa em outra coisa. Mas, sabe, acho que vai ser demais a gente passar mais tempo juntos e fazer sexo no trabalho.

Gargalhei.

– Está prometendo me assediar sexualmente, senhor Ferris?

– Claro.

Dei um beijo estalado no pescoço dele.

– Obrigada por pensar nisso. Eu adoraria trabalhar para você.

– Se resolver voltar para a faculdade, depois peço para o Adrian encontrar um substituto. Sem problema. – Ele me puxou para junto do peito. – Mas, nesse meio-tempo, estamos combinados.

– O melhor plano que já existiu.

– Ora, obrigado. Vindo de você, isso significa muito.

O olhar de David vagueou para o balcão do bar, onde Mal, Jimmy e Ben estavam, meio que disfarçados. Eu não sabia que eles se juntariam a nós. Jimmy vinha se mantendo afastado de bares e boates.

– Já estava na hora de eles chegarem – murmurou David.

Em seguida, ele se voltou para a banda no palco, que estava chegando aos acordes finais de um clássico do Pearl Jam.

– Espere aqui. – David se levantou, suspendendo-me junto. Voltou a me sentar na minha cadeira e sinalizou para seus colegas de banda. Em seguida, marchou na direção do palco. Sua figura alta se moveu em meio à multidão com facilidade e os rapazes logo se puseram atrás dele. Juntos assim, eles eram bem impressionantes. Mesmo querendo se manter no anonimato. Mas eu tinha a distinta impressão de que eles estavam para anunciar sua presença ali. Assim que a banda terminou de tocar, David chamou o cantor. Puxa vida. Era isso. Saltei na cadeira de tanta excitação.

Conversaram por um momento, depois o cantor chamou o guitarrista. Como esperado, o homem entregou seu instrumento para David. Consegui enxergar a surpresa nas expressões de ambos, assim que finalmente identificaram-no. Jimmy acenou para o cantor e subiu no palco. Atrás dele, Mal já cumprimentava o baterista e roubava suas baquetas. Mesmo o soturno Ben sorriu ao aceitar o

baixo do seu dono original. Os Divers assumiram o palco. Poucos no bar pareciam entender de fato o que estava acontecendo.

– Olá. Desculpe interromper, pessoal. Meu nome é David Ferris e eu gostaria de tocar uma música para a minha esposa, Evelyn. Espero que não se importem.

O silêncio surpreso foi rompido por uma onda de aplausos. David olhou na minha direção por cima do mar de pessoas que se aproximou do palco.

– Ela é uma garota de Portland. Portanto, acho que agora somos parentes. Sejam gentis comigo, ok?

A multidão foi à loucura. A mão dele se moveu sobre as cordas, produzindo a mais doce e possível das misturas do rock e do country. E começou a cantar. Jimmy se juntou a ele no coro, as vozes se misturando com rara beleza.

Pensei que te deixaria ir
Pensei que você poderia ir e saberia
Que nosso tempo juntos desapareceria
Mas estou mais frio que a cama em que deitamos
Desista se quiser, eu não
Negue se quiser, ao fim não chegamos
Te prometo, gata
Achou mesmo que eu te deixaria ir?
Isso jamais acontecerá e agora sabe já
Leve o tempo que precisar, vou esperar
Lamentando tudo o que falei

A canção era simples, suave e perfeita. E o barulho quando eles terminaram, ensurdecedor. As pessoas gritaram e bateram os pés. Parecia até que o teto cairia em nossas cabeças. Os seguranças ajudaram David e os caras a passarem pela multidão. Outras pessoas tinham chegado durante a apresentação, avisados por mensagens de texto e telefonemas e todo tipo de mídia social. Uma onda de fãs os envolveu enquanto eles passavam. Uma mão se fechou em meu braço. Levantei o olhar e vi Sam ao meu lado com um sorriso no rosto. Saímos de pronto dali.

Sam e os demais seguranças abriram caminho para nós até a entrada e a limusine que nos aguardava. Eles estavam preparados. Acomodamos-nos todos no fundo do carro. Na mesma hora, David me puxou para seu colo.

– Sam vai garantir que seus amigos estejam bem.

– Obrigada. Acho que Portland agora sabe que você está aqui.

– É, acho que você tem razão.

– Davie, você é um tremendo fanfarrão – disse Mal, balançando a cabeça – Eu

sabia que você ia aprontar uma dessas. Guitarristas gostam tanto de se mostrar… Mocinha, se você tivesse um mínimo de juízo, teria se casado com um baterista.

Eu ri e enxuguei as lágrimas do rosto.

– Por que diabos ela está chorando, que foi que você disse para ela? – David me levou para mais perto dele.

Do lado de fora, as pessoas batiam nos vidros das janelas enquanto o carro lentamente se afastava.

– Você está bem?

– Eu apenas disse a verdade para ela, que ela deveria ter se casado com um baterista. Apresentações de improviso do cacete! – disse Mal.

– Cala a boca.

– Como se você nunca tivesse tentado impressionar uma garota – caçoou Ben.

– O que aconteceu em Tóquio? – perguntou Jimmy, encostado num canto – Me refresca a memória… qual era mesmo o nome dela?

– Ai, caramba, é mesmo. A garota do restaurante… – disse Ben – Quanto foi mesmo que eles cobraram pelos danos causados?

– Não sei do que estão falando. Davie mandou calar a boca – exclamou Mal por cima das gargalhadas dos dois – Mostrem um pouco de respeito pelo momento emocionante dele com a Evelyn, seus idiotas.

– Ignore-os. – David amparou meu rosto com as palmas das mãos. – Por que estava chorando, hein?

– Porque isto é dez. Se ficarmos tristes afastados é um, então dez é essa música. Ela é linda.

– Gostou mesmo? Porque posso tirá-la se você não gostou, você não precisa…

Agarrei o rosto dele e o beijei, ignorando o barulho e a gozação à nossa volta. E não parei de beijá-lo até que meus lábios estivessem entorpecidos e inchados, assim como os dele.

– Gata… – Ele sorriu, terminando de enxugar minhas lágrimas. – As coisas que você diz são lindas pra cacete!

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, as letras (com exceção da canção final) foram uma cortesia da Soviet X-Ray Record Club. Você pode saber mais sobre a banda aqui: www.sovietxrayrecordclub.com. O termo “carinhos topless” foi uma cortesia do escritor Daniel Dalton.

Muito amor para a minha família, que sofreu enquanto eu vagava em meio à história tentando trabalhar nela. A paciência de vocês é lendária, muito obrigada. Para as minhas valiosas amigas que me deram *feedback* e apoio (em nenhuma ordem em especial, porque são todas Rainhas ante meus olhos): Tracey O’Hara, Kendall Ryan, Mel Teshco, Joanna Wylde, Kylie Griffin e Babette. Um agradecimento especial a todos os blogueiros por fazerem o que fazem, em especial minhas amigas Angie, da Twinsie Talk, Cath, do Book Chatter Cath, Maryse, do Maryse’s Book Blog, e Katrina, do Page Flipperz. Obrigada a Joel, Anne e Mark da Momentum, por seu apoio. E um agradecimento especial à minha editora, Sarah JH Fletcher.

Por fim, mas não menos importante, às pessoas adoráveis que conversam comigo no Twitter e no Facebook, e me mandam mensagem dizendo as coisas mais legais sobre os meus livros. Para as pessoas que gostam das minhas histórias e dispensam um tempo a lê-las, OBRIGADA.